

RELATÓRIO

**Levantamento e
sistematização de
danos vivenciados
pelas mulheres
na região 3 da Bacia
do Paraopeba**

Assessoria
Técnica
Independente
PARAOPEBA

NACAB
NÚCLEO DE ACESSORIA
ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS



Ficha Técnica

Assessoria de Matriz de Danos

Francine Pinheiro

Equipe de Matriz de Danos

Alexandre Chumbinho

Brígida Alvim

Caena Rodrigues

Carlos Alberto Esteves

Celiane Xavier

Cláudio Rodrigues

Francine Pinheiro

Leila Regina da Silva

Pedro Pessanha

Sarah Alves Zuanon

Thales Viote

Viete Freitas

Consultoras Responsáveis:

Elisabeth Cardoso

Laeticia Jalil

Coordenador Geral: Flávio Bastos

Coordenação Geral:

Alexandre Chumbinho, Flávio Bastos, Irla Paula Stopa, Luciano Marcos da Silva, Marília Andrade Fontes e Marluce de Souza Abduane

Gerente Geral:

Marília Andrade Fontes

Gerente Administrativo Financeira:

Marluce de Souza Abduane

Gerente Socioambiental:

Irla Paula Stopa

Assessoria às Mulheres e Juventude:

Ângela Oliveira

Assessora de Matriz de Danos:

Francine Pinheiro

Assessor de Comunicação:

Leonardo Dupin

Assessor de Povos e Comunidades

Tradicionais: Cláudio Rodrigues

Gerente Jurídico: Alexandre Chumbinho

Gerente de Qualidade da Água e Avaliação de Riscos à Saúde:

Lauro Fráguas

Gerente de Reparação Socioeconômica:

Luciano Marcos da Silva

Escritórios Nacab

Belo Horizonte: R. Bueno Brandão 351, Santa Tereza

Esmeraldas: Rua Senador Melo Viana, 158, 2º andar, Centro

Pará de Minas: Avenida Minas Gerais 413, bairro São José

Paraopeba: Av. Dom Cirilo, 609, Canaã

Viçosa: Rua Santo Antônio, 30, Apto. 2 - João Braz

Sumário

Contextualização.....	5
Racismo no contexto da mineração: as opressões que aprofundam desigualdades.....	7
E as Mulheres atingidas?	12
Entrevistas com gestoras/es do Poder Público.....	16
Sistematização dos dados dos Mapas da Sociobiodiversidade	19
Mapas do município de Esmeraldas	22
Mapas do município de Pequi	25
Mapas do município de Fortuna de Minas	26
Sistematização das Cadernetas Agroecológicas	29
Dados gerais e Resultados da análise	33
O que as Cadernetas nos permitem conhecer	42
Propostas de continuidade dos trabalhos com as mulheres no âmbito da reparação.....	43
Quadro de sistematização dos principais danos vivenciados pelas mulheres atingidas	52
Considerações gerais sobre danos causados às mulheres atingidas na Região 3	54
Referências:	59
ANEXOS	63
Anexo 1 - Publicações e vídeos sobre as Cadernetas Agroecológicas.....	63
Anexo 2- Oficinas Equipe Técnica NACAB.....	67
Relatório de Campo Oficina Equipe NACAB Pará de Minas	67
Relatório de Campo Oficina Equipe NACAB Esmeraldas	75
Relatório de Campo Oficina Equipe NACAB Paraopeba	82
Anexo 3 - Oficinas Mulheres Atingidas	87
Relatório de Campo Oficina Mulheres de Beira Córrego, Assobio e Retiro dos Moreiras.....	87
Relatório de Campo Oficina Mulheres de Pindaíbas	117
Relatório de Campo Oficina Mulheres do Shopping da Minhoca	137
Relatório de Campo Oficina Mulheres Comunidade Taquaras	144

Relatório de Campo Oficina Mulheres Comunidade Bambus, Padre João, Vista Alegre e Vinháticos	151
Relatório de Campo Oficina Mulheres Comunidade São José e Cachoeirinha	157
Relatório de Campo Oficina Mulheres Soledade	182
Anexo 4 -Transcrições de Entrevistas	189
Entrevistado: José Geraldo Martins.....	189
Entrevistada: Cláudia Simeão	195
Entrevistada: Cinthia	201
Entrevistada: Jéssica	208
Entrevistada: Cilene	215
Entrevistada: Dona Graça e Dona Maria José.....	219
Entrevistada: Dona Dália e Dona Dirce	223
Entrevistada: Vanira.....	226
Entrevistada: Fátima	227
Entrevistada: Rafaela	231
Entrevistada: Valdete.....	234
Entrevistada: Fernanda.....	236
Entrevistada: Jaqueline	239
Entrevistada: Monaliza	243
Entrevistada: Luciana	247
Entrevistada: Graciela	250
Entrevistada: Tatiane	253
Entrevistada: Luciana	255

Contextualização

Diversos estudos, conforme aportados em produtos anteriores desta Consultoria, apontam que as mulheres são as mais atingidas com a implementação de megaprojetos ou quando ocorre desastres socioambientais, como o rompimento de barragens (FASE; POEMAS, 2019; COELHO, 2019; MARANHÃO, 2010). A percepção das mulheres sobre os danos inclui danos materiais invisibilizados, como na produção de alimentos para o autoconsumo, e danos imateriais, como adoecimentos na família, aumento da violência, medo, perda de autonomia, preocupação com o futuro de jovens e crianças, dentre outros, elementos certamente ocultados e negligenciados quando se pensa a reparação de danos à população atingida.

Em razão disso, nos interessa saber como os danos vivenciados pelas mulheres atingidas¹ são percebidos e compreendidos pelo campo institucional (atores locais, agentes do poder público municipais e estaduais e movimentos sociais) e se existem políticas públicas e/ou ações específicas para seu enfrentamento. Também buscamos sistematizar os dados apontados por elas, para que sirvam de material para a construção da Matriz de Danos, e que tenham suas questões registradas e qualificadas para uma justa reparação.

Nesse sentido, com vistas a colocar luz nessas questões, a presente consultoria realizou entrevistas com gestoras/es, liderança de movimentos sociais e organizações que atuam na Região 3. Também foram realizadas entrevistas com mulheres atingidas, como parte das atividades de campo realizadas entre os dias 29 de novembro e 03 de dezembro de 2021.

É importante mencionar que, nesta etapa das atividades de campo, houve alterações sugeridas pelo NACAB. Como consta no Plano de Trabalho (TR 002/21), as oficinas com as mulheres atingidas seriam o espaço de compreender junto às mulheres, e a partir delas, os danos causados pelo rompimento

¹ Conceito como outros disputados, a noção de atingida reflete o reconhecimento e, portanto, a legitimidade de sujeitos, neste caso mulheres, que tiveram seus direitos violados em decorrência da instalação de um empreendimento. Indica também a necessidade de reconhecimento dessa violação e da justa reparação (VAINER, 2003). O termo atingido é disputado em diferentes instâncias: (i) no campo da afirmação de direitos, do reconhecimento de violações, rebatendo sobre processos indenizatórios; (ii) no seio dos movimentos sociais como identidade política coletiva e na disputa por contra-hegemonia na sociedade; (iii) no meio acadêmico, na busca por sua afirmação como conceito. (SANTOS, 2014). Ressaltamos que a categoria Mulheres atingidas diz respeito à uma diversidade de mulheres. A categoria não busca invisibilizar essa diversidade, mas o reconhecimento deste grupo para a ação de política pública e indenização na reparação de danos. Na pesquisa, encontramos mulheres pescadoras, comerciantes, chacreiras, quilombolas, moradoras de sítios, trabalhadoras rurais, trabalhadoras na cadeia da pesca (comerciantes, criadoras de minhocas, coletoras de minhocaçu), agricultoras familiares, pequenas e médias proprietárias. Mulheres jovens e idosas, brancas, negras e na sua maioria se autodeclararam pardas. Mas todas essas trazem uma relação muito forte com o Rio Paraopebas e seus territórios e apresentam questões similares sobre a perda do uso do Rio.

da barragem da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho. As entrevistas seriam exclusivas para gestoras/es, liderança de movimentos sociais e organizações que atuam na R3; o NACAB, contudo, avaliou ser importante mobilizar cerca de 20 mulheres atingidas para serem entrevistadas, e por entendermos que a escuta ativa e sensível é parte importante do processo, realizamos as entrevistas².

Durante o período de campo buscamos alguns contatos, com o objetivo de conversar posteriormente, de modo virtual, com algumas figuras-chave da Região 3, por meio de entrevistas. Logo no início de 2022, entretanto, a região enfrentou enchentes devido às fortes chuvas e ao transbordamento do Rio Paraopeba. As chuvas de janeiro e fevereiro elevaram o nível do rio, causando um novo episódio de atingimento, tendo em vista que a lama foi, em muitos casos, levada para os quintais e para dentro das casas da população. Esse trágico episódio indica, certamente, que mesmo passados três anos do rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, da empresa Vale S.A., os impactos do crime seguem atingindo a população (GOMES, 2022).

Nesse período, além das fortes chuvas e das enchentes, a região também enfrentou risco de um novo rompimento de barragem. Em Pará de Minas, o alerta foi máximo e levou a Prefeitura e a Defesa Civil a recomendarem a saída da população de suas casas imediatamente, devido ao alto risco - cerca de 99% de chance - da barragem da Usina do Carioca romper (O GLOBO, 2022). Com toda essa situação, as pessoas que tínhamos contactado para as entrevistas virtuais não tiveram condições de dar um retorno à nossa equipe.

Em termos de condução textual, optamos por fazer uma digressão de forma a contribuir com a análise dos dados a partir da perspectiva interseccional, conforme apontado desde o princípio deste trabalho. A análise do que foi relatado pelas mulheres atingidas e por gestoras/es do poder público traz a necessidade de incluirmos uma contribuição teórica para além daquelas trazidas nos produtos anteriores, no sentido de reforçar a importância da visibilidade de mulheres negras e de como o rompimento atravessa suas vidas de maneiras específicas. Estes e outros atravessamentos serão discutidos ao longo do presente documento. O aporte teórico, todavia, segue na seção a seguir.

² A realização destas entrevistas impactou a mobilização e conversa com os outros públicos sugeridos pela consultoria, resultando numa menor quantidade de gestoras/es e liderança de movimentos sociais entrevistadas, e nenhum diálogo com organizações que atuam no território.

Racismo no contexto da mineração: as opressões que aprofundam desigualdades

As narrativas que envolvem os megaprojetos de mineração costumam vir acompanhadas por promessas de progresso e desenvolvimento, mas essa noção tem curta duração, porque à medida que a maquinaria extrativista começa a funcionar, os conflitos não param de crescer, fazendo romper uma ampla multiplicidade de antagonismos (MACHADO ARÁOZ, 2014):

Processos de realocação forçada de populações; alagamentos de espaços produtivos; vendas compulsórias de terras e/ou em condições fraudulentas; afetação de fontes de água; conflitos de acesso e uso de bens naturais (água, solo, flora, fauna); impactos devido às instalações e mega-infraestruturas, com suas transformações radicais da paisagem e suas 'cotas' de novos riscos e perigos (p. 59).

Essa conjuntura decerto causa a destruição de territórios e a desestruturação das comunidades em dimensões imensuráveis. Em especial para os povos tradicionais e indígenas, tamanho impacto provoca o aprofundamento de desigualdades históricas, impostas desde a colonização, mesmo com a legislação brasileira, em seu art. 3º, § 1º do Decreto nº 6.040/2007, “garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica” (CUNHA; PIMENTEL, 2020).

Se faz necessário destacar a conjuntura política desde 2016 como um novo marco de desmantelamento das políticas públicas direcionadas às populações tradicionais e indígenas, que ameaça e fere a manutenção e garantia de seus direitos, sobretudo o reconhecimento de seus territórios, principalmente com a desestruturação dos órgãos do governo responsáveis pelas políticas fundiárias (ARRUTI, 2020). A partir de 2018, tal conjuntura agravou-se no cenário político, o que significa que as populações tradicionais e indígenas tendem a ficar ainda mais vulneráveis quando desastres socioambientais acontecem, como o rompimento de barragens.

No município de Pompéu, em Paraopeba/MG, quilombolas atingidos pelo rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, enfrentam diversas violações, como a não titularidade das terras, o impacto na produção alimentar, a contaminação do rio Paraopeba, o descaso da empresa Vale S.A., o avanço do agronegócio, a desestruturação da economia comunitária, o aumento da violência doméstica, a perda de liberdades, a insegurança alimentar, entre outras (BRASIL DE FATO, 2021), que promovem o aprofundamento de desigualdades históricas, sobretudo o empobrecimento e a ameaça do modo de vida dessas populações.

De acordo com o IBGE, são 1.027³ localidades quilombolas em Minas Gerais, já no Brasil, são 6.023, espalhadas por 1.672 municípios, mas sequer 8% deles são territórios oficialmente regularizados. (BRASIL DE FATO, 2021). Isto posto,

é importante lembrar que territórios não guardam importância apenas por sua relação com atividades de subsistência, que aliás nunca são apenas subsistência, mas fonte de relações e elaborações complexas. Em muitos contextos os territórios adquirem alto valor simbólico. Lugares são suportes de memórias e histórias do início dos tempos. (CUNHA; PIMENTEL, 2020, p. 37).

Desde a colonização, o acesso à terra é uma problemática na vida das populações indígenas e tradicionais. A Lei de Terras, de 1850, responsável por instituir a aquisição de terras através da compra, antecedeu o processo de Abolição da Escravatura e incentivou a imigração de colonos estrangeiros para o país (ALMEIDA, 2004). E mesmo após muita resistência para manter seus territórios e os diversos significados culturais que eles carregam, essas populações são atacadas com a ofensiva de um modelo de desenvolvimento pautado na reorganização colonial sob o neoliberalismo.

Segundo Machado Aráoz (2014, p. 57), com o neoliberalismo, a mineração transnacional em grande escala vive hoje um *boom* incomum na América Latina. O afluxo maciço de capitais e a entrada de grandes corporações mineradoras transnacionais convulsionaram o cenário regional nas últimas décadas. Nesse contexto, Héctor Alimonda (2014) aborda a colonialidade da natureza latino-americana como prática do pensamento hegemônico global, imposto pelas elites dominantes, que trata essa região como espaço subordinado, a qual pode ser explorada, destruída, reconfigurada, de acordo com as necessidades de seus regimes de acumulação.

E apesar da Constituição brasileira entender os recursos naturais como bens de uso comum (artigo Nº 225), o que se observa é a disputa pelo controle desses bens, que geram conflitos de valores em um contexto amplo de desigualdades sociais, espaciais e temporais (FREITAS; OLIVEIRA; SOUZA, 2015). O rompimento da barragem em Brumadinho, assim como outros desastres socioambientais causados por megaprojetos, demonstra o descaso enfrentado pelas populações tradicionais e indígenas. O quilombo de Pontinha, localizado entre os municípios de Paraopeba e Papagaios, retrata como a contaminação do rio Paraopeba gerou empobrecimento, perda de segurança alimentar, perdas culturais e êxodo na comunidade.

³ Desse total, apenas um território é oficialmente regularizado. Mais informações no link https://www.youtube.com/watch?v=jcHH4egt918&list=PLrhWJOCY_IMgZyH18wruoUac23h4jMIFs&index=1&t=477s

As famílias que viviam em grande parte da cultura do minhocuçu destacaram a fartura que o rio proporcionava como subsistência da comunidade antes do rompimento, situação semelhante ao quilombo de Saco Barreiro e do povo Kaxixó, territórios também atingidos. (SOUZA, 2021).

Ainda de acordo com Nayara Souza (2001), em relação ao povo Kaxixó, para quem o Rio Pará⁴ é sagrado, a lama não atingiu diretamente as águas, mas as obras da empresa Vale S.A afetaram o rio ao utilizá-lo na captação de água no lugar do Paraopeba, sem que a comunidade indígena fosse ouvida. Para os indígenas Kaxixó, o Rio Pará é o lugar que narra o processo histórico-cultural e social do povo, ali estão guardadas histórias de muitas gerações. Ele é um guardião de memórias (KAXIXÓ, 2021).

O município do Serro, também localizado em Minas Gerais, é outro exemplo da ofensiva da mineração sobre as comunidades remanescentes de quilombos. Nessas áreas foi observada a tentativa de intimidação por parte da empresa, divulgação de boatos para desmobilizar espaços informativos e a não disponibilização do plano de impacto ambiental às comunidades, como algumas das práticas que buscam desmobilizar ações coletivas das populações atingidas.

O Mapa de Conflitos: Injustiça ambiental e Saúde no Brasil (2019)⁵ realizado pela Fiocruz através de diversas parcerias, identificou, no município do Serro, os principais impactos socioambientais gerados pela atividade mineradora, entre elas estão a alteração no ciclo reprodutivo da fauna, alteração no regime tradicional de uso e ocupação do território, assoreamento de recurso hídrico, contaminação ou intoxicação por substâncias nocivas, poluição de recurso hídrico, poluição do solo, poluição sonora, e os principais danos à saúde são as doenças transmissíveis, falta de atendimento médico, insegurança alimentar e piora na qualidade de vida. Esse panorama contribui para compreendermos o contexto ao qual estão submetidas as comunidades quilombolas.

Entretanto, para maior compreensão, precisamos retornar ao século XVI, época em que o termo *raça* se transforma em um conceito central para que a contradição do projeto colonial, e sobretudo a

⁴ A Bacia Hidrográfica está localizada no Alto curso da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, no sudoeste do Estado de Minas Gerais. o Rio Pará possui uma extensão de cerca de 365 quilômetros e área da bacia hidrográfica compreendendo aproximadamente 12.300 km², abrangendo 35 municípios. De acordo com os dados do Censo IBGE 2010, esta bacia conta com aproximadamente 900 mil habitantes, dos quais cerca de 12% estão nas áreas rurais. A principal cidade da Região é Divinópolis, com aproximadamente 213 mil habitantes, seguida por Pará de Minas e Itaúna. Fonte: <https://cbhriopara.org.br/rio-para/a-bacia/>.

⁵ Como grupos acadêmicos e entidades que vêm atuando nos movimentos por justiça ambiental no país. São exemplos: o Mapa dos Conflitos Ambientais no Estado do Rio de Janeiro construído pelo IPPUR/UFRJ; o Mapa dos Conflitos Socioambientais da Amazônia Legal, organizado pela Fase Belém; os dados constantes da Nova Cartografia Social, organizada pelo pesquisador Alfredo Wagner; trabalhos realizados por universidades e centros de pesquisa como o Gesta/UFGM, UFCE, UFBA, UFMT e UFMS, dentre outros; os relatórios da Plataforma DESCH sobre direitos humanos, em especial a Relatoria de Meio Ambiente; e as contribuições de inúmeras ONGs e fóruns atuantes na justiça ambiental e na própria RBJA. Fonte: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/breves-consideracoes-conceituais-e-metodologicas-sobre-o-mapa-de-conflitos-e-injustica-ambiental-em-saude-no-brasil/>.

escravidão, pudessem operar como elementos fundamentais da sociedade contemporânea. Primeiro, a raça passou a operar no campo da biologia, em que a identidade racial foi atribuída a partir dos traços físicos; em seguida, ela se constitui como um elemento essencialmente político, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (ALMEIDA, 2019).

Assim, o racismo é uma forma sistemática de discriminação, tendo a ideia de raça como fundamento. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (ALMEIDA, 2019. p. 23).

De acordo com Aníbal Quijano (2005), a ideia de raça produziu novas identidades: índios, negros e mestiços, as quais foram transferidas à esfera social e serviram de critério de classificação que associa essas identidades a lugares e papéis inferiores; o resultado foi a legitimação de relações sociais como relações de dominação. Nesses termos, o autor enfatiza que a raça se converteu no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial na estrutura de poder. (FREITAS; VIEIRA, 2022 *no prelo*).

Ao fazer uma abordagem histórica, Angela Davis (2016) aponta os impactos da colonização e do período escravista para o continente americano, considerando este elemento fundante das desigualdades e violências contra a população negra. Por esse motivo, ela especifica a necessidade em compreender que classe informa a raça e vice-versa. Nesse sentido, os homens e as mulheres têm uma situação de classe a ser determinada através da sua origem, inserção social e identidade. Assim, tanto as relações de classe como as relações de sexo e raça são relações estruturantes (MATOS, 2009; DAVIS, 2016).

Dessa forma, as injustiças ambientais tendem a recair de forma aprofundada nas populações não brancas historicamente subalternizadas. Em síntese, o racismo ambiental é um conceito utilizado para compreender tal realidade, pois existe toda uma lógica de poder na escolha de áreas que serão exploradas e como essas áreas serão exploradas, danificando a vida e saúde de povos marcados por sua identidade racial, como negros, indígenas, latinos e asiáticos (RIBEIRO, 2019). Para citar um exemplo, na região de Alter do Chão, onde o garimpo ilegal contaminou 75% da população do município de Santarém, foram observados altos índices de mercúrio no sangue, o que causou alterações nos rins e fígado da população (BARROS; OLIVEIRA, 2019).

O estudo “Em Busca da Transparência: Desvendando o Setor Extrativo Brasileiro”⁶ procurou analisar os impactos da mineradora britânica Anglo American nas comunidades de Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais, e evidenciou um cenário de medo para as comunidades atingidas, em especial pela falta de transparência e pela violação aos direitos humanos (IBASE, 2021). A vulnerabilidade desses povos ante questões ambientais agrava-se com a ausência de negros ou outras identidades raciais que não a branca, masculina e burguesa em grupos de discussão de ambientalistas nos mais variados espaços de disputa de discussão da temática ambiental (RIBEIRO, 2019).

O rompimento da barragem da Samarco, da Vale S.A e Bhp Biliton, demonstra que a relação de descarte da população não branca é algo característico da mineração. Segundo Mansur *et al.* (2016), o desastre atingiu comunidades como a de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, sendo 85% e 80% da população negra, respectivamente. Ainda de acordo com os autores, a sobrecarga das barragens de rejeitos, a ausência de controle e de fiscalização estatal, o descaso com a implantação de alertas sonoros e planos de emergência e a forma como foi conduzido o atendimento às vítimas também estão relacionados às características populacionais dos atingidos e se fazem presentes desde os processos de flexibilização de licenciamento ambiental.

De modo semelhante, o rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, atingiu principalmente a população negra e de baixa renda, o que significa que as barragens de rejeitos estão localizadas próximas a grupos historicamente vulneráveis.

Assim, constatou-se que a população residente na área definida metodologicamente como afetada pelo rejeito da Vale em Brumadinho era predominantemente de não brancos (63,8%), percentagem populacional superior às médias municipal (52,5%) e estadual (54,6%), inclusive nas áreas rurais (respectivamente, 59,8% e 59,5%). Nas áreas indicadas como as populações e residências mais atingidas, Parque Cachoeira e Córrego do Feijão, os percentuais de não brancos chegavam a 70,5% e 58,8%, respectivamente. A média do rendimento nominal mensal para pessoas com mais de 10 anos de idade (com e sem rendimento) na área delimitada na investigação, em 2010 (ano de realização do censo), foi de R\$ 475,25; 7% a menos que o salário mínimo do período (MILANEZ et al., In MENEHINI, 2021).

É, portanto, fundamental discutir raça e racismo em contextos de megaprojetos, como os da mineração, bem como se faz necessário e emergente considerar tais indicadores no âmbito dos processos de reparação de danos, a começar por uma assessoria técnica sensível a essas temáticas.

⁶ Estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), em parceria com a coalizão global de transparência Publish What You Pay.

E as Mulheres atingidas?

Segundo o Relatório da Comissão Especial Atingidos por Barragens, aprovado pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, os impactos dos grandes empreendimentos de mineração e suas grandes obras, como as barragens, promovem violações aos direitos humanos, os quais agravam situações de desigualdades, violências e adoecimento, e provocam situações de miséria e desestruturação social, familiar e individual.

Esse contexto atinge as mulheres de maneira ainda mais intensa e violenta, quando consideramos que elas são historicamente condicionadas à esfera do privado e ao lugar social do cuidado. Durante as oficinas realizadas com as mulheres atingidas, questões relacionadas ao aumento das jornadas de trabalho e ao cansaço foram recorrentes, conforme relatou uma das participantes: *“me sinto esgotada. Sinto que estou cansada demais.”* Com a alteração do abastecimento de água, por exemplo, provocado pela atividade mineradora, as mulheres são obrigadas a carregar água de outros locais, ou gerenciar o racionamento da água entregue pela Vale S.A, e isso sobrecarrega física e mentalmente o trabalho cotidiano das mulheres atingidas.

As mulheres também são mais diretamente afetadas com a desagregação da comunidade, pois, pelo papel que ocupam no cuidado da casa e dos filhos, dependem de uma rede de apoio de vizinhos e familiares, seja no trato com as crianças e os idosos, seja na garantia da alimentação, entre outras coisas. Sem contar que ainda hoje, na maior parte dos casos, o conceito de atingido(a) adotado pelas empresas é o territorial-patrimonialista, ou seja, quem não for proprietário(a) da terra não é considerado(a) atingido(a). As mulheres ainda são a minoria entre os(as) titulares de propriedades, ficando sem reconhecimento como atingidas e permanecendo na dependência de seus maridos ou familiares (CORBO et al., 2020).

O universo majoritariamente masculino das mineradoras, além de alterar as dinâmicas de vida das mulheres, causa em seu cotidiano um elevado sentimento de insegurança motivado pelo grande contingente de homens que passam a integrar o território a serviço das empresas. Um exemplo é o município de Conceição do Mato Dentro, localizado em Minas Gerais, que recebeu 12 mil homens na fase de construção civil da mineradora Anglo American. Nesta mesma região, foi observado o aumento do número médio de crimes por ano (36,8%), e especificamente a violência contra a mulher aumentou 62,96% quando comparados os anos de 2010 e 2012 (COELHO, 2019).

Esse cenário reforça e renova os repertórios do sistema patriarcal nas localidades onde se instalam, que na América Latina tem sido chamado de repatriarcalização dos territórios. Segundo Ana Luisa Queiroz (2021, p. 97),

do início da sua produção, até os processos reparatórios em casos de crimes socioambientais, as mulheres são destituídas de seu protagonismo para a reprodução familiar. O trabalho reprodutivo por elas desenvolvido, a produção artesanal de artigos variados ou ainda plantações de quintais, fundamentais à garantia da segurança alimentar familiar, são atividades desconsideradas e invisibilizadas nos projetos de cidade construídas e dependentes de megaprojetos(...).

Outra consequência, observada durante as oficinas com as mulheres atingidas, diz respeito ao aumento da violência doméstica, conforme relatou uma das atingidas de Fortuna de Minas: *“aumentou muito a violência também, discussões, ainda mais sobre as mulheres”*. Na oficina com as comunidades de São José e Cachoeirinha, uma das mulheres atingidas informou que *“aumentou a violência doméstica”*. *O pessoal que mora mais próximo do rio, acaba que ficou mais prejudicado com o acontecimento. Não trabalha, nem cuida da horta, fica desesperado e desconta a raiva em quem tá do lado [...] aumentou as discussões e problemas*. Já em Caetanópolis, uma comerciante atingida do Shopping da Minhoca relatou tomar remédio para dormir e, assim, não ouvir os gritos de seu marido exigindo que ela encontre outro emprego.

O conceito de interseccionalidade nos ajuda a compreender esse contexto para as mulheres não brancas. Segundo Patrícia Hill Collins (2019), enquanto ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, etnia, faixa etária, e outras, são interrelacionadas e moldam-se mutuamente para estabelecer relações de poder.

O conceito surge, também, como crítica ao feminismo branco europeu e ao movimento negro, entendendo que a discriminação não é só ao gênero, ou à raça, mas à combinação destas duas categorias. No que se refere à experiência das mulheres da América Latina, Lélia González (2019) destaca a tripla discriminação (racial/sexual/classe) enfrentada pelas mulheres indígenas e afro-brasileiras, que as torna as mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente, sendo esse sistema responsável por transformar as diferenças em desigualdades.

A pesquisa realizada pelo NACAB para levantar informações socioeconômicas da população atingida na Região 3 e o levantamento de danos decorrentes do rompimento da barragem da Vale indicou que 47,8% são mulheres e 57,3% se autodeclaram negras. (NACAB, 2022). Na mesma pesquisa, consta o relato de Leila Regina da Silva, especialista em Socioeconomia e Cultura da ATI Paraopeba:

Ao destacar as mulheres atingidas, vê-se uma realidade social já marcada por aspectos estruturantes de vulnerabilidades. São mulheres negras, com baixa escolaridade, em idade adulta e produtiva, mas que tiveram perda de trabalho e renda em grandes proporções, conforme apurado nessa pesquisa. (NACAB, 2022, p. 5).

Nesse sentido, constata-se que as questões de raça e gênero estão entrelaçadas aos danos causados pela mineração, bem como aos desastres decorrentes dessa atividade. Diversas populações e práticas tradicionais são observadas ao longo da Região 3, além dos quilombos, povos indígenas e ribeirinhos, foram identificadas benzedeadas, rezadeiras, pescadoras artesanais, família de origem cigana, entre outras (NACAB, 2022). Isso significa que as mulheres atingidas são diversas e os processos de reparação de danos precisam ser lidos também a partir de seus contextos histórico e cultural.

De modo geral, essa realidade impõe que seja assegurada, na prática, com especial relevância, a implementação dos direitos étnicos e territoriais conquistados historicamente de acordo com as culturas, costumes e formas próprias de organização desses povos e comunidades (NACAB, 2021). Ainda de acordo com os dados da pesquisa, os quilombos presentes na Região 3 estão localizados na área rural, onde a produção de alimentos para a subsistência é característica dessa população.

Com isso, a ausência do cultivo por causa das terras e dos rios contaminados significa um ataque aos modos tradicionais historicamente desenvolvidos através da agricultura (AEDAS, 2020). Sem acesso ao seu principal meio de subsistência, a sobrevivência dessa população é ameaçada, já que ocorre o elevado custo da alimentação, obrigando-os a se manterem em subempregos nas fazendas e nos condomínios com o trabalho doméstico, no caso das mulheres quilombolas, o que legitima uma desigualdade racial histórica. É importante destacar que a contaminação do rio também compromete tradições culturais e formas de sociabilidade características, de valor simbólico e/ou religioso, interferindo, portanto, na dimensão cultural e simbólica da vida social das pessoas atingidas.

Nas entrevistas realizadas pela presente consultoria, constatamos que a maioria das mulheres atingidas se autodeclara parda; entre as mulheres atingidas que se autodeclararam negras, é provável que uma delas tenha herdado de seus pais uma terra remanescente de quilombo. Ela identifica o território como “terra de raízes”, e destaca a forte presença da ancestralidade:

A terra foi do meu avô depois dos meus pais tem 136 anos que essa terra é da minha família, eu espero deixar para os meus filhos do jeito que ela era antes para eles terem esse prazer de mexer com a terra. Hoje eu tô levando o meu neto, só tenho um neto homem eu já levo ele já vou mostrando, ele já pega a enxadinha pra ajudar a vovó.

O uso coletivo da terra e os valores presentes nessa relação nos convidam a repensar a maneira pela qual entendemos o conceito de atingidas e atingidos. No caso das mulheres, ainda que seja este um conceito em disputa, ele tem refletido o reconhecimento e a legitimidade das mulheres enquanto sujeitos que tiveram seus direitos violados em decorrência da instalação de um empreendimento (FURTADO; ANDRIOLLI, 2020). E mesmo com o fato comum de serem atingidas, as mulheres têm demonstrado a diversidade existente entre elas, a qual perpassa diferentes formas de identificação

intimamente relacionadas com o território. Por esse motivo, utilizamos a noção de corpo-território⁷, porque um impacto sofrido no território é também sentido no corpo, ele é físico e emocional (VIEIRA, 2021).

A experiência do projeto/processo ATER Feminismo e Agroecologia⁸ na Região Nordeste do Brasil mostrou a importância de uma assistência técnica específica para as mulheres rurais no que diz respeito ao reconhecimento das distintas realidades e das ações que elas desenvolvem nos territórios; para tanto, é preciso se debruçar no entendimento das lutas, conflitos, conquistas e transformações através de metodologias inovadoras, que permitem uma ação feminista e emancipadora.

Assim, para além da incorporação do enfoque de gênero nas abordagens e instrumentos metodológicos que orientam as ações implementadas nos territórios, a presente consultoria destaca a necessidade de também incorporar o enfoque de raça, com vistas a garantir que os processos de reparação de danos ocorram de maneira justa ao reconhecer as mulheres atingidas a partir de seus contextos étnico-culturais, os quais desvelam suas experiências atravessadas por distintas opressões, que geram danos específicos sob diferentes dimensões.

⁷ Nas palavras de Lorena Cabnal (2010), o território do corpo é um território disputado há milênios pelos patriarcados, para garantir sua sustentabilidade a partir e sobre o corpo das mulheres. (p.23). Esse contexto é evidenciado nos territórios marcados pela mineração, onde as mulheres são atingidas em seu contexto comunitário a partir do modelo de desenvolvimento capitalista que também é patriarcal e, portanto, agrava a violência do corpo-terra das mulheres com a expropriação de seus territórios e a exploração e devastação imposta à natureza. A defesa do território terrestre, de acordo com Lorena Cabnal (2010), não é apenas uma defesa dos recursos naturais para a reprodução da vida, mas para gerar vida com alegria, prazeres e construir conhecimentos libertadores para a tomada do território terrestre, pois (...) não posso conceber este corpo como mulher, sem um espaço na terra que dignifique a minha existência e promova a minha vida de forma plena. (p.23). Este tem sido um expressivo campo de luta das mulheres indígenas, que têm inspirado as demais mulheres na América Latina.

⁸ Uma parceria entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a extinta Diretoria de Políticas Públicas para as Mulheres Rurais e Quilombolas (DPMRQ) do também extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Entrevistas com gestoras/es do Poder Público

Os resultados obtidos nessa análise trazem questões importantes no tocante aos danos vivenciados pelas mulheres atingidas da Região 3, além de demonstrarem como a estrutura patriarcal e racista segrega as mulheres do campo da política institucional e silencia suas principais demandas e necessidades. De acordo com Heleieth Saffioti (2015, p. 57), assim como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Desta forma, é importante compreender e destacar a estrutura à qual estão submetidas as mulheres atingidas para que possamos compreender o principal resultado desta análise: não há sequer um tipo de ação e/ou política pública específica destinado às mulheres atingidas.

Nesse contexto, a compreensão dos danos comumente parte de uma perspectiva comunitária. Ao ser questionado sobre a visão institucional sobre as mulheres atingidas, o chefe de vigilância sanitária destaca que “toda a população foi atingida”, sobretudo em relação à água por conta da suspensão do fornecimento que vinha do Paraopeba. A divisão entre as esferas doméstica e pública e a associação das mulheres à primeira, as transformou socialmente em responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidados (FARIA; NOBRE, 2003), o que implica no fato de que são elas, na maioria das vezes, as responsáveis por buscar água, pela gestão nos cuidados com a família e todo trabalho de limpar, cozinhar, cultivar plantas e alimentar animais.

Se as águas que antes estavam nos seus quintais, nos poços artesianos, cacimbas, cisternas foram contaminadas, impacta sobre elas o efeito da contaminação nas suas atividades cotidianas, contexto que também resulta em sobrecarga nas jornadas de trabalho. Essa é uma condição que se agravou com a pandemia, tendo em vista o isolamento dos familiares e a perda dos espaços de lazer, como o rio, fazendo aumentar as demandas domésticas e dos cuidados com a família, além dos conflitos no território. A pandemia da Covid-19 intensificou aquilo que as mulheres já sofriam (FURTADO; ANDRIOLLI, 2020).

Ainda com relação à água e o rompimento da barragem em Brumadinho, além dos graves problemas com relação à qualidade e disponibilidade, a população relata falta de informação e transparência por parte da empresa e do Estado (SILVA; HELLER, 2020. p. 48). Ainda de acordo com as autoras,

um ano após o rompimento, o relatório da fundação SOS Mata Atlântica indica que a água do rio Paraopeba continua imprópria e sem condições de uso, e vários moradores, dos 21 municípios atingidos ao longo do rio, ainda têm o abastecimento de água comprometido e não conseguem voltar com as atividades de agricultura. Nos 23 pontos analisados, a água ainda não pode ser consumida devido ao alto teor de metais, como ferro, manganês, cobre, cromo e sulfeto. Segundo o estudo, "todos os metais encontrados têm capacidade, se ingeridos, de se acumularem nos sistemas biológicos humanos e da fauna, e trazer sérios problemas, renais, hepáticos, neurológicos e mesmo de esterilidade.

Tal cenário colabora para o agravamento da saúde mental das mulheres atingidas, pelo fato de estarem mais preocupadas com os custos da manutenção do lar e os cuidados com a família (FGV, 2019). O adoecimento mental foi destacado pelas entrevistadas e entrevistados, tendo como principal causa apontada a **perda do rio**.

É certo que o rompimento de uma barragem impacta a saúde de toda a população, mas, no caso das mulheres, é notado de forma significativa o adoecimento em decorrência do desastre. Nesse sentido, dados divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde de Brumadinho, em 2019, mostraram o aumento de suicídios e tentativas no município, além da alta expressiva nas prescrições de antidepressivos e ansiolíticos (medicamentos para controlar ansiedade e tensão). Nos dois casos, as mulheres são o principal público afetado (ESTADO DE MINAS GERAIS, 2019), situação comprovada por esta consultoria através da análise dos dados das oficinas com as mulheres atingidas, conforme apresentado no produto 3.

A Secretária de Assistência Social do município de Florestal relatou que uma psicóloga foi contratada para atender as famílias atingidas, mas que não foi especificamente direcionado às mulheres atingidas. A mesma Secretária deu como possibilidade conversar, também, com a agente de saúde do PSF de Florestal, mas ao nos dirigirmos à unidade, fomos surpreendidas com a recusa da agente em responder às perguntas, alegando que, pelo fato dela não acompanhar as famílias antes, não saberia dimensionar agora o nível de atingimento sofrido pelas mulheres.

Mesmo uma leitura comunitária dos danos causados às populações atingidas não gera ações efetivas pelo setor público. A partir das entrevistas, percebe-se que existe uma dependência forte em relação à empresa Vale S.A., como explicitou o Prefeito do município de Caetanópolis: "Não tem nenhuma ação, tudo ficou na responsabilidade da Vale. Estamos aguardando o trabalho da Vale, que é a empresa responsável pelos danos." Enquanto isso, dados alarmantes são apontados pelas/os gestoras/es, como o empobrecimento de famílias que são obrigadas a migrar para as cidades em busca de emprego, já que as dinâmicas comunitárias e as economias locais foram esfaceladas como consequência do desastre.

Sabemos que as mulheres atingidas, principalmente as mulheres negras, estão inseridas em postos de trabalhos informais e precarizados. As perdas dos laços comunitários, da produção de alimentos nos quintais, da atividade pesqueira, serviços prestados aos pescadores e suas famílias (como aluguel

de quintal para barracas, apoio no cozimento de alimentos, aluguel de banheiros etc.) e do trabalho nas chácaras - atividades comuns nesta região e que caracterizavam parte das dinâmicas sociais e econômicas - provocam um contexto de empobrecimento e aprofundamento das desigualdades que, para as mulheres atingidas, pode resultar em maior dependência econômica e afetiva de seus companheiros ou de outros familiares, perda de autonomia (econômica e emocional), consequente baixa autoestima e perda de poder.

A invisibilidade e o não reconhecimento de diversas pautas específicas das mulheres no Brasil pode ser atribuída também à sub-representação que elas vivenciam na política institucional. Apesar de serem maioria da população, segundo o IBGE (2021), representaram, em 2018, 32,2% das candidaturas para o cargo de deputado federal. Já em 2020, somente 16% dos vereadores eleitos eram mulheres. Houve aumento de menos de três pontos percentuais em relação a 2016. Com relação às mulheres pretas e pardas, a sub-representação é significativamente menor. Segundo pesquisa da Oxfam (2020), de acordo com a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), mulheres negras representam apenas 2% do Congresso Nacional e são menos de 1% na Câmara dos Deputados⁹.

A visão mais abrangente e crítica sobre a situação das mulheres atingidas na Região 3 partiu do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). As mulheres, no movimento, se organizam coletivamente e desenvolvem trabalhos específicos para as mulheres atingidas. Existe uma sensibilidade do movimento em relação às questões de gênero, que resulta na compreensão das mulheres como principal público atingido pelo rompimento de barragens, sobretudo no que diz respeito à renda, educação, saúde e necessidade de ações e projetos.

Como exemplo, o MAB desenvolve o projeto “As Arpilleras”, realizado pelas próprias mulheres atingidas com base na técnica têxtil popular chilena¹⁰ para denunciar experiências de violência sofridas, assim como transformações das paisagens onde vivem durante o processo de construção de barragens (MAB, 2021). Nos encontros de construção do projeto das arpilleras, ocorre a externalização dos sentimentos, violências e a criatividade das mulheres atingidas.

Os municípios da Região 3 são compostos, em sua maioria, por comunidades rurais, conforme apresentado no levantamento socioeconômico elaborado por essa consultoria em produto anterior. De acordo com Maria Luiza Helborn (2013), nas pequenas cidades não há uma rede de atendimento estruturada de apoio às mulheres. As ações são isoladas e não há uma atuação coordenada entre segurança pública, saúde, justiça e assistência social.

⁹ <https://www.oxfam.org.br/blog/mulheres-negras-na-politica/>. Acessado em março de 2022.

¹⁰ Difundida durante a ditadura Pinochet. Para saber mais acessar: <https://mab.org.br/2015/05/18/arpilleiras-uma-metodologia-latina-educa-popular/>

Como evidenciado pelas entrevistas com gestoras/es, tal rede ou ação coordenada continua inexistente, mesmo com as mulheres atingidas, e toda a população permanece submetida à violência e aos danos específicos pelo rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho. Como destacou o representante do MAB:

As comunidades distantes dos centros urbanos não têm escola, não têm médicos, não têm nada, o Estado não existe, se você quiser tem que ir atrás do Estado, e normalmente são as mulheres que levam os filhos para escola, que procuram um médico, que resolvem os problemas.

É preciso implementar políticas públicas em uma perspectiva em que a população seja mais do que beneficiária, mas que ela se considere e se posicione como sujeitos das políticas, em especial as pessoas pobres e excluídas (ROMANO, 2011). Nesse cenário, Laetícia Jalil e Catia Grisa (2011, p. 322), chamam atenção para a dimensão da política vivida, ou seja, a compreensão das políticas pelas/os próprias/os beneficiárias/os a partir de suas realidades. No entanto, para que essa seja uma realidade, é preciso que as mulheres atingidas, assim como suas famílias, tenham os danos causados pelo rompimento da barragem reconhecidos e priorizados na agenda pública, na elaboração de planos e projetos de reparação e nas ações de indenização.

Sistematização dos dados dos Mapas da Sociobiodiversidade

Essa seção está dedicada à análise de dados socioambientais diretamente ligados às vidas das mulheres atingidas pelo rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG. Os dados foram sistematizados a partir da metodologia do Mapa da Sociobiodiversidade, já descrita em produto anterior, e compreendem os agroecossistemas manejados por mulheres atingidas dos municípios de Esmeraldas, Pequi e Fortuna de Minas.

Para Emma Siliprandi (2009, p.109), o agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada, ainda que variável quanto a sua extensão, onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas e o ecossistema original. Para compreender essas relações, é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (bioquímicos, agronômicos), mas também as interações entre os seres humanos.

Segundo Gliesman (2001), um agroecossistema é um local de produção agrícola – uma propriedade agrícola, por exemplo – compreendido como ecossistema. O conceito de agroecossistema proporciona uma estrutura em que podemos analisar os sistemas de produção de alimentos como um todo, incluindo seus conjuntos complexos de insumos, produção e conexão entre as partes que os compõem. Ou seja, os agroecossistemas apresentam-se com configurações próprias em cada região, sendo um resultado das variações locais de clima, solo, das relações econômicas, da estrutura social e da história (Altieri, 1999).

Para levantar esse conjunto de dados, foram desenvolvidos Mapas da Sociobiodiversidade dos agroecossistemas das mulheres. Os instrumentos foram construídos a partir de desenhos de mapas das propriedades elaborados pelas mulheres atingidas, nas atividades realizadas em Esmeraldas, Fortuna de Minas e Pequi. Nas oficinas, as participantes foram estimuladas a desenhar e descrever tudo o que produziam, antes do rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, no que se referia à agricultura, beneficiamento de produtos e criação animal.

Os mapas como instrumento metodológico nos permitem visibilizar e reconhecer o trabalho e os espaços de protagonismo das mulheres no agroecossistema e a sua contribuição para a agrobiodiversidade¹¹. A elaboração dos mapas é um importante exercício de autorreflexão e problematização para a mulher sobre o trabalho das mulheres e suas distintas racionalidades.

Os mapas nos possibilitam a construção de outra cartografia não hegemônica e, assim, o reconhecimento do território, a partir das mulheres e suas práticas, vivências e sentidos de forma individual e coletiva, fortalecido nas relações sociais e políticas. Os dados apresentaram uma grande variedade de espécies vegetais e animais presentes nas propriedades, as quais, após o rompimento, tiveram sua qualidade comprometida ou foram totalmente extintas. Vale destacar que a maioria da produção identificada é oriunda da produção de quintal, mas há também os processados, geralmente produzidos nas cozinhas ou em pequenas unidades de beneficiamento.

¹¹ Segundo Maria Fonseca e Paola Bianchini (2019) Agrobiodiversidade, ou biodiversidade agrícola, é a parcela da biodiversidade usada pelos seres humanos na agricultura e alimentação, ocorrendo em três níveis: 1) diversidade de espécies podendo variar em espécies de animais, vegetais e microrganismos; 2) diversidade genética que está relacionado com as diferentes variedades, raças ou tipos de uma mesma espécie; 3) Diversidade de ecossistemas agrícolas ou agroecossistemas, que compreende o desenho e a administração cultural e socioeconômica de diferentes espaços naturais por comunidades humanas com modos de vida específicos (p.171).

Nos seus quintais¹², as mulheres experimentam, praticam e materializam todo conhecimento acumulado, passado de geração em geração, ao semear, plantar e cultivar a terra. Utilizam, portanto, o saber para escolher determinada espécie, criam o consórcio desta com outras, bem como elaboram sistemas biológicos complexos que interagem entre si, desde o solo e o clima aos agroecossistemas como um todo, através de práticas que culturalmente influenciam todo equilíbrio do sistema agroecológico. Segundo Cardoso et al. (s/d, p. 14):

Nos quintais das mulheres, muitas sementes foram testadas, muitas espécies domesticadas e diversos tipos de manejo foram experimentados antes de serem produzidos em maior escala nas propriedades. E muitas experiências são trocadas entre as mulheres nas comunidades, nos movimentos, nos grupos de mulheres, intercâmbios e eventos de formação, tornando essa construção compartilhada. O saber popular das mulheres tem contribuído muito para a ampliação das experiências agroecológicas no Brasil e por isso tem que ser valorizado, tanto quanto o saber dos homens.

O quintal pode ser definido como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais (Brito & Coelho, 2000). Nos quintais combinam-se árvores, arbustos, trepadeiras e herbáceas e que, na maioria das vezes, estão em associação com animais domésticos, crescendo adjacentes à residência (Carneiro et al., 2013).

No meio rural, dentre os agroecossistemas, os mais diversos são, em geral, os quintais. Neles ocorrem grande produção de alimentos, não só para o consumo da família, mas também para a comercialização (Brito & Coelho, 2000; Harwood, 1986). O quintal é um espaço principalmente do domínio das mulheres, sendo manejados principalmente por elas (Carneiro et al., 2013), o que contribui para a divisão de trabalho do grupo familiar (Brumer, 2004). Além disso, os quintais são importantes para a segurança alimentar das famílias e, também, geram renda diretamente, quando os produtos são comercializados (Brumer, 2004; Karam, 2004), e indiretamente, quando produtos não são comprados por serem providos pelos quintais (Cardoso & Rodrigues, 2009).

É importante destacar que nos quintais familiares a mulher participa ativamente dos trabalhos, principalmente cuidando da horta, de pequenos animais e das atividades de ordenha e, mesmo assim, o seu trabalho na realização dessas atividades não é considerado importante (Brumer & Anjos, 2008). A valorização do trabalho das mulheres passa, portanto, pela valorização social e econômica dos quintais. Para que esta valorização ocorra, é preciso compreender os aspectos sociais,

¹² Para Maria Emília Pacheco (1997), os quintais não podem ser entendidos isoladamente, pois diversas zonas de manejo compõem um sistema, como também os espaços de socialização e construção social, em sua diversidade e complexidade. O quintal (ou ao redor de casa, terreiros, pátio etc.) é um local de grande diversidade ecológica, de cuidado, fortalecimento do solo, qualidade de vida, local de lazer, de descanso, agradável, de beleza, onde plantam e colhem sendo também utilizado como um grande laboratório de experimentação.

econômicos e ambientais envolvidos com o manejo dos quintais. Para isto, desvelar o que é produzido nos quintais e a relação desta produção com o trabalho das mulheres tem sido apontado como importante pelo movimento de mulheres brasileiras (Pacheco, 2002).

A diversidade acima referida foi listada em cada mapa elaborado pelas mulheres atingidas nas oficinas e foi dividida em quatro categorias: animal, vegetal, processados e frutas. Abaixo, seguem as diversidades distribuídas por município:

Mapas do município de Esmeraldas

Foram sistematizados mapas de 08 agricultoras; dentre elas, uma participante não relatou o que havia em seu espaço produtivo, deixando, no mapa, a seguinte frase: "*Perdi tudo, só não perdi minha casa*". Ao todo, foram contabilizadas 16 espécies animais, 38 tipos de frutas, 1 tipo de alimento processado e 71 espécies de vegetais (verduras, legumes, medicinais). **Os dados demonstram que praticamente toda a produção foi comprometida após o rompimento**, seja por contaminação do solo ou contaminação do lençol freático, o que significa um dano inestimável à segurança alimentar e nutricional destas famílias e, ainda, uma significativa redução da sociobiodiversidade existente nos territórios atingidos. Abaixo, segue a listagem das espécies identificadas nos mapas do município de Esmeraldas:

QUADRO 1 - LEVANTAMENTO DA BIODIVERSIDADE DOS QUINTAIS DAS MULHERES (ESMERALDAS-MG)

ANIMAL	VEGETAL			FRUTA		PROCESSADOS
Cachorro	Abóbora	Mandioca	Cenoura	Abacate	Limão Taití	Biscoito de Polvilho
Cavalo	Açafrão	Manjeriço	Chuchu	Abacate	Mamão	
Égua	Adália	Marcelinha	Chuchu	Abacaxi	Manga	
Galinha caipira	Adália	Marcílica	Cidreira	Acerola	Maracujá	
Galinha Garnizé	Alecrim	Margaridas	Citronela	Amora	Mexerica	
Galinha gigante	Alface americana	Milho	Citronela	Banana	Mexerica	
Galinhas	Alface Lisa	Mostarda	Coentro	Banana Prata	Pinho	
Galo índio	Algodão	Ora-pro-nóbis	Comigo ninguém pode	Cajá-manga	Pitanga	
Gato	Alho	Orégano	Couve	Caju	Romã	
Gatos	Almeirão	Orquídeas	Couve-flor	Caju	Tomate	
Jumentas	Amarílis	Palmas	Erva Cidreira	Cobu	Tomate Andreia	
Jumento	Babosa	Pimenta	Espinafre	Goiaba	Tomate Cereja	
Ovos de Galinha	Babosas	Pimentão	Feijão	Hortelã	Uva	
Passarinho	Bálsamo	Pimentas	Flor de Algodão	Jabuticaba	Uvaia	
Peixe	Beijo	Quiabo	Folhagem	Jabuticaba		
Vacas	Beterraba	Rabanete	Guaco	Laranja		
	Boldo	Repolho	Hortelâ	Laranja Bahia		

ANIMAL	VEGETAL			FRUTA		PROCESSADOS
	Brócolis	Rosa	Hortelã Pimenta	Laranja Campista		
	Bromélias	Rosas	Ipê Roxo	Laranja Serra d'água		
	Cacto	Rúcula	Ipes	Laranjas		
	Canela	Salsa	Jilo	Limao		
	Capim Limão	Suculentas	Jiló	Limão		
	Cebola	Taioba	Lirio	Limão Capeta		
		Verduras	Transagem	Limão Capeta, Siciliano e Galego		

As mulheres identificaram, junto à equipe desta consultoria, que houve **perda total da produção dos quintais**. Nestes espaços, os produtos que mais apareceram foram verduras, legumes, flores e medicinais, que estão intimamente relacionados às práticas produtivas das mulheres que se preocupam com a alimentação e cuidado da família. **As perdas também afetaram a renda das famílias, uma vez que parte da produção era comercializada e para consumo da família.**

Mapas do município de Pequi

Foram sistematizados mapas de 14 mulheres atingidas, apresentando uma grande variedade de espécies animal e vegetal. De acordo com os relatos, **houve perda total de toda a produção e a contaminação da água e do solo impossibilitou o plantio e a renovação**. Foram contabilizados 12 tipos de espécies animais, 31 tipos diferentes de frutas e 39 tipos diferentes de vegetais (verduras, legumes, medicinais). Abaixo a listagem das espécies identificadas nos mapas do município de Pequi:

QUADRO 2 - LEVANTAMENTO DA BIODIVERSIDADE DOS QUINTAIS DAS MULHERES (PEQUI-MG)

ANIMAL	VEGETAL			FRUTA		
Cachorro	Alface	Brócolis	Ipê	Abacate	Figo	Pera
Cavalo	Alho	Café	Jiló	Acerola	Goiaba	Pêssego
Galinha	Almeirão	Cebola	Macelinha	Ameixa	Jabuticaba	Pêssego
Galo	Amendoim	Cebolinha	Mandioca	Amora	Laranja	Pitanga
Ovo	Arroz	Cenoura	Manjeriço	Banana	Laranja Pera Rio	Tomate
Patos	Arruda	Chuchu	Marcela	Banana Caturra	Laranja Serra d'água	
Peixe	Batata	Coentro	Milho	Banana Maça	Lima	
Pesca	Batata da Terra	Couve	Mostarda	Banana ouro	Limão	

ANIMAL	VEGETAL			FRUTA	
Pescaria	Batata doce	Erva Cidreira	Pimenta	Banana Prata	Mamão
Pintinhos	Berinjela	Erva Doce ou Funcho	Pimentão	Caju	Manga
Porco	Beterraba	Feijão	Quiabo	Cana	Manga
Vaca	Boldo	Hortelã	Rosas	Carambola	Mexerica
	Tempero	Salsa	Vagem	Coco	Mexerica Poncã

Os dados mostram que a produção das mulheres atingidas de Pequi era em sua grande maioria de verduras, legumes e frutas, e todas tiveram sua produção totalmente comprometida após o rompimento, além de comprometer a qualidade da alimentação e, também, provocar uma grande redução na renda, uma vez que os produtos se destinavam para consumo e comercialização.

Mapas do município de Fortuna de Minas

Foram sistematizados mapas de 16 mulheres atingidas. Os dados demonstram que a produção era destinada ao consumo e à comercialização; após o rompimento, as famílias tiveram sua alimentação comprometida, e como consequência, grande redução da renda. Foram contabilizados 20 tipos de espécies animais, 35 variedades de frutas, 03 tipos de alimentos processados e 39 tipos de espécies vegetais (legumes, verduras e medicinais). Abaixo, a listagem das espécies identificadas nos mapas do município de Fortuna de Minas:

QUADRO 3 - LEVANTAMENTO DA BIODIVERSIDADE DOS QUINTAIS DAS MULHERES (FORTUNA DE MINAS-MG)

ANIMAL	VEGETAL		FRUTA		PROCESSADOS
Cachorro	Abóbora	Jenipapo	Abacate	Laranja	Biscoito
Cachorros	Abobrinha	Horta	Abacaxi	Laranja(variadas)	Doce de Leite
Cavalo	Alecrim	Hortelã	Acerola	Laranja Azeda	Queijo
Codornas	Alface Americana	Jacarandá	Ameixa	Limão	
Gado	Alface crespa	Jiló	Amora	Limão Capeta	
Gado Leiteiro	Alho	Lírios	Banana	Limão Taiti	
Galinha	Almeirão	Mandioca	Banana Caturra	Mamão	
Galinha caipira	Batata Amarelo	Manjeriçã o	Banana Maça	Manga	
Galinha da Angola	Beterraba	Milho	Banana Prata	Maracujá	
Galinha Garnizé	Boldo	Mostarda	Banana Prata e Caturra	Mexirica	
Galinhas	Bromélias	Orquídeas	Caju	Mexirica Pocã	
Galo	Cebola	Palmas	Cana	Morango	
Galos	Cebolinha	Pimenta	Canavial Capineira	Pitanga	
Patos	Cenoura	Pimentão	Coco	Tamarindo	
Peixes (vários num açude)	Chuchu	Repolho	Cocos e coquinhos	Tomate	
Porco	Couve	Rosas	Goiaba		
Quiabo	Couve-Flor	Rúcula	Graviola		
Touros	Eucalipto	Salsinha	Jabuticaba		

ANIMAL	VEGETAL		FRUTA		PROCESSADOS
Vacas	Feijão	Sucupira	Jaca		
Vacas, Bezerros e Boi	Folhagens Verdes		Jambo		

Os dados apresentados evidenciam que antes do rompimento a produção era, em sua maioria, de origem animal, além de uma grande variedade de hortaliças, legumes e frutas. Devido à contaminação da água e do solo, muitos animais morreram e outros desenvolveram doenças, impossibilitando o seu consumo e comercialização. O mesmo ocorreu com as hortaliças, os legumes e as frutas.

Sistematização das Cadernetas Agroecológicas

Nas oficinas realizadas nos municípios de Fortuna de Minas, Pequi e Esmeraldas, foi apresentada a proposta do uso das Cadernetas Agroecológicas (CA's) às mulheres atingidas pelo rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão. As participantes aceitaram registrar a produção durante o período de um mês, conforme proposto, entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

O objetivo dessas anotações é conhecer parte da atual produção agrícola e pecuária das mulheres atingidas, com foco na produção para o autoconsumo, vendas, doações e as trocas feitas nas comunidades. Visa contribuir com o reconhecimento do valor dessa produção e provocar a reflexão, pelas mulheres atingidas, sobre as perdas e os danos decorrentes do rompimento da barragem na produção agrícola, não agrícola e no trabalho remunerado e não remunerado que envolve as mulheres.

O exercício de anotação fornece um conjunto de dados que, pós-sistematização, permite às mulheres atingidas estimarem, de forma mais ampla e precisa, os danos econômicos relacionados à agricultura e à criação animal. Esses danos referem-se ao trabalho das mulheres atingidas e sua contribuição para: a Segurança Alimentar e Nutricional das famílias (consumo); a conservação da agrobiodiversidade; o fortalecimento dos tecidos sociais nos territórios (troca e doação); e a renda obtida (venda).

As definições de trabalho remunerado e não remunerado, a partir da perspectiva feminista, são pautadas no conceito de divisão sexual do trabalho, fundamental para a compreensão da realidade das mulheres, bem como para a organização do trabalho na sociedade (Freitas, 2007). A construção desse conceito deve-se, em grande medida, à percepção coletiva das mulheres feministas com relação à invisibilidade do trabalho doméstico, que sempre esteve mascarado pela naturalização das desigualdades socialmente construídas e fundamentadas na diferença entre os sexos.

De acordo com a metodologia de Classificação das Atividades das Mulheres Rurais (CADMUR), que estuda o uso do tempo das mulheres e a divisão sexual do trabalho no meio rural, entende-se como trabalho remunerado atividades de produção de bens e ou serviços em troca de retribuição financeira; isto é, em geral, o trabalho remunerado é o trabalho produtivo culturalmente associado ao masculino, e corresponde às tarefas executadas no âmbito da esfera pública com alto valor social e econômico agregado.

Contudo, quando o trabalho produtivo é realizado pelas mulheres, como a produção de alimentos, plantas medicinais, criação de pequenos animais nos quintais para o autoconsumo,

tende a ser não remunerado (FUNARI, 2020). Já os trabalhos domésticos e de cuidados são considerados trabalhos reprodutivos não remunerados, possuem a finalidade de organização e manutenção dentro e fora da unidade familiar, sendo historicamente colocados como obrigação das mulheres. Esses trabalhos compreendem a realização de diferentes atividades, muitas vezes simultâneas, e são os principais responsáveis pela sobrecarga das mulheres.

A partir da perspectiva feminista, compreendemos que o trabalho doméstico e o de cuidado são invisibilizados e desvalorizados por não produzirem valor monetário no mercado, contrariamente ao trabalho dito como masculino, como explica a pesquisadora Juliana Funari (2020) em sua pesquisa sobre o uso do tempo e as mulheres rurais:

“[...] Apesar desses trabalhos serem classificados como improdutivos, é importante ressaltar que eles são necessários para a manutenção familiar por servirem de subsídio para os membros que atuam no mercado de trabalho. Além da tarefa do cuidado, às mulheres rurais também são responsáveis pela produção e comercialização dos produtos agrícolas, no âmbito da economia familiar e solidária, com a venda nas feiras, as trocas e doações” (FUNARI, 2020, p. 2).

Para a consultoria, foram distribuídas 32 Cadernetas entre as mulheres participantes que se voluntariaram para as anotações e, posteriormente, foram criados três grupos de *Whatsapp* para realizar o acompanhamento dos registros. Os grupos de *Whatsapp*, portanto, se tornaram um importante instrumento para a pesquisa para trazer as vozes das mulheres atingidas neste trabalho. No contexto de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, ferramentas e plataformas digitais se tornaram instrumentos imprescindíveis para os processos que demandam mobilização social. Segundo Silva (2017), o *Whatsapp* tem sido cada vez mais utilizado em diferentes tipos de pesquisas:

“Trata-se de uma ferramenta comunicacional que facilita a organização em grupo, é versátil, tem abrangência global e forte potencial para diversas formas de ação. Ainda podemos destacar a facilidade de relacionar, empoderar e promover a ação coletiva.” (SILVA, 2017, p. 3)

Nesta pesquisa, a ferramenta foi fundamental para a mobilização das mulheres e o principal instrumento para a animação do processo de anotações. Também foi um importante espaço de socialização do cotidiano das mulheres atingidas durante o mês de coleta. Semanalmente, eram enviados conteúdos através de vídeos e notícias sobre o processo das Cadernetas em outros locais para inspirar as mulheres. Os vídeos compartilhados foram produzidos pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). Apesar das mensagens nos grupos, algumas mulheres não eram muito participativas e davam poucos retornos. Devemos

considerar que esse processo ocorreu em meio à pandemia da Covid-19¹³ e entre os feriados do Natal e Réveillon, fatores que influenciaram a dinâmica de anotações diárias e o acompanhamento virtual no processo de animação. Foi necessário, com frequência, procurá-las no privado e alguns dos retornos indicavam dificuldades para realizar as anotações.

Algumas mulheres atingidas relataram que pararam ou diminuíram a produção após o rompimento devido à restrição do acesso à água do rio e das cisternas, o que provocou a diminuição da produção para autoconsumo e venda, como relata uma das agricultoras do município de Fortuna de Minas: *“Nossa! Antes do rompimento eu produziria o dobro disso aí, ou até mais [na mensagem de texto ela optou por colocar 60% a mais], porque antes eu produzia pra mim, dava para minha família, os vizinho buscava, a horta no quintal dava verdura que vizinho buscava duas ou três vezes na semana, buscava couve, mostarda, alface, almeirão, repolho e tudo isso a gente produzia. Hoje não, tá bem complicado o hoje porque com a falta de água, que hoje em dia a gente tem que pagar pela água, então fica mais difícil. Agora tô montando uma hortinha pra mim aqui e tô vendo se eu vou poder usar a água da minha cisterna, porque aí posso irrigar a horta com essa água. Mas tô vendo ainda”*.

Dentre os diálogos estabelecidos com as mulheres pelos grupos do *Whatsapp* e individualmente, a maioria cita que os impactos na renda têm alterado toda dinâmica produtiva das famílias, causando a diminuição ou a impossibilidade de produzir, devido à perda do acesso à água, aos peixes e aos alimentos que antes eram cultivados às margens do rio. Essas perdas geraram a necessidade de comprar alimentos no mercado, o que configura um dos fatores mais determinantes para o aumento dos gastos das famílias e a diminuição da produção agrícola.

Uma atingida de Pindaíbas descreve como tem sido sua relação com a produção e os gastos na sua propriedade: *“Tá muito complicado, porque a gente não tem peixes pra ajudar, nem as roças na beira do rio. Muita coisa que a gente produzia na beira do rio, feijão, milho. A gente não tem isso, então teve que diminuir nas criação também. Tá muito caro a ração, o fubá, o milho. Assalariado não dá conta não, minha filha, tá caro.”*

Embora toda cadeia produtiva tenha sido impactada após o rompimento, sabe-se que os danos para as famílias têm sido aprofundados após as enchentes que ocorreram em 2020¹⁴ e

¹³ Dos efeitos da pandemia para a vida das mulheres, o aumento da sobrecarga de trabalho foi um dos mais impactantes. As mulheres intensificaram a rotina do trabalho de cuidados, além de serem a maioria entre os profissionais de saúde que estão na linha de frente atuando no enfrentamento à pandemia, passaram a cuidar das outras pessoas enfermas no âmbito familiar. Também sentem a sobrecarga com o aumento do trabalho doméstico, muitas vezes atribuído ao fato do isolamento social e da suspensão do ensino presencial, como mostra a pesquisa: A pandemia da Covid-19 na vida das mulheres brasileiras (LIMA, 2020). Acesso em 15 de março 2022. <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/22562/13192>>.

¹⁴ Acesso em 14 de março de 2022: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/24/um-ano-apos-tragedia-brumadinho-e-castigada-pelas-chuvas-desta-sexta-feira.ghtml>>.

2022¹⁵ e provocaram o transbordamento do rio, como relatado pelo MAB: *“No caso da Bacia do Rio Paraopeba, milhares de atingidos pela Vale foram novamente impactados quando o rio subiu, deixou casas praticamente submersas e, ao retornar ao leito, abandonou toneladas de lama com rejeito tóxico nas ruas e nas casas”* (MAB, 2022. s/p).

Além da pandemia, das enchentes e da diminuição da produção, outros fatores influenciaram a dificuldade das anotações relatadas pelas mulheres: i) A sobrecarga de trabalho; ii) Um processo generalizado de desânimo e depressão; iii) e as dificuldades de apropriação do método, o que é comum, principalmente para as mulheres que nunca anotaram a sua produção, não faziam o controle e não puderam ter acompanhamento da ATI nesse período. Dessa forma, as anotações diárias se tornaram um desafio ainda maior, como demonstra o áudio de uma atingida: *“É complicado, sabe? Te falar assim sobre o controle das coisas que eu vendo, que eu faço, porque eu nunca fiz controle. Eu não gosto de ficar sem fazer nada, eu procuro as coisas pra fazer: corante, tempero, faço goiabada que é época da goiaba, mas eu nunca fiz controle de nada pra eu saber preço, não. O dinheiro que eu ganho, eu gasto. Não tenho controle, não. Não tem jeito de eu pôr quanto é que eu vendia”*.

Outra situação compartilhada por elas refere-se ao sentimento de desesperança que algumas estão sentindo em relação à reparação dos danos sofridos após o rompimento, como indica a fala da agricultora do município Fortuna de Minas:

Eu saí do grupo, também, porque não tô querendo participar mais, não. Porque esse trem não tá resolvendo nada. Nem o que a gente tinha conseguido, que era ir para o Getúlio Vargas fazer os cadastros e tal, até hoje, nada. Vai indo, vai desanimando. Aí eu não quis anotar nada, também. Não mexi com nada, também, por isso que saí do grupo, também. Tô querendo participar mais não, tá bom?! Porque, eu mesma sou uma que participava de tudo, tem uma reunião eu participava, se tinha que fazer alguma coisa eu fazia, mas na esperança de ter retorno de alguma coisa. Olha pra você ver, desde o ano passado pelejando para conseguir receber o dinheiro lá do emergencial e até hoje também, nada, a gente pergunta lá no grupo do NACAB eles falam que não tem nem notícia, ainda, de quando vai tá fazendo novos cadastros, nem nada. Aí tô sentindo muita gente desanimando e eu sou uma dessas que tá desanimando já, de tá participando dessas coisas. Aí vou esperar, se der alguma coisa bem, e se não der, não tem problema, não.

Das 32 cadernetas distribuídas, 18 Cadernetas foram preenchidas e possibilitaram fazer uma sistematização e análise sobre a renda obtida pelas mulheres atingidas com a produção agrícola. Esses dados são uma aproximação da realidade produtiva das mulheres e nos permite projetar suas produções e trabalho, bem como resgatar o que elas produziam antes do rompimento.

¹⁵ Acesso em 16 de março de 202: <<https://www.brasildefatomg.com.br/2022/01/20/lamas-do-rio-paraopeba-contaminadas-fazem-familias-relembrem-rompimento-da-barragem>>.

FIGURA 1 - CADERNETA AGROECOLÓGICA PREENCHIDA POR AGRICULTORA DO MUNICÍPIO DE ESMERALDAS

Qtd	Consumiu	RS	Qtd	Deu	RS	Qtd	Trocou	RS	Qtd	Vendeu	RS
01	Alface	2,00	02	colva	5,00	02	carne	5,00	01	carne	250
02	colva	5,00	02	cebolinha	4,00	01	Alface	3,00	02	Mangericão Roxo	4,00
02	cebolinha	4,00	02	Oreoponobis	2,00	02	Mangericão Roxo	4,00	02	cebolinha	4,00
02	salcinha	4,00	12	Jiló	6,00	12	ovos	12,00	01	Oreoponobis	1,00
02	Alhoporó	6,00	06	ovos	6,00	4kg	leite	12,00	1kg	Jiló	8,00
010	carne	18,00	01	Alhoporó	06	ovos	6,00	3kg	leite	6,00	
08	milhos	10,00	01	Mangericão	1kg	Acenda	4,00				
10	limões	9,00	01	hortelã	0kg	carne porco	12,00				
08	Jiló	8,00				1kg	Boi	3,00			
1kg	Quiabo	6,00				04	Mamão	6,00			
02	mostarda	5,00				01	Queijo	25,00			
02	gengibre	3,00				08	Abóbora				
02	Arroz	5,00									
01	doce leite	15,00									

Fonte: Equipe Técnica, 2021

Dados gerais e Resultados da análise

De acordo com Nara Pinilla (2019), em seu trabalho sobre a percepção que as mulheres têm sobre seus quintais no Sertão do Pajeú-PE, as agricultoras enxergam esses espaços como territórios “de vivência, dos encontros, das tarefas cotidianas, dos afetos, da beleza da vida, do alimento para os filhos, das flores que fazem a vida mais leve e mais bonita, das pequenas delicadezas” (PINILLA e OLIVEIRA, 2019, p. 132). É, ainda, no quintal onde há a possibilidade de estabelecer autonomia para essas mulheres, pois é onde elas encontram condições materiais de ressignificar seus trabalhos (PINILLA, 2019).

Por sempre ser visto como extensão da casa e, por efeito, do trabalho doméstico, o quintal não costuma ser reconhecido pelas famílias como espaço de produção; logo, também não é tido como objeto para ação de políticas públicas, como por exemplo, o assessoramento

técnico. Por isso, a proposta metodológica das Cadernetas Agroecológicas, ao destacar os quintais, os visibiliza como espaços importantes para a construção do bem viver, sendo a partir do cuidado com a família e a natureza que a mulher escolhe o que cultivar e como manejar, se demonstrando local de vida, de proteção da agrobiodiversidade, de soberania e segurança alimentar (JALIL et al., 2019).

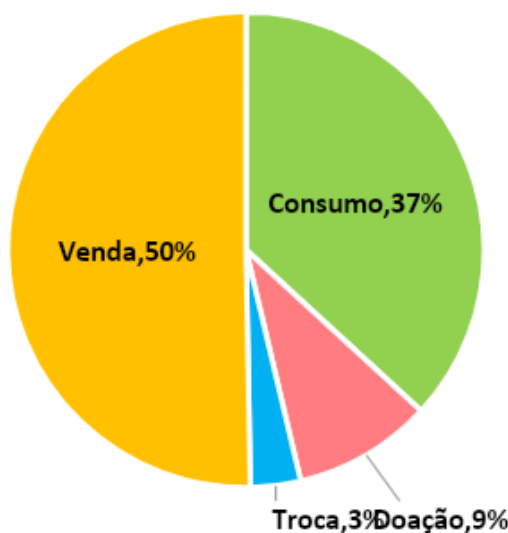
A **Tabela 1** mostra o valor total por relação econômica, das 18 mulheres, durante um mês de anotação.

TABELA 1 - VALOR TOTAL POR RELAÇÃO ECONÔMICA REFERENTE A 18 CADERNETAS

Relação econômica	Soma de Valor (R\$)
Consumo	R\$ 5.184.64
Doação	R\$ 1.330.75
Troca	R\$ 479.00
Venda	R\$ 7.076.80
Total Geral	R\$ 14.071.19

Se considerarmos todas as anotações nos três municípios, e o valor total por relação econômica, apenas 37% do valor total estão entre os produtos do consumo e 50% do valor anotado estão na coluna da venda, como pode ser visto no **gráfico 1**:

**GRÁFICO 1 - GRÁFICO DE PORCENTAGEM DO VALOR TOTAL POR
RELAÇÃO ECONÔMICA**



O **gráfico 1** mostra a análise contabilizando os valores dos produtos a partir do preço dos mercados; nesse caso, a venda se destaca por representar 50% do valor total por relação econômica. Esse ponto é importante para a reflexão de que, nos quintais, as mulheres produzem outros tipos de alimentos que não são vendidos ou possuem baixo valor no mercado, como hortaliças, plantas medicinais e as PANCS¹⁶.

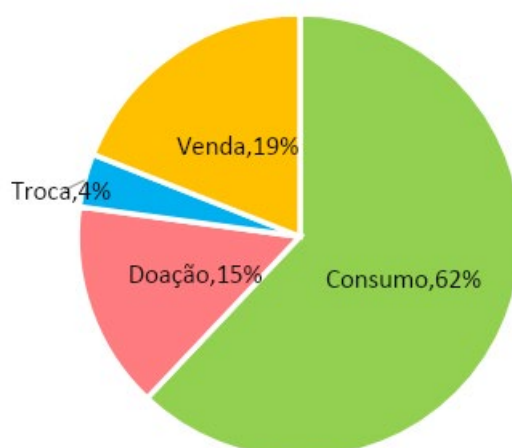
Embora a venda seja expressiva entre as anotações, o **gráfico 2** mostra que a maior parte das anotações foi na coluna do consumo, ou seja, parte significativa da produção das mulheres tem sido destinada para o autoconsumo, fundamental para a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional das famílias.

Segundo Neto (2015), em pesquisa realizada nos quintais da Zona da Mata Mineira, a produção para autoconsumo ainda é uma economia invisível negligenciada socialmente, assim como o trabalho das mulheres e os quintais que não são reconhecidos como espaços produtivos essenciais. Na perspectiva da Economia Feminista, valorizar essa produção “contribui para dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres e reconhece o trabalho não remunerado feito por elas como parte de um mecanismo que as oprime e explora” (NETO E LOPES, 2015 s/p).

¹⁶ Plantas alimentícias não convencionais - PANCS, são as plantas historicamente utilizadas por povos tradicionais, em sua maioria são nativas e espontâneas, não exigem adubação e são resistentes ao clima.

O **gráfico 2** apresenta a porcentagem das anotações nas Cadernetas Agroecológicas, em que se destacam as anotações da coluna do consumo, seguido da venda, doações e trocas.

**GRÁFICO 2 - GRÁFICO PORCENTAGEM DE ANOTAÇÕES POR
RELAÇÃO ECONÔMICA**



Pela quantidade de linhas anotadas, a coluna da venda representa apenas 19% do total, a doação, 15%, e a troca, 4%. As anotações na coluna do consumo permitem refletir sobre a importância da produção para a economia das famílias, bem como para a soberania alimentar, visto que 62% da produção é destinada para o autoconsumo.

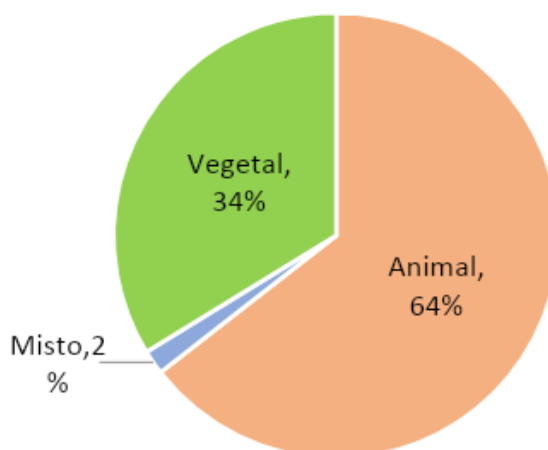
Faz-se necessário enfatizar as anotações destinadas ao autoconsumo, à troca e à doação dos quintais produtivos no contexto das mulheres atingidas, sobretudo porque, após o rompimento, sua cadeia produtiva é afetada em níveis que elevam a Insegurança Alimentar, impactam na diminuição da sociobiodiversidade e enfraquecem bruscamente as relações sociais nas comunidades.

A mesma comparação em relação ao valor de mercado e a quantidade de anotações pode ser feita analisando as anotações sobre os produtos de origem animal e origem vegetal, visto que ao observarmos a **tabela 2** e o **gráfico 3**, a maior parte do valor total são dos produtos de origem animal, sendo 64%, e 34% de produtos de origem vegetal. Entretanto, sabe-se que o valor agregado aos produtos de origem animal no mercado é maior em relação aos preços dos produtos vegetais, por isso, nota-se essa diferença.

TABELA 2 - VALOR TOTAL POR GRUPO DE PRODUTOS

Origem	Soma de Valor (R\$)
Animal	R\$ 9.072.39
Misto	R\$ 250.00
Vegetal	R\$ 4.748.80
Total Geral	R\$ 14.071.19

GRÁFICO 3 - PORCENTAGEM DO VALOR TOTAL POR ORIGEM DE PRODUTO

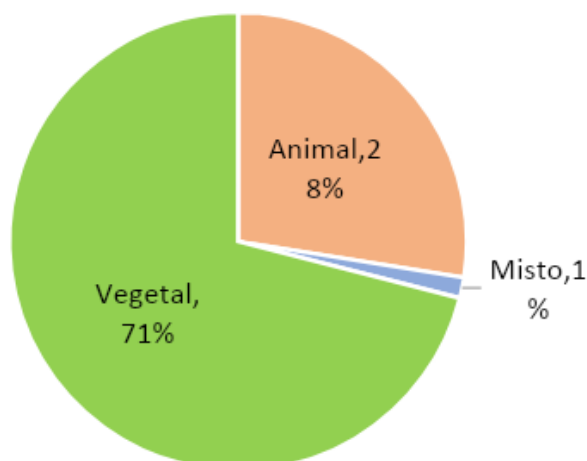


Ao analisarmos a quantidade de linhas anotadas, observamos que a maior parte é de produtos de origem vegetal, sendo 71% das anotações em todas as cadernetas. Os produtos de origem animal representam 8% das anotações e os produtos mistos (panificados e laticínios) remetem a 1% das anotações, como mostram a **tabela 3** e o **gráfico 4**.

TABELA 3 - QUANTIDADE DE LINHAS ANOTADAS TOTAIS POR ORIGEM DO PRODUTO

Origem	Linhas anotadas
Animal	248
Misto	13
Vegetal	640
Total Geral	901

Gráfico 4 - PORCENTAGEM DE ANOTAÇÕES TOTAIS POR ORIGEM DO PRODUTO



A produção vegetal para autoconsumo foi a mais significativa nos três municípios, o que fundamenta a reflexão sobre o trabalho das mulheres atingidas, que vêm garantindo o acesso à alimentação e à sobrevivência dessas famílias. Também podemos considerar que, no contexto do rompimento, toda essa produção tende a ser prejudicada por conta da contaminação da água, do solo e da sobrecarga de trabalho que tem afetado as condições das mulheres de se dedicarem aos manejos.

TABELA 4 - VALOR TOTAL DE TODOS OS ITENS ANOTADOS

Rótulos de Linha	Soma de Valor (R\$)	
Queijo	R\$	2.913.00
Galinha	R\$	2.095.00
Ovo	R\$	1.840.00
Frango	R\$	1.245.00
Manga	R\$	706.03
Acerola	R\$	631.00
Mandioca	R\$	311.38
Couve	R\$	269.10
Leite	R\$	246.65
Quiabo	R\$	246.00
Cebolinha	R\$	186.80
Pequi	R\$	155.00

Rótulos de Linha	Soma de Valor (R\$)	
Carne de porco	R\$	147.76
Frango caipira	R\$	135.00
Banana	R\$	131.50
Alface	R\$	126.50
Chuchu	R\$	121.10
Biscoito	R\$	119.00
Abóbora	R\$	104.50
Jiló	R\$	101.03
Carne	R\$	100.00
Galo	R\$	100.00
Polpa de acerola	R\$	92.00
Pimenta	R\$	90.00
Salsinha	R\$	81.00
Vinho de jabuticaba	R\$	80.00
Polpa de maracujá	R\$	80.00
Polpa de fruta	R\$	70.00
Galinha d'angola	R\$	70.00
Licor de jabuticaba	R\$	60.00
Peixe	R\$	60.00
Limão capeta	R\$	58.00
Couve-flor	R\$	57.00
Feijão	R\$	56.00
Farinha	R\$	55.00
Pão	R\$	50.00
Carne de boi	R\$	49.00
Amora	R\$	45.00
Goiabada	R\$	40.00
Linguiça	R\$	39.98
Laranja	R\$	39.10
Repolho	R\$	38.45
Polpa de morango	R\$	36.00
Polpa de abacaxi	R\$	35.00
Hortelã	R\$	33.00
Ovo caipira	R\$	31.00
Pêssego	R\$	30.60
Moranga	R\$	30.00
Doce de leite	R\$	29.00
Cenoura	R\$	28.39

Rótulos de Linha	Soma de Valor (R\$)	
Bolo	R\$	28.00
Alecrim	R\$	27.50
Capim limão	R\$	27.00
Limão	R\$	24.80
Limão Taiti	R\$	24.50
Beterraba	R\$	23.90
Milho	R\$	21.00
Pitanga	R\$	20.00
Almeirão	R\$	18.00
Alho-poró	R\$	17.00
Inhame	R\$	16.07
Ora Pro Nobis	R\$	16.00
Abacaxi	R\$	16.00
Jabuticaba	R\$	15.00
Café	R\$	15.00
Mostarda	R\$	15.00
Doce	R\$	14.00
Mamão	R\$	13.00
Tomate	R\$	12.98
Pimentão	R\$	12.86
Uva	R\$	12.50
Tomatinho	R\$	12.00
Bucha	R\$	11.00
Goiaba	R\$	11.00
Salsa	R\$	10.50
Bolo de laranja	R\$	10.00
Banana prata	R\$	10.00
Manjerição	R\$	10.00
Feijão fava	R\$	10.00
Morango	R\$	9.45
Taioba	R\$	8.00
Rabanete	R\$	7.00
Maçã	R\$	6.77
Arroz	R\$	6.00
Jambo	R\$	6.00
Maracujá	R\$	6.00
Maxixe	R\$	6.00
Brócolis	R\$	6.00

Rótulos de Linha	Soma de Valor (R\$)	
Cebola branca	R\$	4.90
Abobrinha	R\$	4.30
Manjerição roxo	R\$	4.00
Batata doce	R\$	3.94
Cebola roxa	R\$	3.75
Berinjela	R\$	3.50
Cebola	R\$	3.00
Gengibre	R\$	3.00
Cidreira	R\$	2.10
Babosa	R\$	2.00
Orégano	R\$	2.00
Açafrão	R\$	2.00
Hortelã-pimenta	R\$	2.00
Total Geral	R\$ 14.071.19	

A **tabela 4** mostra a diversidade de produtos anotados e complementa as reflexões sobre o impacto que o rompimento pode causar para a produção das mulheres nos quintais, visto que as anotações atuais revelam a riqueza de diversidade que ainda tem sido produzida e utilizada por elas para os diversos fins (consumo, venda, troca e doação), ao passo que existem indícios de contaminação provocados pelo rompimento, no solo e nas águas, toda essa diversidade tende a ser comprometida.

Das 18 cadernetas que chegaram ao final da anotação, apenas 11 agricultoras fizeram o retorno, estimando a produção que existia antes do rompimento. A **tabela 5** mostra as estimativas feitas pelas mulheres do quanto produziam antes do rompimento:

TABELA 5 - PERDAS ESTIMADAS

Código da agricultora	Soma de valor antes do desastre	Soma de valor atual	Perdas estimadas	Porcentagem de perdas
ES05	R\$ 670	R\$ 452,5	R\$ 244,5	67,54%
ES01	R\$ 719,25	R\$ 342,5	R\$ 376,75	60%
ES02	R\$ 823,86	R\$ 411,93	R\$ 411,93	50 %
ES03	R\$ 811,2	R\$ 405,6	R\$ 405,6	50%
FM04	RS 338,10	R\$ 161	R\$ 171, 1	47,6%
FM02	R\$ 90 reais	R\$ 70,5	R\$ 19,5	21,67 %

Código da agricultora	Soma de valor antes do desastre	Soma de valor atual	Perdas estimadas	Porcentagem de perdas
FM06	97,00	97,00	-	0%
FM07	1920,00	1920,00	-	0%
FM08	1922,4	640,8	1281,6	66,7%
PQ03	400,00	70,00	330,00	87,5%
PQ05	1542,00	771,00	771,00	50%

Na **tabela 5** é possível comparar as estimativas de produção anteriores ao rompimento da barragem. Com as sistematizações da produção do mês de dezembro de 2021 a janeiro de 2022, pode-se observar que as perdas na produção provocadas pelo rompimento da barragem foram em média maiores do que 50%, sendo que a maior perda foi de 67,54 e a menor foi de 21,67%, o que pode inviabilizar o sustento das famílias a partir das atividades agrícolas e de criação animal para o autoconsumo e para geração de renda.

O que as Cadernetas nos permitem conhecer

Existe uma alta diversidade nesses quintais que são manejadas pelas mulheres atingidas e que devem ser reconhecidos nos processos de reparação integral, visto que, como mostram os dados das cadernetas, são fundamentais para manutenção da vida de muitas famílias, com a produção de alimentos saudáveis. Também são locais de expressão do trabalho da mulher e de construção de sua autonomia, a partir, também, da geração de renda - quando se destinam a este fim, embora não se limite a isso.

As mulheres atingidas mantêm a produção nos quintais para garantir que a família tenha alimentos básicos e saudáveis para sua alimentação, ou sejam, elas trabalham com essa produção para garantir a segurança alimentar no âmbito familiar e comunitário. Essa produção se torna fundamental à medida que vão aumentando as inseguranças em relação às condições de sobrevivência, acesso a trabalho e renda, como também acesso aos bens comuns e aos recursos naturais (rio, água, mananciais, as matas e solo) e redução de renda e condições de compra nos mercados.

Por fim, a sistematização dos dados nos permite afirmar que as mulheres atingidas assumem um papel fundamental e são protagonistas no fortalecimento e preservação de tradições incrustadas nos tecidos sociais dos territórios. É a partir de seus trabalhos e práticas cotidianas que as relações de solidariedade e reciprocidade são vivenciadas e reafirmadas, como podemos ver nos dados em que 15% dos seus produtos se destinaram à doação.

Essa prática, muitas vezes invisibilidade e desvalorizada, é fundamental para manter as pessoas nos territórios, e demonstra que existem outras racionalidades presentes na vivência dessas mulheres e suas famílias. A doação é uma forma de dádiva e que demonstra a riqueza da produção, mas, sobretudo, os fortes elos de amizade entre as mulheres, suas famílias e a comunidade, que formam o tecido social do território.

O tecido social é composto pelas formas de ser, fazer e viver de uma comunidade. Quando a vida, a produção, a reprodução, a saúde, a cultura e o lazer são atingidos, é imperativo afirmar que o tecido social dessa coletividade foi potencialmente impactado. O rompimento da barragem em Brumadinho, por envolver diretamente essas distintas e interligadas dimensões, atingiu profundamente a coesão social indispensável à realização das atividades produtivas, reprodutivas, culturais, educacionais, sociais e de lazer, rompendo redes familiares, sociais e econômicas do território.

Nessa perspectiva, evidentemente, para as pessoas das comunidades atingidas, laços de amizade e de parentesco, relações de reciprocidade e de vizinhança e formação de associações e cooperativas foram sistematicamente desmantelados, de forma permanente ou temporária, de maneira que as pessoas daquele lugar já não possuem os mesmos vínculos e relações sociais construídas que possuíam até janeiro de 2019.

É certo, e isso deve ser sublinhado, que a pandemia da Covid-19 assume também responsabilidade sobre perdas de vínculos; o contexto de isolamento decorrente da pandemia para essas pessoas atingidas, contudo, somente intensificou danos que já compunham uma configuração social abruptamente afetada pela tragédia datada de 2019. Ambos os acontecimentos provocaram, com efeitos cumulativos, fortes alterações na reprodução do modo de vida específico das mulheres atingidas e suas famílias.

Propostas de continuidade dos trabalhos com as mulheres no âmbito da reparação

A continuidade do trabalho com as mulheres atingidas no âmbito da reparação de danos é relevante, sobretudo, porque dá visibilidade às muitas questões implicadas diretamente na vida das famílias atingidas pelo rompimento da barragem. Assim, nos dias 24 e 25 de março de 2022, ao final desta pesquisa, desenvolvemos, respectivamente, um encontro com as mulheres atingidas da Região 3 para discussão dos dados levantados durante a pesquisa e um encontro de capacitação interna com a equipe técnica do NACAB. Esses espaços, que ocorreram de forma remota, tiveram o objetivo de promover a devolutiva e reflexão coletiva dos dados levantados, bem como contribuir para a instrumentalização da equipe técnica da ATI para o trabalho específico com mulheres.

Em relação à capacitação da equipe técnica para executar uma ATI inclusiva, que considere e incorpore as demandas das mulheres, avaliamos que uma oficina online de duas horas e uma oficina presencial de quatro horas, oferecidas por esta consultoria, de acordo com o Plano de Trabalho acordado com o NACAB, são insuficientes. De acordo com o questionário respondido pela maioria da equipe, a maior parte dos técnicos e das técnicas do NACAB disseram não conhecer metodologias de trabalho com as mulheres e que necessitam de capacitação para isso, ao que propomos que haja um processo/programa de formação continuada em gênero/mulheres promovido pelo NACAB. Desta feita, destacamos algumas questões que subsidiam essa avaliação, bem como propostas de metodologias a serem utilizadas, caso haja interesse no desenvolvimento de trabalhos específicos com e para mulheres:

1. As principais violações sofridas por mulheres atingidas pelas barragens encontram-se no âmbito do trabalho, sobretudo quando são forçadas a se deslocar de seus territórios, causando o agravamento de sua vulnerabilidade social e econômica e a precarização de suas atividades (Ramos, 2014);
2. Embora os crimes socioambientais, como rompimento de barragens, provoquem um desmantelamento da economia como um todo, as mulheres, que já compõem uma parcela mais empobrecida da população, sofrem esses impactos de forma ainda mais intensa. O aumento da pobreza e diminuição de renda na vida das mulheres atingidas é algo gritante e corrobora para sua perda de autonomia;
3. O comprometimento da autonomia financeira e o consequente empobrecimento constituem uma frente de violação específica das mulheres, uma vez que a perda de atividades econômicas, principalmente no que se refere à gestão de quintais e às atividades ligadas às margens dos rios, as quais possibilitavam algum tipo de autonomia financeira, se tornam inviabilizadas no contexto pós-rompimento;

4. Como alternativa à perda de autonomia econômica, é possível que a prostituição e a exploração sexual dos corpos das mulheres tornem-se uma via, muitas vezes a única, de geração de renda a muitas delas, o que constitui uma outra dimensão dos danos socioeconômicos gerados em decorrência do rompimento;
5. No que diz respeito à exploração e à sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidados, o rompimento de barragens acarreta impactos e danos à saúde - mental, física e emocional - muito profundos à população atingida, em especial às mulheres. Mesmo assim, são estas as principais responsáveis pelo cuidado. Nos perguntamos: E quem cuida de quem cuida?;
6. É urgente ações no campo das políticas públicas e programas que tratem das mulheres atingidas como sujeitos diferenciados no processo de indenização. Não há, em nenhum município atingido, ações voltadas para este grupo;
7. As negociações de indenização constituem outro fator relevante às especificidades de mulheres, visto que, na maior parte das vezes, não detêm os títulos de propriedade das terras e/ou dos imóveis, documentos comprobatórios fundamentais para compensação de perdas e danos decorrentes do rompimento e, geralmente, sob titularidade dos homens. Essa é uma questão que as exclui dos processos de negociação e serem titulares diretas.

Assim, para dar continuidade ao trabalho, é necessário mobilizar metodologias participativas e de escuta e interação ativa, pois tornam possíveis a aquisição de dados que permitem “a análise do meio social dos/as entrevistados/as, bem como de experiências, narrativas e histórias: percursos pós-críticos nas pesquisas educacionais suas visões de mundo ou representações coletivas” (WELLER, 2006 *apud* LADEIRA; HERNECK; EUCLIDES, 2020).

De outro modo, o trabalho realizado de forma específica com as mulheres atingidas cria um espaço de reflexão no qual elas se sentem representadas e livres para expressarem suas demandas e ideias, sem os ruídos da presença masculina, quase sempre um elemento de censura e de inibição. Assim, as mulheres atingidas são vistas como sujeitos políticos e de direitos no que se refere ao reconhecimento pela sociedade, pela ATI e pelo estado, de serem indenizadas.

As mulheres atingidas são produtoras e detentoras de saberes que prescindem a lógica do mercado capitalista e sua relação predatória com a natureza, mas na maioria das vezes têm seu reconhecimento deslegitimado e são relegadas a espaços que não as possibilitam autonomia nas etapas de negociação e reparação.

Dessa forma, as metodologias experienciadas pela equipe do NACAB nesta consultoria, como o Balaio de Gênero, Caderneta Agroecológica, Mapa da Sociobiodiversidade e Rio da Vida, por exemplo, se colocam como ferramentas de campo de grande importância, ao permitir, dentre outros pontos:

- Subsidiar reflexões acerca dos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres e sobre as desigualdades resultantes dessas performatizações de gênero;
- Avaliar as distintas formas pelas quais desigualdades de gênero são construídas e socialmente fomentadas;
- Dar visibilidade ao conjunto de atividades realizadas pelas mulheres, que nem sempre se relacionam com o mercado, mas que dão sustentabilidade à vida humana (CARDOSO et al, 2019);
- Mensurar e visibilizar o trabalho das agricultoras, contribuindo, assim, com a sua autonomia;
- Valorar a produção muitas vezes invisível das mulheres para o autoconsumo das famílias, para a manutenção do tecido social das comunidades através das trocas e doações e para a venda de produtos na porta de casa, nas feiras, à domicílio, entre outros mercados informais;
- Reconstituir os agroecossistemas familiares e o lugar de trabalho/autonomia das mulheres rurais e identificar e reconhecer autonomia delas em cada espaço do agroecossistema;
- Aprofundar a compreensão sobre as relações de poder que se estabelecem nos distintos espaços pelos diferentes membros da família;
- Iluminar os espaços onde as mulheres constroem autonomia a partir do seu trabalho e produzem conhecimento, bens agrícolas, alimentos, plantas medicinais, frutas, árvores nativas, sementes, animais e bens culturais;

Dessa maneira, entendemos a necessidade de um trabalho contínuo, uma equipe com capacidade de uma escuta sensível e com metodologias que permitam a participação de distintos grupos de mulheres atingidas. Quando as mulheres se unem, fortalecem a narrativa coletiva sobre o evento e se fortalecem individualmente. Outro importante fator é o contexto no qual cada mulher atingida e cada comunidade está inserida, os traços culturais e econômicos de cada espaço, pois são sinais da forma de entrada e articulação em diferentes locais da Região 3.

A consultoria trabalhou com três metodologias que são passíveis do uso contínuo, a partir do acompanhamento e oficinas temáticas com as mulheres atingidas. As metodologias utilizadas, conforme extensamente discutido e explicitado ao longo dessa pesquisa, foram o Balaio de Gênero - com a equipe técnica, o Rio da Vida, o Mapa da Sociobiodiversidade e a Caderneta Agroecológica - com as mulheres atingidas. A seguir, retomaremos cada uma delas com enfoque no trabalho a médio e longo prazo.

O Balaio de Gênero consiste em uma metodologia com as participantes posicionadas em roda e alguns objetos são postos ao centro, sem que haja discussão prévia a respeito do que representam. Objetos como vassoura, chave de carro, ferramentas, cartão de crédito, batom, enfim, objetos que se relacionem com os universos masculino e feminino suscitam o interesse das pessoas participantes, as quais são convidadas, em seguida, a colocar um objeto em um dos dois balaio, sendo que os balaio são identificados: um, como "homem", e outro, "mulher".

A proposta é que cada participante escolha um objeto e direcione ao balaio que julgar correspondente. Depois de todos os objetos direcionados, a equipe responsável por conduzir a atividade retoma cada um dos objetos, perguntando a razão de terem posto neste ou naquele balaio. Ao final, os próprios objetos, bem como sua correspondência aos balaio "homem" e "mulher" e a razão pela qual foram escolhidos promovem subsídios para a discussão sobre os papéis de gênero e as injustas divisões sexuais do trabalho.

A oficina do Balaio de Gênero pode ser utilizada no contexto de sensibilização coletiva das mulheres atingidas nas comunidades, no decorrer da dinâmica, com a percepção da diferença estabelecida a partir de papéis sociais a equipe reforça para as mulheres atingidas porque é importante o grupo só de mulheres no processo de reparação de danos.

Vale ressaltar que mesmo nas comunidades onde as mulheres têm essa percepção das desigualdades de gênero e a necessidade do olhar distinto no momento da reparação, o senso de coletividade entre elas é reforçado na discussão e de maneira conjunta. Assim, as próprias participantes já apontam outros possíveis temas para aprofundar e trabalhar, como por exemplo: sobrecarga de trabalho, violência, falta de autonomia, geração de renda etc.

O Mapa da Sociobiodiversidade é um instrumento que permite reconstituir os agroecossistemas familiares e o lugar de trabalho/autonomia das mulheres rurais antes do desastre, a partir do olhar e percepção das mulheres, incluindo os lugares de trabalho e autonomia das mulheres rurais nas unidades de produção (CARDOSO et al, 2019). Permite visualizar a distribuição espacial dos diferentes elementos que compunham e compõem a propriedade ou unidade de produção da família e as interrelações estabelecidas por cada membro com o espaço social.

A utilização do Mapa como instrumento metodológico possibilita a identificação da área denominada como quintal pelas mulheres. A partir de um mapa detalhado de todos os subsistemas de produção e de toda a biodiversidade que havia e que há nas unidades produtivas - representando todos os lugares onde acontecia e acontece a produção para o autoconsumo, troca, doação e comercialização, e tudo o que era ou é produzido, cultivado, incluindo os animais de criação e estimação – é possível identificar os danos causados pelo rompimento da barragem na amostra, pois a metodologia considera o marco temporal do

desastre, podendo-se comparar o que se fazia antes e o que se faz depois do rompimento da barragem.

A aplicação do Mapa em outras comunidades reforça a narrativa das mulheres atingidas a partir da reflexão coletiva dos mapas. Também permite uma comprovação a partir da memória representada do espaço de trabalho e vida de cada uma. Como a representação é imagética e ocorre em diferentes contextos de aplicação, ela proporciona uma discussão sobre diversos danos, como na saúde coletiva familiar, impacto na Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, perda de espaços de lazer etc. A partir do Mapa, pode-se discutir desde a perspectiva produtiva do espaço até as relações sociais e de poder estabelecidas nele.

Já o Rio da Vida é uma ferramenta metodológica utilizada em pesquisas qualitativas e participantes e tem sido aplicada em trabalhos cuja compreensão das trajetórias de vida dos sujeitos se fazem fundamentais, sobretudo com grupos e pesquisas que envolvam mulheres. O Rio da Vida possibilita a reflexão coletiva sobre temas que foram vivenciados, ao longo do tempo, no contexto de um grupo, comunidade ou região.

É uma metodologia que permite comparar e avaliar mudanças na comunidade, assim como identificar a origem de tais mudanças. As mulheres são estimuladas, a partir do método “grupo de discussão”, a registrar, na forma de um rio, eventos e acontecimentos importantes que o grupo identifica como motivadores ou como obstáculos. O Rio da Vida também possibilita partir de diferentes questões geradoras e marcos temporais.

Por fim, a Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico criado, com base na Economia Feminista. O instrumento foi elaborado em um formato para que as agricultoras possam pendurar na parede, de modo que ele fique sempre visível. A partir dos dados anotados nas Cadernetas, é possível quantificar a contribuição da produção das mulheres na economia da família mês a mês. Além disso, é possível elaborar um inventário parcial das espécies cultivadas pelas agricultoras e dos produtos produzidos por elas.

O objetivo da Caderneta, nessa etapa do trabalho, é monitorar a produção das mulheres (que permanecem produzindo) durante o período de um mês, para que elas tenham dimensão de qual o valor, quase sempre ignorado por elas, da sua produção atual e, a partir desta informação, estimular as mulheres a simularem o que era produzido antes do rompimento. Dessa forma, será possível estimar os danos nos espaços de domínio das mulheres nas unidades da agricultura familiar e agricultura urbana, incluindo produção agrícola, produção animal, artesanatos e beneficiamento.

A breve aplicação das Cadernetas Agroecológicas, em um pequeno grupo, permite apontamentos sobre a diferença na produção. Na maioria das vezes, a anotação ocorre no mínimo por um ano, em função da sazonalidade da produção e colheita. A anotação ao longo de um ano permite maior exatidão sobre os dados e possibilita momentos coletivos entre as

mulheres - que é o momento de animação para a anotação – em que poderão ser aplicadas outras metodologias, aprofundamentos de temas importantes e construção conjunta de estratégias.

Para além das metodologias trabalhadas na consultoria, existem outras metodologias participativas e de educação popular que podem ser aplicadas em oficinas nas comunidades, permitindo aprofundar sobre questões específicas ou de forma coletiva. A seguir apresentamos algumas metodologias sugeridas a serem aplicadas pela equipe técnica do NACAB:

1. Intercâmbios Agroecológicos:

Os intercâmbios ocorrem em uma propriedade da família, nos territórios camponeses e podem ser compreendidos em 10 passos (ZANELLI et al., 2105): 1) mobilização; 2) mística de abertura; 3) apresentação dos participantes; 4) história da família/comunidade; 5) caminhada pela propriedade e ou oficinas; 6) socialização das observações feitas durante a caminhada, utilizando círculo de cultura; 7) trocas de sementes e mudas; 8) informes e encaminhamentos; 9) merenda agroecológica e 10) mística de encerramento (ZANELLI, F. V. et al., 2015).

Os intercâmbios ocorrem no contexto de trocas agroecológicas, mas no contexto da reparação de danos pode dar visibilidade a uma experiência positiva de resistência, sensibilizando outros participantes a fazerem o mesmo, ou permitir espaços de solução de problemas de maneira coletiva, ou criar possibilidades de mulheres atingidas que os impactos foram distintos se enxergarem a fortalecerem a luta coletiva etc.

2. Círculos de Cultura (FREIRE, 1997), método criado por Paulo Freire baseando-se na construção do conhecimento por meio do diálogo. Os fundamentos do Círculo de Cultura são: o diálogo, a participação, o respeito ao outro, ao trabalho em grupo, a dinâmica de uma construção contínua. Assim, os Círculos de Cultura são espaços nos quais se ensina e se aprende. Espaços em que a preocupação não é simplesmente transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de construção do conhecimento de forma coletiva, através das experiências vividas.

Irene Cardoso, professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV): 1. Sente-se em círculo; 2. Faça uma pergunta aos participantes. (...); 3. Em uma tarjeta, cada um escreve em letra bem grande e com pincel (para que seja visível) a primeira palavra que vem no pensamento ao ouvir a questão. (...) (Alternativamente as palavras podem ser escritas no quadro ou em uma folha de papel grande); 4. Colete todos os papéis e coloque-os em um lugar visível, na ordem em que foram coletados (por exemplo, pode dispô-los no chão); 5. Uma a uma, as pessoas explicam porque mencionaram aquela palavra; 6. Após uma pessoa começar, as outras podem levantar a mão e solicitar a vez para explicar sua palavra, caso pense que há conexão com a palavra dita pelo outro. Caso ninguém levante a mão, o círculo continua; 7. O facilitador procura fazer as ligações entre as palavras e sistematizar o pensamento, mas sem interferir muito; 8. Após todos explicarem suas palavras, o trabalho pode continuar, na forma de trabalho em grupo, leituras de textos, ou qualquer outra alternativa; 9. Caso o grupo seja muito grande, pode-se dividir em pequenos grupos, mas daí com vários facilitadores.

Alternativamente, pode-se fazer um grupo no centro, com 10 pessoas. Se há tempo, deixe uma cadeira vazia no centro, e quem sentir vontade senta-se na cadeira, escreve ou diz uma palavra e explica a palavra escrita ou dita. Obs: Ao invés de uma palavra pode-se usar também um desenho ou objeto. Por exemplo, ao fazer uma caminhada pela propriedade, cada um coleta um objeto e apresenta no círculo (BIAZOT, A. et al, 2017).

O Círculo de Cultura é uma metodologia útil e viável para diversos momentos; uma de suas características mais importantes consiste em permitir que todas as mulheres atingidas participantes da oficina falem, permitindo que a diversidade do espaço emerga. O círculo de cultura pode ser uma forma de iniciar uma roda de conversa, quebrar o gelo, construir percepções e estratégias etc.

3. Mesa da partilha: a proposta é que, em cada encontro, as mulheres levem algo de sua produção (culinária, artesanato, plantas, entre outros) para partilhar com uma ou mais mulheres do grupo; em seguida, cada uma apresenta ao grupo a forma de produção e a importância de tal produto. Essa é uma forma de envolver ainda mais as mulheres e torná-las protagonistas do processo.
4. Dinâmica de Apresentação e Levantamento de Expectativas e Avaliação: é uma metodologia importante para construir e direcionar o trabalho da equipe técnica e pode ocorrer da seguinte forma:

Pedir às mulheres que escrevam, em tarjetas, uma expectativa sobre a oficina. Uma palavra, se possível, para expressar algo que elas esperam da oficina ou algum sentimento que queiram compartilhar sobre a oficina.

Dar um prazo de até 5 minutos para isso, ou até que todas escrevam. Elas podem ajudar aquelas que estão tendo dificuldades para escrever ou se expressar.

É preciso ter sensibilidade para insistir, mas não insistir muito, caso alguma mulher não queira fazer. É importante incentivar que elas façam, sem, contudo, constrangê-las.

Depois de todas as tarjetas prontas, pedir para que elas se apresentem, dizendo o nome, comunidade (se necessário) e apresentem a sua tarjeta com sua expectativa.

Colocar as tarjetas em um papel do tipo cartaz, em um quadro ou painel e deixar exposto em algum lugar do local da reunião.

Ao final da oficina, quem estiver coordenando a atividade, apresenta o cartaz, relê as tarjetas e pergunta às mulheres se as expectativas foram alcançadas. Se elas tiverem vergonha de falar, pode ser proposto que elas escrevam outra tarjeta ou escrevam no verso da tarjeta usada para expectativa. Colar novamente no cartaz e apresentar a avaliação ou sentimento

expresso nas tarjetas de todas, coletivamente, sem identificar quem escreveu qual, a não ser que elas se identifiquem.

Além das metodologias propostas, deixamos como sugestão o “Caderno de Metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico”¹⁷, construído a partir de um mutirão de escrita, em que um grupo sistematizou experiências e metodologias utilizadas para a construção coletiva do conhecimento. Muitas dessas metodologias foram e podem ser adaptadas ao contexto, com um recorte de gênero específico, o que permite um trabalho comprometido com as mulheres atingidas.

A experiência do projeto/processo “ATER Feminismo e Agroecologia”, desenvolvido pela UFRPE, em Parceria com o extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), também é uma sugestão importante, uma vez que parte de metodologias com enfoque na pedagogia feminista, propondo um trabalho de assessoria técnica, junto às mulheres, por meio de grupos focais e cartografia feminista, entre outras, que potencializam discussões sobre a violência, divisão sexual do trabalho e a necessidade de uma assistência técnica contextualizada à realidade das mulheres.

Após o apontamento de alguns possíveis caminhos metodológicos para o trabalho com mulheres atingidas, é importante reforçar que os principais fatores que resultam em um trabalho de qualidade são o comprometimento com a realidade das mulheres atingidas, a construção de confiança, o protagonismo das mulheres em todo processo, a sensibilidade da entrada e reconhecimento do lugar, o respeito às rotinas de trabalho e à vida (trabalhos de reprodução e produtivos).

Sugerimos, ainda, um planejamento comum entre representantes das diferentes comissões interligadas com o planejamento nas comunidades. É possível fazer, primeiramente, espaços localizados nas comunidades, levantando demandas, apontamentos e impressões das mulheres atingidas. Nesse mesmo momento, é importante apontar mulheres “antenas” que serão responsáveis por manter o contato entre a comunidade, o NACAB e o grupo ampliado de mulheres. Após esse primeiro momento na comunidade, é possível fazer um encontro entre essas mulheres “antenas” de diferentes comunidades, a fim de consolidar um planejamento estratégico comum, sem anular trabalhos específicos em cada comunidade. A partir de então, é possível a construção de um cronograma semestral ou anual com oficinas específicas e ampliadas, utilizando-se das metodologias propostas acima para suprir as necessidades das mulheres atingidas nas comunidades e fortalecer o processo de ATI do NACAB.

¹⁷ Desenvolvido pela Associação Brasileira de Agroecologia -ABA. Disponível em: https://www.dropbox.com/sh/r80ko6cc6nvuxsn/AABimd_q0wZJca4dgAGfmsDa?dl=0

Quadro de sistematização dos principais danos vivenciados pelas mulheres atingidas

O rompimento da barragem da Vale S.A., no Córrego do Feijão, em Brumadinho, afetou profundamente os modos de vida das populações ao longo da Bacia do Rio Paraopeba. Os danos e os impactos às mulheres atingidas e suas famílias são diversos, difusos e complexos, o que nos possibilita afirmar que suas vidas foram profundamente alteradas e que os traumas, certamente, não cessaram até o presente momento. Com isso, urge a necessidade de evidenciar o processo de revitimização ao qual as mulheres atingidas estão submetidas nas etapas de reparação. De forma sistemática, apresentamos os principais danos materiais e imateriais apontados pelas mulheres atingidas ao longo da pesquisa:

QUADRO 4 - SISTEMATIZAÇÃO DOS DANOS LEVANTADOS PELAS MULHERES

DANOS MATERIAIS	DANOS IMATERIAIS
Aumento de gastos com a compra de medicação da qual não necessitavam antes	Danos à saúde física, mental e espiritual
Aumento das despesas domésticas, em especial com alimentação e material de limpeza	Aumento da violência doméstica
Perda da qualidade de vida da qual usufruíam, gerando dívidas com aluguel, faculdade, banco, cartões de crédito etc.	Sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados
Perda de estoques de produtos, seja pela dificuldade de escoamento, seja pela perecibilidade dos alimentos	Perda de Lazer e cultura

DANOS MATERIAIS	DANOS IMATERIAIS
Água do Rio Paraopeba está imprópria para o consumo humano, incluindo poços perfurados a menos de 100 metros do rio	Danos à soberania e segurança alimentar, perdas nutritivas e energéticas fundamentais para o bom desenvolvimento humano, sobretudo para crianças
Mudanças na aparência e no cheiro da água. Interrupção do uso nas lavouras e hortas; do abastecimento de casas e da atividade pesqueira	Baixa autoestima
Poluição dos solos	Adoecimento mental, ansiedade, depressão
Morte de animais, plantas e perda de agrobiodiversidade	Preocupação das mulheres com o futuro da família, em especial os jovens e à forma como essa nova realidade impactou suas vidas e o contato com a terra e com o rio
Morte de peixes, principal proteína consumida pelas populações	Insegurança quanto ao futuro
Perda de Trabalho e diminuição da renda	Perda de autonomia e de liberdade
Migração de jovens e homens	Esfacelamento do tecido social nos territórios
Empobrecimento e endividamento	Desinformação. A Vale não faz ou não retorna com os testes de qualidade da água

DANOS MATERIAIS	DANOS IMATERIAIS
Desvalorização dos imóveis	Estigma social por ser atingida e da comunidade
Aumento do desemprego	Impacto nas relações comunitárias (perda de espaços de lazer/socialização, morte de pessoas próximas, perda de hortas coletivas, fim das festas da cidade)
Aumento do consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas pelos maridos/companheiros e filhos	Isolamento das famílias e perda da socialização. <i>“Antes o Rio juntava, hoje ele afasta”</i>
Economia e dinâmicas produtivas locais destruídas, tais como: comércio, a costura de capangas para minhocas, faxina nas casas de veraneio, aluguel de casas e turismo etc.	
Parcela significativa das mulheres atingidas acima dos 45 anos com grande dificuldade para ingressar no mercado de trabalho novamente.	
Endividamento das famílias chacareiras e ou sitiante com empréstimos adquiridos antes do rompimento	

Considerações gerais sobre danos causados às mulheres atingidas na Região 3

É recorrente em diferentes estudos - Siliprandi, Emma (2009), Carrasco, Cristina (2003) - a assertiva de que as mulheres, por terem uma socialização voltada para o coletivo, desenvolvem uma capacidade específica de compreender e captar de forma holística o ambiente em que vivem e as situações que experimentam. É isso que faz com que elas tenham uma narrativa muito coerente que reúne a perspectiva do indivíduo e suas circunstâncias. Nesse processo, elas têm, também, um papel decisivo na adoção de soluções capazes de amenizar ou superar os problemas de suas famílias e comunidades.

Longe de ser apenas um grupo estigmatizado e afetado pelos danos, as mulheres são parte crucial da solução e superação nas crises, e nesse caso, dos problemas ocasionados pelo rompimento das barragens. Dar espaço às subjetividades das mulheres, a partir de uma escuta ativa e cuidadosa, e no desenvolvimento da metodologia proposta foi fundamental. Para uma escuta sensível e eficiente contamos com uma equipe multidisciplinar, reunindo profissionais das ciências agrárias, das ciências sociais e da análise de discurso, com experiência no trabalho e pesquisa com mulheres agricultoras. Segundo Neves e Nogueira (2005):

As metodologias feministas têm trazido nos últimos anos novas possibilidades para o estudo das dinâmicas sociais. Um dos principais pontos que as metodologias feministas têm ressaltado é a responsabilidade do/a pesquisador/a no trabalho científico, ou seja, a necessidade da adoção de uma postura reflexiva tanto durante o processo de pesquisa quanto às implicações dos resultados da sua investigação. As metodologias de caráter feminista têm resgatado o valor da crítica e da reflexão na avaliação dos efeitos da dimensão social e relacional na produção dos discursos científicos.

Assim, conseguimos incluir questões subjetivas dos danos na região apontadas pelas mulheres, como aumento de doenças, aumento do trabalho doméstico e de cuidados, da violência, da insegurança alimentar e fome, e o medo e insegurança em vários sentidos, como o medo de não receber água; medo de consumir produtos contaminados; medo dos impactos na saúde que ainda podem aparecer; de não ter o que dar para os filhos e família comerem; medo do futuro. Estas foram questões/dimensões reconhecidas e sistematizadas, que são fundamentais para complexificar os processos de indenização.

Assim, a pesquisa realizada nos permitiu reconhecer que as mulheres ampliaram a caracterização de danos quando trouxeram as questões relacionadas ao adoecimento emocional, mental e físico nas famílias, decorrentes do rompimento da barragem, que impactam na produção, já que a mão de obra destas unidades de produção agrícola é familiar. Garantir o olhar das mulheres sobre os danos materiais e imateriais leva à análise de como o rompimento atingiu a vida não só das mulheres, mas de toda a comunidade.

Questões ambientais, emocionais, políticas, econômicas, territoriais, perdas de sentido de viver naquele território, impactos psicológicos, impactos no trabalho dos cuidados e na

relação que as mulheres têm com esses territórios, são mandatórias para a aproximação de soluções justas, uma vez que, ainda que inviabilizadas, o olhar e as contribuições das mulheres atingidas são fundamentais para o desenvolvimento desses territórios e para uma reparação de danos mais justa. Outra questão é buscar fortalecer as estratégias e soluções encontradas pelas mulheres no enfrentamento aos megaprojetos e na proposição de soluções para minimizar os impactos.

A contaminação do rio Paraopeba, dos seus afluentes, dos solos e do lençol freático, condenando as fontes de água utilizadas pelas famílias agricultoras atingidas, causando perdas ou necessidade de total abandono da produção, requer uma reparação imediata. O rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão causou a redução de água para consumo e produção nos quintais, a necessidade de confinamento dos animais, morte das plantas e animais, perda da diversidade produtiva, estigmatização da produção local, perda das hortas domésticas e coletivas, aumento das despesas com animais, aumento dos gastos com alimentação, morte de peixes do rio (que antes faziam parte da dieta alimentar das famílias), perda da água das cisternas.

É necessário o reconhecimento político das mulheres como atingidas, com os mesmos direitos que os homens têm tido no diálogo com o poder judiciário e a Vale S.A. No processo de levantamento de danos para as mulheres atingidas, reafirmamos a importância da escuta ativa e cuidadosa, pois sem assegurar estes espaços, muitos dos danos sequer seriam relatados, devido à divisão sexual do trabalho nos contextos familiares e ao não reconhecimento das mulheres como produtoras de alimentos e guardiãs da biodiversidade. De acordo com Rody e Oliveira (2021),

somente quando mulheres se reconhecem protagonistas de si mesmas e de um trabalho de absoluta importância para a economia, a segurança e soberania alimentar dos seus e de suas comunidades e municípios que elas se reconhecem, também, protagonistas de mudanças sociais, políticas e discursivas. Fortalecer os debates sobre a importância desse trabalho para a sociedade potencializa essas mulheres para a disputa de narrativas e de espaços histórica e majoritariamente masculinos (p.198).

Dessa forma, é urgente que haja diálogos específicos do Poder Judiciário e a Vale S.A. com comissões de mulheres atingidas, para que se garanta a participação delas nas decisões sobre a reparação de danos às famílias. É inadmissível que estas mulheres, que foram as mais atingidas nesta tragédia, ainda precisem lutar contra as violências patriarcais e machistas no processo de reparação de danos.

A partir da pesquisa, o contexto demonstrado pelo recorte de gênero aponta, por um lado, para a diminuição na vida social dos homens, e, por outro, para a ampliação na rotina das mulheres, com o aumento da quantidade e da intensidade dos trabalhos domésticos. Os relatos manifestam que os trabalhos com os cuidados das casas aumentaram intensamente,

devido à maior permanência das pessoas em casa e devido ao adoecimento das pessoas, psíquico e/ou físico, tanto em função da contaminação direta e indireta quanto pelas dificuldades em acessar alimentos e água saudáveis.

Foi possível observar, por meio da análise da dinâmica do Mapa da Sociobiodiversidade e do Rio da Vida, o que aconteceu nas comunidades e quão penosas têm sido as mudanças impostas pelo rompimento da barragem à vida das mulheres. As entrevistas também confirmam que recaem sobre elas, em particular, o aumento dos trabalhos domésticos e a ampliação das dificuldades de suprir as necessidades cotidianas do grupo familiar. Ainda é delas a responsabilidade de cuidar dos doentes, dos idosos, das crianças e dos animais que contribuem diretamente para subsistência de todos.

Foram recorrentes, ainda, os relatos indicando que o movimento proporcionado pelo turismo promovia a felicidade das mulheres atingidas, pois tinham o turismo como uma oportunidade fácil de inserção nos espaços e, assim, acesso à renda, pois trabalhavam fornecendo serviços aos finais de semana. Outra questão é que, a partir do fluxo de pessoas, ampliavam seu leque de conhecidos e sempre estabeleciam contatos com pessoas novas, vendiam quentinhas (refeições preparadas com alimentos do quintal), lanches, frutas, quitandas, geleias, dentre outros produtos. Depois do rompimento, o impacto sobre o turismo cessou com todas essas atividades. Assim, o espaço de socialização também foi perdido, gerando um enorme prejuízo financeiro e emocional às atingidas e suas famílias.

As mulheres relataram que, antes do rompimento da barragem, pessoas de fora iam à comunidade para pescar, acampar, fazer churrasco, e que todos os eventos de turismo ocorriam por causa do rio. A comunidade vendia diversos produtos para os turistas, vendiam comida preparada com os produtos dos quintais (um dos pratos que mais vendiam era galinha com quiabo), doces, bebidas e frutas. Depois do rompimento, o movimento acabou.

É urgente que se garanta às mulheres atingidas e suas famílias a infraestrutura de produção e comercialização, o acesso à água de qualidade e em abundância e a melhoria do acesso à alimentação saudável e de qualidade para as famílias - desde uma perspectiva agroecológica e de combate à fome -, assim como é urgente a retomada das ações de ATI (Assessoria Técnica Independente) com perspectiva de gênero, com linhas de fomento às lavouras e aos quintais produtivos, acesso a mercado, a políticas de fomento e crédito, criação de novos espaços de geração de renda, cursos de capacitação e desenvolvimento de novos aprendizados a partir dos desejos das mulheres atingidas, benefícios específicos para as mulheres idosas, apoio para permanência de jovens nos territórios com bolsas de estudos integral nas universidades e escolas da região. Essas são ações fundamentais desde já, sob o risco de se intensificarem ainda mais os danos já causados pelo rompimento da barragem.

Ressaltamos que o projeto de vida de uma pessoa não se refere apenas a fatores econômicos, mas a uma procura do indivíduo por realização pessoal, profissional e familiar. Passa pelo

fortalecimento anímico, emocional, espiritual e afetivo dos indivíduos, deles em família e das famílias em comunidades. É natural do ser humano fazer projetos e sonhar, construir desejos e planos e projetar o futuro. Isso pode ser traduzido de várias formas, como planejar construir ou reformar uma casa, desejar fazer uma viagem, aumentar a produção, se inserir em novos mercados, ter uma filha ou um filho na universidade e desejar um futuro melhor para as/os filhas/os e familiares. A interrupção desses projetos de forma abrupta, como em função do rompimento da barragem, marcou a vida das mulheres atingidas e suas famílias de forma inquestionável.

A metodologia utilizada nos possibilita afirmar que o olhar das mulheres sobre os danos é mais amplo. As mulheres trouxeram como danos muitas questões relacionadas à saúde, cuidados, adoecimento emocional, mental, físico que impactam na produção, já que a mão de obra é familiar. Assim, o medo, a depressão, a depressão entre crianças, o entristecimento da comunidade, a perda do lazer, do espaço coletivo, a perda e/ou diminuição da perspectiva de futuro também devem ser considerados danos às vidas das mulheres, que também lutam pelo reconhecimento político de serem reconhecidas como atingidas. Na luta contra os megaprojetos, elas ainda precisam lutar contra as violências estruturalmente assentadas sobre o patriarcado.

A escuta das mulheres ampliou o levantamento dos danos, nos fazendo perceber que as perdas das famílias agricultoras atingidas vão muito além da produção condenada pela contaminação do solo e dos mananciais de água, com os metais pesados dos rejeitos da mineração. O estigma sobre a produção agrícola da região que impede a comercialização dos produtos, o adoecimento físico e mental dos membros da família, diminuindo a mão de obra disponível para a produção e os medos e incertezas em relação ao futuro.

Todos esses pontos apresentados são elementos importantes para a reafirmação da necessidade de se investir em novas metodologias. Este é um caminho possível de ser percorrido. Apostamos nesses caminhos epistêmicos da pedagogia feminista e nessas ferramentas metodológicas pelo seu caráter participativo (do escutar, sentir, vivenciar e refletir coletivamente), que possibilitam alcançar uma comunicação reflexiva entre todas e o poder de enunciar os saberes localizados das mulheres a partir de suas realidades, de seus corpo-territórios.

Reconhecer os danos a partir e com as mulheres atingidas é, também, um processo político de resistência e nos possibilitou visibilizar e reconhecer que são elas um dos principais sujeitos no processo de luta e resistência por justiça social e ambiental; sem elas, esse processo é incompleto.

Referências:

ALIMONDA, Héctor. Una introducción a la ecología política latinoamericana. In Ramón Grosfoguel y Roberto Almanza Hernández (eds.), Lugares descoloniales – Espacios de intervención en las Américas, Bogotá: Editorial de la Pontificia Universidad Javeriana, 2012, p. 59-94.

ALMEIDA, Amanda Barretta. Barragens no Contexto Quilombola Identidade, Luta e Modernização O caso dos Quilombos do Vale do Ribeira - SP.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARRUTI, José Maurício. Problemas e entraves no reconhecimento e titulação de territórios quilombolas. In CUNHA, M. Carneiro da; MAGALHÃES, S.; ADAMS, C. Seção 3. Dificuldades na Efetivação dos Direitos Territoriais. In: Povos tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC, 2021, P. 33-48. Disponível em <<http://portal.sbpcnet.org.br/livro/povostradicionais3.pdf>>. Acesso em nov. de 2021.

BLAZOTI, André; ALMEIDA, Natália; TAVARES, Patrícia. **Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico.** s.l]: Aba, 2017.

BRASIL DE FATO. Atacados por empresas, esquecidos pelo poder público: a vida quilombola em Minas. Disponível em <<https://www.brasildefatomg.com.br/2021/02/19/atacados-por-empresas-esquecidos-pelo-poder-publico-a-vida-quilombola-em-minas>>. Acesso em mar. de 2021

CABNAL, Lorena. “Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala”. In. ACSUR-Las Segovias. Feminismos diversos: el feminismo comunitario. 2010. pp. 11-25.

CARDOSO, Elisabeth et al. **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: FIDA, 2019.

CARRASCO, Cristina. La sostenibilidad de la vida humana: ¿un asunto de mujeres?. **Utopías, nuestra bandera**, *Revista de debate político*, v. 195, p. 151-173, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade*. Boitempo, 2021.

CORBO, Anamaria; ROSSATO, Alexania; NESPOLI, Grasielle. Educação popular, direitos e participação social: bordando a saúde das mulheres atingidas por barragens. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. 79 p.

CUNHA, Manuela Carneiro da; PIMENTEL, Spensy. Direitos Coletivos versus Direitos individuais. In CUNHA, M. Carneiro da; MAGALHÃES, S.; ADAMS, C. Seção 3. Dificuldades na Efetivação dos Direitos Territoriais. In: Povos tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC, 2021, P. 33-48. Disponível em <<http://portal.sbpnet.org.br/livro/povostradicionais3.pdf>>. Acesso em nov. de 2021.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo : Boitempo, 2016.

FIRPO, Marcelo *et al.* *Mapa de Conflitos: Injustiça ambiental e Saúde no Brasil*. Neepes /

ENSP / Fiocruz, 2019. Disponível em <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/equipe/>>. Acesso em mar. 2022.

FONSECA, Maria.; BIANCHINI, Paola. **Conservação local e uso a agrobiodiversidade vegetal**. In: MELO, R. F.; VOLTOLINI, T. V. (Org.). Agricultura familiar dependente de chuva no Semiárido. Brasília, DF: Embrapa, 2019.p. 129 - 171.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Gilmar Fialho de; OLIVEIRA, M. L. R.; SOUZA, D. R. N. Transformações ocorridas na vida de atingidos pela barragem de Irapé: o caso do Quilombo de Porto Corís. *Mundo Agrário*, 16 (33), diciembre 2015.

FREITAS, Karine Pereira de; VIEIRA, Jonas Nunes. Descolonialidade, ecologia política e o quebre de fronteiras da África à América latina. No prelo 2022.

FURTADO, Fabrina Pontes; ANDRIOLLI, Carmem. Mulheres atingidas por megaprojetos em tempos de pandemia: conflitos e resistências. **Estudos Sociedade e Cultura**. V29, nº 1-6, p. 63 – 93, fev./mai. 2021.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo afro-latino-americano. RIOS, F; LIMA, M. (orgs.) SP: Zahar, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. Relatório aponta falta de transparência em atividade mineradora e desrespeito aos direitos humanos. Disponível em <<https://ibase.br/2021/10/07/relatorio-aponta-falta-de-transparencia-em-atividade-mineradora-e-desrespeito-aos-direitos-humanos/noticias/>>. Acesso em mar. de 2022.

JALIL, Laetícia Medeiros; ESMERALDO, Gema G. S. L.; OLIVEIRA, Maria do Socorro. Rede feminismo e agroecologia do Nordeste. – 1. ed. - Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017.

KAXIXÓ, Otávio. Sem o rio Pará, um pedaço do Kaxixó vai embora. Disponível em <<https://guaicuy.org.br/sem-o-rio-para-um-pedaco-do-kaxixo-vai-embora/>>. Acesso em mar. de 2022.

MACHADO ARAÓZ, Horacio (2014) “Territorios y cuerpos en disputa: Extractivismo minero y ecología política de las emociones” en: INTERSTÍCIOS. Revista Sociológica de Pensamiento Crítico, vol.8 (1).

MATOS, Vanessa Cristina Santos. UM ESTUDO HISTÓRICO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E CLASSE. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**. n.º 07 - Jun. 2009/ ISSN 1980-5950. Disponível em <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180403123533.pdf>.

MILANEZ, B. et al. . (2019) Minas não há mais: avaliação dos aspectos econômicos e institucionais do desastre da Vale na bacia do rio Jornal Jurídico 107 Paraopeba. In

MENEGHINI, Nancy Vidal et al. Racismo Ambiental e acesso à Justiça pela via dos direitos: Uma reflexão sobre o desastre ambiental em Brumadinho e os desafios para a concretização da Agenda 2030. *J² - Jornal Jurídico*, 4(2), 092–108. <https://doi.org/10.29073/j2.v4i2.342>.

NÚCLEO DE APOIO ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS POR BARRAGENS. Comunidades Tradicionais Atingidas. Boletim da Assessoria Técnica Independente Região 3. Vol 1º, Nº 2. Disponível em <<https://nacab.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Mobilizacao-2.pdf>>. Acesso em mar. de 2022.

NÚCLEO DE ACESSORIA ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS POR BARRAGENS. Ser Mulher Atingida: Como elas enfrentam os danos do maior desastre-crime do país. Boletim da Assessoria Técnica Independente Região 3 - Nacab. Ano 2, nº6 | março de 2022.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Sistema de produção: Perspectiva de gênero. **Proposta**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, 1997.

QUEIROZ, Ana Luisa; PRAÇA, Marina. Dos impactos à defesa: mulheres, corpo -território e direitos humanos. In INSTITUTO PACS. **Mulheres Atingidas: Territórios atravessados por megaprojetos**. Rio de Janeiro, 2021.

RAMOS, Luciana de Souza. **O impacto das Barragens no Trabalho das Mulheres: Um olhar feminista sobre a invisibilização do trabalho das mulheres atingidas por Barragens**. In MARCHIONI, Alessandra; NERI, Eveline Lucena. **Direitos, gênero e movimentos sociais I**. Florianópolis: CONPEDI, 2014.

RIBEIRO, Stephanie. Racismo ambiental: o que é importante saber sobre o assunto. In: GELEDÉS. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/racismo-ambiental-o-que-e-importante-saber-sobre-o-assunto/>> . Acesso em fev. de 2022.

RODY, Thalita; OLIVEIRA, Sinthia. Perspectivas feministas de assessoria técnica através das Cadernetas Agroecológicas na Zona da Mata de Minas Gerais. In: RODY, Thalita; TELLES, Liliam. **Caderneta Agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas**. Viçosa: Editora Asa Pequena, 2021. ISBN 978-65-995599-6-9

SILIPRANDI, Emma C. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**/ Emma Siliprandi, 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009, p. 109.

SOUZA, Nayara. Vale ignora indígenas e quilombolas atingidos pelo rompimento da barragem em Brumadinho. Notícia Preta. Disponível em < <https://noticiapreta.com.br/vale-ignora-indigenas-e-quilombolas-atingidos-pelo-rompimento-da-barragem-em-brumadinho/>>. Acesso em mar. De 2021.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. Educação e pesquisa, v. 32, p. 241-260, 2006.

ZANELLI, F. V. et al. **Intercâmbios agroecológicos: aprendizado coletivo**. Informe Agropecuário, v. 36, n. 287, p. 104-113, 2015.

ANEXOS

Anexo 1 - Publicações e vídeos sobre as Cadernetas Agroecológicas

1.1 Publicações

1. As Cadernetas Agroecológicas e o Trabalho de Mulheres Agricultoras em Viçosa

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/as-cadernetas-agroecologicas-e-o-trabalho-de-mulheres-agricultoras-em-vicosa-351.pdf>

2. As Cadernetas Agroecológicas e o Protagonismo Econômico das Mulheres Agricultoras

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/as-cadernetas-agroecologicas-e-o-protagonismo-economico-das-mulheres-agricultoras-352.pdf>

3. Como Utilizar a Caderneta Agroecológica

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/como-utilizar-a-caderneta-agroecologica-356.pdf>

4. Cadernetas Agroecológicas e as Mulheres do Semiárido: de mãos dadas fortalecendo a agroecologia (Em parceria com FIDA, IICA, Programa Semear Internacional)

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/cadernetas-agroecologicas-e-as-mulheres-do-semiarido-360.pdf>

5. Feminismo na Ponta do Lápis: Caderneta Agroecológica Empodera Mulheres e Fortalece Agroecologia

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/feminismo-na-ponta-do-lapis-caderneta-agroecologica-empodera-mulheres-e-fortalece-agroecologia-301.pdf>

6. Caderneta Agroecológica e os Quintais: Sistematização da Produção das Mulheres Rurais no Brasil

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderneta-agroecologica-e-os-quintais-sistematizacao-da-producao-das-mulheres-rurais-no-brasil-292.pdf>

7. Cadernetas Agroecológicas: Compreendendo os Dados

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/cadernetas-agroecologicas-compreendendo-os-dados-316.pdf>

8. Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/guia-metodologico-da-caderneta-agroecologica-294.pdf>

9. Cadernetas Agroecológicas um Instrumento Político Pedagógico

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/cadernetas-agroecologicas-um-instrumento-politico-pedagogico-293.pdf>

10. Nossa Roça Tecnologia Social: Cadernetas Agroecológicas

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/nossa-roca-tecnologia-social-cadernetas-agroecologicas-296.pdf>

11. Mulheres, Agroecologia e Sociobiodiversidade: Conhecendo as guardiãs da biodiversidade do planeta

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/nossa-roca-28-mulheres-agroecologia-e-sociobiodiversidade-150.pdf>

12. Mulheres, Agroecologia e Economia solidária: Nas lavouras e nos quintais mulheres gerando renda e diversidade

<https://ctazm.org.br/bibliotecas/nossa-roca-29-mulheres-agroecologia-e-economia-solidaria-151.pdf>

1.2 Vídeos

1. Como Utilizar a Caderneta Agroecológica?

<https://www.youtube.com/watch?v=RhfzkviA2zs>

2. Cadernetas Agroecológicas na Amazônia

<https://www.youtube.com/watch?v=pcjhU3XD9tw>

3. Outras Marias

<https://youtu.be/3WHzQDIaY44>

4. Vida Maria

<https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG htum4>

5. Poema das Cadernetas

<https://www.youtube.com/watch?v=DN6-i2A3JNA>

6. Semear Internacional - O Que são as Cadernetas Agroecológicas?

<https://www.youtube.com/watch?v=KvqxDv6V3yQ&t=69s>

7. Resultados das Cadernetas Agroecológicas nos projetos FIDA Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=5n4YbxlwFA8>

8. Cadernetas Agroecológicas - feminismo na prática

<https://www.youtube.com/watch?v=Qw4EnmWud7M&t=4s>

9. Como Anotar e Fotografar as Cadernetas

<https://www.youtube.com/watch?v=Rp4zYhv6lvQ>

10. Caderneta Agroecológica - depoimentos das agricultoras

<https://www.youtube.com/watch?v=ZlsZtTN5vUk>

11. Cadernetas Agroecológicas | sertão central

<https://www.youtube.com/watch?v=KFZxC83qI50>

12. Caderneta Agroecológica - depoimentos das técnicas

<https://www.youtube.com/watch?v= PcFNHWGAEo>

13. Entrevista com Beth Cardoso uma das Idealizadoras da Caderneta Agroecológica.

<https://www.youtube.com/watch?v=7fF2cGr5BFI&t=47s>

14. Economia Feminista: aprendendo com as agricultoras

<https://www.youtube.com/watch?v=MkUbORBmqk4>

Anexo 2- Oficinas Equipe Técnica NACAB

Relatório de Campo Oficina Equipe NACAB Pará de Minas

Município/Comunidade: Pará de Minas - MG

Local da atividade: Escritório/sede NACAB em Pará de Minas

Data: 30 de novembro de 2021

Participantes: Francine, Ângela, Mônica, Lídia, Bernardo, Luiza, Gilmar, Bruna Monaliza, Édson, Jéssica, Marina, Liliam, Ailton, Rosenal, Fernando, Pedro, José Coelho e Mariana.

Equipe técnica responsável: Elisabeth Cardoso, Thalita Rody, Roberta Cardoso, Cecilia Maria Santiago

Relatório descritivo:

A oficina de formação da equipe técnica sobre as metodologias da pesquisa, realizado dia 30 de novembro de 2021 na sede do escritório do NACAB em Pará de Minas contou com a presença de 19 participantes da equipe. O escritório presta assistência para 7 cidades com 12 comissões. Elisabeth conduz a oficina no espaço a partir da dinâmica Balaio de Gênero, que tem objetivo de desconstruir o conceito da divisão sexual do trabalho a partir da reflexão sobre o que é gênero. A metodologia provoca a discussão sobre a construção social que historicamente tem sido imposta na sociedade.

Alguns elementos são utilizados para representar o que seria o trabalho dos homens e das mulheres, as pessoas participantes escolhem dentre os elementos o que é do homem e o que é da mulher e colocam nas cartolinas específicas para homens e mulheres. A discussão gira em torno dessa especificidade, no sentido de compreender que não existe uma divisão específica por conta do gênero.

Uma outra cartolina é colocada no chão para agrupar os elementos que podem ser trabalhados tanto por homens e mulheres, no final sobra apenas a camisinha e o absorvente, porque são os únicos elementos que atendem as especificidades biológicas.

Após a explicação da dinâmica, os participantes começam a escolher os elementos e destinar para as cartolinas mulheres e homens. Nesse momento, inicia as discussões, cada pessoa explica o motivo de ter escolhido o elemento e a cartolina (homem/mulher).

Um integrante da equipe problematizou sobre os métodos contraceptivos estarem voltados para as mulheres e menos direcionados aos homens, ele comenta *“Cobra a mulher por isso e*

é responsabilidade do homem também, ter o cuidado com as doenças.” Outra integrante da equipe NACAB também comenta sobre as mulheres transexuais que usam camisinha durante a fase de transição, nesse caso, não se encaixam nas categorias propostas pela dinâmica, mas é um outro conceito que precisa ser aprofundado nos espaços de formação sobre essa temática. Uma participante escolhe a panela e coloca na cartolina dos homens, ela justifica que começou a perceber que tanto os trabalhos produtivos quanto reprodutivos recaem sobre as mulheres, então escolheu a cartolina dos homens para contrapor essa ideia.

Outra participante escolheu o elemento “ferramenta – chave de trocar pneu de carro” e colocou na cartolina das mulheres, ela explica: *“Acredito que no meio rural a mulher faz mais coisas diversas, uma atingida aqui da região construiu a garagem da sua casa - que ela fez sozinha, o companheiro ajudou no acabamento. É uma prática direcionada ao homem, mas no meio rural as mulheres dominam bem, não só mulheres, mas os jovens e as crianças.”*

O elemento hortelã que representa as plantas medicinais e a produção dos quintais foi escolhido por uma participante e é colocado na cartolina das mulheres, ela explica: *“A história da agricultura começou com as mulheres, ela tem o olhar de guardiã do saber e do cuidado. Como o homem pensa no agora, pensa na questão do dinheiro, e no geral a mulher que cuida do quintal, que guarda a semente, que usa a planta medicinal para o cuidado da saúde e outras coisas como a simpatia”.*

O objeto detergente foi escolhido por um integrante da equipe, que o colocou na cartolina dos homens, ele justifica que a limpeza também é uma obrigação dos homens, desde novo ele cuidou da casa, ele mais um irmão e duas irmãs, nunca tiveram uma divisão de tarefas de acordo com o gênero, as pessoas de fora da família criticavam o fato dos meninos fazerem trabalho doméstico, mas ele entende que isso é uma tarefa de todos.

O objeto cartão de crédito foi colocado pelo participante na cartolina das mulheres, ele justifica que para ele, as mulheres que são as chefes de família, tanto pela estrutura das mulheres que são mães solteiras, quanto pela quantidade de mulheres que estão no mercado de trabalho. Ele acredita que as mulheres têm que participar da chefia no lar no sentido financeiro. A Beth complementa sua fala, reforçando como a questão financeira ainda está relacionada ao universo masculino, mas as mulheres têm esse direito também. As mulheres são as mais pobres da sociedade, se relacionar com gênero e raça, as mulheres negras são as mais pobres.

A chave de carro, outro elemento da dinâmica foi colocado na cartolina da mulher, a participante explica a escolha: *“Acho que as mulheres vêm dirigindo a uns anos, tem mulher dirigindo uber, eu sempre fui incentivada a dirigir para ter liberdade, ter autonomia, é uma conquista para nós porque antes dirigir era coisa de homem. A maior parte dos homens que*

no processo normal (convencional) de casal não deixa sua mulher dirigir nem tirar carteira porque é libertador o direito de ir e vir saber dirigir é libertador. ”

O objeto batom foi colocado na cartolina homem, a participante justificou que quando pensa na performance do homem e da mulher na sociedade, o homem não pode ser vaidoso porque é estereotipado e as mulheres são as que precisam se cuidar para manter a aparência, mas para ela homens também podem ser vaidosos, como o seu pai que desde sempre usa *gloss* e faz as unhas. O objeto absorvente foi colocado na cartolina da mulher, o participante justifica que pensou na lógica que as mulheres são as que menstruam.

Beth complementa sobre o absorvente, explicando que nesse caso existe um determinismo biológico para as mulheres, que são quem menstrua. E ficou para os homens a camisinha, que remete a sexualidade masculina e para pessoas que possuem pênis, sendo também específicos por conta do determinismo biológico. Já a questão de gênero é uma construção social, quando coloca os elementos somente para as mulheres mostra uma construção social que pode ser desconstruída. Essa lógica da divisão sexual das tarefas colocou as mulheres num lugar de opressão, onde são responsabilizadas por trabalhos que podem ser realizados por todos, mas ainda é visto como uma obrigação da mulher, por exemplo: *“As mulheres são as cozinheiras nas casas de família, mas os chefes de cozinha são os homens. O trabalho doméstico é desvalorizado e quando alguma profissão é valorizada passa a ser um serviço dos homens. ”* Ela contextualiza a questão da construção social em torno das mulheres. As mulheres foram as primeiras a domesticar as sementes e plantas e a partir daí a humanidade começou a deixar de ser nômade. Porém, quando a agricultura passa a ser uma atividade do capital, vira uma atividade masculina. Desse modo, o que valoriza ou desvaloriza algo não é a lógica do trabalho em si, mas quem o faz. Ela cita os resultados da pesquisa sobre trabalho leve e pesado, que concluiu que a prática da capina no Sul é considerada um trabalho pesado, e no nordeste leve. No Sul, quem capina são os homens, por isso colocaram como trabalho pesado, no Nordeste são as mulheres, o que deixa entendido que qualquer trabalho é considerado leve quando uma mulher faz.

Uma integrante da equipe NACAB traz o exemplo da cientificação do trabalho, ela diz: *“Quando começa a cientificar vira um trabalho masculino, quando não, é um trabalho das mulheres e é menos valorizado”*. Beth completa: *“Como os chefes de cozinha, maioria homens e ganham muito, já as cozinheiras ganham pouco e quem faz o doméstico são as mulheres. As mulheres são as costureiras, que faz remendo, os homens são estilistas, os valores diferentes são construção social”*.

Após esse debate, inicia a apresentação dos slides com as respostas do questionário – Informação sobre Percepção e Conhecimento da Questão de Gênero, enviado para equipe técnica do NACAB, onde foram obtidas 38 respostas. Uma integrante comenta que a maioria das pessoas que trabalham no NACAB não são negras, diferente do que apareceu na pesquisa.

Os participantes questionam a pergunta – Você já trabalhou em algum projeto com mulheres ou enfoque de gênero? Para eles, não especificou se o projeto deveria ser direcionado para mulheres ou somente contou com a participação delas, mas foi esclarecido que seriam projetos de participação exclusiva feminina.

A maioria dos que responderam não conhecem metodologias específicas para mulheres. No total, foram poucas respostas considerando o número de técnicos atuantes na instituição, mas uma integrante comenta que há uma perspectiva para um trabalho coletivo e participativo no NACAB, e que esse espaço e a pesquisa é uma oportunidade para começar essa reflexão e os estudos com foco nas mulheres da Região 3.

Um participante comenta que no NACAB se trabalha muito com o conceito reparação socioambiental, ele conta que se sentiu estimulado quando viu que a pesquisa iria reunir grupos de mulheres, mobilizou o grupo da comunidade Córrego de Areia e relata: *“A vice-presidente da associação já me disse que precisa de projetos que estimulem as mulheres e os jovens financeiramente, para conseguir ficar no território, então precisa de uma reparação socioeconômica também”*.

Inicia com a apresentação do segundo slide: *“Consultoria especializada para levantamento e sistematização de danos vivenciados pelas mulheres na região 3 da bacia do rio Paraopeba”*. A equipe técnica do NACAB inicia com comentários que envolvem as suas perspectivas sobre os trabalhos das mulheres e dos homens, fazendo uma ligação com a primeira dinâmica realizada na oficina. Uma participante comenta: *“Na questão do trabalho reprodutivo, os homens viúvos sofrem uma imposição da sociedade que arrumem outra mulher e isso é um absurdo, porque retrata bem o trabalho reprodutivo”*.

Outra comenta: *“Eu acho importante a discussão da divisão sexual do trabalho, na sociedade capitalista o capital é umas das estruturas assim como a epistemologia, os trabalhos reprodutivos e produtivos estão também além do capital, outras dimensões estruturam nossa vida, (...) como o fato da nossa vida se organizar centrando o homem, cis, branco”*.

Uma participante traz a reflexão sobre os baixos índices de escolaridade no meio rural e as desigualdades na remuneração dos trabalhos das mulheres e dos homens, ela comenta que ainda é uma realidade as mulheres se casarem cedo e constituir família, uma das coisas que ela pensa sobre isso é que a mulher faz as mesmas coisas que os homens na agricultura mas na quando vai comercializar, as atividades econômicas são dos homens, ela nunca percebe a mulher no controle disso e acha que as opressões estão ligadas a comercialização ainda ser voltada para os homens. Mesmo as profissionais de agrárias que estão em campo sofrem preconceito, tem agricultor que questiona ela nessa profissão, ela relata a experiência de uma amiga: *“minha amiga baixinha, conta que quando ela chegava o cara falava duvido você derrubar um boi. Nos das agrárias como nas exatas, a maioria é homem e tem esse preconceito*

dentro da sala de aula e no mercado de trabalho, mulher agrônoma que vai vender veneno sofre preconceito porque só consegue vender para mulher. ”

Beth complementa sua fala, dizendo que *“nós mulheres inventamos a agricultura e hoje não somos consideradas aptas para sermos profissionais das agrárias, os próprios agricultores duvidam, são inconvenientes, e ainda relacionam que quando o serviço é bom é igual de homem”*.

Outra participante concorda, acha que é importante entender que acabar com o capitalismo pode não mudar as relações de poderes, se persistir uma construção social machista oprimindo as mulheres, ela diz: *“Quando a gente fala que quer trabalhar com as mulheres ainda tinha pessoas que torcia o nariz, eu pensava não é possível a equipe do NACAB com 130 comunista não vai dar visibilidade a esse conflito. Porque é do conflito advém a solução.”* Beth complementa essa fala, agregando o conceito de interseccionalidade, ela explica que o trabalho reprodutivo que sustenta o capitalismo e esse modelo precisa da exploração, só se mantém a partir das explorações. Quando a gente estuda como nasceu o capitalismo entende que sem racismo e machismo não tem capitalismo.

Uma mulher relata que nas suas experiências, são as mulheres que normalmente participam dos processos dos atingidos para reparação, cada vez mais tem se tornado uma tarefa a mais para as mulheres participarem da comissão, reuniões e acumula mais trabalho, enquanto os homens se demonstram com preguiça de participar, porém quando saem recursos são para os homens e administrados por eles. Outra participante completa: *“Quando começa a aparecer dinheiro as mulheres somem e os homens aparecem. Eles não participam de reuniões do processo. Quem está trabalhando com as famílias precisa perceber para na hora de receber os benefícios não ser os homens. A mulher leva o filho para a reunião porque não tem com quem deixar. O que precisa fazer para as mulheres irem às reuniões? Tem que arrumar alguém para ficar com os filhos, crianças. Ver os horários de marcar as reuniões para favorecer a ida das mulheres. ”*

Um participante comenta também que sabe que muitas mulheres estão fazendo planos para quando receber os recursos: *“São planos que podem ser boicotados, algumas mulheres querem pagar faculdade, fazer tratamento de saúde, eu sei porque tenho que ter uma escuta cuidadosa. ”*

Beth afirma que esse trabalho deve ter como foco empoderar as mulheres, só assim elas vão permanecer nos espaços, para isso precisa mudar os homens também. Como pensar a escuta nesse processo? Uma participante responde que a escuta precisa ser ativa e sensível, tem que ter a dimensão da violência emocional, que aparece de forma sutil, senão pode colocar essa mulher em opressão também. Para ela, as pessoas podem manter relações opressivas mesmo sabendo da opressão, mesmo tendo autonomia financeira, não saem do lugar, e precisamos

entender sobre isso também. Beth diz que vitimizar as mulheres que estão em relação abusiva é colocar como se ela quisesse isso, as pessoas não entendem o que aquela mulher já perdeu de autoestima e de confiança, dentro dessa relação, que mina a fé dela na capacidade que ela tem, ela começa a desacreditar ao longo do tempo, quando um homem levanta a mão para uma mulher é porque sabe que ela não vai reagir. Isso não é amor, é um processo de anos, vem desde a infância o ciclo da violência. Vocês conhecem o violentômetro? Uma participante responde: *“A gente brincou sobre o separa de uma vez, e não é assim. Essa escuta sobre a violência que a mulher sofre precisa acontecer. Simplesmente julgar “o querer sair da relação” é muito fácil para quem tá de fora, só tentando estar no lugar do outro vai fazer conseguir que ela se liberte.”* Outra mulher reforça que é preciso fazer uma leitura do contexto da região com o momento atual do país. Muitas mulheres não têm conhecimento dos seus direitos, na região predomina o agronegócio e os sindicatos patronais, poucas organizações são populares, não têm órgãos do terceiro setor, com isso ela questiona: *“Qual a forma de agir considerando esse contexto de agora, a presença da igreja evangélica que vem nesse debate do papel do homem e da mulher, qual cuidado tem que ter quando se chega nessa realidade local que elas não têm nem mesmo a sua propriedade?”*. Beth explica que muitas mulheres acham que essa relação é uma coisa da natureza, para ela, na agroecologia a gente tem uma tarefa dura porque tem que desvincular algumas construções sociais ao mesmo tempo que tem que aproximar do funcionamento da natureza no sentido da produção. Outra mulher complementa, ela percebe que os espaços de diálogos com mulheres além de empoderar cria uma rede de apoio, cresce o sentimento de sororidade entre as mulheres, ajudam a se libertar, como mostra na sua fala: *“(..). Precisamos garantir espaços que participem só mulheres. Espaços mistos são importantes, mas precisa envolver só as mulheres, as mulheres se moldam quando escutam outras experiências e é perto de outras que elas se identificam, elas podem se reconhecer e se fortalecer.”*

Uma participante demonstra preocupação em relação a incidência no NACAB no campo ela diz que precisa ter sensibilidade e cuidado quando for intervir nas comunidades porque o NACAB não presta uma assistência continuada e as comunidades existem relações específicas muito complexas, como o caso de um atigindo que escolheu não receber o auxílio da Vale S.A, *“porque não queria colocar em jogo a relação com o fazendeiro da região que ajuda ele com questões pontuais”*. Beth diz que pela sua experiência nesse trabalho com mulheres, percebe que os movimentos de mulheres começam sem assessoria de ninguém, *“elas já têm um objetivo em comum, tem que existir um projeto de formação e organização das mulheres em prol desse objetivo.”* Ela também reafirma que a agroecologia já se parece com o modo de produção das mulheres: *“Nem as agroflorestas têm tantas variedades igual ao quintal de mulher”*.

Outro participante relata sobre a implementação dos programas governamentais como o Minha Casa, Minha Vida, o PAC 2, que é resultado do acúmulo de lutas dentro dos movimentos

sociais e garantiu que as posses das casas fossem das mulheres, e isso veio de cima para baixo, uma obrigatoriedade imposta pelo governo que favoreceu as mulheres. Ele diz que nas instituições de ensino superior também estão estruturadas no patriarcado por isso, temos a missão de disputar “lá em cima”, nesse debate sobre quem vai receber os recursos no programa de transferência de renda, defender que serão as mulheres, pensar como usar o lugar de profissional e responsabilidade técnica para disputar mudanças nas estruturas que garantam os direitos das mulheres.

Uma das coordenadoras da equipe relatou que está na busca de recursos para trabalhar com 15 grupos de mulheres que ela identifica na região 3, e nesse sentido, ela expõe que existe uma vontade da instituição NACAB em fortalecer as pautas das mulheres. Essa ação partiu da luta das mulheres da própria instituição que requerem formação sobre feminismo plurais e interseccionalidade, que para elas, deve ser uma política institucional do NACAB. Outra participante comenta, que a atuação do NACAB está relacionada ao rompimento de barragens e muitas mulheres não se identificam como atingidas por falta de conhecimento, por isso, o trabalho precisa ser político e ter uma visão mais ampla de atuação com os atingidos. Além disso, precisa ser um trabalho contínuo, com planejamentos e avaliações, mesmo muitas ações não dando certo no início, precisam ter essa compreensão, e colocar nas pautas da reparação como as mulheres veem e o que elas demandam, assim estarão mais próximos de uma reparação justa.

Com isso, inicia a apresentação das oficinas que serão realizadas com as mulheres - Rio da Vida, Mapa da Sociobiodiversidade e Cadernetas Agroecológicas. O primeiro conceito trabalhado é o: Atingidas, Beth explica que as mulheres são atingidas de formas diferentes, mas um dano comum entre elas é a perda da produção para autoconsumo e focar nisso, pode ajudá-las a perceberem seus danos.

As metodologias foram apresentadas, os participantes fizeram alguns questionamentos relacionados a Caderneta Agroecológica: “*Consegue adaptar a caderneta para outros tipos de produção?*”. Beth responde que somente quando a produção é feita pelas mulheres. Para os produtos beneficiados, elas podem comprar outras coisas que vem do mercado, isso precisa ser entendido melhor entre elas e a equipe que as acompanha para fazer os cálculos considerando apenas o que ela produz, para fazer o controle, mesmo de forma superficial, poderia adicionar um anexo dos produtos que ela comprou para beneficiar. Outro caso que não encaixa, é quando elas revendem algum produto, como no shopping da minhoca.

Uma integrante da equipe NACAB diz que a caderneta pode incentivar o dinheiro movimentar nas casas de família, porque muitas mulheres preferem não vender o que produz porque não percebem o valor, e a caderneta pode ajudar nisso.

Beth concorda com o comentário e reforça que, o que for importante para elas deve ser anotado, a equipe técnica precisa ter um contato com elas para entender melhor os processos e facilitar a sistematização.

Fotos:

Oficina realizada na sede do escritório do NACAB em Pará de Minas-MG, com equipe de Assessoria Técnica Independente (ATIs).

FIGURA 2 - OFICINA ESCRITÓRIO PARÁ DE MINAS NO MOMENTO DA APRESENTAÇÃO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS.



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

FIGURA 3 - OFICINA ESCRITÓRIO PARÁ DE MINAS



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

Relatório de Campo Oficina Equipe NACAB Esmeraldas

Município/Comunidade: Esmeraldas – MG

Local da atividade: Escritório/sede NACAB em Esmeraldas

Data: 01 de dezembro 2021

Participantes: Francine, Celiane; Marcio; Sergio; Igor; Viète; Marina; Guilherme; Renata; Fausto; Camila; Ozeas; Maria Gabriela; Thalita; Livia; Jucilene.

Duas mulheres assistiram online (Ariadne, Analista Multidisciplinar do Escritório de Esmeralda e Hosana, Analista Jurídica Esmeraldas).

Equipe técnica responsável: Elisabeth Cardoso, Thalita Rody, Roberta Cardoso Leite, Cecilia Maria Santiago

Relatório descritivo:

A oficina aconteceu na sede do escritório do NACAB em Esmeraldas, e contou com a participação de 16 pessoas que compõem a equipe de Assessoria técnica atuante nesta região. O coordenador do escritório faz a abertura do espaço desejando boas vindas, se apresenta e

passa a fala para Beth, que conduz a apresentação da oficina. Ela reforça que o NACAB tomou decisão importante quando aprovou essa pesquisa para perceber os danos específicos das mulheres, isso representa que a instituição busca igualdade para reparação dos danos. Ela mostra a sequência da metodologia para formação das equipes de ATIs: Começamos com a Dinâmica Balaio de Gênero, depois apresentamos o slide com os dados da Identificação sobre percepção e conhecimento da questão de gênero, em sequência, apresentamos das metodologias que serão trabalhadas com as mulheres: Rio da Vida, Mapa da Sociobiodiversidade e Cadernetas Agroecológicas.

Inicia a dinâmica convidando os voluntários para distribuir os elementos que estão em cima da mesa nas respectivas cartolinas, uma das mulheres, outra dos homens e uma amarela onde não está especificado o gênero. Eles distribuem nas cartolinas e Beth pergunta a cada um porque escolheram esses elementos e a cartolina onde colocaram.

O primeiro participante colocou a panela na cartolina dos homens, para ele, a cozinha significa um espaço importante da casa, ele gosta de cozinhar e receber amigos, na sua perspectiva os homens também devem cozinhar e contribuir com o trabalho doméstico.

Toda a equipe NACAB chegam a conclusão que homens e mulheres podem e devem cozinhar, então colocam a panela na cartolina amarela. Outra integrante da equipe escolheu o elemento Álcool gel e colocou na cartolina das mulheres, ela justifica que queria ter colocado para todas as pessoas, mas tradicionalmente são as mulheres que fazem o trabalho de cuidados, principalmente com a saúde das pessoas, então ela escolheu essa cartolina pelo que é comum na realidade das pessoas.

Beth complementa sua fala, trazendo as estatísticas descritas no slide apresentado, apenas 2% dos homens fazem o trabalho doméstico, uma pesquisa realizada em seis estados do nordeste brasileiro mostrou esse resultado que fala sobre a sobrecarga das mulheres com essa atividade, pois a responsabilidade ainda é delas.

O elemento protetor labial, foi escolhido por uma participante e colocado na cartolina dos homens, ela explica que tem dois filhos e os ensina a cuidar da saúde e da aparência dele, que isso não tem especificidade de gênero. Geralmente as maquiagens são atribuídas ao universo feminino, mas atualmente os homens têm se sentido mais à vontade para serem vaidosos e lidar com os preconceitos.

O elemento chave-ferramenta foi colocado na cartolina das mulheres, a participante explica que fez essa escolha porque diz muito sobre as relações de domínio e controle que a sociedade impõe na vida das mulheres. As pessoas acham que só os homens manejam essas ferramentas, mas cada vez mais mulheres têm esse conhecimento “e isso é coisa de todo mundo fazer”.

Outra participante escolhe o elemento cartão de crédito e coloca na cartolina das mulheres, ela diz: *“não tive dúvidas, para mim é sinônimo de poder de compra, eu vejo cada vez mais esse poder no futuro das mulheres, e também somos as melhores para administrar o dinheiro”*.

Beth menciona o contexto das mulheres no Brasil e no Mundo, em ambos casos as mulheres são as mais pobres, além disso, a pobreza tem raça e gênero, a interseccionalidade mostra que as mulheres pretas são as mais pobres dentre as mulheres, então ainda hoje, o dinheiro é coisa de homem. Apesar de ter mulheres que resolvem tudo, administra tudo na família, o dinheiro fica com o homem.

Outro integrante da equipe escolheu o elemento Salsa na cartolina dos homens, para ele, pensar na alimentação da família e preparar os alimentos é uma obrigação de todos.

O elemento Camisinha foi colocado na cartolina dos homens, a participante justifica a escolha: *“Nós mulheres temos que andar com camisinha sempre, porque os homens não nos respeitam”*, então fez essa escolha para reforçar que os homens precisam se preocupar com isso tanto quanto as mulheres.

Beth reforça essa fala trazendo o conceito do determinismo biológico, anatomicamente falando, somente usam esse tipo de camisinha quem tem pênis. As mulheres também têm sua especificidade porque menstruam, então precisam de absorvente. Os outros elementos são símbolos de uma construção social que a gente chama de gênero, ela explica: *“Simone de Beauvoir diz que a gente não nasce mulher, se torna mulher. Isso mostra que a parte biológica é muito pequena no sentido de definir o que é ser mulher, o resto é uma construção social. No caso das pessoas que são transgêneras, elas não se identificam com o gênero que nasce. Não existe uma ideologia de gênero, isso é um argumento para combater o direito de vida das mulheres, gênero é uma categoria de análise e isso que foi construído - o que deve ser homem e mulher, pode ser desconstruído”*.

Ela comenta que percebe nos seus trabalhos de ATER, que normalmente na zona os homens cuidam das vacas, que rendem mais dinheiro e as mulheres cuidam das galinhas, isso também é uma construção de gênero, tem relação direta com o trabalho doméstico que não é valorizado e é socializado como uma obrigação das mulheres porque amamentam e reproduzem, mas isso não é desculpa para o homem não fazer o trabalho dele na criação.

Outra participante relata que atualmente tem aumentado o número de homens preocupados com os cuidados dos filhos, homens que criam sozinhos e cuidam da casa enquanto as mulheres trabalham. Ela conhece casos de mulheres que tiveram depressão pós-parto e os homens se mostraram mais sensíveis e apoiam mais na criação. Beth instiga essa discussão relacionando com o machismo que é reproduzido na sociedade e faz muitas mulheres terem dificuldades de perceberem que o trabalho de cuidados não deve ser somente delas, e muitas

reproduzem o machismo sem compreender que isso só favorece os homens, mas elas ignoram isso, muitas vezes, para não se sentirem insegura.

Outra mulher complementa contando o caso de uma conhecida que tem doze filhos, idade 42 anos e não podia fazer laqueadura porque a sua religião não permitia, ela conta: *“A religião dela abala o seu psicológico, foi preciso intervenção do Ministério Público e do poder municipal para ela fazer essa cirurgia”*

Outra participante complementa sobre como o machismo é estrutural, vem de uma construção social enviesada desde a infância, onde as meninas reproduzem o papel da mãe e os meninos dos pais, *“reverberando esses processos culturais opressores”*. As crianças ganham presentes, e quando é uma boneca para as meninas, demonstram sobre o papel na sociedade que elas ocupam, elas vão assimilando as tarefas do cuidado, por isso é importante pensar o que está ensinando para os filhos.

Beth retoma sobre o machismo imperando na vida das mulheres e como isso se acentua quando os filhos estão envolvidos. Ela diz:

“O machismo é problema dos homens para as mulheres, quem criou isso foram os homens, quem pode acabar com isso são eles, então homem tem que falar disso e dizer que não tem espaço é uma desculpa. Já me perguntaram se vou fazer formação com homens, eu digo não, nós já estamos tentando libertar as mulheres”.

Outro participante expõe que sente resistência de participar dos espaços que reúnem homens para falar do machismo, ele diz: *“Se vai só homem, tem muita chance de dar errado, eu não consigo me ver nesse espaço”*. Ele diz que concorda que se o homem criou o machismo tem que resolver isso, mas ele não consegue entender como. Diz que tem homem que fala disso mas reproduz o machismo e isso soa hipocrisia.

As mulheres participantes reforçam sobre a importância dos homens falarem disso, se informarem, buscarem melhorar sempre, mesmo que reproduzem o machismo, que é uma questão estrutural na sociedade. As mulheres também estão em processo de construção, onde os homens deveriam estar também, em todos os grupos podem ter dificuldades para uma organização, mas importante tentar superar e colocar essas pautas em discussão. Elas concordam, que sem esses espaços o silenciamento sobre questões de classe, gênero e raça são reforçados, então é preciso manter o debate.

Beth finaliza essa discussão trazendo o foco a luta contra o machismo, ela diz: *“A opressão da escravidão acabou através das ações dos oprimidos, não dos patrões, o povo preto fugia para quilombos e ficou insustentável diante do cenário internacional manter esse sistema, se não fosse a resistência do povo, dificilmente um branco teria acabado com a escravidão”*.

Os participantes expõem suas dúvidas sobre os conceitos, como a definição de pansexualidade e bissexualidade, que além de complexa se torna um desafio para as pessoas do campo que não acessam os meios de comunicação onde essas discussões acontecem. Para eles, há mais preconceito nos territórios rurais do que no urbano, principalmente para os jovens.

Com isso, Beth dá sequência a apresentação dos slides trabalhando o conceito da interseccionalidade. Nesse contexto, as mulheres participantes citam o aumento da violência doméstica durante a pandemia, a cobrança sobre as mulheres que realizam duas ou três jornadas de trabalho, porém as estatísticas mostram que são as que mais estudam ou buscam uma especialização, além do fato do trabalho de cuidados não ser considerado um trabalho produtivo, e a imposição estética da sociedade são opressões que interseccionam a vida das mulheres. Mesmo para mulheres com independência financeira, o machismo tem o poder de tirar a liberdade. Outra mulher participante cita a desvalorização do trabalho das mulheres, ela diz: *“Mesmo quando a mulher faz a mesma coisa que os homens ainda são colocadas como ajudantes, e no mercado de trabalho, não ganham o mesmo salário fazendo o mesmo serviço”*. Beth complementa citando uma pesquisa que reflete sobre o que é considerado trabalho leve e pesado, onde os resultados encontrados mostram que independente do trabalho realizado, os que são feitos pelas mulheres são considerados leves e os dos homens são os pesados. Outra participante completa: *“Como pode ser visto nos quintais, o cuidado que elas têm com as plantas, ainda saem para trabalhar, andam longas distâncias para fazer outras tarefas e ainda não se reconhecem como trabalhadoras”*. Com isso, Beth destaca a importância do reconhecimento da sobrecarga quando se organiza atividade com as mulheres. Na Região 3, ela entrevistou uma mulher que trabalha e mora numa fazenda que ela denomina como “casa grande”, essa mulher não tem conseguido fazer todo trabalho que lhe é demandado por isso está tentando acordar mais cedo todos os dias, ela contou que se sente pressionada e tem o desejo de ter tempo para fazer uma caminhada, por isso precisa se *“esforçar mais”*. Esse relato provocou um momento reflexivo entre as(os) participantes, ao perceber a complexidade envolvida na realidade das atingidas, que além do cansaço físico com o acúmulo de tarefas, também estão sujeitas ao adoecimento mental por conta da restrição do acesso ao rio e outros espaços de lazer - ocorrido após o rompimento da barragem, que segundo os presentes se configura como um dano imaterial. Contudo, todos os presentes concordam que não existe uma divisão justa do trabalho doméstico e da agricultura, as mulheres rurais estão adoecendo e sofrem também com o esvaziamento dos jovens no campo, que tendem a buscar uma outra forma de vida nos centros urbanos.

Uma participante cita o exemplo das mulheres atingidas pela barragem do fundão em Mariana, ela relata: *“As mulheres que conheci foram retiradas dos seus territórios. Elas ficam chocadas com o tanto de dinheiro que gastam comprando comida, que antes do rompimento elas não gastavam, perderam seu modo de vida por completo”*.

Beth comenta sobre a importância das ações do poder público quando implementaram políticas voltadas para a agricultura familiar, agroecologia e mulheres. Ela diz que os economistas clássicos ficam incrédulos com a produção das mulheres, porque mesmo não investindo na Agricultura familiar ela continua existindo, principalmente a produção para o autoconsumo desempenhada pelas mulheres, ela exemplifica: *“Nós dizemos que as mulheres são resilientes. A política do Crédito Fundiário, o Programa Luz para Todos, o Bolsa Verde Rural foram projetos boicotados e mesmo assim as famílias resistem no campo ao longo do tempo. A mulher rural é uma categoria indenitária, nem sempre relacionada a produção agrícola familiar, por isso é fundamental estudar a interseccionalidade nessa realidade, as múltiplas abordagens do feminismo, perceber que em cada contexto qual ponto em comum a mulheres relatam como opressores e violentos e transformar isso numa bandeira de luta”*.

Com isso, Beth inicia a apresentação das metodologias que serão utilizadas nas oficinas com as mulheres, reforçando sobre a importância do NACAB apoiar o processo de auto-organização das mulheres, pois sem essa intervenção os danos não serão reparados de forma justa, no que tange a Segurança e Soberania Alimentar das famílias são danos percebidos pelas mulheres.

Uma participante comenta que percebeu nesse território pouca inserção de políticas públicas, e quando a Vale S.A beneficia uma família com o auxílio emergencial, o poder público entende que *“já cumpriu seu papel na reparação”* e a população não consegue mais acessar outros direitos, nem mesmo a Assistência Social.

Beth retoma sobre a importância das metodologias participativas, como o Rio da Vida, para promover o diálogo sobre os danos coletivos nas comunidades. Esse método, tem relação simbólica com a vida das mulheres atingidas, elas perderam o direito de usufruir do rio e do que provinha dele, isso remete às consequências do rompimento e coloca luz sobre os danos imateriais. Os mapas da sociobiodiversidade, é uma metodologia para perceber os danos individuais, as perdas na biodiversidade dos quintais, a produção para o autoconsumo, aquilo que não é possível de ser produzido por conta da contaminação da água e do solo. Essa metodologia é possível ser realizada com mulheres agricultoras. Ela explica: *“Com os mapas conseguimos fazer um pequeno inventário com dados da produção dos quintais, também conseguimos olhar a divisão do trabalho em cada contexto, pois as mulheres demarcam onde elas trabalham mais e onde os homens são os responsáveis, elas destacam colocando a letra M nos espaços que elas cuidam e a letra H nos dos homens”*. Sobre as Cadernetas Agroecológicas ela explica que serão distribuídas nas oficinas com as mulheres e posteriormente será formado um grupo no *WhatsApp* para manter o contato com elas, fazer o acompanhamento das anotações, sanar dúvidas e animar o processo de anotações.

Fotos:

Oficina realizada na sede do escritório do NACAB em Esmeraldas-MG, com equipe de Assessoria Técnica Independente (ATIs).

FIGURA 4 - OFICINA ESCRITÓRIO ESMERALDAS



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

FIGURA 5 - OFICINA ESCRITÓRIO ESMERALDAS



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

Relatório de Campo Oficina Equipe NACAB Paraopeba

Município/Comunidade: Paraopeba - MG

Local da atividade: Escritório/sede NACAB em Paraopeba-MG

Data: 30 de novembro de 2021

Participantes: Eduardo, Thalles, Germana, Pedro, Maria Euridice, Yolanda, Luiz Carlos, Marcos Antônio, Vladimir, Bárbara, Ana Clara (12 participantes).

Equipe técnica responsável: Indyra, Karine, Laetícia, Sinthia

Relatório descritivo

A Formação com a equipe técnica do NACAB aconteceu no escritório sede do município de Paraopeba, com a participação de 12 pessoas, sendo elas: Ana Clara, engenheira agrônoma e analista de campo; Eduardo, arquiteto e analista de campo; Germana, analista jurídica; Bárbara, comunicadora popular; Pedro, coordenador do escritório de Paraopeba; Maria Euridice, auxiliar de serviços gerais; Yolanda, engenheira agrônoma e analista de campo; Luiz Carlos, engenheiro agrônomo e analista de campo; Marcos Antonio, comunicador popular;

Thalles, analista jurídico; Vladimir, secretário; e teve como objetivo discutir a incorporação do enfoque de gênero no trabalho de assessoria técnica a partir de questões orientadoras que buscaram questionar por que é importante considerar as mulheres como público específico, trazendo diversos elementos e dados para contribuir com as reflexões e com um entendimento comum sobre a categoria mulheres atingidas.

Em seguida foi realizada a dinâmica “Balaio de gênero”, onde alguns objetos (panela, chave do carro, absorvente, lixa de unha, batom, cartão de crédito, camisinha) foram utilizados para fomentar a discussão sobre os estereótipos de gênero que fundamentam a divisão sexual do trabalho e as demais desigualdades socioeconômicas existentes entre homens e mulheres. Cada integrante da equipe do NACAB escolheria um dos elementos e colocaria no espaço reservado para cada gênero nas cartolinas que estavam no chão. A maioria dos integrantes da equipe posicionaram os objetos ao centro, justificando que todos podem ser usados tanto por homens quanto por mulheres, ao mesmo tempo em que teciam críticas aos padrões de gênero, como o batom, que mesmo podendo ser utilizado pelos dois gêneros também representava uma amarra violenta para as mulheres diante do padrão de beleza imposto pela sociedade, ou o cartão de crédito, que mesmo sendo utilizado pelos dois gêneros representava o poder econômico ainda centrado em um modelo masculino – de provedor e chefe de família, além do absorvente como um objeto que também pode ser usado pelos homens trans.

No decorrer da discussão, Laetícia trouxe na sua fala a importância de considerar tais contextos no âmbito da ATER, sendo questionada, posteriormente, sobre o que é ATER? Laetícia explicou que a sigla significa Assistência Técnica e Extensão Rural, considerada uma política pública que propõe uma intervenção educativa no campo, no sentido de apoiar a produção agrícola e os serviços rurais. Ela enfatiza que, nos últimos anos, a ATER tem avançado na atuação nos territórios prestando assessorias para grupos específicos, como os agricultores familiares, mas é um processo que demanda tempo, como exemplo ela cita a demora no reconhecimento dos quintais como espaços produtivos. Com isso Laetícia destaca que ainda há uma visão hegemônica pautada em uma perspectiva familista na construção das políticas públicas, *“quando a gente fala de políticas públicas estamos falando de ações do Estado, mas quem está formulando essas políticas em sua maioria são homens”*, diz Laetícia. Nesse momento em diante a equipe técnica passou a relacionar seu trabalho de assessoria com as questões apresentadas, como o exemplo da relação da propriedade da terra com o recorte de gênero, porque no campo a equipe observa que a titularidade das terras, em sua maioria, está no nome dos homens e que isso dificulta o acesso das mulheres às políticas públicas. Laetícia reforçou a importância desse entendimento para que as ações da equipe em campo tenham sensibilidade apurada para considerar o contexto das mulheres e incentivar sua auto-organização.

O segundo momento das oficinas foi a apresentação do perfil da equipe técnica do NACAB obtido através do formulário *Google Forms*. Do total da equipe, apenas 38 pessoas responderam, alcançando os seguintes dados: a maioria são mulheres cis e heterossexual, equipe jovem, maioria formado por negros e pardos – nesse ponto foi colocado que sentiram falta da categoria “não branco”, seguindo para a formação, a maioria vem das Ciências Humanas, onde 71% informaram já ter trabalhado em algum projeto com mulheres ou com enfoque de gênero, o que significa que essa temática não é uma novidade. Por fim, Laetícia leu as metodologias mencionadas pela equipe, entre elas: a do relógio - horas trabalhadas - iniciar debate sobre trabalho produtivo/reprodutivo, Cadernetas agroecológicas, intercâmbios agroecológicos e fotografia. Como ponto negativo, foi observado a baixa quantidade de respostas da equipe, o que também reflete no interesse e visibilidade dada à temática de gênero.

O terceiro momento da oficina foi a apresentação do slide discussão sobre o porquê é importante trabalhar com mulheres atingidas. Laetícia inicia explicando algumas categorias de análise, como a de gênero, ressaltando que essas categorias são importantes para olhar para realidade, sobretudo porque nos auxilia a perceber as opressões que as mulheres ainda estão submetidas, contribuindo para criarmos ferramentas para desnaturalizar as relações de gênero. A partir desse contexto Laetícia trouxe algumas estatísticas, como as desigualdades entre os gêneros no âmbito doméstico, nas relações de trabalho, na questão da violência, as quais são agravadas quando consideradas as desigualdades raciais, por isso a necessidade de pensar as interseccionalidades de opressões entre gênero, raça e classe, como responsáveis por moldar as diversas experiências vivenciadas pelas mulheres não brancas.

Nesse contexto, a equipe comentou ter ficado surpresa com o território porque acreditavam que ele era formado, em maioria, por grandes fazendeiros, brancos e com poder aquisitivo. Segundo um participante: *“É realmente importante ter essas compreensões para conhecer o território. Nós achávamos que aqui tinha majoritariamente fazendeiros ricos, fomos surpreendidos”*. Laetícia reafirmou a importância de conhecer o perfil e o contexto dos atores locais para que o trabalho da assessoria abranja o território em sua complexidade. Laetícia destacou também que é muito importante que a equipe técnica tenha formações específicas sobre as relações de gênero e as desigualdades proporcionadas pelo machismo estrutural para que amplie a compreensão do território e o trabalho em campo considere a diversidade dos sujeitos envolvidos e visibilize a contribuição das mulheres.

Aqui também foi colocado a necessidade de entender as mulheres atingidas como uma categoria em disputa, mas também como uma categoria diversa, elas são quilombolas, indígenas, agricultoras familiares, assentadas da reforma agrária, posseiras, sitiantes, artesãs, extrativistas, mulheres de comunidades tradicionais, raizeiras, benzedadeiras, parteiras, entre outras, que constrói o território a partir desses diversos lugares e que a assessoria técnica precisa estar atenta a essa diversidade buscando desconstruir esse lugar hegemônico que a

própria Vale e ação mineradora tenta homogeneizar. Nesse contexto, é fundamental compreender que não estamos nos referindo a um “sujeito universal” e sim no sujeito “mulheres” desde suas especificidades, e as interseccionalidades que marcam suas trajetórias, levando em consideração também as questões de etnia, idade, sexualidade e práticas sociais diversas, trazendo para o centro da análise o modo de ser dessas mulheres a partir de seus corpos, da sua relação com a natureza, com a biodiversidade e com o universo de trabalho.

Outra pauta bastante discutida foi a divisão injusta do trabalho doméstico e como esta se configura em mais uma violência sobre a mulher, nesse sentido, Laetícia trouxe algumas referências para mostrar também a dimensão da invisibilidade que perpassa a temática, como o trabalho da economista Hildete Pereira de Melo sobre o trabalho não remunerado das mulheres representar cerca de 13% do PIB brasileiro. Laetícia também apresentou a experiência da Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico se colocando à disposição para compartilhar os materiais construídos no contexto dessa ação coletiva de mulheres, além de trazer a pesquisa inovadora sobre o uso do tempo, coordenado pela cientista social Lorena Moraes, metodologia que considera os trabalhos realizados de forma simultânea pelas mulheres (tanto físico quanto mental), que desvelam uma sobrecarga maior daquela que tem sido apresentada pelo IBGE através da PNAD.

A partir dessa questão outras foram sendo debatidas a partir das trocas, como a forma que o ambiente e a educação doméstica influencia a formação das crianças ou como o padrão de masculinidade também é tóxica para os homens.

Nesse sentido, Eduardo destacou a necessidade de ter mais políticas de cuidado voltadas para os homens, algo que algumas das mulheres da equipe destacaram já ser uma realidade, *“90% das políticas são direcionadas para os homens”*, afirmou uma das mulheres da equipe do NACAB. De todo modo, foi consenso de que a educação machista violenta homens e mulheres desde crianças, e que trabalhar a educação numa perspectiva a contrapor o machismo, o racismo e homofobia atravessa muitas dificuldades, tendo em vista as crianças terem acesso à escola, à televisão e à internet, por exemplo, e estarem em contato permanente com outro universo de relações e conteúdos diversos, mas, ainda assim, é comum as mulheres serem as únicas responsáveis pela educação machista que as crianças reproduzem.

Várias discussões foram fomentadas pela equipe técnica, como a formação e socialização das mulheres e os aspectos da feminilidade, os quais são carregados de estigmas e estereótipos que violentam a sua relação com o próprio corpo, assim como a exclusão histórica das mulheres dos espaços públicos e da política institucional, as quais se materializam numa sub-representação política das mulheres nos espaços de poder. Sobre a ausência de políticas públicas direcionadas às mulheres, Laetícia suscitou o debate sobre a ausência de mulheres na política institucional e as violências que as poucas representações femininas nestes espaços sofrem. Uma participante comentou: *“A Assembleia de Minas Gerais só foi ter banheiro*

feminino na década de 90, isso demonstra o quanto as mulheres foram historicamente excluídas desses espaços.” Laetícia relacionou a ausência de mulheres na política institucional e em demais espaços com a sobrecarga de trabalho que afeta as condições da participação política das mulheres, diferentemente dos homens.

Com isso, Laetícia destacou que é necessário ter um olhar atento para as dificuldades que são impostas para as mulheres, como por exemplo o índice significativo de analfabetismo, sobretudo entre as mulheres rurais, nesse momento, um dos participantes da equipe comentou que *“é muito importante essas discussões para que a equipe esteja preparada para atuar em diferentes contextos.”* Outro participante comentou: *“quando começamos o trabalho de campo, não víamos as mulheres, parecia que não tinha mulheres aqui. Agora entendemos que isso é fruto do machismo que invisibiliza. Sempre que visitamos as propriedades quem nos recebe são os homens, quase não vemos as mulheres.”* Laetícia comentou que essa percepção está relacionada com as desigualdades de gênero, pois é a construção social que impõe às mulheres o ambiente do privado, ao passo que a esfera pública e as instâncias de poder são destinadas aos homens.

Todas as questões apresentadas convergem na necessidade de incidir na naturalização das diversas violências vivenciadas pelas mulheres, da mesma forma as violências sutis que as mulheres do NACAB também enfrentam no ambiente de trabalho. Em vista disso, Laetícia ponderou que o enfrentamento a partir desses distintos lugares, e sobretudo a partir do trabalho com a assessoria técnica, precisa acontecer junto à equipe de forma mista e multidisciplinar. Como encaminhamento, a própria equipe colocou a necessidade da formação sobre as questões aqui apresentadas acontecerem de forma continuada.

FIGURA 6 - OFICINA ESCRITÓRIO PARAOPÉBAS



Fonte: registro realizado pela equipe técnica, 2021

Anexo 3 - Oficinas Mulheres Atingidas

Relatório de Campo Oficina Mulheres de Beira Córrego, Assobio e Retiro dos Moreiras

Município/Comunidade: Fortuna de Minas - Beira Córrego

Local da atividade: Escola na Comunidade de Beira Córrego

Data: 02 de dezembro de 2021

Participantes: Equipe do NACAB: Ângela, Mônica, Jessica, Bruna Monalisa, Bárbara, Marina. Equipe da PUC: Carolina, Daniela. Mulheres atingidas: Servola, Lúcia, Neide, Gislaine, Aparecida, Ana Flávia, Maria Terezinha, Maria Vieira, Leandra, Vânia, Paula, Terezinha, Regina, Nega, Romilda, Tamara, Maria de Fátima, Rosangela, Samantha, Silvia, Marli

Equipe técnica responsável:

Beth Cardoso, Thalita Rody, Roberta Cardoso, Cecília Maria.

Caracterização geral:

A oficina aconteceu no município de Fortuna de Minas, em uma Escola da Comunidade Beira Córrego. Dentre o público haviam mulheres de três comunidades, Beira Córrego, Assobio e Retiro dos Moreiras. Assobio é um local com mais fazendas e a maioria das participantes moravam e/ou trabalhavam nelas, Retiro dos Moreiras têm traços de comunidade quilombola e assobio mescla os dois perfis.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra, Renda Agrícola e Danos imateriais.

Renda:

A renda das mulheres foi gravemente afetada. Todas as atividades produtivas que exerciam para obtenção de renda foram prejudicadas com o rompimento da barragem. A agricultura, tanto na produção da horta como na produção nas fazendas deixaram de ser confiáveis devido à contaminação da água e do solo, impossibilitando o consumo e a comercialização. O consumo de alimentos que eram antes produzidos pelas mulheres já não pode ser feito, obrigando-as a comprar diversos gêneros alimentícios que não necessitavam antes. Antes do rompimento a pesca era uma atividade importante na renda das mulheres e de suas famílias, uma vez que consumiam os peixes do rio Paraopeba, vendiam peixes, iscas e a renda vinda do turismo da pesca era extremamente importante para a manutenção da renda na comunidade.

Relatos diretos:

“Comia o peixe e ganhava muito dinheiro porque a gente vendia as coisas tudo para os pescadores. Era uma comunidade cheia de gente e o fracasso aconteceu depois disso” (Se referindo ao rompimento).

“Os pescadores vinham comprava galinha, ovo e peixe”

“Os pescadores vinham de Sete Lagoas, Belo Horizonte, Papagaios e Maravilhas.”

“Eu já peguei um Curimatá de 6 kg no Paraopeba”.

“Um pescador pegou um surubim de 1,5 m no rio”.

“Meu marido já pegou. O dono da fazenda pegou um surubim de 55 kg de peixe. Tem um rancho numa casa na beirada do rio, eu fiquei noiva lá e fiquei lá uns 30 dias e depois fui para a praia”.

“Os fazendeiros aqui quase todos plantam na beira do rio. Nós trabalhamos para os fazendeiros e hoje não tem mais como plantar, a gente mora nas fazendas”.

“Eu fazia muito doce para vender, fazia farinha de mandioca, doce de leite, doce de laranja, fazia farinha de rosca também. Fazia no fogão à lenha, vendia na beira do córrego para as pessoas que vinham”.

“Desde 2006, 2007, por aí, plantava fruta em casa e levava para agroindústria. Hoje muito pouco, o pessoal da beira do rio não tá mais, as pessoas estão se afastando, como faz pra vender? Então acabou”. Na comunidade há uma agroindústria de poupa de frutas.

“Eu moro mais afastada do rio, mas as vacas prenhas ficavam na beira do rio. Elas tomavam água do rio. Depois de seis meses as vacas foram abortando os bezerros, quando as vacas produziam, já abortavam o bezerro, restava o bezerro para o mato e nem os urubus comiam ele, os búfalos dos vizinhos abortaram demais”.

“Deixamos de plantar porque não tem água para a gente molhar já que a gente usava do rio. Eu recebo nas caixas para plantar. Tem que comprar mangueira e um monte de trem, aí eu deixo de plantar”.

“Vendia para a associação, mas como ia vender produto da beirada do rio? Eu vendo queijo, a vaca mora na beirada do rio, não quero esse queijo não”.

“A gente colhia da beirada do rio para vender e acabou”.

“Tudo que fala que está na beira do Paraopeba é rejeitado. Não falam na sua cara não, mas pedem para deixar para depois. Teve chamada pública em Contagem, mas quando souberam que as frutas eram de Fortuna de Minas, eles descartaram”.

“Povo fala na cara da gente, se é de Fortuna quero não”.

“Emprego? O emprego foi diminuindo muito, pessoal foi obrigado a sair”.

“Tinha muito canavial, muita capineira, as dragas e depois disso parou e muita gente teve que ir embora da comunidade porque não tinha serviço, a Silva mesmo era pescadora e faxineira não dava conta das faxinas”.

“Não pesco mais no rio. Hoje eu só tenho duas faxinas, acabou tudo. Não recebo auxílio da Vale S A” (Resposta de Silva).

“Milho? O milho que a gente colhia na beira do rio, até roubava dos fazendeiros umas espigas lá, hoje não tem mais”.

“O peixe pra comprar é um absurdo. Agora tem que comprar e saber onde vai comprar”.

“É raro comer peixe agora”.

“Mais é o peixe mesmo, e a abóbora” (Referente ao que perdeu).

“O marido dela plantava abóbora e distribuía pra nós e todo mundo tinha, hoje não tem”.

“Todo dia se eu quisesse comer peixe eu tinha”.

“Hoje eu fui olhar um peixe para comprar. Eu vi o preço e falei vamos embora, meu rapaz pegava cada peixe pra nós no Paraopeba”.

Produção agrícola:

Toda a produção das mulheres e das comunidades foi afetada. A água do rio era usada para irrigação da produção agrícola e uma vez contaminada, inviabiliza toda a produção. Muito do que se plantava já não nasce e mesmo o que ainda nasce não pode ser consumido. A enchente de 2020 agravou ainda mais a situação, uma vez que o rio transbordou espalhou os rejeitos pela região e contaminando os solos mais distantes do rio Paraopeba. Com isso, foi afetada também a produção animal, uma vez que os produtos agrícolas como milho que eram utilizados para alimentação dos animais ficaram escassos.

Relatos diretos:

“Nós da Fazenda do Assobio sempre plantou lá (se referindo a beirada do rio).”

“Os fazendeiros aqui quase todos plantam na beira do rio. Nós trabalhamos para os fazendeiros e hoje não tem mais como plantar, a gente mora nas fazendas”.

“Eu lembro quando minha mãe ia trabalhar no rio, capinar e tudo mais, A gente subia para pegar raiz de não sei de que, algumas dava no campo, povo falava: “na beirada do rio tem folha disso, raiz daquilo”. Faziam chá para as pessoas, faziam pó, aí foi matando as plantinhas na beirada do rio, coisa que só dá na beirada do rio, e não tem mais.”

“Arnica tinha na beirada do rio e hoje acabou, capim sapé (bom pra menino nascendo dente e pra febre) é na baixada, e a água do rio, como tá muito pra fora, mela o pé e não dá mais. Ele gosta de água, mas não com essa frequência”.

“Tem planta que é de beira de rio. As plantas de campo não adiantam plantar em casa”.

“Angá dava na beira do rio e é só na beirada do rio que se acha. É gostoso, mas não acha mais hoje em dia, quando acha, não pode comer porque a raiz tá enfiada na água. Como que come?”.

“Erva cidreira de folha não tem mais e é muito difícil pegar aquele trem (germinar)”.

“Desde 2006, 2007, por aí, plantava fruta em casa e levava para agroindústria. Hoje muito pouco, o pessoal da beira do rio não tá mais, as pessoas estão se afastando, como faz pra vender? Então acabou”. Na comunidade há uma agroindústria de poupa de frutas.

“A gente pode perceber que tinha cheiro de gás e a gente desceu para tirar as vacas com bezerro da parte baixa. Eu não bebi, a gente colocou um ramo na água e saiu um cheiro de carne podre, cheiro forte de muito material junto, fora a cor da água que não voltou a ser como antes. Por mais que chovesse, juntava lama e era um marrom mais claro, nunca foi transparente por causa da draga. Era um tom mais claro, hoje é um trem feio, uma espuma escura na lateral. Onde o rio foi para fora a plantação não nasce. Agora que está nascendo vegetação rasteira, mas onde pegou a vegetação alta morreu”.

“Em 2020 teve uma enchente que cobriu todas as áreas, onde passou e cobriu capim matou tudo. Foi pior que jogou o rio para fora, inclusive as vargens que a Vale S A fez. O pessoal já tentou plantar canavial capineira e nada dá”.

“A terra não é a mais a mesma. Até a textura dela agora é uma lama grudenta e fedorenta pra caramba”.

“Deixamos de plantar porque não tem água para a gente molhar já que a gente usava do rio. Eu recebo nas caixas para plantar. Tem que comprar mangueira e um monte de trem, aí eu deixo de plantar”.

“A gente colhia da beirada do rio para vender e acabou”.

“Tudo que fala que está na beira do Paraopeba é rejeitado. Não falam na sua cara não, mas pedem para deixar para depois. Teve chamada pública em Contagem, mas quando souberam que as frutas eram de Fortuna de Minas, eles descartaram”.

“Povo fala na cara da gente, se é de Fortuna quero não”.

“Milho? O milho que a gente colhia na beira do rio, até roubava dos fazendeiros umas espigas lá, hoje não tem mais”.

“O marido dela plantava abóbora e distribuía pra nós e todo mundo tinha, hoje não tem”.

“Quando veio a enchente achei que ia levar as coisas do rio, mas só piorou”.

Água:

A situação da água contaminada com os rejeitos da barragem afeta todos os aspectos das vidas nas comunidades atingidas. As mulheres relatam que não têm água para beber e cozinhar, que algumas pessoas da comunidade utilizam a água do rio e acabam passando mal e tendo que procurar atendimento médico. Também conta que os animais que beberam a água do rio acabam morrendo e as vacas abortam os bezerros. A contaminação da água afeta a agricultura, a pesca, o lazer e principalmente a saúde das mulheres e da comunidade. A água do rio Paraopeba era amplamente utilizada nas lavouras, hortas, abastecia as casas e abrigava os peixes que eram consumidos e vendidos, além de atrair pescadores para a região. As mulheres relatam que algumas pessoas recebem água da Vale S A, mas esse número não chega a um terço das pessoas atingidas nas comunidades e que essa água contém muito cloro que a torna difícil de ser consumida. Relatam também que não confiam na qualidade da água distribuída e que a Vale S A chega a jogar água na estrada ao invés de distribuir o que sobra para comunidade.

Relatos diretos:

“Ela (a fazenda) recebe água do caminhão pipa, nós não temos água para beber, nós bebemos a água que vem desse caminhão que põe na caixa e eu também uso para cozinhar”.

“Eles instalaram as caixas e até hoje não recebemos água. O marido dela (se referindo a companheira do lado) trabalha dentro do rio e não recebeu nada, ele é draguista de extração de areia”.

“A gente pode perceber que tinha cheiro de gás e a gente desceu para tirar as vacas com bezerro da parte baixa. Eu não bebi, a gente colocou um ramo na água e saiu um cheiro de carne podre, cheiro forte de muito material junto, fora a cor da água que não voltou a ser como antes. Por mais que chovesse, juntava lama e era um marrom mais claro, nunca foi transparente por causa da draga. Era um tom mais claro, hoje é um trem feio, uma espuma escura na lateral. Onde o rio foi para fora a plantação não nasce. Agora que está nascendo vegetação rasteira, mas onde pegou a vegetação alta morreu”.

“Em 2020 teve uma enchente que cobriu todas as áreas, onde passou e cobriu capim matou tudo. Foi pior que jogou o rio para fora, inclusive as vargens que a Vale S A fez. O pessoal já tentou plantar canavial capineira e nada dá”.

“Estamos aguardando para construir um moinho. O poço está aguardando análise e pode ser que a água esteja contaminada. Ela usa água do mini poço porque não tem outro recurso”.

“Muitos da comunidade recebem a água do caminhão pipa, eles receberam caixa para armazenar. Algumas pessoas recebem, mas não é nem 1/3 da comunidade que recebem”.

“Eu recebi água mineral para beber, mas depois cortou. Eles só avisaram que ia cortar”.

“A água vem de Juatuba, vem no caminhão”.

“Nós não sabemos se a água é boa ou se não é”.

“Se sobrou água no tanque do caminhão, ele (o motorista da terceirizada) joga no meio da estrada, mas não dá para outra pessoa”.

“Essa água é cheia de cloro, a água mineral que eles deixam lá não dá para tomar uma semana e tem que tomar essa água com cloro. Não tem condição de tomar isso não!”.

“A cor é limpinha” (Referente à água que recebe do caminhão pipa)

“Às vezes chega e você olha e chega para trás de tanto cloro. Eu mesma não consigo tomar ela”.

“Nossa água era do rio e da cisterna, então não temos água nenhuma nem para beber”.

“Eu moro mais afastada do rio, mas as vacas prenhas ficavam na beira do rio. Elas tomavam água do rio. Depois de seis meses as vacas foram abortando os bezerros, quando as vacas produziam, já abortavam o bezerro, restava o bezerro para o mato e nem os urubus comiam ele, os búfalos dos vizinhos abortaram demais”.

“Deixamos de plantar porque não tem água para a gente molhar já que a gente usava do rio. Eu recebo nas caixas para plantar. Tem que comprar mangueira e um monte de trem, aí eu deixo de plantar”.

“Uma das mulheres atingidas fazia parte do conselho de saúde de Fortuna. Ela chamou um médico, o Aroldo, que veio para falar sobre os metais e consequência para o futuro. Eu fiquei assustada e não tinha parado pra pensar. Achei que naquela lama ia passar e pronto, acabou. Aí que fui ver o que vamos sofrer ainda”.

“Quando veio a enchente achei que ia levar as coisas do rio, mas só piorou”.

“A sujeira não está só no fundo do rio, tá na beirada dos barrancos também. Quando ele baixa dá pra ver a cor escura, mas não é da lama, mas sim de uma cola dos rejeitos”.

“No posto de saúde, vários casos de pessoas que empolaram, incharam e ficaram passando mal”.

SSAN:

A soberania alimentar das mulheres e de suas famílias foi drasticamente afetada. Antes do rompimento da barragem, grande parte dos alimentos dependiam do rio, seja como pesca ou com a produção das hortas e de frutíferas que utilizavam as águas do Paraopeba. Sem poder pescar e plantar as mulheres passam a depender de alimentos provenientes do mercado, o que não garante uma alimentação de qualidade e muitas vezes nem o básico, já que tiveram suas rendas comprometidas desde o rompimento.

Relatos diretos

“A vida era ótima, a gente ia para o rio, nadava, pescava e acampava”.

“Comia o peixe e ganhava muito dinheiro porque a gente vendia as coisas tudo para os pescadores. Era uma comunidade cheia de gente e o fracasso aconteceu depois disso” (Se referindo ao rompimento).

“Os pescadores vinham comprava galinha, ovo e peixe”.

“Eu já peguei um Curimatá de 6 kg no Paraopeba”.

“No rio tinha Surubim, pacu, piau, (mulato velho pacamã,) piaba, corvina mandi, piranha vermelha, traíra”.

“Um pescador pegou um surubim de 1,5 m no rio”.

“Meu marido já pegou. O dono da fazenda pegou um surubim de 55 kg de peixe. Tem um rancho numa casa na beirada do rio, eu fiquei noiva lá e fiquei lá uns 30 dias e depois fui para a praia”.

“Nós da Fazenda do Assobio sempre plantou lá (se referindo a beirada do rio)”.

“Os fazendeiros aqui quase todos plantam na beira do rio. Nós trabalhamos para os fazendeiros e hoje não tem mais como plantar, a gente mora nas fazendas”.

“Eu fazia muito doce para vender, fazia farinha de mandioca, doce de leite, doce de laranja, fazia farinha de rosca também. Fazia no fogão à lenha, vendia na beira do córrego para as pessoas que vinham”.

“Tem planta que é de beira de rio. As plantas de campo não adiantam plantar em casa”.

“Angá dava na beira do rio e é só na beirada do rio que se acha. É gostoso, mas não acha mais hoje em dia, quando acha, não pode comer porque a raiz tá enfiada na água. Como que come?”.

“Desde 2006, 2007, por aí, plantava fruta em casa e levava para agroindústria. Hoje muito pouco, o pessoal da beira do rio não tá mais, as pessoas estão se afastando, como faz pra vender? Então acabou”. Na comunidade há uma agroindústria de poupa de frutas.

“Eu não tenho coragem de comer peixe do Paraopeba mais, está com gosto de óleo”.

“Em 2020 teve uma enchente que cobriu todas as áreas, onde passou e cobriu capim matou tudo. Foi pior que jogou o rio para fora, inclusive as vargens que a Vale S A fez. O pessoal já tentou plantar canavial capineira e nada dá”.

“Em 25 de janeiro aconteceu e em março tiraram uma bomba que tinha para puxar água do rio. Tenho uma foto com a situação. Na foto tem a vaca, ela morreu, o bezerrinho morreu. Ele fica meio como um ressecamento, como se tivesse nascido fora do tempo eu tenho tudo tirado foto aqui. A vaca era boa de leite. Foi endurecendo o corpo, pensei que ela podia ter machucado, fez exame e nada. Ela morreu. Eu fui em Papagaios buscar o remédio e quando cheguei ela estava morta no curral. Ela foi endurecendo o tronco deitou e não levantou mais”.

“Eu moro mais afastada do rio, mas as vacas prenhas ficavam na beira do rio. Elas tomavam água do rio. Depois de seis meses as vacas foram abortando os bezerros, quando as vacas produziam, já abortavam o bezerro, restava o bezerro para o mato e nem os urubus comiam ele, os búfalos dos vizinhos abortaram demais”.

“O nosso gado comeu a ração da Vale S A. Eu conversei com o povo da região e todos eles tiveram o mesmo problema na fazenda: abortar o bezerro. Ou nascer e morrer. Todos que beberam água do rio”.

“Deixamos de plantar porque não tem água para a gente molhar já que a gente usava do rio. Eu recebo nas caixas para plantar. Tem que comprar mangueira e um monte de trem, aí eu deixo de plantar”.

“Vendia para a associação, mas como ia vender produto da beirada do rio? Eu vendo queijo, a vaca mora na beirada do rio, não quero esse queijo não”.

“Não pesco mais no rio. Hoje eu só tenho duas faxinas, acabou tudo. Não recebo auxílio da Vale S A.” (Resposta de Silva).

“Em 2020 teve uma enchente que cobriu todas as áreas, onde passou e cobriu capim matou tudo. Foi pior que jogou o rio para fora, inclusive as vargens que a Vale S A fez. O pessoal já tentou plantar canavial capineira e nada dá”.

“A terra não é a mais a mesma. Até a textura dela agora é uma lama grudenta e fedorenta pra caramba”.

“Milho? O milho que a gente colhia na beira do rio, até roubava dos fazendeiros umas espigas lá, hoje não tem mais.”

“O peixe pra comprar é um absurdo. Agora tem que comprar e saber onde vai comprar”.

“É raro comer peixe agora”.

“Mais é o peixe mesmo, e a abóbora” (Referente ao que perdeu).

“O marido dela plantava abóbora e distribuía pra nós e todo mundo tinha, hoje não tem”.

“Todo dia se eu quisesse comer peixe eu tinha”.

“Hoje eu fui olhar um peixe para comprar. Eu vi o preço e falei vamos embora, meu rapaz pegava cada peixe pra nós no Paraopeba”.

Danos imateriais à saúde:

Inúmeros danos materiais podem ser observados nos relatos das mulheres. A medicina tradicional foi bastante afetada com o rompimento da barragem acabando com plantas que sempre foram utilizadas para fazer chás e tratar diversos problemas de saúde. Além disso, o lazer das mulheres e de toda comunidade também foi comprometido. O rio proporcionava a reunião das mulheres, e perpassa por todas as atividades de lazer da comunidade. Com isso, o aumento do uso de álcool e outras drogas teve um aumento expressivo percebido pelas mulheres que atribuem a falta de lazer e de perspectiva dos jovens, à falta de trabalho e de renda. As festas da comunidade também deixaram de acontecer, representando uma grande perda na vida social, religiosa e no aspecto cultural das comunidades atingidas. É observável também o aumento expressivo dos casos de depressão em toda comunidade e de doenças de pele, além da preocupação com o possível surgimento de casos de câncer. A falta de informação, falta de perspectiva e insegurança sobre o futuro. O rompimento da barragem afetou todo modo de vida da região, sua dinâmica, a história das pessoas que ali cresceram, seus costumes e tradições.

Relatos diretos

“A vida era ótima, a gente ia para o rio, nadava, pescava e acampava”.

“Plantava nas margens do rio, dormia na beirada dos rios”.

“Comia o peixe e ganhava muito dinheiro porque a gente vendia as coisas tudo para os pescadores. Era uma comunidade cheia de gente e o fracasso aconteceu depois disso” (Se referindo ao rompimento).

“A gente fazia bem uma farrinha na beirada do rio. Juntava fim de semana e levava tropeiro, arroz, vinagrete, uma cerveja e uma pinga. Nós íamos todo final de semana e hoje infelizmente acabou”.

“A gente fazia bingo, quando dava a gente fazia leilão, farrinha no boteco e juntava todo mundo para fazer galinhada e peixada, pegava peixe e fritava”.

“Tinha quadrilha, cavalgadas e janeiro tinha festa do padroeiro São Sebastião”.

“Os pescadores vinham de Sete Lagoas, Belo Horizonte, Papagaios e Maravilhas”.

“Meu marido já pegou. O dono da fazenda pegou um surubim de 55 kg de peixe. Tem um rancho numa casa na beirada do rio, eu fiquei noiva lá e fiquei lá uns 30 dias e depois fui para a praia”.

“Eles instalaram as caixas e até hoje não recebemos água. O marido dela (se referindo a companheira do lado) trabalha dentro do rio e não recebeu nada, ele é draguista de extração de areia”.

“Com certeza, direto, a casa da gente estava sempre cheia”.

“A gente fazia amizade com as pessoas. A minha avó tinha casa mais próxima do rio, vinha povo de fora que deixava o carro na porta da minha vó e a gente fazia amizade com eles. Eu bebia cerveja de graça e gelada”.

“Eu sou de BH e a gente tem um sítio aqui há 25 anos e morando há 5 anos. A gente tinha muito orgulho de dizer que morava perto do rio Paraopeba. Sobre o lazer do fim de semana, os sobrinhos e netos tinham orgulho de falar que era tudo maravilhoso, isso e aquilo. Porque quem gosta de mato a gente tinha o prazer de falar e hoje a gente nem convida para os passeios mais, convida para casa porque todo mundo sabe do risco e que a gente não pode mais”.

“Eu lembro quando minha mãe ia trabalhar no rio, capinar e tudo mais, A gente subia para pegar raiz de não sei de que, algumas dava no campo, povo falava: ‘na beirada do rio tem folha disso, raiz daquilo’. Faziam chá para as pessoas, faziam pó, aí foi matando as plantinhas na beirada do rio, coisa que só dá na beirada do rio, e não tem mais”.

“Quarenta anos que vim parar nessa comunidade, antes morava em Papagaios, quando eu vim tinha dor no estômago e tomava tanto remédio. Até que um dia minha mãe pegou e eu tomei seis vezes canela de velho e nunca mais tive dor do estômago”.

Sobre as plantas: *“Só encontra em lugar baixo, na beira do rio agora é mais difícil encontrar”.*

“Dava orquídea bonita nos pés de coco e hoje não encontra, pegava pra colocar em casa”.

“A gente ia na vizinha e pegava mudinha pra plantar, a gente não vendia”.

“Arnica tinha na beirada do rio e hoje acabou, capim sapé (bom pra menino nascendo dente e pra febre) é na baixada, e a água do rio, como tá muito pra fora, mela o pé e não dá mais. Ele gosta de água, mas não com essa frequência”.

“Tem planta que é de beira de rio. As plantas de campo não adiantam plantar em casa”.

“Angá dava na beira do rio e é só na beirada do rio que se acha. É gostoso, mas não acha mais hoje em dia, quando acha, não pode comer porque a raiz tá enfiada na água. Como que come?”.

“Erva cidreira de folha não tem mais e é muito difícil pegar aquele trem (germinar)”.

“Chapéu de Couro também dava na beirada do rio e lá vai secando tudo. Cipó Tripa de Porco, Mile Homens”.

“Eu estava em casa lavando varanda, o rádio fica ligado o dia todo na Itatiaia, aí ouvi e fiquei pensativa. Então subi para encontrar os meninos, levei o rádio para ouvir a notícia, a gente não imaginou que ia chegar aqui porque Brumadinho tá tão longe. A gente achou que não tinha nada a ver com isso. Aí a polícia chegou com as sirenes pedindo para tirar o gado na beira do rio porque ia inundar tudo. Demorou 3 dias para chegar. Meu tio estava indo pescar quando a PM foi na minha casa. Eles acionaram a sirene comunicando a comunidade. O pessoal da extração de areia saiu do rio. Nesse dia só estava eu e meu marido em casa e ele mandou o menino para ajudar a gente tirar o gado da beirada do rio. Eu lembro que foi bem desesperador ver aquela lama horrorosa passando e não respeitando nada, as famílias chorando por gente que morreu”.

“Eu sei que eu chorei demais ao ver o sofrimento e o desespero das pessoas e a lama arrastando tudo. Lá em Brumadinho tinha uma caminhonete, a lama descendo e a caminhonete rodando”.

“Em 2020 teve uma enchente que cobriu todas as áreas, onde passou e cobriu capim matou tudo. Foi pior que jogou o rio para fora, inclusive as vargens que a Vale S A fez. O pessoal já tentou plantar canavial capineira e nada dá”.

“A terra não é a mais a mesma. Até a textura dela agora é uma lama grudenta e fedorenta pra caramba”.

“Estamos aguardando para construir um moinho. O poço está aguardando análise e pode ser que a água esteja contaminada. Ela usa água do mini poço porque não tem outro recurso”.

“Muitos da comunidade recebem a água do caminhão pipa, eles receberam caixa para armazenar. Algumas pessoas recebem, mas não é nem 1/3 da comunidade que recebem”.

“Eu recebi água mineral para beber, mas depois cortou. Eles só avisaram que ia cortar”.

“A água vem de Juatuba, vem no caminhão”.

“Nós não sabemos se a água é boa ou se não é”.

“Se sobrou água no tanque do caminhão, ele (o motorista da terceirizada) joga no meio da estrada, mas não dá para outra pessoa”.

“Eles não têm compromisso com a gente” (Referente à Vale S.A.).

“Tudo que fala que está na beira do Paraopeba é rejeitado. Não falam na sua cara não, mas pedem para deixar para depois. Teve chamada pública em Contagem, mas quando souberam que as frutas eram de Fortuna de Minas, eles descartaram”.

“Povo fala na cara da gente, se é de Fortuna quero não”.

“Depressão, tá todo mundo depressivo!”.

“Tristeza né”.

“Problemas de pressão. Pressão alta”.

“Tinha muito canavial, muita capineira, as dragas e depois disso parou e muita gente teve que ir embora da comunidade porque não tinha serviço, a Silva mesmo era pescadora e faxineira não dava conta das faxinas”.

“Não pesco mais no rio. Hoje eu só tenho duas faxinas, acabou tudo. Não recebo auxílio da Vale S. A” (Resposta de Silva).

“A droga aumentou muito aqui porque os jovens ficavam no rio pescando, hoje fico olhando os meninos jovens aí tudo se drogando porque não tem mais o que fazer”.

“Eu acho que os jovens estão bebendo mais. Não tem o que fazer, vai beber, né?”.

“Aumentou muito a violência também, discussões, ainda mais sobre as mulheres”.

Sobre lazer:

“Fim de semana ficam todos dentro de casa”.

“Netflix”.

“Nada”.

“Ir na rua comprar alguma coisa e voltar para casa”.

“Tem um campo bacana aqui, mas nem futebol tem mais”.

“A Teresa tem bar, a gente fazia uma peixada e jogava baralho”.

“Rebentou tudo”.

“A gente podia tá indo para o rio fazer as coisas. Ia ser melhor e mais leve.”

“Nós sentimos muita insegurança. Hoje tem certeza de uma coisa, amanhã já não tem”.

“A gente queria que o rio voltasse. Os filhos da gente não vão aproveitar como a gente aproveitou, eles não vão ter esse lazer nem saber o que é isso”.

“Veio o rio e a pandemia e a gente não sabe quando isso vai ter fim eu fico preocupada com essas crianças que nasceram agora e quando tiverem a minha idade neste buraco?”.

“As consequências do desastre da Vale S A ninguém sabe, daqui alguns anos o que mais pode acontecer? Ninguém sabe as consequências disso”.

“Quando a gente pergunta para o povo da Vale S A, nem eles sabem informar pra gente [as consequências]”

“Quando veio a enchente achei que ia levar as coisas do rio, mas só piorou”.

“Tenho esperança que vai melhorar, mas é uma insegurança”.

“Jovens sem perspectiva, vivem um dia atrás do outro”.

Mapa da Sociobiodiversidade:

Após finalizar a metodologia do Rio da Vida, se deu início a metodologia dos mapas da sociobiodiversidade, para preservar os nomes das atingidas, a cada linha amarela é iniciado a produção da seguinte. Segue abaixo a tabela:

QUADRO 5 - INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Alface	1 canteiro	
Couve	6 pés	
Cenoura	1 canteiro	
Mandioca	10 pés	
Acerola	6 pés	
Laranja	5 pés	
Abacate	2 pés	
Tomate	8 pés	
Gado	30	0
Cavalo	4	0
Porco	6	0
Galinhas	120	114
Acerola	3	2
Manga	2 pés	2
Laranja	2 pés	2
Canavial		Não planta mais
Milho		Não planta mais

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Mandioca	100 pés	20
Galinhas	50	40
Milho	500	0
Horta	Doava alimentos	Falta verdura
Couve	5 pés	Disse que houve perda de 70%
Alface	40 pés	Disse que houve perda de 70%
Beterraba	25	Disse que houve perda de 70%
Cenoura	25	Disse que houve perda de 70%
Repolho	15	Disse que houve perda de 70%
Pimenta	5 pés	Disse que houve perda de 70%
Pimentão	5 pés	Disse que houve perda de 70%
Almeirão	15	Disse que houve perda de 70%
Jabuticaba	40 pés	20
Abacate	2 pés	2 porém não produz como antes
Laranja (várias)	6 pés	Morreram alguns pés
Manga	6 pés	6 porém não produz como antes
Porco	10 cabeças	Pararam de criar devido a diminuição da horta
Galinha caipira	20	20

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Jacarandá	3 pés	3 pés
Sucupira	5 pés	5 pés
Eucalipto	3 pés	3 pés
Alface	30 pés	30 pés
Cenoura	20 pés	20 pés
Couve	10 pés	10 pés
Tomate	5 pés	5 pés
Laranja	3 pés	3 pés
Caju	3 pés	3 pés
Mexerica	5 pés	5 pés
Limão	1 pé	1 pé
Abacaxi	2 pés	2 pés
Acerola	6 pés	6 pés
Manga	4 pés	4 pés
Pitanga	1 pé	1 pé
Gado Leiteiro	30 cabeças	30 cabeças
Milho	500 pés	500 pés
Gado	120	40
Manga	4 pés	4 pés
Mexerica	3 pés	2 pés

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Limão	3 pés	2 pés
Acerola	7 pés	
Jenipapo	1 pé	1 pé
Mandioca	'	
Galinhas	120	50
Milho	120 kg	Não planta mais
Canavial		Não planta mais
Porco	4	Não tem mais
Cebola	4 canteiros	4 canteiros
Alface	3 canteiros	3 canteiros
Alho	8 canteiros	8 canteiros
Caju	Vendia polpa	Produção Diminuiu
Banana Prata		Não produz mais
Banana Caturra		Não produz mais
Goiaba		Não produz mais
Manga		Não produz mais
Abacaxi		Não produz mais
Vacas, Bezerros e Boi	66	
Cavalo	1	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

MUNICÍPIO: Fortuna de Minas

COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio

Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Porco	5	
Galinha da Angola	100	
Canavial Capineira	200 metros	
Milho	800 kg	
Mandioca	1000 kg	
Feijão		
Mamão		
Manga	400 kg	
Acerola	400 kg	
Maracujá		
Pitanga		
Caju		
Couve		
Alface		
Cebolinha		
Pimenta		
Pimentão		
Jiló		
Chuchu		
Limão		
Goiaba	100 kg	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Cocos e coquinhos		
Rosas		
Folhagens Verdes		
Peixes (vários num açude)		
Biscoito		
Doce de Leite	100/ semana	
Acerola	20 pés	
Limão	3 pés	
Manga	1 pé	
Cana		
Vacas	3	
Galinhas	20	
Abacate	3	
Ameixa	2 pés	
Alface		
Couve		
Chuchu		
Cebolinha		
Salsinha		
Hortelã		

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Couve	1 canteiro	
Alface	2 canteiros	
Cebola	1 canteiro	
Rúcula	1 canteiro	
Acerola	3 pés	
Banana	6 pés	
Laranja	5 pés	
Jambo	1 pé	
Jaca	1 pé	
Manga	6 pés	
Mamão	4 pés	
Abacate	1 pé	
Galinhas	80	40
Jabuticaba	43	22
Coco	3 pés	2 pés
Cachorros	5	2
Mandioca	40 pés	18
Laranja	3 pés	1 pé
Mexerica		3 pés

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Tamarindo		2 pés
Manga		3 pés
Patos	4	
Codornas	6	
Galinhas	33	
Galo	1	
Galinha Garnisé	2	
Cachorro	3	
Porco	3	
Bromélias	3	0
Lírios	4	
Palmas	3	
Alface Americana, Crespa e Roxa	15	
Mostarda	3	
Beterraba	15	
Cenoura	15	
Pimentão	4	
Tomate	4	
Jiló	3	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

MUNICÍPIO: Fortuna de Minas

COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio

Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Manjeriçã	3	0
Hortelã	5	
Repolho	8	
Mexerica Pocã	3	
Laranja Azeda	1	
Limão Capeta	1	
Limão Taiti	1	
Manga	3	
Mandioca	8	
Abacate	8	
Couve	10 pés	
Alface	15 pés	
Cebolinha	8 pés	
Tomate	10 pés	
Cenoura	30 pés	
Repolho	8 pés	
Chuchu		
Beterraba	20 pés	
Laranja	2 pés	
Mexerica	1 pé	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

MUNICÍPIO: Fortuna de Minas

COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio

Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Graviola	1 pé	
Jabuticaba	2 pés	
Galinha	10	
Alface	4 canteiros	
Couve	5 pés	
Acerola	30 pés	
Cebolinha	8 pés	
Salsinha	8 pés	
Mostarda	Muita	
Cenoura	2 canteiros	
Cebola		
Alho		
Jiló		
Mamão	20 pés	
Banana Prata e Caturra	20 pés	
Manjerição	4 pés	
Alecrim	5 pés	
Boldo	1 pé	
Goiaba	2 pés	
Mandioca	2 lotes	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

MUNICÍPIO: Fortuna de Minas

COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio

Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Batata Amarelo	10 kg	
Milho	3 lotes	
Galinhas	70	
Galos	20	
Cavalo	1	
Vacas	20	
Touros	2	
Cachorro	5	
Abacate	4 pés	
Jabuticaba	3 pés	
Limão	4 pés	
Mexerica	4 pés	
Laranja	5 pés	
Pitanga	3 pés	
Amora	3 pés	
Manga	10 pés	
Mandioca	,	
Orquídeas		
Rosas		
Banana Maça		

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Banana Prata		
Mamão		
Alface Americana	20 pés	
Couve	5 pés	
Repolho	5 pés	
Chuchu	1 pé	
Couve Flor	5 pés	
Quiabo	20 pés	
Pimenta	3 pés	
Alecrim	1 pé	
Hortelã		
Salsinha		
Cebolinha		
Jiló		
Milho	100	
Mandioca	120	
Galinhas	40	
Queijo	30	
Abóbora	50	
Quiabo	150	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Acerola	200	
Manga	100	
Jabuticaba	8 pés	
Couve	15 pés	
Cenoura	15 pés	
Alface Americana	28 pés	
Cebolinha	50 pés	
Beterraba	12 pés	
Tomate	35 pés	
Salsinha	40 pés	
Morango	20 pés	
Laranja	50 pés	
Almeirão	15 pés	
Chuchu	7 pés	
Repolho	14 pes	
Hortelã	2 pés	
Galinha	50	10
Mandioca	20	10
Jabuticaba	2 pés	
Goiaba	2 pés	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA		
MUNICÍPIO: Fortuna de Minas		
COMUNIDADES: Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio		
Produto	ANTES DO ROMPIMENTO	APÓS O ROMPIMENTO
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Banana	1 pé	
Cenoura		
Couve	5 pés	
Beterraba	10 pés	
Abobrinha		
Alface	15 pés	

Cadernetas Agroecológicas

Inicialmente estão no grupo das Cadernetas Agroecológicas, 10 mulheres, mas sabe-se que foram distribuídas mais cadernetas.

QUADRO 6 - CADERNETA AGROECOLÓGICA

Caderneta agroecológica	
Municípios/comunidade entregue	Quantidade entregue
Fortuna de Minas, Comunidades Beira Córrego, Retiro dos Moreiras e Assobio	10

Fotos da oficina:

FIGURA 7 - OFICINA FORTUNA DE MINAS



Fonte: Registro realizado pela comunicadora do NACAB, Bárbara Ferreira, 2022

FIGURA 8 - OFICINA FORTUNA DE MINAS



Fonte: Registro realizado pela comunicadora do NACAB, Bárbara Ferreira, 2021

Relatório de Campo Oficina Mulheres de Pindaíbas

Município/Comunidade: Pequi - Pindaíbas

Local da atividade: Barraquinha da Igreja da Comunidade

Data: 03/12/2021, às 17h

Participantes: 20 atingidas; 4 integrantes da equipe técnica NACAB; 4 crianças;

Equipe técnica responsável: Elizabeth Cardoso, Thalita Rody, Roberta Cardoso Leite, Cecília Maria Santiago

Caracterização Geral

A oficina foi realizada no distrito de Pindaíba, pertencente ao município de Pequi-MG. A atividade aconteceu ao lado da capela de São Sebastião da Pindaíba, na barraquinha da igreja, espaço onde costumam vender os produtos tradicionais durante as festas culturais e religiosas da comunidade. O nome Pindaíba refere a uma espécie de árvores endêmicas nessa região. Estavam presentes 19 mulheres atingidas que relataram como o rompimento da barragem tem afetado suas vidas. Da equipe de Assessoria Técnica Independente (ATIs) do NACAB estiveram presentes Bárbara, Bruna Monaliza, Marina, Jéssica e Mônica. Outra participante foi Caroline, pesquisadora da PUC-MG.

Pelos relatos, as mulheres não residem próximo ao rio, utilizam água do poço artesiano que segundo elas *“É bem afastado do rio”*.

A oficina inicia com a fala da Beth sobre os objetivos daquele espaço onde a prioridade é a escuta sensível das experiências das mulheres. Ela explica que esse diálogo é fundamental para entender os danos materiais e imateriais que dizem respeito à sobrevivência das famílias atingidas e a manutenção da vida, danos que são percebidos principalmente pelas mulheres. Nesse momento, são feitas as apresentações de os presentes.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra, Renda Agrícola e Danos imateriais.

Renda

Pelos relatos, as mulheres vão relembrando como era a dinâmica da vida antes do rompimento, quando produziam alimentos para autoconsumo e conseguiam vender o excedente, demonstrando que tinha menos preocupação com os gastos com alimentação. As mulheres concordaram que a perda do acesso à pesca influenciou na alimentação das pessoas da comunidade, além do impacto na renda para as famílias que comercializavam. Entre esses impactos, destacaram sobre as festas religiosas e culturais que não acontecem mais na comunidade, era um espaço que gerava renda para elas e para comunidade:

Relatos diretos

“Vinha muita gente de fora, passavam aqui no bar e compravam as coisas de levar pro rio, passava nas casas para comprar frango, ovo, verdura. Um morador ia indicando pro outro, eu vendia requeijão, mas eles já me conheciam”.

“Nós vendia de tudo, frango, requeijão, ovo, leite, verduras, goiabada, biscoito, doce de leite, eu comprava leite nas fazendas”.

“A gente plantava para comer e para tratar das galinhas, do porco, quando não era na nossa terra, tinha os amigos para fazer meia, ou dividir a colheita, mas a gente não saía para comprar feijão, arroz, milho, era nosso”.

“O dono do bar montou um lugar para guardar nosso arroz (galpão de armazenamento), a gente plantava muito, há muitos anos eu não comprava arroz de maravilhas, meu pai plantava na beirada do rio”.

“Antes tinha festa do padroeiro São Sebastião no mês de janeiro, no mês de maio a gente fazia a festa de Santa Cruz e coroação de Nossa Senhora e vinha muita gente participar, eu lembro que a gente se reunia para fazer a levantada da bandeira. A gente fazia fogueira no dia de São João, tinha quadrilha, bingo, de tempos em tempos a gente fazia uma festa na comunidade”.

“Eu fazia o almoço completo e vendia”. A venda acontecia durante as festas religiosas da comunidade.

“Todas as festas eram aqui na capela da igreja, e a gente se organizava e vendia as coisas aqui mesmo”.

“Aqui tinha uma venda que o povo comprava cerveja, porções e movimentava o comércio, hoje não tem isso mais, o dono já pensou em fechar porque não tem mais a clientela porque nem as festas a gente faz mais, perdeu a graça”.

“Eu fazia o almoço completo e vendia”. Ela se refere às vendas.

“O povo que trabalhava nas fazendas podiam plantar e vender uma parte na comunidade, até isso tá difícil agora”.

“A lavoura gerara o emprego das mulheres, nós íamos para a roça fazer um dinheiro extra, agora esse serviço acabou”.

“A despesa aumentou, aqui tinha um moço que plantava quiabo e muitas mulheres trabalhavam lá, depois acabou e não tem mais serviço para mulher, ficou muito complicado”.

Produção agrícola

No âmbito da agricultura, todas as mulheres foram afetadas, elas relataram que diminuíram a produção dos quintais, aumentaram os custos para manter a produção e para acessar alimentos que antes eram produzidos na beira do rio, onde as lavouras eram manejadas de forma coletiva através de acordos entre os produtores - dividindo a produção e trabalhando como meeiros. A produção foi afetada por conta da diminuição da água disponível, antes tinham a água do rio e dos poços artesianos, agora só do poço e sem certeza se está contaminada. O milho produzido na beira do rio era utilizado para alimentação humana e animal, a perda dessa produção resultou na impossibilidade da produção de ração para a criação de aves e suínos, principalmente.

Relatos diretos

“A gente plantava para comer e para tratar das galinhas, do porco, quando não era na nossa terra, tinha os amigos para fazer meia, ou dividir a colheita, mas a gente não saia para comprar feijão, arroz, milho, era nosso”.

“O dono do bar montou um lugar para guardar nosso arroz (galpão de armazenamento), a gente plantava muito, há muitos anos eu não comprava arroz de maravilhas, meu pai plantava na beirada do rio”.

“Hoje diminuiu muito, porque antes a gente não comprava arroz e feijão, a gente plantava na beira do rio o suficiente para o durar o ano inteiro, até a próxima colheita, hoje não podemos plantar lá mais, na hora que a água passa mata tudo”.

“O povo que trabalhava nas fazendas podiam plantar e vender uma parte na comunidade, até isso tá difícil agora”.

“Muitas moradoras tinham botes para andar pelo rio. A gente plantava de meeiro, não tinha essas máquinas, era plantio manual, eu gostava de plantar, capinar e perder isso foi muito ruim”.

“Até hoje a gente cria galinha, mas eu mesma diminuí bem a quantidade da produção de porco também”.

Extrativismo *“Na roça a gente plantava de tudo, os raizeiros que mais buscavam plantas na mata”.*

Água

Todas as mulheres relataram danos em relação à água, foram gravemente afetadas e ainda carecem de informações sobre a qualidade da água na comunidade. A água do rio era utilizada para produção de arroz, milho e feijão e irrigação das hortas nos quintais. Os animais consumiam dessa água, e algumas pessoas da comunidade também, não apresentavam problemas de saúde. Após o rompimento, receberam notícias de pessoas que adoeceram depois de ter contato com a água e animais que morreram depois de consumi-la. A Vale S.A coletou amostras de água para análise da qualidade, mas não retornaram com os resultados, ainda existe dúvidas sobre o nível de contaminação e quais os efeitos na saúde. Atualmente a comunidade é abastecida por um poço artesiano comunitário, mas antes disso, não tinham preocupação em relação a quantidade de água disponível, considerando todas as atividades que desempenhavam. Elas não perceberam mudanças em relação ao aspecto da água do poço. A enchente que aconteceu em 2020 não atingiu as famílias da comunidade, elas comentam que somente as fazendas foram prejudicadas com esse fato. Existia uma diversidade de animais que viviam no rio, com jacaré, cágados e diferentes espécies de peixes.

Relatos diretos

“A água fedia carniça, nunca vi uma lama tão fedida, cheiro de ferrugem, uma água muito turva, dava impressão que tinha uma nata por cima”.

“Misturou peixe morto, a contaminação matou tudo né?! o cheiro de enxofre não passava e dava para sentir de longe.”

“Antes eu bebia muita água do rio, buscava nos baldes, carregava na cabeça, em casa deixava ela assentar, o barro ficava no fundo e eu bebia sem medo”.

“A água sempre foi meio avermelhada, mas a gente sabia que não era de poluição”.

“Um rapaz daqui, foi tirar a draga do rio e se afogou, ele bebeu dessa água contaminada e foi parar no hospital, afetou os rins dele. Outro dia, uma amiga de Pequi falou que quem teve contato com a água teve graves problemas de pele, tiveram caroço no corpo todo”.

“Depois não tivemos mais problemas aqui, o povo não vai mais para o rio, todo mundo respeita isso agora”.

SSAN

Todas as mulheres concordaram que foram gravemente afetadas em relação à Soberania e Segurança Alimentar, perderam a produção dos alimentos de lavouras que estavam na beira do rio, que era base do autoconsumo das famílias. A produção dos quintais também foi afetada, elas relatam diminuição da produção e agora tem a necessidade de comprar alimentos no mercado que vem com agrotóxico, ou seja, antes se alimentavam de forma saudável daquilo que produziam.

Elas relatam que não tinham o costume de comer as frutas da beira do rio, mas tinham muitos pés de pequi, cagaita e araticum, eventualmente elas colhiam, mas não era uma prática, pois tinham no quintal de casa com abundância, atualmente essas plantas não existem mais.

O principal dano reconhecido por elas foi deixar de consumir os peixes que antes era a principal fonte proteica das famílias. Afetou drasticamente o hábito alimentar das pessoas da comunidade que agora têm medo de comer peixes, mesmo de outras regiões e por isso, não consomem mais.

Relatos diretos

“E o peixe? A gente sempre comeu muito peixe do rio, mais de três vezes por semana, agora eu não como mais, nem lembro a última vez que comi um peixe”.

“Ainda tem muita gente indo para o rio pescar, mas agora quem tem consciência não consome mais, o povo daqui não compra mais, mas tem sempre gente de fora lá pescando”.

“Antes quem trabalhava muito e não conseguia pescar comprava do Juquinha, nós aqui temos aquele modo de dividir, fulano tem peixe e a gente trocava por pão, ou verdura, alguma coisa, mas não ficava sem comer o peixe, a gente era tudo família”.

“Nós daqui temos medo de comer, mas eu já tive notícias que quem comeu passou mal e foi para o hospital, não sei o que causou nele, mas agora eu não tenho coragem nem de comer o do supermercado, eu não sei de onde vem esse peixe”.

“Agora gasto mais, principalmente comprando peixe, faço questão de ter na semana santa, mas tenho medo dos que vendem no mercado porque não sei de onde vem”.

“Agora compro verduras no supermercado, quando compro sei que tem agrotóxico, sem contar isso, antes o que eu comia era sem veneno”.

“As pessoas não deixaram de consumir as verduras daqui meu pai planta horta e mandioca e vende na escola, e leva para Pindaíba e Maravilhas”.

Danos imateriais

As mulheres foram afetadas por diferentes danos imateriais que podem ser observados nos seus relatos. A impossibilidade de acesso ao rio como espaço de lazer foi o principal dano imaterial reconhecido por elas, a partir disso, outros danos foram relatados, como o aumento do alcoolismo e o aparecimento das drogas na comunidade. Todas concordaram que houve aumento da violência doméstica após o rompimento, fato que foi acentuado durante a pandemia.

As festas religiosas e culturais que eram tradicionais não acontecem mais, também foram danos relatados por elas, impactou diretamente o contexto sociocultural da comunidade. As pessoas deixaram de visitar a comunidade, com isso diminuiu as relações com os amigos de outras regiões, impactando o campo da sociabilidade. A falta de informação em relação ao processo de reparação também foi um ponto de destaque, a comunidade não foi comunicada que seriam atingidos, nem receberam apoio para proteção das margens, a população resgatou os animais que pastavam na beira do rio.

O adoecimento mental também foi considerado um dano de relevância por todas, elas relatam que ao longo do tempo mais casos tendem a aparecer, principalmente para as mulheres que estão submetidas a sobrecarga de trabalho.

Todas relatam que faltam informações sobre os auxílios que deveriam receber da Vale S.A, atualmente nenhuma delas faz parte dos programas de assistência aos atingidos, não recebem auxílio emergencial, água e silo. Os fazendeiros são os principais assistidos nesse caso.

A perspectiva do futuro que elas apresentaram, demonstram preocupação com a condição das crianças e juventude da comunidade, para elas a falta de contato com o rio e a natureza são danos que influenciam a formação deles, a permanência no campo e os colocam mais vulneráveis ao consumo de bebidas e drogas.

Relatos diretos:

“Meu marido tinha mais amizade que eu, tinha um povo de contagem que vinha direto na minha casa, a noite a gente ia para o rio e era conversa a noite toda, quem pescava um peixe falava que era dois, era muita história de pescador”.

“Antes tinha festa do padroeiro São Sebastião no mês de janeiro, no mês de maio a gente fazia a festa de Santa Cruz e coroação de Nossa Senhora e vinha muita gente participar, eu lembro

que a gente se reunia para fazer a levantada da bandeira. A gente fazia fogueira no dia de São João, tinha quadrilha, bingo, de tempos em tempos a gente fazia uma festa na comunidade”.

“Também tinha festa do dia das crianças, com desfile do rei e da rainha e no natal a gente fazia jantar na comunidade para todo mundo comer”.

“Hoje o povo daqui tá pescando é bebida na rua”.

“Antes juntava uma turma e ia para o rio, era uma diversão saudável”.

“Os homens iam para o rio pescar, agora eles chegam em casa e vão direto para o bar beber, e já vira motivo de briga em casa porque estão gastando o que não podiam gastar, eles já chegam nervosos... E cada vez fica mais complicado, cada dia tem menos emprego para eles”.

“Só de chegar bêbado já é uma amolação né?! As mulheres daqui trabalham a semana toda e chega domingo, quando vai cuidar da casa, tem que aguentar isso, e não é bom não”.

“Todo mundo ficou muito abalado, mas depois a gente voltou para o rio, eu era bem pequena não lembro muito, mas agora é diferente, acontece um desastre desse e a gente perdeu o rio, eu tenho esperança de mudar, tem que ter, mas não sei se um dia teremos o rio de volta”.

“Há mais de 20 anos atrás, também teve uma enchente que quase carregou a antiga ponte, a água subiu até as fazendas, um senhor levou a gente para ver e eu sentia o frio da água, mas sabia que depois ia ficar tudo bem”.

“Eu fiquei sabendo pela televisão, minha vizinha pela rádio Itatiaia, mas a gente não sabia da dimensão do problema”.

“A princípio não entendi do que se tratava, sabia que era uma tragédia, mas nem imaginava que ia ser tão ruim”.

“Eu vi na televisão que ia atingir o rio Paraopeba, o pessoal começou a comentar que poderia chegar aqui, isso chamou minha atenção e comecei a pesquisar. Na televisão eles falavam onde a lama estava, e ficamos aguardando ela passar aqui”.

“Eu estava trabalhando na hora que o filho da Dona Gilda foi me avisar que a lama estava chegando e a gente correu para tirar as vacas que estavam na beira do rio”.

“Depois que vieram pessoas para medir a distância do rio das fazendas, e proibiram de plantar na beira do rio e do córrego”.

“Não veio prefeitura, nem Vale, foi o pessoal daqui mesmo que começou falar para não chegar na beirada do rio. Eu tinha medo de atingir o ribeirão, mas no início achava que nem ia chegar até aqui, deu muita tristeza assistir tudo isso aconteceu e isso mexeu com o emocional das pessoas”.

Danos imateriais relacionados à saúde:

“Meu marido ficou meio perturbado quando viu que não ia mais pescar, a verdade é que lá era o paraíso dele, no começo ele ficou muito triste, chateado, agora tá aceitando melhor”.

“Aumentou as doenças psicológicas sim, é isso, o marido que ia pescar não vai mais, não distrai a cabeça e agora só bebem, as esposas tem que aguentar mais isso, então elas estão adoecendo também, os filhos adoecem vendo as mães tristes”.

“Meu marido agora bebe mais, aqui todo mundo tá bebendo o dobro”.

“Meus parentes também estão bebendo cada dia mais, porque agora onde eles se juntam é no bar e entre uma prosa e outra vão bebendo pinga”.

“Os meninos pararam de jogar bola e brincar na rua. Nós mulheres vamos para a igreja, mas os homens vão para o bar. Antes o lazer era pescar”.

Saúde dos animais:

“Sim, há poucos dias atrás pegaram um boi para levar para os veterinários da Vale analisar porque ele amanheceu morto”.

“Aqui do lado, em Maravilhas e Papagaio, tivemos notícias de muitos gados que morreram”.

Auxílio Emergencial:

“Os fazendeiros receberam auxílio, foi direto para os patrões, mas não sei se eles estão recebendo água”.

“Nós não recebemos água aqui não”.

“No início eu recebi auxílio emergencial, mas cortaram, e alguns fazendeiros receberam água sim.”

“Os fazendeiros recebiam água e eu recebia o silo, fiquei sabendo que quem recebe um não pode ganhar o outro”.

Pandemia:

“Aí ficou mais difícil a vida e mais cara”.

“Se não fosse isso (a pandemia) podia tentar arrumar um emprego em outro lugar, mas a gente não podia ir para a cidade trabalhar, não tinha muita coisa funcionando e só acumulou as dificuldades”.

Perspectiva do futuro:

“Queria poder pescar e nadar de novo, começar tudo de novo, mas com melhoria para o povo poder levar uma vida normal”.

“Os jovens estão abalados, perderam a confiança, perguntam se o rio acabou para sempre e a gente não sabe responder”.

“Eu não nasci aqui, mas mora há 15 anos e percebo que isso abalou a cabeça das pessoas, e nada vai ser como era antigamente”.

“A gente sabe que tem meninos usando drogas já, os jovens estão começando a beber mais cedo, sair para o mundo”.

“Se meus irmãos aprenderam a gostar de pescar no rio foi porque meu pai levou, agora eles não podem levar os filhos deles, então eles não têm a mesma perspectiva de futura que a gente tinha, não tem como ensinar isso para os filhos”.

Mapa da Sociobiodiversidade

Após finalizar a metodologia do Rio da Vida, se deu início a metodologia dos mapas da sociobiodiversidade, para preservar os nomes das atingidas, a cada linha amarela é iniciado a produção da seguinte. Segue abaixo a tabela:

QUADRO 7 - MAPAS DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)

Uma das atingidas não relata o que tinha, mas deixa no mapa a seguinte frase: "Perdi tudo, só não perdi minha casa"

Milho	60 pés	0
Mandioca	70 pés	0
Alho	12 canteiros	0

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Cebolinha	2 canteiros	2 canteiros
Alface	2 canteiros	0
Couve	1 canteiro	0
Hortelã	1 canteiro	0
Erva Cidreira	1 moita	1 moita
Boldo	1 pé	1 pé
Mostarda	2 canteiros	0
Almeirão	2 canteiros	0
Amendoim	15 pés	0
Café	20 pés	0
Batata doce	12 túmulos	0
Couve	20 pés	20 pés
Goiaba	20 pés	20 pés
Cana	4 moitas	0
Abacate	1 pé	1 pé
Manga	4 pés	4 pés
Banana Prata	1 moita	0
Banana Maça	1 moita	0
Banana Caturra	1 moita	1 moita
Banana ouro	1 moita	1 moita
Acerola	4 pés	4 pés
Pitanga	1 pé	1 pé

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Jabuticaba	3 pés	3 pés
Pêssego	1 pé	0
Caju	1 pé	1 pé
Manjeriço	1 pé	0
Macelinha	1 pé	1 pé
Coco		
Pimentão	15 pés	0
Tomate	50 pés	0
Alface	4 canteiros	4 canteiros
Acerola	3 pés	3 pés
Banana Prata	8 pés	8 pés
Mexerica	3 pés	3 pés
Limão	3 pés	3 pés
Laranja	3 pés	3 pés
Mandioca	20 pés	20 pés
Milho	50 pés	50 pés
Almeirão	3 canteiros	3 canteiros
Galinha Caipira	80	80
Beterraba	2 canteiros	2 canteiros
Cebolinha	½ canteiro	½ canteiro
Salsa	½ canteiro	½ canteiro

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, moís, área plantada)	Quantidade (pés, moís, área plantada)
Boldo	2 pés	2 pés
Arruda	1 pé	1 pé
Hortelã	1 pé	1 pé
Pimenta	1 pé	1 pé
Jiló	4 pés	4 pés
Quiabo	10 pés	10 pés
Milho	1 saco	
Amendoim	2 litros	
Arroz		
Feijão	4 litros	
Manga	4 pés	4 pés
Mandioca	8 pés	0
Laranja	2 pés	2 pés
Mexerica	4 pés	0
Banana Prata	5 pés	5 pés
Couve	5 pés	5 pés
Cebolinha		
Galinhas	12	0
Cachorros	3	3
Patos	3	0

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Abacate	4 pés	4 pés
Couve		
Alface		
Cebolinha		
Salsa		
Milho		
Chuchu		Perdeu
Mandioca		Perdeu
Peixe		Perdeu
Acerola		Perdeu
Laranja		
Manga		
Galinha		Perdeu
Abacate		
Tomate		Perdeu
Mexirica		Perdeu
Ovo		Perdeu
Mostarda		
Cachorro		
Milho		Perdeu
Batata da Terra		Perdeu

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Laranja	3 pés	0
Couve	8 pés	0
Banana	6 pés	0
Cachorro	1	1
Coentro	5 molhos	5 molhos
Alface	10 pés	0
Peixe		0
Ovo		Mantém
Mandioca	20 pés	0
Couve	3 pés	
Banana	5 pés	
Abacate	3 pés	
Mandioca	10 pés	
Cana	Sem quantidade	
Manga	6 pés	
Mexerica	3 pés	
Laranja	4 pés	
Acerola	3 pés	
Galinha		

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Galo		
Pintinhos		
Couve	50 pés	
Alface	50 pés	
Cenoura	50 pés	
Beterraba	50 pés	
Rosas		
Milho		Perdeu
Feijão		Perdeu
Arroz		Perdeu
Alface	6 pés	
Almeirão		
Couve		
Cebola		
Tomate		
Cebolinha		
Salsa		
Alho		
Tempero		
Boldo		
Acerola	5 pés	

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Manga	4 pés	
Pessegueiro	1 pé	
Limão	2 pés	
Laranja	2 pés	
Mexirica	1 pé	
Jabuticaba	1 pé	
Berinjela		
Quiabo		
Jiló		
Couve		
Cebolinha		
Salsa		
Pimenta		
Erva Doce ou Funcho		
Milho	100 pés	100 pés
Amora		
Goiaba		
Laranja Pera Rio		
Mexerica Pocã		
Pera	1 pé	0
Laranja Serra d'água	1 pé	0

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, moéis, área plantada)	Quantidade (pés, moéis, área plantada)
Café	6 pés	0
Carambola	1 pé	0
Lima	1 pé	0
Erva Cidreira	1 pé	0
Alface	30 pés	
Couve	20 pés	
Cebola	30 pés	
Alho	50 pés	
Cenoura	50 pés	
Beterraba	50 pés	
Brócolis	50 pés	
Vagem	30 pés	
Tomate	10 pés	
Quiabo	20 pés	
Jiló	05 pés	
Salsa	05 pés	
Laranja	05 pés	
Limão	02 pés	
Mamão	10 pés	
Manga	06 pés	
Figo	1 pé	

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Pêssego	1 pé	
Ameixa	1 pé	
Amora	2 pés	
Acerola	1 pé	
Mexerica	05 pés	
Galinhas	50	
Porco	3	
Cachorro	5	
Galo	1	
Vaca	10	
Cavalo	1	
Milho	20 pés	
Banana	10 pés	
Mandioca	50 pés	
Ipê		
Acerola		
Milho		
Batata	1 canteiro	
Beterraba	1 canteiro	
Limão		
Rosas		

Mapas da Sociobiodiversidade MUNICÍPIO: Pequi COMUNIDADE: Pindaíbas		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Couve		
Alface		
Mostarda		
Cebola		
Cenoura		
Beterraba		
Galinha		
Porco		
Cachorro		
Milho		
Feijão		
Pescaria		
Galinha		
Mostarda		
Couve		
Alface		
Salsa		
Marcela		
Pesca		

Cadernetas Agroecológicas

Inicialmente estão no grupo das Cadernetas Agroecológicas, 10 mulheres, mas sabe-se que foram distribuídas mais cadernetas.

QUADRO 8 - CADERNETA AGROECOLÓGICA

Caderneta agroecológica	
Municípios/comunidade entregue	Quantidade entregue
Pequi/ Pindaíbas	15

Foto da oficina:

FIGURA 9 - CONSTRUÇÃO DOS MAPAS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DURANTE A OFICINA COM AS MULHERES, REALIZADA NA COMUNIDADE PINDAÍBAS, MUNICÍPIO DE PEQUI - MG



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

Relatório de Campo Oficina Mulheres do Shopping da Minhoca

Município/Comunidade: Caetanópolis / Shopping da Minhoca

Local da atividade: Barraquinha do Pascoal

Data: 29/11/2021

Participantes: Valdete, Dalva, Marilei e sua neta Emily, Viviane e sua filha Amanda, Eliana, Patrícia, Marlene

Equipe técnica responsável: Indyra, Karine, Laetícia e Sinthia.

Caracterização geral

Shopping da Minhoca é o nome atribuído a uma rede de pessoas comerciantes que possuem suas barracas no quilômetro 454 da BR-040, entre os municípios de Curvelo, Caetanópolis e Paraopeba, na rota por onde passavam os pescadores na ida para ao Rio Paraopeba. A principal atividade econômica é a produção e comercialização de iscas vivas e não vivas, instrumentos e artigos relacionados à pesca e camping, além das mulheres também venderem lanches, bebidas e capanga (saco para colocar minhoca). Shopping da Minhoca teve 100% de sua população atingida pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra, Renda Agrícola e Danos imateriais.

Renda:

A perda da atividade da pesca, causada pela poluição do Paraopeba após o rompimento da barragem, atingiu diretamente a economia do Shopping da minhoca. As mulheres relataram que toda a rede de clientes que frequentava o comércio foi quebrada, o que significa que o impacto na renda foi de 100%.

Antes do rompimento, as mulheres relataram que o comércio no Shopping da minhoca gerava uma renda muito boa. Segundo Marilei, cerca de 300L de minhoca eram vendidos em um único feriadão estendido - cada litro a R\$15,00. Já Viviane informou que entre 50 a 60L de minhocas eram vendidos semanalmente. Hoje, elas relataram que vendem entre 10 a 20L por mês, sendo comum fechar o dia sem vender nada. A produção diminuiu muito, *“quem continuou produzindo a minhoquinha vende menos da metade do que vendia antes”*, destaca Valdete.

A perda da renda provocou impactos diversos na vida das mulheres, como a da Cida: *“eu perdi minha economia, fiquei devendo a faculdade do meu filho”*. Vale mencionar que muitas das mulheres comerciantes empregavam outras mulheres, apenas a Marilei demitiu 5 funcionárias, mostrando o impacto do rompimento no aumento do desemprego e na destruição da economia local. Como consequência, as mulheres estão com dificuldades de manter a comercialização ou tiveram que desenvolver outras atividades econômicas, como vender salgado, capinar terra, fazer faxina, etc. Marlene trouxe a realidade de muitas mulheres que parou de produzir devido aos custos para engordar a minhoca.

Relatos diretos

“Às vezes a gente passa o dia inteiro e não vende nada”.

“Tudo o que colocava se vendia”.

“Eu não estou podendo nem fazer as compras de casa”.

“Tive que parar um tratamento por falta de dinheiro, tive que fechar minha barraca e ficar só com a do meu marido”.

“Eu tive que me reinventar para pagar meu aluguel, tive que fazer salgado e comidas para vender”.

“A gente continua produzindo, mas a venda caiu muito”.

Produção agrícola

Não se aplica.

Água

Não se aplica.

SSAN

O rompimento causou um impacto direto na atividade econômica das mulheres, com isso elas relataram diversas dificuldades para continuar mantendo o sustento da família. Algumas mulheres além de ter o gasto com aluguel e as contas de casa, também enfrentam problemas de saúde e precisam de consultas regulares e remédios. Nesse caso, o impacto na renda, o desemprego, os problemas de saúde, entre outros, provocaram um alarmante estado de insegurança alimentar na vida das mulheres e suas famílias. Elas contaram que toda a situação causada pelo rompimento acabou com a alimentação da família, e destacaram que principalmente quem trabalhava só com minhoquinha passou por muitas dificuldades. Outras mulheres que trabalhavam com lanches e bebidas - como refrigerante e água, continuou vendendo, mas se deparou com muitos produtos vencidos por falta de clientes.

Diante das dificuldades, as mulheres relataram que foram contempladas com duas iniciativas de cestas básicas, uma do Rio de Janeiro e outra da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além da dificuldade de acesso à alimentação através da renda, as mulheres também trouxeram a insegurança do alimento que comprou, informam não saber a procedência da verdura ou do peixe, por exemplo, e isso traz insegurança e medo. Outras mulheres enfatizaram que quando não tem nada para comer, misturam farinha e fubá.

Relatos diretos

“Percebo as verduras e os legumes com defeitinhos”

“Eu não estou podendo nem fazer as compras de casa”

“Você ver seu filho querendo um lanche e não poder comprar vai ficando aperreada”

Valor da terra e renda agrícola

Como as mulheres são vendedoras e extratoras de minhoca, a temática que as atravessam é a redução/impacto na comercialização, e a subsequente perda da renda. Como forma de fugir desse cenário, foi relatado entre poucas mulheres a vontade de vender a barraca, mas diante do cenário, o valor da venda seria baixo.

Danos imateriais e dados relacionados à saúde

As mulheres ficaram sabendo do rompimento pela televisão ou rádio, a falta de informação segura sobre como se daria o atingimento na região, sobretudo pela própria Vale, causou nas mulheres insegurança, medo e angústia. Marlene comenta que não fazia ideia de como seria o impacto e de que o rio seria perdido, *“perdeu o sonho que estávamos construindo.”*

Com o impacto direto no trabalho e na renda das mulheres, diversos problemas passaram a surgir, a saber: o impacto na manutenção da família, impossibilidade de arcar com as despesas – gerando o endividamento das mulheres, a insegurança alimentar, entre outros. Esse conjunto de fatores causou nas mulheres severos impactos à saúde, sobretudo na saúde mental. Muitas tiveram que procurar outra renda e a impossibilidade de encontrar emprego ou a precariedade do novo trabalho desestimulava as mulheres, causando tristeza e baixa autoestima - devido à falta de dinheiro para cuidarem do cabelo e unhas. Capinar lote, vender salgado, fazer faxina, foram algumas das atividades que as mulheres tiveram para se reinventar e garantir a sobrevivência da família. O acesso à saúde foi outro impacto vivenciado pelas mulheres, sem dinheiro para plano de saúde ou para fazer exames, elas seguem aguardando longa espera pelo SUS, no caso de Marilei, ela tratava uma hérnia de disco, impossibilitada de continuar o tratamento, acabou adquirindo bico de papagaio que comprometeu a medula.

Outro impacto foi o lazer das mulheres e de suas famílias, elas destacaram que antes do rompimento tinham o rio para pescar e também uma prainha no rio que frequentavam muito para tomar banho e se divertirem, agora elas perderam esses espaços de lazer.

Diante desse contexto de insegurança com relação ao futuro, muitas mulheres passaram a tomar remédio para dormir, porque relataram ter ficado muito ansiosas, preocupadas com as dívidas e o sustento da família, também relataram a dificuldade enfrentada no âmbito doméstico com os maridos mais agressivos. Elas apontaram também como um dos resultados o aparecimento das doenças porque as pessoas ficaram mais deprimidas, ansiosas, com depressão, pressão alta etc.

Relatos diretos

“Eu fiquei triste, com depressão, vontade de morrer porque não tinha para onde sair.”

“Você ver seu filho querendo um lanche e não poder comprar vai ficando aperreado.”

“A maior parte das pessoas que trabalham aqui são mais velhas, como dizer a essas pessoas que elas precisam arrumar outro trabalho para viver?” – Dá o exemplo de Dona Dalva: “Como uma pessoa de 70 anos vai arrumar outro emprego?”

“A gente vai adoecendo porque não tem o exercício mais do trabalho. Eu fiquei muito ansiosa”.

“Acordar de madrugada e não ter ninguém para atender fico ansiosa, ou toma remédio ou vai comer e quando não tem nada para comer faço algo com farinha ou fubá.”

“Antes eu não escutava tantos gritos do meu marido. Agora ele vive gritando dizendo para arrumar emprego, prefiro tomar remédio para dormir e não escutar ele gritar.”

Outros pontos importantes

As mulheres também destacaram a pandemia como fator que agravou a condição de vulnerabilidade vivenciada por elas. Mais dentro de casa as mulheres têm trabalhado mais nas atividades domésticas e de cuidados, mais uma sobrecarga física e mental na vida das mulheres. Elas também informaram que perderam a oportunidade de estudar, a autoestima e a alegria que tinham em trabalhar com o que gostam: minhocas. Nesse sentido, o rompimento, de acordo com as mulheres, foi uma enchente na vida delas.

Relatos diretos

“Pensava em estudar, mas veio tudo junto, rompimento, pandemia, como que vai estudar?”.

“O rompimento é uma enchente na vida da gente”.

Fotos da Oficina:

FIGURA 10 - MOMENTO DO RELATO DAS MULHERES PARA A CONSTRUÇÃO DO RIO DA VIDA



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

FIGURA 11 - MOMENTO DO RELATO DAS MULHERES PARA A CONSTRUÇÃO DO RIO DA VIDA



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

FIGURA 12 - EQUIPE TÉCNICA, NACAB E AS MULHERES AO FINAL DA OFICINA



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021

Relatório de Campo Oficina Mulheres Comunidade Taquaras

Município/Comunidade: Esmeraldas, Comunidade Taquaras

Local da atividade: Espaço da igreja

Data: 02/12/21, 17h

Participantes:

Equipe técnica responsável: Indyra, Karine, Laetícia e Sinthia

Caracterização geral

A comunidade de Taquaras, localizada no município de Esmeraldas-MG. Conforme os relatos das mulheres, a principal atividade econômica é oriunda direta e indiretamente da pesca. Antes do rompimento da barragem, a maioria das pessoas dependiam economicamente do rio, da venda dos peixes ou do comércio e prestação de serviço para os pescadores que não residiam na comunidade e turistas. A comunidade foi muito impactada por uma enchente do rio Paraopeba ocorrida em janeiro de 2020 que levou a lama de rejeitos para as casas, quintais, plantações e ruas da comunidade.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra, Renda Agrícola e Danos imateriais.

Renda

A maioria dos danos econômicos estão relacionados à cadeia da pesca. A presença dos pescadores na comunidade era um pilar da sustentação financeira local, tendo em vista que estes eram consumidores dos produtos e dos serviços locais, como hospedagens, comércios, quitandas e produtos artesanais. As mulheres também relataram sobre a perda de postos de trabalho que estão relacionados à atividade pesqueira. Observa-se que existe também uma relação intrínseca entre os danos na produção agrícola e na renda.

Relatos diretos

“Eu vendia muita coisa, mas caiu muito a venda no comércio”.

“Eu hoje só vivo do auxílio da Vale”.

“A falta de renda fez cada uma de nós aqui dar seus pulos, o trabalho aumentou demais”.

“Antes a gente trabalhava nas casas, nas pousadas e hoje a gente não consegue mais trabalho. Tudo aqui é longe”.

“Antes eu vendia os peixes para os armazéns. Eu acordava às 3 horas da manhã e ia pescar. Minha vida toda foi pescar. Já vendida para gente certa”.

“Nossa renda acabou. O pequi que vendia tudo, hoje apodrece”.

Produção agrícola

Os impactos na produção agrícola estão diretamente relacionados aos danos à água e aos danos provocados ao solo, diversas vezes enfatizado pelas mulheres. Com a enchente em 2020, as mulheres perderam a maioria da produção dos quintais. Antes do rompimento, elas produziam alimentos para o autoconsumo e produtos processados como o doce de pequi e as quitandas. Além disso, houve muitos relatos sobre aumento de insetos e “pragas” na produção.

Relatos diretos

“A nossa plantação morreu toda. Nada tá vingando. Tudo cheio de brocas”.

“A roça tá cheia de insetos que antes não tinha”.

“Eu achei que apareceu muita praga nas hortas e os pomares estão morrendo, minhas abóboras estão nascendo estão cheias de bicho”.

“Nossa renda acabou. O pequi que vendia tudo, hoje apodrece”.

“Eu tinha horta e hoje fico pelejando. Mas hoje o solo mudou muito”.

“Nosso solo está todo contaminado, com a enchente a lama contaminada subiu para terra”.

“Os pomares estão morrendo”.

Água

Antes do rompimento, a comunidade não tinha problemas com a água. Atualmente, dependem do fornecimento de água da Vale S.A, que abastece as caixas d'água com caminhão pipa. As mulheres relataram que nem todas recebem e que isso gera muitos conflitos. Elas relataram também que a Vale fez coleta da água para averiguar contaminação, mas não informou os resultados.

Relatos diretos

“Tem casas que tem muita criança e não tem como tomar banho, brincar mais. Até a água de beber é regradada agora”.

“A gente não tem mais água”.

“Muitos conflitos na comunidade. A Vale age para nos separar. Dá água para uns e para outros não. Uma casa do lado da outra, uma recebe e outra não”.

“Tem casas que tem muita criança e não tem como tomar banho. Até a água de beber é regradada agora”.

“A água agora é cara pra nós”.

“Antes não tinha esses problemas com água, a água era vida, mas agora até dela nós temos medo”.

“A maioria de nós usava água do rio para a produção, para horta. Hoje estamos dependendo da boa vontade da Vale”.

“A nossa água não foi analisada. Minhas plantas todas morreram”.

“Aqui na comunidade nem todas recebem água da Vale. Tem gente que pede pra dividir”.

SSAN

Todas as mulheres enfatizaram que antes podiam consumir peixe com frequência e agora não podem. A diminuição da renda também provocou impactos na qualidade da alimentação das atingidas. Além disso, as mulheres relataram que a produção para o autoconsumo nos quintais foi muito prejudicada pela dificuldade de acesso à água e contaminação do solo devido à enchente.

Relatos diretos

“Nem todo mundo tem condição de comprar o peixe, nossa alimentação mudou muito”.

“Pescava tanto peixe que não dava conta. A gente dava peixe. O Peixe ajudava a gente, tinha o peixe para comer. Era uma vida saudável”.

“Eu tinha horta e hoje fico pelejando. Mas hoje o solo mudou muito”.

“As frutas estão muito estranhas. Não amadurece e fica podre, tudo que nascia no quintal ficou diferente”.

“Eu achei que apareceu muita praga nas hortas e os pomares estão morrendo”.

Danos imateriais

Os rejeitos que contaminaram o solo através da enchente aumentaram a quantidade de poeira e em consequência disso, as mulheres perceberam um aumento expressivo de casos de doenças respiratórias. Além dos problemas respiratórios, elas relataram doenças dermatológicas que podem ter sido provocadas pela água:

Relatos diretos

“Aqui já temos 128 casos de problemas respiratórios”.

“Não temos como provar, mas essa poeira dessa lama contaminada está prejudicando muito a nossa saúde”.

“Eu não tinha nenhum problema respiratório, hoje tenho que tomar remédio”.

“Muitas pessoas com problemas de pele, não sabemos se é por causa da água ou por causa do ar”.

“Manchas na pele que os médicos não sabem o que é”.

“A poeira de rejeitos trouxe muitas alergias. Cheio de problemas respiratórios, de pele, depressão”.

“Eu tomava remédio para pressão e agora eu tomo remédio também para depressão”.

“Hoje tomo 4 remédios. Sou uma mulher de 50 anos e só gasto dinheiro”.

“Muita gente em depressão, tudo pra gente virou sofrimento”.

As mulheres notaram que a impossibilidade de usufruir do rio enquanto um espaço de lazer e sociabilidade provocou aumento do consumo de álcool e outras drogas:

“O tempo ocioso faz a bebida e outras drogas chegarem na comunidade”.

“Antes as pessoas iam distrair no rio, hoje só tem a bebida”.

“Quem não bebia, começou a beber”.

“Teve mais consumo de álcool e drogas principalmente para os jovens, como não tem lazer eles acabam indo para criminalidade”.

“Não temos mais segurança como a gente tinha antes. Tá cheio de forasteiros. Eu hoje tenho medo”.

“Não existia violência na nossa comunidade. E agora temos medo. Muitas pessoas estranhas”.

Todas as mulheres relataram o aumento da sobrecarga de trabalho provocada pela insegurança financeira devido ao fato de que agora elas precisam desempenhar outras atividades para garantir a renda:

“Me sinto muito sobrecarregada. Meu trabalho aumentou e mesmo assim eu não ganho mais dinheiro”.

“O comércio parou, não só para mim, mas para todos. Depois do rompimento, turismo, pesca, tudo acabou. O pessoal da beira do rio está praticamente abandonando tudo”.

Para encerrar a atividade, perguntamos às mulheres o que elas sentem mais saudade e o que elas desejam para o futuro:

“Nossa maior saudade é o rio. Queremos o rio de volta”.

“Meu sonho é que a gente tenha saúde, que as coisas melhorem aqui pra nós, que a gente tenha um pouco de lazer, coisas para fazer no final de semana”.

“Quero voltar a sorrir, me divertir. Voltar a ter vida. Minha vida era pescar e hoje fico em casa”.

“Ter rotina de sair de casa e acabar com essa depressão, de ansiedade”.

“Queremos a nossa vida de volta”.

Outros pontos importantes

As mulheres relataram que o processo de consulta popular para escolha dos projetos que serão realizados com parte do recurso proveniente do acordo entre a Vale S.A e o estado de Minas Gerais não representa os anseios da comunidade.

Relatos diretos

“Essa consulta popular foi uma vergonha. Quase ninguém conseguiu participar”.

“Aqui falta muita coisa, inclusive internet. Como a gente ia participar?”.

“Não estamos sendo representados nessa consulta”.

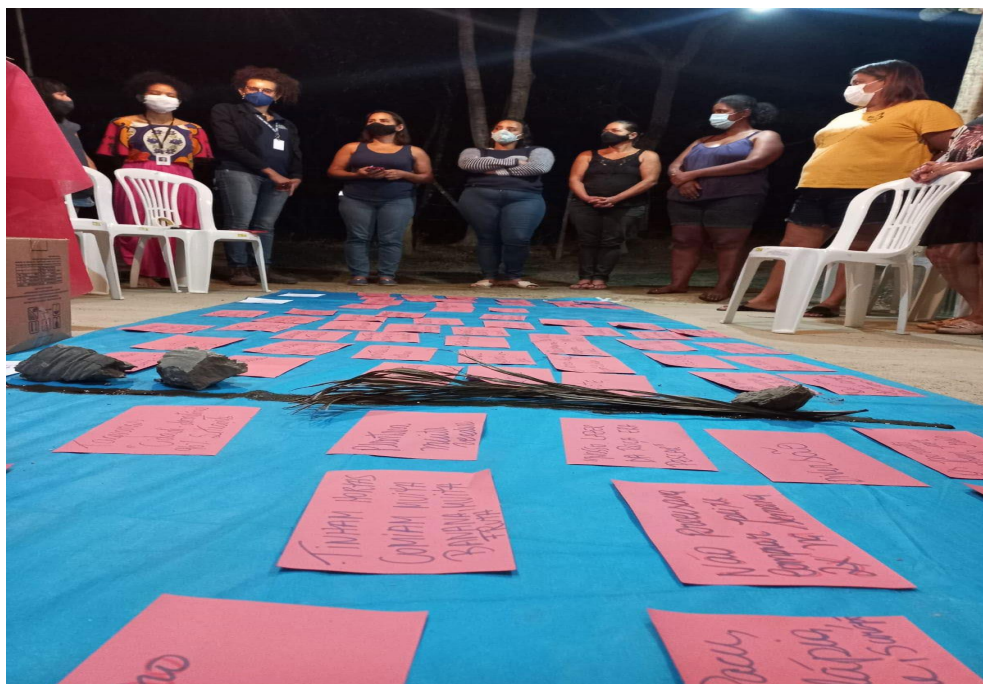
Fotos da Oficina:

FIGURA 13 - REGISTRO FINAL DO RIO DA VIDA DAS MULHERES DA COMUNIDADE TAQUARAS



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021.

FIGURA 14 - MOMENTO DE REFLEXÃO COLETIVA FINAL DO RIO DA VIDA



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021.

Relatório de Campo Oficina Mulheres Comunidade Bambus, Padre João, Vista Alegre e Vinháticos

Município/Comunidade: Esmeraldas - Comunidades: Bambus, Padre João, Vista Alegre e Vinháticos

Local da atividade: Igreja da comunidade Vista Alegre

Data: 03/12/2021, 17h

Participantes: 17 atingidas

Equipe técnica responsável: Indyra Monteiro, Laetícia Jallil, Sinthia de Oliveira

Caracterização geral

A oficina foi realizada na comunidade Vista Alegre, em Esmeraldas. Para essa oficina, foram mobilizadas mulheres das comunidades de: Bambus, Padre João, Vista Alegre e Vinháticos. A mobilização se deu através das comissões de atingidos das respectivas comunidades. A maioria das atingidas que participaram da oficina moram a menos de 1km do rio e tinham renda oriunda da atividade pesqueira local.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra, Renda Agrícola e Danos imateriais.

Renda

Conforme os relatos descritivos das participantes, antes do rompimento da barragem a renda das famílias vinha da atividade pesqueira. Algumas pescavam e vendiam peixes, mas a maioria sobrevivia da comercialização de gêneros alimentícios e outros insumos em pequenos mercados e da prestação de serviços para os pescadores e turistas. As atividades econômicas consistem em: venda de quitutes, venda de hortaliças e frutas, fornecimento de alimentação, aluguel de quartos e hospedagem, mercadinhos e açougue. Com o rompimento da barragem, a atividade pesqueira foi interrompida e as comunidades não receberam mais os visitantes que consumiam os produtos locais e dinamizavam a economia. Esse fato provocou uma queda significativa na renda das mulheres e o consequente aumento do desemprego visto que algumas pessoas que eram contratadas para trabalhar no comércio e na produção local

tiveram que ser dispensadas. As mulheres tiveram que desempenhar outras atividades para garantia da sobrevivência.

Relatos diretos

“A gente tinha uma fonte de renda de comércio, sempre fiz quitandas, queijo, antes a gente tinha certeza que ia vender”.

“A gente ia na casa dos pescadores oferecer nossos produtos e era certeza que a gente voltaria com dinheiro pra casa”.

“Eu fazia marmitex, salgados, pão de queijo e vendia na beirada do rio”.

“Eu vendia mexerica, caldo de cana, vendia coisas de horta, tudo que tinha a gente conseguia vender”.

“Não tem jeito de pescar mais aí eu faço faxina e pego alguns bicos”.

“Antes a gente podia comprar um carro parcelado e sabia que ia ter como pagar, hoje não posso programar nada. A gente não planeja nada mais. É um dia por vez”.

“Segunda feira eu tenho isso e isso para pagar, mas não tem pescador, como que eu vou pagar as contas?”.

Produção Agrícola

As mulheres tinham produção agrícola para o autoconsumo e também para comercialização, principalmente para os pescadores e visitantes. Com o rompimento da barragem, elas relataram que tiveram que diminuir a produção devido à insegurança com a água e a falta de demanda para comercialização. Algumas mulheres relataram que produziam feijão e milho nas margens do rio e hoje não podem produzir.

Relatos diretos

“Eu vendia mexerica, caldo de cana, vendia coisas de horta, tudo que tinha a gente conseguia vender”.

“Eu produzia mais coisas para comer, agora com essa coisa de contaminação da água diminuiu tudo”.

"Eu sinto saudade de ir pra roça pegar milho e feijão. A gente plantava nas margens do rio e hoje está impedido de plantar".

Água

Algumas mulheres usavam a água do rio para agricultura e consumo dos animais. A maioria usava água de poço artesiano e cisterna para o abastecimento da casa. As mulheres reiteraram que antes do rompimento não havia problemas com água, não tinha racionamento nem preocupações quanto à qualidade ou medo de contaminação.

Ao serem perguntadas se recebem água da Vale e se a quantidade é suficiente, as mulheres relataram que nem todas estão recebendo água e que, em muitos momentos, precisam racionar o uso. Relataram também sobre a dificuldade na dinâmica da água, que agora precisam armazenar e devolver os galões, o que não acontecia antes. A Vale enche a caixa d'água com caminhão pipa, que é água usada para horta e para os animais, mas, conforme elas relataram, sempre precisam acionar a Vale para avisar que estão sem água, o que aumenta o estresse. No período das chuvas, o caminhão pipa não vai nas comunidades devido à dificuldade de acesso às estradas.

É de consenso universal que o acesso à água potável e em condições adequadas de uso é fundamental para sustentação da vida. Sendo assim, qualquer prejuízo que imponha dificuldades ou impedimento de acesso, representa uma violação de diversos direitos humanos protegidos por lei, como o direito à vida, direito à saúde, ao bem-estar e direito ao acesso à alimentação. Portanto, destaca-se que a insegurança quanto à qualidade da água é um atentado à dignidade humana e desencadeia em outros danos materiais e imateriais.

Relatos diretos

"Agora nós temos que ficar preocupadas até com a água, que antes não era um problema".

SSAN

As mulheres relataram muitos impactos na dinâmica alimentar, principalmente pela redução do consumo de peixes. Os impactos na renda são preponderantes para os prejuízos alimentares. Além disso, as mulheres que antes produziam para o autoconsumo, relataram que tiveram que diminuir devido à contaminação da água. Foi observado também por elas que os pés de frutíferas sofreram alterações na produção, com redução da quantidade e na

qualidade, visto que os frutos agora estão nascendo podres e com bichos, o que não acontecia antes.

Relatos diretos

“A alimentação piorou, se não tem dinheiro, como que a gente se alimenta bem?”.

“A gente comia peixe e hoje não come mais”.

“Meu marido era pescador e desde 2019 que não pesca mais”.

“Eu produzia mais coisas para comer, agora com essa coisa de contaminação da água diminuiu tudo”.

“Os pés de frutas não dão como antes, quando dá vem tudo bichada”.

Valor da terra e renda agrícola

As mulheres não mencionaram diretamente questões relacionadas à desvalorização da terra e da renda agrícola, mas entendemos que existe uma relação entre o valor da terra e a questão da água. Sobre a renda agrícola, entendemos que houveram impactos na produção para o autoconsumo, o que acarretou em danos financeiros.

Danos imateriais

Em todos os eixos podemos identificar danos imateriais, principalmente para a saúde psíquica.

O primeiro dano imaterial identificado pelas mulheres está relacionado a desinformação. Todas relataram que não receberam informações precisas sobre o que fazer no dia do rompimento da barragem. Elas disseram que receberam as primeiras notícias através da televisão e que a difusão das informações foi muito confusa, o que aumentou o medo. Além do sofrimento pelas mortes, a falta e a distorção das informações desencadearam uma série de danos emocionais para as moradoras da região.

No que tange a questão da água, também observamos danos imateriais oriundos da impossibilidade de uso da água como era antes. Novamente, a ausência de informação sobre as condições da água aprofunda a insegurança em amplo aspecto. Mesmo não tendo um laudo que ateste a contaminação, as mulheres descrevem situações observadas por elas que demonstram desconfiança e medo sobre a qualidade da água. Além disso, ressalta-se que a empresa responsável pelos danos não cumpre com o mínimo necessário, que é informar a

população atingida. Mais uma vez a falta de informação aparece como um desencadeador de incertezas e desgastes emocionais.

Observa-se que os danos causados ao rio também são desencadeadores de sofrimento emocional tendo em vista que as mulheres tinham uma relação afetiva com o rio, que ultrapassa aspectos econômicos. O rio representava um espaço de lazer, de diversão e sociabilidade.

Relatos diretos

"Eu vi ao vivo e cores na televisão, aquela perna da menina balançando não sai da minha mente".

"Sensação muito ruim, você não ter certeza do que vai acontecer, é o pior sentimento".

"Aqueles que perderam a família é muito triste, mas para quem ficou também abalou muito".

"Chegaram uns carros avisando que tinha estourado a barragem, ficamos desesperados".

"Meu filho ficou tão surtado que pegou uma mochila, juntou as coisas e queria ir embora porque estava com muito medo da lama chegar na nossa casa".

"A Vale faz laudo de contaminação e ele não divulgam o resultado".

"Hoje a gente tem medo de ter contato com a água, a gente sabe, mas não tem certeza que está contaminada".

"Eles fizeram uma coleta, mas nunca voltaram com resultado. Não sabemos de nada".

"Antes a gente fazia churrasco no rio, recebia parentes, tinha essa diversão. Acabou tudo".

"O rio é o nosso pilar. Todas nossas angústias é porque o rio deixou de nos oferecer o que de tão belo nos oferecia".

Saúde

As mulheres observaram danos na saúde e houve muitos relatos que atestam diferentes casos de doenças físicas. Os impactos na renda também são propulsores de danos psicológicos. Todas as mulheres expressaram insegurança e muitas preocupações no que tange a renda, o que além de provocar graves danos materiais, acarreta também em danos psicológicos que podem ser observados em muitos relatos.

Relatos diretos

"Depois do rompimento aconteceu vários casos de leishmaniose".

"Apareceu doenças de pele, muitas pessoas apresentam erupções na pele e os dermatologistas não sabem o que é".

"Muitas pessoas tiveram problema respiratório que antes não tinha".

"Meu marido não tinha problema de pressão alta e hoje ele tem que tomar remédio".

"Antes eu não tomava remédio agora tenho que tomar para dormir".

"Os jovens estão entrando para o mundo das drogas".

"Agora que não tem o rio todo mundo fica no boteco".

"Antes a gente tinha menos preocupações, agora são muitas frustrações. Está todo mundo mais triste".

"Agora nós temos que ficar preocupadas até com a água, que antes não era um problema".

"Aumentou a preocupação, o estresse e as tristezas".

"O nosso psicológico está abalado. A gente tinha tranquilidade, tinha certeza de muitas coisas, sabia que tinha a nossa renda, a gente se sentia seguro, hoje só temos insegurança. Não sabemos o que vai acontecer, a gente espera muito que tenha uma reparação justa mas até agora nada. Nossa sensação de desespero é muito grande, a gente não tem uma solução, não sabe o que vai acontecer".

FIGURA 15 - MOMENTO EM QUE AS PARTICIPANTES OBSERVAM O RIO DA VIDA



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021.

Relatório de Campo Oficina Mulheres Comunidade São José e Cachoeirinha

Município/Comunidade: Esmeraldas / São José / Cachoeirinha

Local da atividade: Salão da Igreja e Cachoeirinha – Esmeraldas - MG

Data: 01/12/21

Participantes: Sueli Bicalho (Cachoeirinha, artesã, cria pássaros, gostava de pescar e aproveitou para conciliar a liderança da comissão atingidos com a comissão de asfaltamento da BR 367; Gilsa (São José, natural de Itamarandiba, fala que é muito bom participar do movimento social e do coletivo, mas também tem que pensar no individual, reside há um ano na comunidade; Ariele (São José, reside lá há um ano); Ana Maria (Cachoeirinha); Edilene (artesã, mora em São José, mas é de Cachoeirinha, ficou curiosa quando ficou sabendo que a reunião era só de mulheres); Tatiana (faz parte do Paraopeba Participa), Charlone (mora em

Cachoeirinha). Havia duas crianças: Paula (filha da Tatiana), Bianca Ferreira Rodrigues (filha da Ana Maria).

Equipe técnica responsável: Maria Gabriela (analista, atua em Cachoeirinha e São José); Bárbara, Ângela (Gerência de Participação e Engajamento); Livia (Escritório de Esmeraldas, atua em São José e Cachoeirinha), Celiane (atua em São José).

Caracterização geral

Cachoeirinha e São José são comunidades próximas do município de Esmeraldas. Cachoeirinha é um povoado rural, onde tem um centro urbanizado com igreja, praça, escola, casas e comércio local. O rio Paraopeba passa a 2 km da entrada da comunidade de Cachoeirinha. O povoado tinha um turismo em torno da pesca estabelecido, os pescadores vinham de fora (Contagem, Betim, Sabará, Belo Horizonte) e ficavam na beira do rio acampados ou se hospedavam nas casas de veraneio ou nas casas dos moradores locais. Esse movimento de turismo de pesca durava vários meses do ano. Tinham pescadores que pescavam e vendiam na própria comunidade, vendia para os moradores das comunidades, vendiam nos bares de Cachoeirinha e vendiam para quem vinha de fora, também. O rio Paraopeba era também um espaço de lazer, onde havia praias, onde nadavam, faziam churrasco e acampavam. Além de garantir o lazer da própria comunidade, havia movimento de turistas durante o ano todo, porque havia o movimento dos sitiantes de fim de semana, havia um calendário de festas tradicionais nas comunidades que atraíam turistas de fora e os moradores recebiam muitas visitas de outras cidades. Mas a maior parte da renda das comunidades vinha da criação animal, da agricultura e da produção de alimentos para o autoconsumo das famílias.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra e renda agrícola, Danos imateriais.

Renda

As mulheres relataram que, devido ao rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, da Vale S.A., em Brumadinho, que impactou toda a bacia do Paraopeba, houve uma diminuição significativa na renda das famílias das duas comunidades. Houve impacto na renda devido à contaminação das águas do rio, do lençol freático - que condenou poços artesianos e dos solos atingidos pelos rejeitos de mineração, principalmente devido à enchente das chuvas de janeiro de 2020, um ano após o rompimento da barragem, que levou os rejeitos

depositados no leito do rio para uma extensão maior de terra, aumentando a área de solo contaminado com metais pesados que se tornou impróprio para a agricultura.

A diminuição na renda das famílias veio a partir do impacto do rompimento da barragem na criação animal, na agricultura para o mercado e para a subsistência das famílias e na cadeia de turismo de pesca estabelecido nas comunidades.

Na atividade pecuária afetou as pastagens, que garantiam a alimentação do gado, e a água para o consumo dos animais.

Na agricultura afetou a produção de hortas, banana e culturas anuais realizadas nas margens do rio, principalmente milho, feijão e arroz, que serviam para a subsistência das famílias e ainda se vendiam os excedentes.

No turismo afetou a principal atração que alimentava a cadeia do turismo das comunidades, o rio Paraopeba. Havia um intenso turismo de pesca na região que foi abruptamente interrompido devido ao rompimento da barragem. Havia comércio de peixes, hortaliças, frutas, feijão, fubá, arroz, galinhas e ovos caipira, doces, temperos e artesanatos. Os pequenos empreendedores (bares, restaurantes, lojas, hospedagens), na maioria informais, contratavam mão-de-obra local para atender os turistas. Hoje todo o turismo relacionado à pesca acabou devido ao rompimento da barragem trazendo prejuízo aos empreendimentos, produtores e trabalhadores informais das comunidades. Ainda relacionado ao turismo haviam as festas tradicionais das comunidades, que também eram oportunidades de geração de renda extra: Festa de Santana, Festa do Rosário, Festa Junina, Festa da Primavera, Festa das Crianças, Festa de São José.

Havia ainda as casas de veraneio que contratavam faxineiras das comunidades quando estavam sendo usadas por seus donos ou alugadas, com a tragédia as casas de veraneio estão abandonadas.

Enfim, havia uma circulação de produtos e serviços nas próprias comunidades que fortalecia a economia local e que com o rompimento da barragem enfraqueceu completamente, gerando perdas na renda e desemprego.

Relatos diretos

“Eu alugava casa. Às vezes eu saía da minha casa e ia pra casa da minha mãe pra alugar pra turista”.

“Como eu sou artesã o povo vinha até a gente, encomendava uma roupa. Eles buscavam, eu ia para o metrô entregava. A vida mudou muito, os comerciantes, por exemplo vindo muita

gente pra cá, eles começaram a ampliar o comércio (...), mas com a tragédia do rio, isso acabou tudo”.

“Até montamos uma feira aqui de artesanato, as coisas foram aumentando, tinha gente que trazia flor, frango abatido, ovos. Como depois do rompimento não tinha mais a quantidade de pessoas (de antes), não dava pra fazer mais coisas”.

“Tinha uma renda que circulava aqui dentro, né”?

“Eu gostava de pescar... adoro! Eu fiz um bar. O povo gostava do meu peixe. O povo procurava direto”.

“O peixe frito dela era o melhor que tem”.

“Agora ela vende o peixe que compra congelado”.

“E não é a mesma coisa”.

“Diminuiu o comércio. Não tem mais festa aqui por conta da pandemia, mas por causa do rompimento, também, porque ninguém vinha mais (depois do rompimento e antes da pandemia), sabiam que não pode vim mais”.

“O povo chega no bar e pergunta se o peixe é do rio Paraopeba”.

“O povo também me pergunta”.

“Na minha casa mesmo, vendi o sitio e comprei ela na cidade. O pescador já combinava com a gente. Cheguei a aumentar o quarto, fiz uma área gourmet (pra receber os turistas). A gente perdeu tudo, o povo que vinha ficar lá, o prazer era chegar e pescar, e eu com artesanato, trabalhava criando peças, o pessoal encomendava. Teve uma época muito boa com a gente aqui, a gente pensava em unir a comunidade, com artesanato era muito bom para isso, o povo me ajudava a bordar, fazer colcha pra vender, a gente ia pegando encomendas, tinha muita coisa bacana. Pros pescadores que passavam a gente vendia o que tinha. Se você colhe corante (corante culinário de urucum) traz pra vender, o povo trazia o que produzia, eles levavam ovo, frango e dava uma renda pra gente”.

“O povo comprava lote pra vim pescar e ter onde ficar, quem comprou e não construiu, não quer construir mais, porque não pesca mais. Vem um efeito dominó, a renda cai”.

“Hoje a gente vê as casas de veraneio fechadas”.

Produção agrícola

As mulheres relataram que os danos às pastagens e à água de consumo do gado afetou a produção, e que, ainda houve demora por parte da Vale S.A. no atendimento aos produtores de gado com fornecimento de água e silagem para alimentação dos animais.

A contaminação das águas do rio Paraopeba por metais pesados inviabilizou a agricultura que se fazia às margens do rio, utilizando-se das suas águas para a irrigação. Elas relataram que não houve fornecimento de água e nem de qualquer insumo para a agricultura, tornando a atividade inviabilizada. A produção agrícola que continua persistindo na comunidade, são as hortas e quintais, que são irrigados com a água de consumo para as famílias, que vem de poços artesianos ou recebem da Copasa.

Relatos diretos

“Na agricultura afetou. Tinha plantação de bananeiras, tinha horta, tinha plantação para o gado... que dava serviço, e com esse rompimento, acabou, por causa do rio, porque usava essa água para irrigação e contaminou tudo. Tem bananeira ali que tem que arrancar tudo, porque tá contaminada”.

“Aqueles que plantavam perto do rio, agora não pode mais, o gado não pode mais beber água do rio”.

“Onde a enchente veio contaminou e perderam tudo”.

“Quem usava (a água do rio) pra irrigação da horta, não pode mais”.

“Se plantava horta à meia (dividindo a produção com o dono da terra), a pessoa liberava o terreno, plantava e agora não pode. Tem um pedaço do rio que a Vale cercou tudo, mesmo quem plantava longe, puxava água do rio”.

“Lidar com a Vale é bomba, a gente lutou muito por isso, tem fazenda que tem pouco tempo que tá entregando água. Eles lacraram poço e levavam filtro pra filtrar a água e deu no mesmo. Ai agora eles oferecem água, caminhão pipa para o gado e pra beber água mineral. Não tem água para a agricultura. Fornece ração pro gado, mas pra agricultura, não”.

Água

As mulheres relataram que não confiam plenamente na qualidade de água da Copasa fornecida para as comunidades e têm desconfianças sobre a água que vêm dos poços artesianos, pois conhecem relatos de comunidades que tiveram o lençol freático atingido,

além de nunca terem recebido nenhum dos laudos das diversas coletas de água que a Vale S.A. fez das águas dos poços artesianos.

Relatos diretos

“Quando teremos uma resposta da qualidade do rio? Se ele vai voltar? Ninguém nos dá uma certeza de qual estudo está sendo feito. Nunca veio resultado da água. Eles fazem coleta até hoje”.

“Tem poço lacrado que a Vale lacrou. Eles fizeram teste, deve ter dado contaminação porque senão teriam dado o resultado”.

“Nem qualidade da água, nem do solo. Ninguém fala como tá”.

Segundo uma agricultora de São José: *“Muitas pessoas reclamam de problemas intestinais. Nossa água da Copasa, não sei a qualidade em todo lugar, mas na comunidade é péssima e falta todo dia. Não é a mesma água que eu bebia em Belo Horizonte”.*

“A água tem gosto ruim, às vezes a gente abre a torneira e vem barro, já ficou 7 dias sem água. A água não presta, além da falta dela”.

“Em Cachoeirinha também é água da Copasa. A Copasa faz poço artesiano e oferece essa água pra comunidade”.

SSAN

As mulheres relataram que sofreram profundo impacto na soberania e segurança alimentar e nutricional das famílias. Com a agricultura de subsistência na beira do rio e a atividade de pesca interrompidas, as famílias passaram a gastar muito mais com a alimentação, além de terem uma piora na qualidade da alimentação, pois não dispõe do valor suficiente para gastarem com as compras de alimentos que têm que fazer atualmente, para garantirem a mesma quantidade, qualidade e valor nutricional dos produtos que produziam para subsistência e extraíam da pesca, antes do rompimento da barragem.

Relatos diretos

“Em Taquaras, o povo ia muito pescar, tinha muito lugar bom, agora acabou”.

“Na área toda acabou, ninguém pesca mais, nem em Pará de Minas”.

Danos imateriais

Foi unânime entre as mulheres a percepção da perda de qualidade de vida das famílias das duas comunidades com o rompimento da barragem. Relataram perdas relacionadas à saúde física, mental e emocional, aos investimentos feitos, à perspectiva de futuro. Relataram também aumento do alcoolismo e uso de drogas por elas associados ao desemprego, ao empobrecimento e à depressão que se espalhou pelas comunidades, e em decorrência, o aumento da violência doméstica. Com o fim das festas, da pesca, dos banhos de rio, dos churrascos e acampamentos na beira do rio, não há mais lazer nas comunidades, e isso, segundo elas, contribui com o aumento do adoecimento emocional e o aumento da violência doméstica na comunidade.

Também perceberam que o aumento da circulação de caminhões nas comunidades, piorou as estradas e levanta a poeira da lama seca, piorando a qualidade do ar, o que vem provocando doenças na comunidade, e aumentando o trabalho doméstico, o que sobrecarrega ainda mais as mulheres, que na sua maioria fazem o trabalho doméstico e de cuidados sozinhas.

As mulheres apontaram ainda a tristeza pela perda do rio, a falta de equipes de saúde especializadas para tratar das doenças decorrentes do rompimento da barragem nas comunidades, incertezas se algum dia haverá reparação justa e o terror e medo provocados por ocasião do rompimento da barragem, pela enchente de 2020. E ainda têm medo que novas enchentes aconteçam.

Relatos diretos

“Eu larguei tudo e vim viver nessa paz. Morava em Contagem. Aí eu ficava vendo as mulheres que tinham umas varas enormes pra ir pescar aqui. Pra nós era uma festa, sai do movimento (refere a movimentação dos centros urbanos) e vai p o rio. O pescador daqui, também todo dia buscava peixe para o almoço, era gratificante ver a disposição deles de sair daqui.”

“Em São José tinha Festa do Rosário e junina, festa de Santa’Ana e em Cachoeirinha tinha Festa da Primavera, sempre fazia Festa Junina na escola e no arraial.”

“E nossos forró aqui, né? A gente fazia no salão, em São José também fazia no salão, e juntava o povo, vinha cantores de fora, tinha os patrocínios. Era o pessoal da igreja que organizava ou a gente que tava aqui que patrocinava e era tão bom”.

“O olho até brilha de lembrar do forrozim. Natal tinha Papai Noel, era mais animado, hoje tá meio fraco”.

“Era muito bom fazer piquenique: eu, meu filho mais velho, meu neto, o Miguel, seu Jonas... e hoje estão deprimidos por não ter esse lazer mais. Agora nem isso eles fazem mais.”

“Eu vim pra cá pra pescar! Sai de lá pra pescar! Eu acampeei no rio muitas vezes, agora acabou”.

Diálogo sobre o rompimento da barragem

“Ai foi muito barro, muita terra, muita loucura, é até difícil falar”.

“Quando eu vi a cena, parecia que eu tava num sonho! Que coisa horrorosa, gente!”

“Foi muita tragédia, muita morte e tem gente desaparecida até hoje”.

“Chocante a cena na hora do almoço da gente e ver aquela tragédia, o pessoal correndo de um lado pra outro. A gente se perguntava: Será que era gente ou lama? E era gente! Não tem como não se emocionar, o sofrimento foi demais”.

“No primeiro momento, não sabia o que estava acontecendo. Foi muito assustador, com o tempo a gente foi percebendo. Demorou muito a cair a ficha”.

“Até passar um carro da prefeitura, falando pra gente não aproximar do rio Paraopeba, não pescar. Quando a gente ouviu isso, (só aí) a gente pensou onde estamos. Aí ficou todo mundo alarmado”.

“Na época do acidente ambiental eu estive em Brumadinho, bem perto do acidente. Em Brumadinho tem na entrada muitas homenagens, nomes de quem não foi encontrado, muito triste, tentando homenagear o ente querido. E tem gente que não encontrou até hoje. Deus ajuda que as coisas melhora, apesar de ser um trágico crime que não acaba e não passa nunca. Quem mora na região do rio não vai esquecer isso nunca mais, isso vai ser história do livro da escola daqui a 20 anos, vai guardar e lembrar pro o resto da vida a árvore genealógica das família, de nós aqui”.

“Arrepiei toda quando vi, não sabia que ia nos atingir. Ainda dei graças a Deus que não perdeu vida, não perdeu gado (...) no início achava que não ia perder nada, depois que caiu a ficha”.

“A gente perdeu nossa liberdade”.

“A gente achava que não ia chegar aqui, demorou 9 dias pra chegar. Aí chegou a lama, a água vermelha com mau cheiro, era terrível! A cena que a gente conhecia do rio, e chegar lá e ver aquilo! O estrago foi demais”.

O rio até secou, né? A água ficou espessa, ele secou muito. Não tem a mesma quantidade de água, você não vê praia porque a lama ficou no fundo”.

“Qualquer chuva ele (o rio) sobe rapidinho”.

“Esse rejeito que veio acumulou embaixo do rio e com o volume de água o rio não suportou mais, e qualquer chuva hoje em dia dá nova enchente e pode acontecer isso”.

“A enchente (em decorrência das chuvas de 2020) atingiu mais ainda. Eu lembro de pescar em Pará de Minas”.

“Em Taquaras tem casa que foi tapada de barro (...). Todinha de lama. Na enchente de 2020 desceu lama, choveu, o rio não suportou a água e alagou tudo. Passou as casas (o volume de água), ninguém tava esperando essa enchente”.

Diálogo sobre os danos à saúde

“A situação não é fácil. A gente pensa: meu Deus será que algum dia o pessoal vai conseguir fazer essa reparação? Tem uma amiga de uma amiga que conta que a mãe dela levantava pra fazer café, tinha galinha... de repente eles tiveram que ir pra um apartamento e a mãe dela tá com depressão”.

“Não pode ficar impune, alguém tem que pagar por isso”.

“Em Taquaras tem 138 pessoas com doenças de pele por causa da poeira que sobe depois da enchente, a Vale foi, tirou um pouco de rejeito, mas lá tá uma bagunça”.

“Quem mora perto do rio reclama mais da poeira, por causa de no lugar que a enchente passou, seca, o gado vai passando e sobe poeira. Uma criança deu bronquite e a gente acha que é essa poeira”.

“Já tive duas crianças com doenças de pele. Ela dá uma manchinha, e dá uma bolinha amarelinha, e vai estourando, e vai abrindo a casquinha, e fica só a casquinha. A gente não tem assistência (especializada) na área da saúde, se chegar com isso por causa do rompimento”.

“Tem posto de saúde na comunidade, mas falta atendimento em relação às doenças causadas pelo rompimento”.

“Falta preparo, porque todas as comunidades atingidas, quem atende no posto tinha que ter um preparo pra isso, pra entender se é uma coisa normal ou se veio do rompimento.

“Apareceu muito inseto, muito bicho, aranha, cobra, muito besouro, barata, mosquito... se quiser pode até levar uma mudinha de mosquito”.

“Da poeira eu reclamo demais, os caminhões que a Vale usa pra suprir o problema que ela causou, além de deixar ruim a estrada, aumentou a poeira por causa da presença de caminhão.

“Após o rompimento a Vale ofereceu silo e água para os fazendeiros, o caminhão que traz passar toda hora e faz muita poeira”.

“Tem posto de saúde na comunidade mas falta atendimento em relação a essas doenças”.

Diálogo sobre aumento do alcoolismo e aumento da violência doméstica nas comunidades

“Tinha mais alegria, uma coisa que a gente nota que diminuiu um pouco. Na minha comunidade aumentou o alcoolismo, não sei se tem ligação. Tem o homem, né? O homem sem emprego é mais fraco que o feminino, ele sofre muito e começa a beber”.

“Com certeza tem relação”.

“Tem a perda do lazer, né? Eles perderam e isso aí acabou, os homens iam pescar. O povo até perguntava: como eles iam a pé? Porque era longe, eles ia na chuva e ainda mostrava o peixe pra gente”.

“Menos criação também, quem mora na roça planta muito”.

“Quem faz parte de comissão e tá nas comunidades já viu isso, muito aumento de alcoolismo e droga”.

“Aumentou o consumo de droga (de tudo), mas o alcoolismo é mais explícito”.

“Aumentou a violência doméstica. O pessoal que mora mais próximo do rio, acaba que ficou mais prejudicado com o acontecimento. Não trabalha, nem cuida da horta, fica desesperado e desconta a raiva em quem tá do lado (...) Aumentou as discussões e problemas”.

“Teve até uma pessoa que começou a falar com a gente. Ela esteve na minha casa e começou a contar, a pessoa não tinha mais como pescar e passou agredir ela dentro de casa, eu perguntei se ela queria ajuda, pra ir na polícia, no psicólogo. E ela foi bem atendida. Deu certim, o cara foi embora e foi tudo por culpa disso mesmo (do rompimento da barragem). A situação econômica ficou difícil, o serviço que tinha acabou”.

“Tem a tristeza doméstica e a violência doméstica aumentou. E aumentou mais na pandemia”.

Perspectiva de futuro

As mulheres relataram medo do futuro. Medo de não serem reparadas, medo da perspectiva futura dos filhos, medo de descobrirem que estão consumindo água contaminada por metais pesados e medo de adoecimentos nas famílias. Mas também relataram esperança. Acreditam que um dia a justiça será feita e o sofrimento delas chegará ao fim. Acreditam, e se agarram a essa crença, que a justiça tem que ser feita e que a luta delas não pode ser em vão. Mas ao mesmo tempo dizem que já estão cansadas de terem que provar que foram atingidas.

Relatos diretos

“O que eu quero pro futuro, pra mim, é ver o rio fluir novamente e ver se essa reparação vem, porque os danos foram muitos”.

“Apesar de não darem muita informação pra gente (a Vale S.A.), existe a esperança de um dia acabar esse transtorno, ver o rio bonito de novo”.

“Eu tenho esperança de ver acontecer, mas já estou cansada”.

“Tem que ter esperança de melhorar, eu tenho esperança”.

“Temos esperança, sim. Sabemos que a justiça chega, cedo ou tarde, e é justa. Esses danos todos... nós fomos prejudicadas e temos que provar ainda isso! É terrível! Mas tenho esperança, porque não pode perder. A gente não pode continuar nessa vida que tô levando aqui. Vem depressão ansiedade, acabou com muito relacionamento, então tem que ter”.

Uma mulher fala o que tem o positivo: *“A junção dos movimentos coletivos (...) Conheci mil pessoas, o NACAB ajudou muito e a gente tá depositando esperança pras coisas futuras. Estamos buscando o empreendedorismo, o artesanato, o peixe. Tem esperança nesse lado aí e contamos com a assistência”.*

Mapa Da Sociobiodiversidade

Após o encerramento da metodologia do Rio da Vida, se deu início à construção dos Mapas da Sociobiodiversidade, para preservar os nomes das atingidas, a cada linha amarela é iniciado a produção da seguinte. Segue abaixo a tabela:

QUADRO 9 - INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICÍPIO: Esmeraldas COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha		
Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Couve	10 pés	10 pés
Alface	20 pés	20 pés
Tomate	6 pé	0
Cebolinha	15 pés	15 pés
Espinafre	1 pé	1 pé
Cenoura	30 pés	30 pés
Beterraba	20 pés	20 pés
Almeirão	10 pés	10 pés
Mostarda	6 pés	6 pés
Jiló	30 pés	30 pés
Pimentão	20 pés	20 pés
Salsa	5 pés	5 pés
Rúcula	10 pés	0

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Abobora	7 pés	0
Quiabo	20 pés	20 pés
Mandioca	60 pés	0
Chuchu	1 pé	1 pé
Pimenta	6 pés	6 pés
Taioba	1 pé	0
Romã	2 pés	2 pés
Transsagem	30 pés	30 pés
Abacate	1 pé	0
Alecrim	1 pé	1 pé
Marcelinha	1 pé	1 pé
Mamão	2 pés	2 pés
Mexerica	2 pés	2 pés
Banana	4 pés	4 pés
Abacaxi	2 pés	0
Limão	2 pés	0
Laranja	4 pés	0
Goiaba	2 pés	2 pés
Rosas	20 pés	20 pés
Orquídea	30 pés	30 pés
Palmas	40 pés	40 pés

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Lírio	15 pés	15 pés
Beijo	30 pés	30 pés
Adália	5 pés	5 pés
Amarílis	6 pés	6 pés
Margaridas	8 pés	8 pés
Jabuticaba		
Manga		
Acerola		
Laranja		
Limão		
Banana		
Ipês	2 pés	
Galinha		
Galo índio		
Gato	Byanca tem 9 anos e estava acompanhando a mãe, não colocou as quantidades e o que perdeu, mas relatou que a água entrou na casa quando teve a enchente, na sala, cozinha e banheiro	
Égua		
Cachorro		
Verduras		

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Tomate		
Alface		
Couve		
Cebolinha		
Citronela		
Erva Cidreira		
Orégano		
Jiló		
Goiaba		
Mandioca		
Feijão		
Milho		
Chuchu		
Pimentas		
Caju		
Orquídea		
Rosa		
Hortelã		
Coentro		
Abacaxi		
Maracujá		

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)

Carminia não relata o que tinha, mas deixa no mapa a seguinte frase: "Perdi tudo, só não perdi minha casa"

Cachorro	1	0
Galinha	8	0
Passarinho	4	0
Rosas	6	0
Orquídea	15	0
Comigo ninguém pode	1	0
Adália	1	0
Manga	1	1
Jabuticaba	1	1
Acerola	2	2
Citronela	1	1
Orégano	1 pé	1 pé
Hortelã	1 pé	1 pé
Orquídeas	6 pé	6 pé
Suculentas	100	100
Cebolinha	10 molhos	10 molhos
Couve	30 pés	30 pés

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Alface Lisa e Americana	20 pés	20 pés
Banana Prata	2 pés	2 pés
Ipê Roxo	2 pés	2 pés
Boldo	1 pé	1 pé
Cavalo	6 animais	0
Vacas	20 animais	0
Cachorro	5 animais	0
Gatos	3 animais	0
Bálsamo		
Guaco		
Beterraba		
Jiló	2 pés	2 pés
Galinhas	50 animais	0
Limão Taití	1 pé	1 pé
Laranjas	4 pés	4 pés
Mexerica	5 pés	5 pés
Hortelã Pimenta	2 pés	2 pés
Açafrão		
Mandioca	30 pés	30 pés
Abóbora	4 pés	4 pés
Salsa	10 pés	10 pés

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Goiaba	2 pés	2 pés
Almeirão	10 pés	10 pés
Mostarda	10 pés	10 pés
Pimentão	3 pés	3 pés
Tomate Cereja	5 pés	0
Tomate Andreia	2 pés	0
Caju	1 pé	1 pé
Rosas	4 pés	4 pés
Babosas	2 pés	2 pés
Flor de Algodão	1 pé	0
Ora-pro-nobis	2 pés	2 pés
Transagem	10 pés	10 pés
Marcílica	1 pé	1 pé
Abacaxi	2 pés	0
Mamão	3 pés	0
Maracujá	2 pés	2 pés
Galinha gigante	10 animais	0
Jiló		0
Peixe		0
Hortelã	1 canteiro	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Cebola	30 pés	20 pés
Milho	150 pés	0
Alho	30 pés	0
Couve	10 pés	10 pés
Mexerica	2 pés	2 pés
Ovos de Galinha	80/mês	0
Laranja	2 pés	2 pés
Cobu	2 kg/mês	2 kg/mês
Manga	3 pés	3 pés
Jabuticaba	3 pés	
Biscoito de Polvilho		
Abacate	2 pés	2 pés
Acerola	1 pé	1 pé
Mandioca	30 pés	0
Alface	15 pés	0
Goiaba	8 pés	8 pés
Amora	2 pés	2 pés
Limão Capeta, Siciliano e Galego	5 pés	5 pés
Galinha Garnizé	170 animais	0
Jabuticaba	3 pes	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Manga	1 pé	
Uvaia	1	
Pinho		
Laranja	2	
Mexerica	1	
Limão	1	
Goiaba	2	
Caju	1	
Acerola	1	
Galinhas		0
Orquídeas	110	
Bromélias	100	
Couve	10	
Alface	6 pés	
Rúcula	10 pés	
Cebolinha	10 pés	
Coentro	5 pés	
Salsa	4 pés	
Chuchu	1 canteiro	
Jiló	10 pés	
Rabanete	20 pés	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Guaco	1 pé	
Manjerição	3 pés	
Citronela	1 pé	
Capim Limão	2 pés	
Boldo	1 pé	
Bálsamo	3 pés	
Alecrim	1 pé	
Cidreira	1 pé	
Hortelã	5 pés	
Canela	1 pé	
Jumento		
Jumentas	20 animais	
Tomate		
Babosa	1 pé	
Algodão	1 pé	
Espinafre	1 pé	
Almeirão	10 pés	
Taioba	15 pés	
Quiabo	10 pés	
Açafrão	3 pés	
Mamão	5 pés	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, mós, área plantada)	Quantidade (pés, mós, área plantada)
Pitanga	1 pé	
Cajá-manga	1 pé	
Maracujá	1 pé	
Uva	1 pé	
Alface	12 pés	
Cebolinha	8 pés	
Couve	10 pés	
Cebola	10 pés	
Almeirão	6 pés	
Couve-flor	12 pés	
Brócolis	8 pés	
Alho	25 pés	
Beterraba	6 pés	
Cenoura	12 pés	
Galinha caipira	22	
Laranja Serra d'água	1 pé	
Laranja Campista	1 pé	
Laranja Bahia	1 pé	
Mexerica	2 pés	
Limão Capeta	1 pé	

INVENTÁRIO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
MUNICÍPIO: Esmeraldas
COMUNIDADES: São José / Cachoeirinha

Produto	Antes do rompimento	Após o rompimento
	Quantidade (pés, móis, área plantada)	Quantidade (pés, móis, área plantada)
Limão Taití	2 pés	
Banana Prata	18 pés	
Acerola	1 pé	
Hortelã	1 pé	
Alecrim	1 pé	
Orquídea	12 pés	
Cacto	10 pés	
Folhagem	6 pés	
Amarílis	7 pés	
Quiabo		
Abóbora	2 pés	
Jiló	3 pés	
Repolho	7 pés	
Tomate Cereja	3 pés	

Cadernetas Agroecológicas

Fazem parte do grupo das Cadernetas Agroecológicas, 7 mulheres.

QUADRO 10 - CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

CADERNETA AGROECOLÓGICA	
MUNICÍPIOS/COMUNIDADE ENTREGUE	QUANTIDADE ENTREGUE
Esmeraldas, Comunidades São José e Cachoeirinha	7

Fotos da oficina:

FIGURA 16 - PARTICIPANTES DA OFICINA APRESENTAM O RIO DA VIDA



Fonte: Registro realizado pela comunicadora do NACAB, Bárbara Ferreira, 2021

FIGURA 17 - EQUIPE TÉCNICA, NACAB E MULHERES PARTICIPANTES DA OFICINA



Fonte: Registro realizado pela comunicadora do NACAB, Bárbara Ferreira, 2021

FIGURA 18 - ELABORAÇÃO DOS MAPAS DA SOCIOBIODIVERSIDADE



Fonte: Registro realizado pela comunicadora do NACAB Bárbara Ferreira, 2021

Relatório de Campo Oficina Mulheres Soledade

Município/Comunidade: Pequi / Soledade

Local da atividade: Barraquinha da Igreja de Soledade

Data: 01/11/2021

Participantes: Neusa, Thais, Marcelina, Bianca, Rosilda, Andreza, Xica, Eunice

Equipe técnica responsável: Indyra, Karine, Laetícia e Sinthia.

Caracterização geral

Soledade é uma comunidade rural localizada cerca de 4km do Rio Paraopeba, a qual foi diretamente atingida pelo rompimento da barragem, e com isso tem demonstrado que o limite de 1km imposto pela Vale é insuficiente para delimitar quem é atingida/o ou não. É característico da comunidade a produção de leite e queijo, a agricultura familiar e as hortas das mulheres, a produção de farinha, biscoito, polvilho, pão de queijo, bolo, manteiga e outros beneficiamentos feitos pelas mulheres. Antes a produção era destinada para a venda, troca, doação e consumo, hoje as mulheres relatam que produzem somente para o autoconsumo. A comunidade tem uma expressiva manifestação cultural com a festa junina, cavalgada e o congado, além de ter a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, criada em 1951, e a associação, criada em 1985, entre as características principais.

Eixos: Renda, Produção agrícola, Água, Soberania alimentar, Valor da terra e renda agrícola, Danos imateriais.

Renda

Antes do rompimento as mulheres produziam mais alimentos e vendiam a produção na cidade, na comunidade, nos mercados locais e também em algumas feirinhas que realizavam, também produziam e vendiam a farinha, antigamente comercializavam mais porque a procura era maior. As mulheres informaram que além da produção, elas também trabalhavam nas fazendas. Com o rompimento da barragem, as mulheres contaram que o trabalho foi diretamente atingido, sobretudo a perda das plantações causado pela contaminação da água.

O surgimento da comunidade foi marcado por muita pobreza, as mulheres relatam que a falta de oportunidade de emprego sempre foi uma problemática, o que causa a migração das/os moradoras/es para outras regiões, mas antes as mulheres afirmaram que conseguiam plantar mais e realizar mais beneficiamento a partir de sua produção. Após o rompimento o índice de desemprego aumentou e elas estão sem condições de produzir e de escoar a produção, ficando isoladas na comunidade sem acesso à renda, contribuindo diretamente para a perda de autoestima e autonomia. Situação agravada pela pandemia já que as festas tradicionais não estão acontecendo, portanto, elas não têm a oportunidade de ter um espaço para vender o que produzem. Uma das jovens que trabalha com procedimentos estéticos relata que atende as pessoas em casa, mas o movimento é fraco porque não tem muitos clientes.

O rompimento agravou dificuldades já vivenciadas pelas mulheres na comunidade, como a falta de transporte e a falta de sinal de celular com qualidade, deixando-as sem oportunidades de ampliar redes e relações, ficando restritas à comunidade.

Relatos diretos

“Nós precisamos de serviço, trabalho leve porque está muito pesado, a gente não aguenta”.

“A gente quer ter o nosso dinheiro”.

“Nossa comunidade foi muito atingida”.

“As mulheres que trabalhavam na horta ficaram sem o trabalho”.

Produção agrícola e animal

As mulheres relataram durante a oficina que produziam alimentos, como feijão, macaxeira, milho, horta, cana e leite para autoconsumo, além de capim para o gado. Elas também faziam o beneficiamento de produtos, como o queijo, farinha, polvilho, pão de queijo, biscoitos, manteiga, entre outros. A produção que era vendida na cidade, nas fazendas e na própria comunidade. Elas também destacaram a criação de animais, como o porco, galinha e gado/vaca. Especificamente o porco, elas contam que ao ser abatido, era comum os vizinhos doarem entre eles para ser consumido, e também do animal era produzido a carne de lata.

Com o rompimento da barragem as mulheres relataram que a produção caiu bastante, como consequência ocorreu o impacto direto na comercialização e o enfraquecimento da relação

dos vizinhos. Com a água contaminada do rio e do Ribeirão, as mulheres passaram a ter medo de produzirem alimentos contaminados e tanto a produção agrícola quanto a produção animal foram impactadas, algumas mulheres ainda garantem a produção para o autoconsumo.

As mulheres contaram que uma das moradoras tem perdido a criação de galinhas de forma misteriosa, e elas acham que as galinhas estão morrendo devido à água contaminada.

Relato direto

“Antigamente não tinha geladeira, matava o porco e deixava secar no sol, fazia carne de lata e dividia entre os vizinhos”.

“O rompimento afetou muito, perdemos nossas plantações, perdemos nosso lazer”.

“Na época da barragem tinha uma horta enorme na beira do rio que foi destruída”.

Água

As mulheres relataram que antes do rompimento utilizavam a água tanto do Rio Paraopeba quanto do Ribeirão para diversas atividades, entre elas a produção de alimentos, criação de animais e para lavar roupas. Com o rompimento da barragem, as mulheres deixaram de utilizar esses dois espaços tão importantes e vitais para a comunidade. Especificamente sobre o Ribeirão, elas ainda não têm informações seguras sobre a contaminação. Da mesma forma, o poço que abastece a comunidade nunca teve atenção da Vale ou da Prefeitura, elas contam que a Vale fez a coleta mas nunca retornou com o resultado e seguem utilizando a água normalmente, apenas o NACAB fez a análise e o resultado ainda não foi entregue, durante a oficina a equipe informou que a análise está sendo verificada junto ao laboratório. No geral, as mulheres afirmaram se sentirem mal informadas e estão preocupadas com a água que consomem por não saberem se ela está contaminada ou não.

O poço que abastece a comunidade data de 2005 e atualmente as mulheres informam que a água é insuficiente para abastecer toda a comunidade.

Relato direto

“A vale coletou água para fazer análise e não voltou para falar o resultado”.

“Ninguém da Vale nem da prefeitura vieram na comunidade para informar sobre a contaminação”.

“A gente queria saber se pode comer do peixe, se está contaminado. Eles fizeram a análise e não falou o resultado, a gente fica sem saber se a água do córrego está contaminada”.

SSAN

O rio continha uma diversidade de peixes: timburé, piaba, traíra, espada, surubim, dourado, curimatã, cascudo, cará, mandi, bagre, sarapó, timburé, piranha, pacu. Elas comentam que comiam muito peixe, alimento que garantia a substituição da carne – que naquele tempo já não tinham acesso porque não podiam comprar, e hoje reclamam que não tem mais o peixe, *“está tudo contaminado.”* Antes as mulheres relataram que frequentavam bastante o rio para pescar, hoje elas têm que pedir autorização aos fazendeiros para acessar um açude, mas são poucos os que autorizam a pesca. Ainda assim, quando as mulheres têm a possibilidade de comprar o peixe elas têm medo, estão inseguras em comprar peixe contaminado do Paraopeba, elas também trouxeram a saudade de comer peixe frito.

Com a água contaminada do rio e o medo de produzirem alimentos contaminados, a produção caiu bastante, inclusive a produção de animais como o porco, galinha e vaca (para produção de leite). Nas margens do rio tinham frutíferas que hoje as mulheres e suas famílias não têm mais acesso.

Relatos diretos

“Na época da barragem tinha uma horta enorme na beira do rio que foi destruída.”

“não tem trabalho, não tem verdura”.

“As mulheres mal tinham serviço, mas podiam plantar e agora não podem mais.”

“Carne não dava pra comprar, comíamos só peixe”.

“Antes tinha o rio que a gente pescava e não gastava dinheiro. Hoje a gente fica quieto dentro de casa”.

“Hoje para comer peixe a gente tem que comprar. Mas temos medo de comprar e ser peixe do Paraopeba”.

“A gente tem quase certeza que está contaminado (ribeirão) porque teve gente que pescou e o peixe estava amargo”.

Valor da terra e renda agrícola

As mulheres não especificaram esses itens.

Danos imateriais e danos relacionados à saúde

As mulheres relatam que o Rio Paraopeba era o espaço de lazer da comunidade utilizado para pescar, acampar e para vários outros momentos de diversão, além de suas margens serem usadas para o plantio de hortas. Além do Paraopeba, as mulheres informaram que tem um Ribeirão próximo, onde pescavam peixes menores, lavavam roupa e também usavam para o lazer, mas quando chove muito o rio transborda para o Ribeirão, portanto elas com medo da contaminação pararam de usar esse espaço também. Após o rompimento as mulheres afirmaram que estão mais dentro de casa, com a perda do rio e do ribeirão como espaços coletivos, as pessoas passaram a frequentar menos a comunidade e os fins de semana estão vazios.

Em decorrência disso, as mulheres apontaram para o aumento de desemprego, violência, trabalho doméstico, depressão entre elas e também entre a juventude, inclusive durante a oficina uma jovem relatou o agravamento de sua depressão após o rompimento, sobretudo com a perda dos espaços de lazer coletivos, *“antes o rio juntava as pessoas, agora todo mundo está preso em casa”*, enfatizou a jovem. Já o trabalho doméstico e de cuidados agrava/aumenta o cansaço tanto físico quanto mental, e com o adoecimento dos jovens são as mulheres as responsáveis por essa demanda do cuidado. Diante do contexto, as mulheres informaram que estão adoecendo e que agora é comum tomar remédio para dormir, elas também disseram que percebem que os filhos não são mais como antes e que os maridos estão mais estressados devido a perda da atividade da pesca.

Relatos diretos

“Nós ficamos angustiadas, muita tristeza”.

“Sim, depois do rompimento muita gente adoeceu de tristeza”.

“Vivemos dentro de casa”.

“Os novinhos tudo com depressão”.

“O pessoal era mais alegre quando eu vim pra cá. Depois do rompimento mudou, final de semana não é como antes quando todo mundo ia para o rio, os barzinhos, perdeu os espaços de lazer”.

“Antes o rio juntava as pessoas, agora está todo mundo preso em casa”.

“Cada dia que a gente for no rio, mesmo que esteja bem, nunca vai ser aquela felicidade de antes”.

Outros pontos importantes

As mulheres enfatizaram que a pandemia agravou as dificuldades causadas pelo rompimento, mas especificaram que se existisse o rio seria diferente porque elas teriam um espaço de lazer ao ar livre, teriam para onde ir e o que fazer.

Relatos diretos

“Mas se tivesse o rio mesmo com a pandemia teria lazer”.

Fotos da oficina

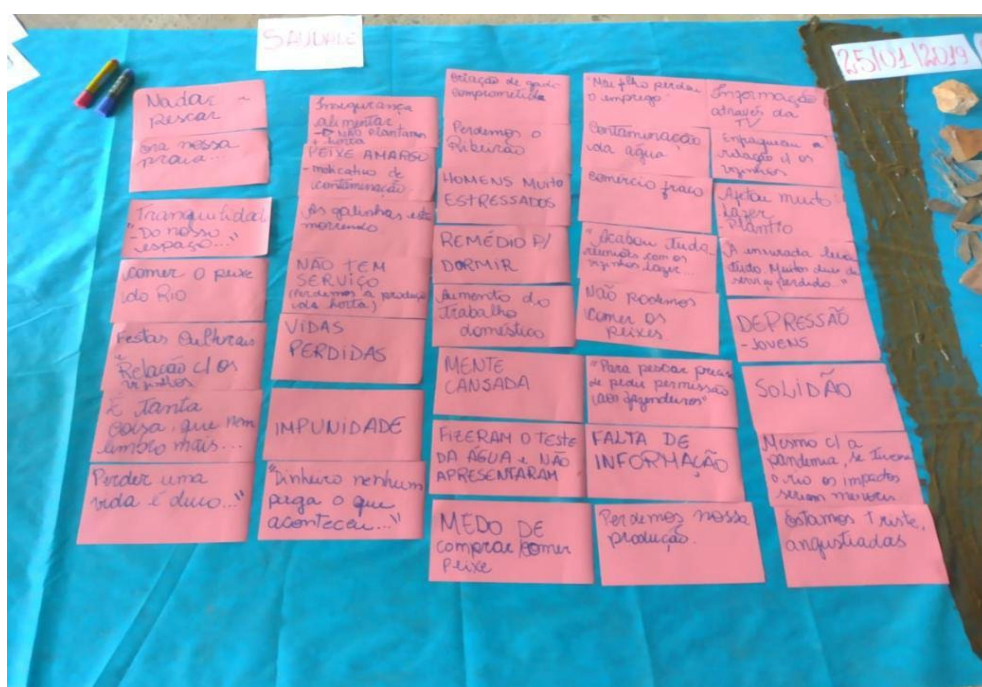
FIGURA 19 - CONSTRUÇÃO DO RIO DA VIDA



FIGURA 20 - CONSTRUÇÃO DO RIO DA VIDA



FIGURA 21 - SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DA COMUNIDADE E DA VIDA DAS MULHERES PÓS-ROMPIMENTO DA BARRAGEM



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021.

FIGURA 22 - EQUIPE TÉCNICA, NACAB E PARTICIPANTES DA OFICINA



Fonte: Registro realizado pela equipe técnica, 2021.

Anexo 4 -Transcrições de Entrevistas

Entrevistado: José Geraldo Martins

O entrevistado relata que entrou para o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) trabalhando com as questões de saúde na Bacia do Rio Doce: *“O rompimento da Barragem de Brumadinho pegou todos de surpresa, menos a Vale”*. No momento do rompimento, alguns militantes estavam em Belo Horizonte - MG na reunião da Coordenação Estadual do MAB, durante a reunião receberam a notícia do rompimento e alguns militantes foram para a comunidade Córrego do Feijão dar apoio aos atingidos. Rapidamente mobilizaram outros militantes do MAB através de uma convocação nacional e vieram militantes de todo país que fizeram as brigadas em Brumadinho e no percurso da Bacia do Rio Paraopeba. Ele comenta que no rompimento em Mariana foram cerca de 65 milhões de m3 de volume de terra - volume de lama maior que do Rio Paraopeba. Em Brumadinho foram derramadas 11 milhões m3 de lama, porém em Brumadinho, como a barragem era muito antiga, a lama era mais densa, menos viscosa e “mais seca” por isso ela percorreu um espaço menor, em torno de 10 km e depois parou.

Perfil do entrevistado

José Geraldo Martins é militante do MAB, reside atualmente em Belo Horizonte, é farmacêutico de formação e trabalha no MAB há mais de 4 anos com as questões de saúde, inicialmente com os atingidos na Bacia do Rio Doce. Após o rompimento, o entrevistado residiu em Brumadinho por seis meses, e atualmente acompanha os territórios do médio e baixo Paraopeba (o Alto Paraopeba é a região de Brumadinho, de acordo com a fala do entrevistado).

Renda

O entrevistado reconhece que de maneira geral, a renda de todas as famílias atingidas foi afetada em diferentes aspectos, como exemplo a renda produzida com a venda de peixes foi cessada e as produções agrícolas que existiam nas margens do rio, onde as famílias produziam alimentos e dividiam a produção, trocavam trabalho por comida, produziam alimentos para venda e autoconsumo, também foram interrompidas.

"Considerando que são as mulheres que mais sofrem o processo do rompimento, com adoecimento, do acúmulo de trabalho, a perda de renda e em todos os aspectos, é fundamental que exista um programa específico para as mulheres[...]".

"Além disso, nas comunidades ao longo da Bacia do Rio Paraopeba, muitas mulheres sobreviviam com a renda da faxina nas casas de veraneio, que eram ocupadas nos fim de semana e nos feriados prolongados e essa atividade também foi cessada com o rompimento. As mulheres produtoras e vendedoras de artesanatos tiveram toda cadeia econômica afetada. Com a suspensão da pesca, os homens aumentaram o consumo de álcool e outras drogas, aumentando a violência doméstica".

Água

O entrevistado explica sobre os elementos que estão no Rio: *"O que vem hoje no Rio Paraopeba é o filtrado que a água retira dos elementos solúveis em água e uma parte da argila, que é onde ficam retidos os metais pesados, principalmente os que causam os problemas de saúde que a gente verifica entre os atingidos".* Agora esses elementos metais pesados, estão dissolvidos em água ou retidos em argila.

"O que acontece quando tem um rompimento de barragem é um impacto inicial muito grande no ato do rompimento, as pessoas que estão mais próximas, como em Brumadinho com 272 mortos, foi o caos aquela coisa toda, mas os territórios três, quatro e cinco não foram imediatamente atingidos da forma como são hoje, nesse caso é um processo mais lento, primeiro a lama chegou, matou os peixes que mostra que o rio ficou muito poluído, e isso que ficou visível no primeiro momento, mas ao longo do tempo, no final do primeiro ano tivemos

*uma grande enchente. O que acontece agora, são que esses elementos – metais pesados e semimetais que estão presentes na lama de rejeito estão dissolvidos na água, conforme algumas análises mostram, ou retidos na argila que fica no fundo do rio. **Então toda vez que chove e acontece uma enchente, essa lama sobe se deposita nas margens o rio volta para a calha, e aquela lama fina que sobra nas margens e acima delas, secam, viram poeiras e ficam contaminando todos os seres que respiram – as plantas, o solo, os animais e as pessoas.***

Ele explica que atualmente, nos territórios do médio e baixo Paraopeba existe uma contaminação já comprovada pois, vêm sendo feitos estudos sobre essa contaminação, a utilização da água para agricultura, irrigação, manejo dos animais, uso humano, pesca e natação está proibida pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM), tem placas não muito óbvias pela região, que poderiam ser mais chamativas, mas a Vale S.A não aceitou, mas é uma proibição oficial.

“Mas os danos vão se acumulando, as comunidades que sobreviviam através do turismo e pesca tiveram um abalo brutal no primeiro momento e embora não concordamos e sabemos que não é o correto, as atividades turísticas e pesqueira está voltando a ser praticada, o que é um alento para as comunidades porque eles precisam sobreviver, uma vez que muitas delas não conseguiram nem o Auxílio Emergencial. Ao mesmo tempo, isso se torna um motivo de preocupação pois, sabemos que os efeitos do consumo dos peixes e da utilização das águas vão aparecer a dez ou quinze anos depois, ou seja, no longo prazo”.

Danos Imateriais

Sobre as mulheres, ele comenta que não se sente a pessoa mais indicada do MAB para falar desse tema. Também relata sobre a postura do MAB diante à pandemia, onde decidiram não está nos territórios de forma presencial, para garantir a segurança sanitária entre todos os envolvidos e respeito aos atingidos, ele intera: *“Especificamente sobre as mulheres, temos um coletivo de mulheres com trabalhos voltados para as mulheres, temos projetos com as mulheres que devem beneficiar outros territórios além de Brumadinho. O que a gente percebe, até pelo relato das próprias atingidas, que o impacto do rompimento nas mulheres é muito maior, por uma série de fatores, não só pelo trabalho das mulheres que é invisibilizado, como nós vimos as mulheres pescadoras que trabalham com isso mas também são donas de casa, são mães, cuidam da saúde da família, são as que têm mais responsabilidades, principalmente as mães solas”.*

Laetícia pergunta sobre o aumento da violência doméstica nas regiões antigas e cita que em outras entrevistas com os gestores eles respondem que não aumentaram as denúncias, então questiona se o entrevistado já presenciou ou tem certeza desse aumento, ele responde: *“Eu*

não posso falar especificamente em Pará de Minas porque nós não temos trabalho com as mulheres no local, mas nas outras áreas da bacia, onde tem os coletivos de mulheres, onde tivemos o projeto com as arpilleras (Brumadinho, São Joaquim de Bicas, Betim, Juatuba – localizadas na R1 e R2, mas o MAB tem objetivos de desenvolver esses projetos nas outras regiões, segundo o entrevistado) e mesmo nas reuniões mistas (presença de homens e mulheres), 95% dos atingidos organizados no MAB são mulheres que relatam um aumento importante (significativo) na violência contra a mulher. O fato da negação dos gestores não me surpreende, se você for conversar com o secretário de saúde ele vai dizer que ninguém adoeceu e que não tem contaminação, então existe um movimento de negar essa situação para não atrapalhar os negócios, digo isso como uma realidade geral, inclusive quanto mais abaixo do rio, mais difícil fica conversar sobre essas coisas, algumas pessoas dizem que a contaminação já passou, mal sabem eles que a contaminação aumenta ao longo do tempo porque a lama não foi retirada, então a tendência é a lama aumentar, poluir a represa de Três Marias e chegar até o Rio São Francisco, infelizmente”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Ações e políticas específicas para as mulheres atingidas na Região 3:

“Temos o coletivo de mulheres, específico para questões de gênero, mas como te disse, fazemos reuniões com todos os atingidos e em todos os territórios e as mulheres são sempre a maioria. Não conheço programas voltados especificamente para as mulheres, nos municípios que acompanho”.

Ele explica que a partir da R3, os municípios em geral estão mais afastados do rio, como em Pará de Minas que o rio passa a 25 km da cidade, mesmo caso em Curvelo e Pompéu. As cidades próximas do rio são Brumadinho, Mário Campos, Betim e Juatuba, que estão na R1 e R2. A partir da R3, algumas comunidades podem estar mais próximas do rio.

Você acha importante ter ações específicas para as mulheres?

“[...] Inclusive, nas discussões do anexo 1.1 que são os projetos das comunidades esse ponto tem sido levantado, e nas regiões 1, 2, 4 e 5, as mulheres conseguiram emplacar projetos voltados para geração de renda, educação e saúde, pois são os pontos que mais atingem elas. Sim é necessário que tenha, é muito importante porque temos que trabalhar com a equidade, na reparação integral pressupõe uma equidade, tem que dar mais para quem precisa mais e no caso das mulheres elas são as que mais sofrem com tudo isso”.

Você citou sobre os projetos de geração de renda e no caso, vocês do MAB tem levantado essas demandas junto com as mulheres e apresentado as propostas?

O entrevistado responde que de uma forma sistemática não, pois esse é um papel das Assessorias Técnicas Independentes (ATI's) que tem muito mais penetração e capilaridade dentro das comunidades, bem como uma equipe técnica capacitada para fazer esse trabalho. No entanto, eles utilizam dos resultados obtidos com as ATI's que vem produzindo os diagnósticos, para eles contribuírem nos processos e se manterem atualizados.

Sobre pesquisas, projetos e programas com foco nas mulheres:

O entrevistado relata que todas as Assessorias Técnicas Independentes (ATI's), tanto o AEDAS, GUACUY e o NACAB já possuem ações específicas com as mulheres nos levantamentos, nos registros familiares e no cadastro de atingidos que cada um utiliza, essas informações são colhidas e trabalhadas, então quando os documentos se tornam públicos, o MAB acessa e isso ajuda o movimento a orientar as suas ações:

“O que temos são relatos de casos de algumas mulheres que contam, mas não temos ações sistemáticas com esse foco, porque somos poucos militantes no MAB e não temos uma equipe qualificada para esse tipo de abordagem, principalmente para tabular esses dados. Nos coletivos de mulheres e no projeto das arpilleras que a gente desenvolve, o que temos é a externalização desses processos, ou seja, as mulheres falam do que sofrem, mas não faz uma documentação ou compilação dessas informações.

O que mais chama atenção em relação às mulheres para você?

“O que mais chama atenção e mais me encanta é a força, a garra, e a capacidade de resiliência dessas mulheres, tem situações muito difíceis, no entanto, elas estão lá firmes, fortes, valorosas, lutadoras, enfrentando dentro daquele universo que elas pertencem com as condições que podem. As comunidades distantes dos centros urbanos não têm escola, não tem médicos, não tem nada, o Estado não existe, se você quiser tem que ir atrás do Estado, e normalmente são as mulheres que levam os filhos para escola ou até o escolar, que procuram um médico, que resolvem os problemas.”

“Então com tudo isso, a sobrecarga do trabalho aumentou muito, principalmente com a pandemia que veio para piorar as coisas e isso leva ao esgotamento, ao adoecimento e a um processo de sofrimento com adoecimento mental e as mulheres tem que aguentar mesmo, de maneira geral, temos uma situação em que as mulheres são as mais penalizadas, como no

caso dos homens que não podem mais pescar e ficam o dia inteiro dentro de casa, vai para o bar e volta bêbado e tem episódios de violência verbal e ou psicológica”.

“Posso passar o contato de alguma das mulheres que compõem o coletivo, porque elas podem falar com mais propriedade. Esse processo é prevalente nos episódios de violação de direitos associados a barragens, ele acontece de forma aguda na construção das barragens, permanece durante a manutenção das obras e apresenta outro pico de violação quando as barragens se rompem, como exemplo em Belo Horizonte, Brumadinho e Mariana em Minas Gerais, nós do MAB conhecemos porque não é a primeira vez que acontece”.

Vocês sabiam do rompimento?

“De maneira nenhuma, inclusive as barragens de Brumadinho e Mariana não constavam na lista das barragens de risco, foi tudo tão mapeado que toda documentação da barragem estava em ordem, depois descobrimos que a Vale S.A subornou para dar um laudo falso. Foi uma surpresa absoluta romper como foi em Brumadinho, mas nós do MAB sabemos que em breve teremos outros rompimentos, temos quatro mil e poucas barragem em MG e 470 delas não tem informação nenhuma sobre como está, então é uma questão de tempo e cada barragem é uma bomba relógio, temos cidades como Itabira cercada por mais de 20 barragens, como em Congonhas onde tem uma barragem muito grande que destrói muita coisa se romper, tem Paracatu com uma barragem de rejeito de mineração de ouro, ou seja, de arsênio que se romper vai desaguar no Rio São Francisco, tem Ouro Preto e Mariana que são cidades minerárias, inclusive Belo Horizonte. Não é possível ter confiança nos dados oficiais, pois Brumadinho demonstrou isso, na papelada estava tudo certo. Mas em relação aos rompimentos em si, não nos surpreende mais, porque sabemos como são essas coisas.”

“Os pescadores relatam que o cheiro do rio mudou completamente, a cor da água também, mesmo a barrenta depois que chove não é a mesma de antes, eles sabem porque tem uma relação muito íntima de quem mora perto e conhece por conta da relação homem-natureza”.

Para o entrevistado, a maior perda é a do projeto de vida, porque todas essas pessoas tinham um projeto que foi inviabilizado e por isso vem todo o adoecimento, e a sua luta é que as empresas responsáveis façam a reparação integral ou pelo menos diminuam os sofrimentos.

O problemas, para ele, é que essas empresas conseguem fazer isso porque estão respaldadas pela Justiça, pelos poderes eleitos e por aquilo que está legalmente constituído, *“de modo a formar um complô”*, porque essas empresas têm um poder econômico extraordinário, como a Vale S.A que depois do rompimento de Brumadinho, só tem aumentado os lucros: *“O que a Vale S.A pagou no acordo com o Zema (Governador do Estado de Minas Gerais) ela lucrou no*

último trimestre, enquanto pagou 36 milhões lucrou 40 milhões e essa é a magnitude do nosso adversário, ela compra os melhores funcionários que o dinheiro pode pagar, compra todas as instituições que se deixam corromper, ela só não compra o povo, porque para comprar povo ela teria que desfazer tudo isso e esse é o nosso campo de luta”.

Entrevistada: Cláudia Simeão

Perfil da entrevistada: Cláudia é uma mulher atingida, referência na comissão de atingidos e bióloga de formação com atuação na área ambiental.

A entrevistada conta sobre sua relação com a Região 3, que vem de uma base familiar, seus avós paternos residiam na comunidade Pindaíbas, do município de Pequi – MG, onde ela passava férias desde a infância. Após o rompimento da barragem, o Ministério Pública iniciou as mobilizações na região para formação das comissões de atingidos, quando ela foi convidada para fazer parte, com intuito de contribuir com seus conhecimentos sobre as questões ambientais.

Ela explica que as comunidades Pindaíbas e Soledade não estão localizadas às margens do Rio Paraopebas, onde estão as propriedades rurais privadas, como a do seu pai. Na primeira reunião de organização, ela defendeu que as comunidades também seriam impactadas com a perda do rio, por terem forte ligação com o rio para pesca e outras atividades, então nesse caso, as famílias dessas comunidades deveriam ser consideradas como atingidas também. Nessa reunião, decidiram criar apenas uma comissão dos atingidos onde ela está atuando numa das frentes dessa comissão. Ela conta que no início a população tinha muitas dúvidas sobre o processo de contaminação do rio e as consequências que poderiam causar, as pessoas perguntavam: *“o que mesmo está acontecendo?”*. Também explica que os perfis das comunidades e dos atingidos são diferentes e a forma como foram atingidos também, como as duas comunidades (Pindaíbas e Soledade) que tem perfis muito diferentes, ela diz: *“E isso foi minha razão de tentar contribuir, foram mais essas duas comunidades, porque proprietários rurais estão às margens do rio e o impacto foi direto. Em janeiro de 2020 aconteceu a enchente que foi uma tragédia, além do não acesso ao rio que era usado para alimentação animal, irrigação e outras atividades, várias as propriedades foram alagadas. E nas comunidades, onde o impacto não foi direto por não ter propriedades na margem mas são atingidos tanto quanto, porque perderam o lazer.”*

Como a notícia chegou para vocês?

A entrevistada conta que no momento do rompimento ela estava próxima a Brumadinho, no bairro Jardim Canadá do município de Nova Lima e a pessoa com quem ela estava recebeu a notícia por telefone e a contou. Em seguida, ela fez contato com sua família para avisar que o rompimento tinha atingido o Rio Paraopeba e a lama poderia chegar na propriedade do pai, que residia às margens do rio na região 3. No outro dia, já havia técnicos da Vale S.A na região, mas também foram se informando através dos jornais, televisão e rádio.

Os pais eram aposentados e voltaram para roça? Eles produziam alimentos ou era somente um espaço de lazer?

Ela responde que sim. O seu pai possui duas propriedades na região, a fazenda Lagoa da Pedra localizada às margens do rio Paraopeba e a fazenda Santa Cruz, localizada no perímetro de 1 km do rio, onde ele reside atualmente. Ela conta que seu pai trabalhava como engenheiro e de forma paralela nas propriedades com a produção de leite. A sua mãe faz doces caseiros, biscoitos, queijo e outros produtos artesanais.

Renda

Na sua perspectiva, todas as propriedades rurais tiveram uma perda econômica grande. Os moradores da comunidade Soledade sentem muita falta do rio e estão gastando mais para poder pescar em outros lugares que não foram atingidos. Para ela, existe uma pró atividade dos moradores e muita coletividade.

“Quem tem condições financeiras busca um lazer de outra forma, mas quem não tem nada, está sem opção nenhuma”.

Produção Agrícola

Seu pai deixou de produzir suínos, eram 500 animais e vendiam 120 animais por mês, atividade que teve que ser interrompida por conta da falta de água.

Água

A falta de acesso a água do rio prejudicou os manejos com a produção bovina, que passou a depender da água da cisterna. O pai tinha uma draga para extrair areia do rio e comercializar, atividade que foi interrompida após o rompimento.

“Até meu pai foi convencido por mim, ele dizia, eu nunca recebi um ofício, uma informação oficial que não pode extrair areia do rio. “Meu pai já brigou muito com a Vale S.A para ter uma comprovação da contaminação e eles nunca trazem nada”.

“A análise de água, eles coletavam todas as amostras nas propriedades e nunca as pessoas tiveram acesso. Depois de muita briga, o que eles estão disponibilizando são as análises dos poços artesianos que eles construíram, o resto não temos acesso e tem uma demanda muito grande, até onde sei nem mesmo o Juiz conseguiu esses dados”.

A entrevistada conta que durante uma reunião com a presença do NACAB, das comissões e de técnicos da Vale S.A tiveram uma discussão porque a Vale S.A afirmava ter disponibilizado os resultados. Ela explica que participou de todas as audiências públicas e reuniões com os atingidos e sabe que não foram divulgados nenhum dos resultados das análises de água que foram feitas.

“Meu irmão está com problemas sérios nos rins, é claro que não tem como saber que foi isso, mas tudo indica que sim, na enchente de 2020 a draga (plataforma de extração de areia) estava sendo carregada pela enchente e ele, no desespero, entrou na água para tentar segurar a pela corda. Como precisava muita força ele começou afundar, quase afogou e bebeu da água, poucos dias depois ele foi para o hospital, os rins dele pararam e ele já fez três cirurgias, um problema sério. Ele fez exame para metais pesados e deu níveis altíssimos de mercúrio, cádmio no sangue. Ele não fazia outras atividades que poderiam ser a fonte para tanta contaminação, e ele mora na região, então tentava usar o exemplo dele para conscientizar as pessoas”.

“Tem recomendação no site da SEMAD (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável), no site da IGAM (Instituto Mineiro de Gestão das Águas) e FEAM (Fundação Estadual de Meio Ambiente) para não ter contato direto com a água, mas não tem especificações das atividades numa lista”.

“Isso é muito complexo, não tem informação, a primeira vez que tivemos um esclarecimento foi quando o NACAB fez uma apresentação trazendo os riscos da contaminação por metais pesados, mesmo assim não são os resultados de coleta do local. “A Vale S.A está em campo desde o primeiro dia após o rompimento coletando tudo, inclusive na propriedade do meu tio onde alagou muito e tem uma várzea grande, eles entraram sem autorização para coletar amostra do solo, de capim, água, árvores, e a gente nunca viu resultado, tanto que os proprietários da região não deixam mais eles entrarem até apresentarem algum resultado”.

Sobre a distribuição de água potável que a Vale S.A deve fazer, você tem informações?

A entrevistada responde que no município de Pequi e nos arredores tem uma discrepância grande porque algumas pessoas que não precisavam de água mineral mas estão recebendo e revendendo. Mesma situação para quem recebe a silagem e faz uso indevido.

“Na minha família, pessoas que deveriam receber não estão recebendo, recebem quantidades insuficientes para alimentação animal”.

Visão De Futuro

A entrevistadora pergunta se ela consegue sonhar com um futuro melhor, ela diz: *“Sim, a gente fraqueja, mas não desiste. Não sei de onde sai essa força, mas a gente precisa continuar.”*

Danos Imateriais

São citados danos à saúde física e psicológicas entre todos os atingidos e de forma acentuada nas mulheres, aumento do uso de álcool e outras drogas, principalmente entre os homens das comunidades (Soledade e Pindaíbas), aumento da sobrecarga de trabalho para as mulheres, e a perda da perspectiva de uma resolução dessa condição imposta com o rompimento, da restauração do rio e de uma reparação integral justa.

“Nas comunidades, tiveram principalmente uma perda social grande porque são comunidades muito carentes. Em pindaíbas tem um histórico de muito alcoolismo, conflitos familiares, e tinham o rio como fonte de lazer. Muitos trabalhavam em propriedades rurais que estavam próximas ao rio, pescavam e consumiam os peixes. Em Soledade as pessoas amavam pescar, faziam acampamentos na beira do rio e perderam tudo. Com isso, o que tenho visto, é que o pessoal está mais triste. Eu converso muito com uma agente de saúde de lá e ela conta que a quantidade de remédios que o pessoal tá tomando aumentou muito”.

“O que eu sinto da perda do rio nem sei se consigo traduzir, além da perda econômica e social eu acho um descaso tão grande considerando que é água, um recurso hídrico e a gente já está passando por um período crítico, um processo de seca com muita falta de água.”

Sobre a saúde psicológica

“Escuto muitas reclamações (...) em todas as conversas que a gente tem e no contato com as pessoas eu noto, inclusive, para as mulheres, têm os maridos e os filhos bebendo mais álcool, ficando dentro de casa nos fins de semana, em Pindaíbas tem aumentado os usuários de drogas, isso está sendo um problema sério, muita gente nova com problemas de vício e isso é relatado pelas famílias e por quem convive, isso é nítido mesmo pra mim que não mora lá”.

Ela complementa: *“As mulheres ficam mais sobrecarregadas, além delas perderem o lazer que tinham, ainda tem que aguentar o marido, o filho, os parentes dentro de casa com mais problemas psicológicos por causa da falta de opção do que fazer”.*

Doenças físicas

“Estão tendo casos de muitas doenças físicas nas comunidades, pessoas com doenças de pele, principalmente nas pernas”.

“O aumento do alcoolismo. Muitos conflitos familiares. uso de outras drogas, principalmente na comunidade de Pindaíbas”.

Ela comenta sobre o fato dos animais bovinos do tio e do pai estarem morrendo e não saberem as razões que causam esses óbitos.

“É um sentimento de descaso porque falta uma solução mais rápida, mais urgente, é como se a gente tivesse lutando com um gigante e dar um desânimo, porque são seis anos depois do que aconteceu em Mariana e a gente ainda está engatinhando igual foi lá, às decisões burocráticas podem ter sido mais rápidas mas as soluções em termos práticos está muito lento, estamos quase completando três anos e efetivamente conquistamos pouco.”

Sobre as mulheres

“Em Soledade as mulheres são mais ativas, em Pindaíbas no início foi, mas agora deu uma desanimada”.

“As mulheres estão mais sobrecarregadas, além da perda do lazer estão suportando maior carga com os maridos, filhos e parentes”.

“Em pindaíbas tem muitos casos de mulheres tentando suicidar.”

“A solução seria o rio de volta, isso me dói porque não temos noção de quando isso seria possível. Enquanto isso, poderiam ser feitas atividades de empoderamento feminino na região”.

“Uma coisa que vejo que é complexo, principalmente na região de Pindaíbas, as pessoas estão recebendo esse recurso financeiro e por uma falta de capacitação, um trabalho de base, esse recurso se perde dentro das famílias”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

A falta de informação: A entrevistada relata que a Vale S.A e todas as instituições ligadas a ela não passam uma informação clara. No início, quando instalaram as placas nas margens do rio as pessoas respeitaram e deixaram de pescar e utilizar a água. Mas, recentemente ela percebe muitas pessoas pescando e indo passar o fim de semana por lá. Ela conta que tenta conscientizar as pessoas a não utilizarem dessa água, mas muitos ainda duvidam porque ouviram falar que um técnico de uma empreiteira da Vale S.A disse que eles poderiam utilizá-la. Então, fica uma divergência de informações que deixam as pessoas confusas.

“Nos fins de semana, os locais tradicionais de pesca estão ficando lotados”.

“A pessoa tá doida para ir para lá (rio) e ela come um peixe de lá e não morre na hora, ela não acredita que isso vai causar uma doença a longo prazo”. “Eu fiquei desesperada com isso, porque muita gente conhecida voltou à atividade normal de comer os peixes”.

“A Vale criou um grupo chamado EPA para fazer levantamentos socioeconômicos, a comunidade ficou com receio de participar, não tinha a presença do NACAB nem do Ministério Público nessas ações, o que gerou dúvidas e desconfiança entre as pessoas”. Ela comenta que não existe uma clareza dos processos e fica uma luta mais difícil. A comunidade de Soledade ficou fora do pagamento emergencial por não estar no perímetro de 1 quilômetro do rio.

“A Vale S.A sabe como ela chega, com quem ela chega, o que precisa fazer, até mesmo nas comunidades, angariando informações, é meio que a gente nas mãos da Vale S.A”.

Para a entrevistada, o perfil da comunidade de Pindaíbas é de um povo quilombola: *“Tem um indício enorme de ser quilombola, quando você conhece a história de lá você percebe”.*

“Em Soledade tem um histórico cultural. Vale a pena trazer um resgate desses aspectos nessas comunidades”.

Entrevistada: Cinthia

Perfil da entrevistada: Cinthia Rodrigues Maia, formada em Advocacia, faz parte da comissão do chacreamento Paraopeba, fundadora da rede de atingidos da Região 3. Tem uma filha de 4 anos de idade, a Sophia, e casada há 14 anos com Flávio, Atingida no Chacreamento Paraopeba que é um condomínio (conjunto de chácaras às margens do Rio Paraopeba) na comunidade Córrego do Barro, no município Pará de Minas - MG.

A entrevistada é convidada a se apresentar e contar sobre suas experiências enquanto atingida pelo rompimento da barragem de Brumadinho, a sua trajetória enquanto advogada e mobilizadora referência na luta pelos direitos dos atingidos. Além das suas vivências, comentou sobre o que ela tem percebido enquanto danos que atingem outras mulheres.

A entrevistada conta que “*caiu de paraquedas nessa luta*”. Durante o processo do Chacreamento do Paraopeba ela foi procurada pelas famílias que não possuíam comprovação de renda, para auxiliá-las no processo de conquista do Auxílio Emergencial. A princípio apoiou 5 famílias com esses trâmites, e no final já tinha feito comprovação para mais de 400 pessoas que a procurou e conseguiram obter o auxílio, como ela comenta:

“Não foi fácil, na época envolveu várias esferas do Judiciário, do Ministério Público, Defensoria Pública e principalmente com o Poder Executivo, que foi a Prefeitura daqui na época. Foi muito difícil conseguir a comprovação para as pessoas do nosso chacreamento e também dos arredores, como as pessoas do condomínio de Vargem Grande e Região do Córrego do Barro. Durante isso, me incluí na Comissão de Atingidos do chacreamento, e fui percebendo que algumas cidades estavam ficando para trás nessa questão de receber os auxílios, por conta que o Ministério Público não conseguia apoiar todas as famílias.”

A entrevistada complementa, que essa situação a motivou formar a Rede de Atingidos, uma organização coletiva para fortalecer as comissões de atingidos, a princípio, reuniu todas as lideranças comunitária das comissões, foi quando percebeu que a maioria eram mulheres, por isso ela afirma: “*Ou seja, nessa luta tem muita mulher engajada, é importante, então, fortalecer as trocas de conhecimentos das e entre as mulheres.*”

A entrevistada explica que o fato de as famílias dessa região estarem recebendo o Auxílio Emergencial, partiu de uma mobilização que ela fez parte e foi protagonista na organização dos documentos, principalmente dos comprovantes de residência. Outros tipos de apoios financeiros que deveriam ser pagos pela Vale S.A não são realizados, como o pagamento pela desvalorização dos imóveis.

“A Vale não nos reconhece como atingidos”.

Renda

A sua família recebe o auxílio emergencial da Vale S.A. Para uma pessoa adulta da família, o valor do auxílio é R\$ 550, 00 reais, para adolescente R\$ 250,00 e para as crianças R \$125,00.

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: 2 hectares.

Ela afirma que não sabe o valor do seu sítio atualmente, mas tem certeza que houve desvalorização da propriedade. No seu quintal tem uma horta e árvores frutíferas para autoconsumo, que eles ainda usufruem, mas não vendem.

Água

No chacreamento moram em torno de 100 famílias, todas estão localizadas no raio de 1000 metros do rio, ou seja, são considerados atingidos diretos do rompimento. A residência da entrevistada está localizada a 400 metros do Rio Paraopeba. Ela, sua família e todos os moradores utilizam a água do poço artesiano comunitário do chacreamento, localizado a pouco mais de 100 metros do rio, no qual a distribuição e manutenção dessa água é de responsabilidade da Associação do Chacreamento, em que a entrevistada faz parte da diretoria como tesoureira. O acompanhamento da qualidade da água tem sido realizado pela Secretaria Municipal de Saúde, sendo que a Vale S.A paga as análises da qualidade da água.

“Temos um medo e uma preocupação constante de estar ingerindo água contaminada, pela proximidade do rio e pelas análises que não chegam em tempo hábil”. Ela explica que as análises da qualidade da água chegam muitos meses depois da coleta de amostras, e isso a deixa preocupada, além disso, nesses três anos de luta, o único apoio que eles têm recebido do Poder Público provém da parceria com a Secretaria de Vigilância de Saúde que encaminha as amostras de água do poço artesiano para análise de qualidade.

“Estamos a pouco mais de 100 metros e pouco do rio, então o Rogério e o Vander (Coordenadores da Secretaria) ficaram muito preocupados e exigiram que a Vale S.A fizesse as análises da água do chacreamento”. A Vale S.A só faz análise das águas que estão localizadas até 100 metros do rio.

SSAN

A entrevistada não comenta sobre esse ponto, ela consome os alimentos que produz no seu quintal, uma horta e árvores frutíferas.

Visão De Futuro

*“A gente sonha em conseguir uma reparação justa e integral para todo mundo, uma reparação ambiental, que a Vale S.A consiga trazer o rio de volta, não sei de que forma, mas eles podem ter um meio de recuperar o rio, para que daqui 10 anos a gente tenha uma qualidade de vida melhor do que temos hoje. **Hoje só temos promessas, não temos nada garantido mesmo após o acordo do governo com a Vale S.A no início desse ano, não temos certeza se seremos reparados.**”*

A entrevistada comenta da preocupação com a saúde das pessoas no futuro, porque muitas delas estão consumindo carne de animais que acessam a água do rio, consumindo alimentos plantados em regiões relativamente próximas do rio. Para ela, tem sido uma vida de inseguranças a todo tempo, um dano futuro é não saber o que vai acontecer, ela diz: *“tenho esperança, mas tenho mais insegurança do que virá”*. Ela defende que é importante empoderar as mulheres para que elas tenham autonomia: *“Criar cooperativas de mulheres para focar na geração de renda das mulheres, trazer autonomia financeira. Uma mulher empoderada não deixa nada passar por cima”*.

Danos Imateriais

Afirma como dano imaterial a desvalorização dos imóveis no chacreamento onde 80% das famílias compraram suas chácaras por causa do rio, que era o atrativo. A desvalorização dos imóveis após o rompimento foi no mínimo 40% (quarenta por cento).

“Compravam porque eram pescadores, ou gostavam de estar próximos do rio em contato com a natureza, então o atrativo maior do nosso chacreamento era o rio.”

*“Depois do rompimento, a gente vê por lá muitas placas de vende-se, porque as pessoas perderam o rio e também, por isso, não conseguem vender (...) Além disso, as pessoas têm medo da contaminação na água, porque o poço artesiano é muito próximo do rio, **ainda não está contaminado, mas todo ano tem extravasamento do rio lá, nunca chegou no nosso poço porque ele está mais alto, mas as pessoas tem medo de comprar porque se um dia contaminar, de onde vão tirar água para usufruir?**”*

“Já tivemos casas em que as enchentes chegaram até o telhado”.

Tem a chácara no local ainda, ela comenta que *“todo o lazer da família era em função do rio e esse rompimento, como costume dizer, destruiu o sonho de todo mundo, porque lá era o nosso sonho de ter aquele local para descanso e lazer para receber os familiares e amigos e poder desfrutar do rio, poder pescar, nadar, andar de barco”*.

A entrevistada conta que o marido tinha muita ligação com o rio, ele cresceu indo pescar no rio com o pai e depois se tornou pescador amador e tem carteira de pesca. Quando soube do rompimento, foi com o amigo para as margens do rio para chorar e despedir-se do rio à espera da lama chegar, o que para eles *“foi muito triste”*. Ele ainda sofre ao ver o rio contaminado e não poder pescar, como ela fazia toda semana. Ela e sua família foram atingidos nesse sentido, pela perda do espaço de lazer. Ela ficou sabendo do rompimento pela televisão através de uma notícia de jornal e logo entrou em contato com o marido para informá-lo, neste momento não tinha dimensão da tragédia humana que foi.

Relembrando essa trajetória, você sente mais falta do que? O que você fazia antes e hoje não faz mais?

A entrevistada conta que a pescaria é muito importante para o marido, que tem ido para outras cidades pescar. No entanto, ela e a filha não podem mais acompanhá-lo e isso faz muita diferença para o casal.

“Eu nunca mais fui ao rio, meu marido tinha um barco lá que agora está em outra cidade e a gente não vai mais no rio, não tem esse lazer. A minha filha não conhece o rio Paraopeba”.

“Muitas pessoas, todos do chacreamento eram apaixonados pelo Rio Paraopeba, é uma tristeza coletiva, se perguntar o que o povo tem como o maior sonho, em relação ao que aconteceu em Brumadinho, todos vão responder que é ter o rio de volta, do jeito que ele era antes”.

Sobre saúde

A entrevistada explica que no seu caso por ser advogada, precisou prestar auxílios para muitos atingidos, ela cita:

“Antes do rompimento eu não tomava remédios ansiolíticos, não tomava remédio para pressão alta, hoje em dia eu sou hipertensa, porque tem uma preocupação muito grande em torno da minha pessoa, tanto pelo chacreamento que também faço parte da Associação dos Proprietários do Chacreamento onde sou tesoureira e é uma responsabilidade muito grande, como membro da Comissão participo de muitas reuniões com diferentes assuntos, então

minha vida mudou completamente, antes eu preocupava com alguns poucos processos que eu tinha e agora tenho muitas coisas para tomar conta”.

A ansiedade que você comentou que sente, tem acontecido com outras mulheres? Pode se dizer que esse é um efeito do rompimento?

“Eu percebo sim (...). Eu recebo apoio das pessoas da comissão, das pessoas do chacreamento. Isso mexe muito com o emocional, quando a gente vê uma injustiça sendo feita, e a gente por empatia fica nervosa, revoltada, acho que tudo isso mexe com a gente e a pandemia fez esse sentimento aflorar mais ainda”.

A entrevistada relata que tem escutado as pessoas reclamarem de doenças de pele, mas não tem certeza se tem relação com o rompimento, não é feito nenhum tipo de exame que mostre que as doenças provêm da água contaminada, como ela explica: *“Inclusive em Vargem Grande mesmo, tem pessoas que eu conheço que está com problemas de pele, mas eles não sabem se tem relação com o rio porque não foi feito exames para saber, mas existe essa suspeita sim”.*

“A questão do alcoolismo é uma verdade, a gente tem notado nas comunidades que os homens estão fazendo uso constante de bebidas alcoólicas e isso acaba interferindo no convívio familiar, inclusive alguns conhecidos meus já se separaram por conta dessas questões, então eu acho importante isso ser frisado porque na minha opinião tem aumentado sim esses conflitos familiares.”

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados

“Não, eu nunca imaginei, eu nunca fui em Brumadinho, não sabia que tinha essa barragem que podia estourar e atingir o Rio Paraopeba, até então eu não sabia da Barragem da Vale lá”.

Você se sente bem informada?

Ela conta que se informavam através da televisão, redes sociais e buscava informações por conta própria, como explica:

“A Vale não procurou a gente em nenhum momento depois do rompimento. Na verdade, quem procurou a gente foi o Ministério Público através do servidor Marcelo Vilarino, dois meses após o rompimento. Antes disso não tivemos nenhum contato da Vale para informar que seríamos reparados, ou acompanhados”.

“A vale não reconhece as cidades além de Brumadinho como atingidas, essa é uma luta nossa, nós não tivemos perdas humanas como em Brumadinho, mas tivemos muito prejuízo tanto material, como financeiro, emocional porque afeta muito a cabeça da gente e a vida da gente muda, antes era de uma forma e agora não podemos mais fazer o que fazíamos antes e até hoje a vida não voltou ao normal”.

Para você, há diferença entre ser uma mulher atingida e ser um homem atingido?

“Eu acho que tudo é mais difícil quando é para mulher, pra gente conseguir enfrentar”

Ela conta que na sua experiência pessoal, enfrentou grandes desafios quando começou a fazer o cadastramento das famílias atingidas para o recebimento do auxílio. A princípio, quando procurou o poder público para fazer o reconhecimento das pessoas como atingidas, fazer a comprovação das residências foi muito desafiador para ela, como comenta: *“dei com muita porta na cara, muitos homens crescendo pra cima de mim, me sentia acuada em muitos momentos, chegava a chorar de desespero porque eu queria ajudar as pessoas e não tinha ajuda dos homens que estavam no poder, principalmente no poder público municipal (Prefeitura de Pará de Minas).”* Ela relata que apenas o Flávio Medina a ajudou nesses processos, quando ele assumiu um cargo na Secretaria de Assistência Social de Pará de Minas, e a partir disso, pode contar com o apoio da Prefeitura Municipal através da parceria com essa secretaria feita no final do ano de 2019.

“Ele peitou o prefeito para poder me ajudar”.

A entrevistada explica que é importante porque nesse processo, as mulheres são dependentes das documentações dos maridos: *“As mulheres estão atreladas aos maridos o tempo todo. Só se o marido tivesse comprovante de residência no nome dele, elas conseguiam auxílio”.*

“Precisa olhar o caso específico de cada mulher e não atrelar ao marido, porque às vezes tá tudo no nome do homem, as mulheres não têm certos documentos no nome dela e se tornam invisíveis”.

“Às vezes as mulheres deixavam de receber o auxílio porque o marido não queria, e ela não conseguia”.

“Acho que é necessário fortalecer as mulheres e a consciência de mulher atingida”.

“Eu me sentia acuada, muitas vezes, porque chegava lá sozinha para buscar ajuda. Eu tenho a rede de atingidos, mas pensando aqui agora, poderia se criar uma rede de atingidas só para as mulheres, para ter essa força maior. A mulher corre mais atrás, é mais engajada e mais firme, mas isso quando ela tem consciência”.

“Eu achei que não ia conseguir ajudar as pessoas a receber o auxílio, foi muitas noites sem dormir, eu pensava: esse povo tem direito e não vão conseguir receber porque uma pessoa que tinha o poder de assinar, não assinava”.

Após o rompimento, tiveram ações específicas para as mulheres?

A entrevistada responde que não tem conhecimento de nenhuma ação com esse foco.

“Eu estou muito engajada, sei de quase tudo que acontece e não conheço nenhuma proposta nesse sentido, inclusive essa é a primeira entrevista que eu faço para falar a respeito do meu ponto de vista como mulher, eu sempre falava como uma atingida mas no contexto geral”.

Para ela, as mulheres podem sentir mais medo porque são as mais vulneráveis. As pessoas sabem que no chacreamento todas as famílias estão recebendo o auxílio emergencial, e tem muitos casos de golpe, estelionatários, assaltos.

“Eu tenho percebido o aumento da insegurança, tem pessoas que não são de lá e ficam rondando, pode ser para tirar vantagem de alguma forma daquelas famílias, têm aumento da violência física, da insegurança no geral e da criminalidade”.

A entrevistada relata que solicitou para o chacreamento e ou para a comunidade mais próxima (Córrego do Barro) a presença da patrulha rural, pois não há intervenção dos poderes públicos no sentido da segurança pública.

“Não tem um posto policial próximo, se acontecer alguma coisa não teremos ajuda por parte da Segurança Pública”.

“Eu ouço muitas mulheres falarem que estão cansadas e desanimadas, e muitas vezes os homens deixam tudo para as mulheres correrem atrás da reparação. A maioria das pessoas que me procuraram foram mulheres buscando seus direitos, acaba que tem mais essa sobrecarga sobre as mulheres”.

“Elas já têm seus afazeres, enquanto profissionais, dona de casa, deveres de mãe e de esposa, ainda tem essa questão da luta pela reparação, e o desânimo é por causa da sobrecarga, eu que o diga”.

Entrevistada: Jéssica

Perfil da entrevistada: Jessica Carolina Moreira Rocha, reside na Fazenda Valentim no município Paraopeba-MG, tem 30 anos de idade, trabalha de forma autônoma com venda de calçados. Se considera da etnia parda. Mora com seu companheiro Júnior Araújo dos Santos, 29 anos de idade, trabalhador rural, e dois filhos, o João Miguel Rocha Araújo com 5 anos de idade e o José Felipe Rocha Araújo com 2 anos de idade. A casa em que a família reside pertence ao dono da fazenda, onde o companheiro trabalha. A família reside a 30 anos na propriedade. Ela não participa de Associação, cooperativas, grupos sociais, comissão de atingidos e outros tipos de organizações.

Renda

A entrevistada não sabe estimar o quanto rendia a venda dos peixes para a família. Atualmente não vende mais e a renda, nesse caso, é zero.

“Em relação a renda, eu ia muito pescar lá no rio que era para poder vender os peixes também.

E em relação ao lazer né?! Igual, o João mesmo ele cresceu indo lá, ele aprendeu andar lá. Aí a gente ficou com aquela expectativa de poder levar o José também, e aconteceu que o José nasceu em dezembro e no outro ano já aconteceu esse movimento, e a gente ficou achando bem ruim viu.”

*E assim, em relação ao consumo das coisas, a gente ficou com medo porque lá a água é tirada do solo e ficamos com medo de ficar ingerindo a água do rio. E no rio a gente já sabia que não poderia tá indo né, por conta do que aconteceu, mas até para poder ingerir a água a gente ficou bem, bem receoso. Igual todo mundo falou, não vai ser um reflexo que a gente tem agora né?! Vai ser mais para frente, então, a minha família tem tendência a ter câncer, então a gente ficou pensando muito nos meninos. **Aconteceu da gente vir na cidade para comprar água para poder levar para eles, com medo da água.”***

No trabalho do seu marido, ele chegou a perder o emprego?

“Não, não chegou a perder não.”

Tiveram que gastar mais comprando no mercado?

Agora tem que comprar mais carne e ração ficando mais caro para eles:

“É, porque até o trato do animal, a gente fazia os tratos na fazenda e o dono deixava a gente pegar para tratar os nossos também, igual o porco, galinha e a gente ficava ‘meio assim’ e agora ele passou a comprar ração e ficou mais caro para gente por conta disso”.

Não fizeram empréstimo, mas foi administrando, não era todo dia que podia comer carne. Não sabe se vizinhos tiveram dificuldades de vender. Eles não receberam nada da Vale, quem recebe é o dono da fazenda uma ajuda financeira: *“Nós não, o dono da fazenda começou receber uma ajuda financeira, mas a gente não.”*

Água

Para a entrevistada a água está com bom aspecto. Não recebeu água, nem insumo da Vale. Não sabe falar se usa água direto do rio pra fazenda, mas na casa dela não.

Você chegou a ter problema com essa produção da horta por causa da água? Qual água você usava para irrigar?

“É a mesma água que a gente usava para consumir para poder beber, é poço artesiano... igual te falei, no início a gente ficou com receio né?! Não era uma coisa visível o que a gente tava vendo na água e a gente continuava.”

“Tipo assim, a gente começou a observar até em relação a plantação para ver se está mudando de cor e se tem alguma alteração. A gente começou a observar e viu que não estava acontecendo nada, mas dá medo, é uma coisa surreal gente, né?! Todo mundo fala que a água não tinha nada, mas vai saber?”

A Vale S.A esteve lá para fazer exame da água?

“Foi, eles foram lá.”

E apresentou resultado?

*“Eu não lembro se eles chegaram, porque é aquele caso, **ele fala só com os homens lá, chegava no curral lá e lá ficava.** Eu acho que não foi a Vale mesmo não, acho que foi uma terceirizada para olhar quantos metros da água até nossa casa, eles falaram que é 100m até o rio, falou que é muito perto, e a gente não tinha noção que era tão perto assim, em relação a quilometragem. No início a gente achou que o povo nem vai vim cá, porque não tava tão perto assim, ainda quando foram e fizeram a medição falaram que é muito perto”.*

SSAN

A horta era só para o consumo? Você não vendia o que sobrava?

“Não. Minha sogra mais que plantava e que sobrava a gente distribuía para os outros”.

Ela responde que a horta era mais destinada para o consumo da família, doação e troca com vizinhos. No início diminuiu a produção de horta com medo da água, com receio da contaminação nos alimentos, como ela relata: *“No início diminuiu, com medo da água. Até para gente consumir, tentava fazer o máximo, cozinhar do que comer cru, cozinhasse tudo porque qualquer coisa mata os micróbios, os trem tudo e a gente consumia dessa forma”.*

A entrevistada considera que por 3 a 4 meses diminuiu o consumo dos alimentos produzidos no quintal e passou a comprar mais no supermercado. Diminuiu o consumo de peixes por não saber a origem dele:

“Comprava também com medo, né?! E se fosse de alguém próximo e tivesse. Igual peixe, depois que aconteceu isso aí, nossa, acho agora a gente voltou a comer peixe comprado do supermercado mesmo, porque tem muita gente que não vê maldade e outros só quer ganhar dinheiro em cima, ninguém vai saber se é de lá ou não”.

Vocês pescavam para comer?

Ela relata que pescavam direto para comer, comia sempre, umas três ou quatro vezes por semana pescava, agora não come mais peixe, só às vezes: *“Era sempre, eu morro de medo gente, até de comprar no supermercado eu tenho medo.”*

A entrevistada produz galinha, porco e horta e utiliza a água do poço artesiano. Mudou o consumo da alimentação, a horta no início e os peixes até hoje. No início mudou porque pararam de consumir e acabaram comprando industrializado: *“No início sim, paramos de consumir o nosso e comprar industrializados, e eu gosto de dar coisas saudáveis para meus filhos, mas agora no supermercado é enlatado e não é a mesma coisa.”*

A fazenda parou de produzir?

“Não. E ficou aquele receio também, porque?! Vaca vai para o pasto né, então teve certo lugar que não tava deixando o gado ir e tirar o leite da vaca, nossa, é tanta coisa que ficou muito receio.”

Você tem sua horta em casa?

“Tem horta, tem alface, tomate, couve, cenoura, agrião, mostarda, morango... Então assim, de tudo que está na época de plantar a gente planta.”

Ela afirma que não coloca veneno na horta e sabe que tem nas verduras que ela compra no mercado. Cita o exemplo do tomate que é uma fruta que ela gosta muito, ela diz: *“o tomate da horta amadurece por completo, o da rua não, por fora está vermelho e por dentro verde, e não é o mesmo sabor. O João não come cenoura do mercado, só a da roça, ele colhe e come na hora, se deixar nem lava. Beterraba também é diferente, você não precisa nem cozinhar, só rala e come.”*

Visão De Futuro

Às vezes ela pensa em voltar para a roça porque parece que o tempo é maior e as crianças gostam mais. Ela comenta que os clientes são do momento quer na hora dele, por isso ela fica na cidade. Sente insegurança para o futuro, porque antes tiravam uma renda razoável em relação à renda dos peixes, agora não tem mais. Não sabe estimar a renda.

Não se sente segura, porque tem açude perto da casa, e para ela o que aconteceu foi uma coisa muito surreal, ninguém imaginava que, e a distância que percorreu foi muito é muito assustador: *“Tenho medo de acontecer de novo, eles falaram que desativou a barragem, por um lado é ruim o povo que perdeu emprego, mas eles tinham capacidade de arrumar outra forma de resolver isso”. “A gente não sabe quando isso vai acabar e se acontecer de novo?”*

“Foi um momento muito difícil pra todo mundo, foi uma coisa tão tudo de uma vez, o rompimento, a pandemia, ficou sobrecarregado, mexeu com emocional meu e das pessoas, deveria ter uma palestra com psicólogos, que no fundo trabalha o emocional de cada uma. Uma ajuda psicológica para as meninas, para realmente tentar ajudar.”

“Tem muitas pessoas abaladas. Oce estando em casa, a gente faz só serviço de casa, você não tira um tempo pra você não, tendo essa conversa a gente consegue pensar em tirar um tempo pra gente.”

“É muita coisa, principalmente para as mulheres, porque são as chefes de casa, é tudo em cima das mulheres. O homem sai vai trabalhar, faz o horário de serviço dele e volta para casa, a mulher não, o serviço de casa é 24 horas, mulher é manhã, tarde, noite e de madrugada se o menino acordar.”

Danos Imateriais

A entrevistada relata a perda do acesso aos produtos do extrativismo: *“Tinha mangaba envolta do rio e o pessoal gostava de pegar, mas pararam por causa do receio da contaminação.”*

A vida foi afetada, principalmente no sentido do lazer, porque antes eles iam sempre para o rio. Ela comenta que depois de ser mãe ela olha mais o lado dos filhos, por isso o lazer foi o maior dano, o João ainda pede para ir para o rio. Ela diz: *“Eu gostava demais, a gente tirava o final de semana pra passar lá e ficava planejando levar os mais novos para acampar com ele aqui, agora não tem jeito.”*

A entrevistada relata que depois da pandemia a situação na família ficou mais complicada em relação ao rompimento, tiveram que ficar dentro de casa, e a distração era o rio, principalmente para as crianças. Para ela, o início da pandemia foi o momento mais tenso que viveram.

“Nossa, aí juntou isso e depois não podia sair de casa mais né?! Tinha que ficar mais isolada e a distração da gente, querendo ou não era o rio, lá é muito bonito na parte de baixo tem areia, João mesmo ficava enlouquecido quando a gente ia para lá, voltava até bambo de tanto aproveitar.” A sogra fazia queijo, mas ficou com princípio de depressão e parou por causa disso.

A entrevistada acredita que a depressão da sogra está diretamente relacionada com o rompimento da barragem. Ela explica que a sua sogra sempre comenta das lembranças que tem do rio e dos peixes: *“Ela ficava falando, quando a gente abria aqui no freezer só tinha peixe, uns peixes enormes, agora não tem nada. Ela fica mostrando as fotos de antes também.”*

Atualmente o lazer da sogra é cuidar dos bichos, cuidar da horta. A entrevistada relata que também não tem mais lazer. Ela se referiu ao lazer quando fez a oficina de cosmético com as mulheres. Ela diz: ***“tem a correria do dia-dia, estou me dedicando ao meu negócio agora, e tem os filhos e coisa de casa, quando eu vejo acabou o dia e você não fez nada”.***

A entrevistada relata que após o rompimento aumentou o trabalho doméstico, para ela o ar ficou mais seco. Ela faz o trabalho doméstico sozinha e se sente sobrecarregada. Qualquer coisa que tem sujo ele (companheiro) reclama: *“Em casa, qualquer coisa que ele ver sujo ele reclama, o que não é visto não é reconhecido, é muito complicado”.*

“Sobre estar sobrecarregada, eu tenho as minhas obrigações, as minhas coisas para fazer e acabo que tenho que tirar tempo para resolver para todo mundo da família, entendeu?!”

A entrevistada já tinha comentado que a sogra adoeceu com depressão, sobre a rotina e adoecimento ela complementa:

“A mulher que está mais em casa tem que pensar em tudo, homem sai para trabalhar e movimentar a cabeça durante o dia e não pensa em nada, a gente que tá em casa pensa 24 horas em tudo, numa alimentação, num banho que tem pra dar, numa roupa pra lavar, numa casa pra limpar, é pressão o tempo todo. Água lá em casa é só fervida”.

Ela ajuda as crianças no dever da escola. Na pandemia ela deu aula para as crianças também, pensando em todo serviço da casa, ainda tendo que tentar fazer rápido pra fazer as outras obrigações. Nesse contexto ela diz: *“eu notei que o João perdeu a vontade de aprender, e ele é muito inteligente, não quer mais ir pra escola e ele é muito inteligente.”*

Mudança de comportamento do filho: *“Ele ficou mais agitado e logo veio a pandemia e ele ficou mais ansioso e nervoso.”* Ela conta que para convencer ele que não podia ir foi uma novela, ele chorou, e já tentou ir sozinho para a roça.

“As pessoas de mais idade ficou mais sentido com o que aconteceu.”

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Começou a vender sapatos depois do rompimento. Atualmente ela continua vendendo os sapatos online, mas está ficando na casa dos pais na cidade. Ela fica aqui durante a semana e vai para roça no final de semana. A entrevistada relata que as aulas do João estavam começando e ela não queria deixá-lo perder a escola e a mais próxima está numa comunidade chamada Pontinha (escola na zona rural, mais próxima da casa dela), e o ensino dos professores e a pedagogia não era tão boa, ela o colocou na escola sem focar no ensino em si, mas na convivência com outros alunos.

Na zona rural a internet era R\$ 338,00 reais e na cidade custa R\$ 100,00, resolveram não contratar e por isso também, ela foi morar na cidade.

A entrevistada relata que começou a empreender depois do rompimento para não ficar só fazendo o serviço de casa, ela diz que sempre foi uma pessoa muito ativa, e gosta da roça, ela diz: *“sou apaixonada com roça, adoro acordar com aquele barulho de pássaro cantando, das galinhas”*. Ela comenta que no início acha que teve uma depressão de pós-parto (José) e por causa do turbilhão de coisas que aconteceu (rompimento). Então uma amiga falou sobre a venda de sapatos, que poderia ser uma oportunidade para ela e ela falou com o marido, ele disse que ela já tinha o serviço de casa, e ela respondeu que era desse trabalho que ela queria correr. O marido “ajudava” financeiramente para fazer o cabelo e a unha, mas ela explica que queria ter o seu próprio dinheiro e também trocar de carro, por isso resolveu começar a vender sapatos.

Afirma que na fazenda não ficou sabendo se aumentou a violência, mas em outros lugares aumentou roubo de gado e galinha para consumo, porque estavam passando fome.

Não sabe de casos de violência contra mulheres. Não reconhece aumento do alcoolismo. Não se sente bem informada, porque as coisas ficavam no meio dos homens, mas quem teve que sair pra resolver é ela, até hoje ela que resolve tudo, como ela diz: *“não, foi tudo entre eles e e-mails, eu sabia de coisas que meu marido chegava e falava com a gente, entendeu? Mas é aquela coisa, as coisas vem por e-mail e quem tem que correr atrás para resolver era eu. Igual quando teve que vim para trazer as documentações para a Vale, eu que corri atrás para mim, meu marido, meu sogro, minha sogra, depois eles vim só assinar, então em relação a documentação foi tudo eu que corri atrás, até hoje as coisas da fazenda para resolver é tudo para cima de mim.”*

Tinha escola na região?

“A escola tinha pro lado da fazenda dos pacus, no sentido da cidade Sete lagoas, já era longe na época.” Ela conta que na fazenda nunca teve escola e sempre foi difícil para eles estudarem. Conseguiram frequentar uma escola em Inhaúma: *“Antigamente tinha muita criança na escola, agora não tem mais. Com poucas crianças o ônibus escolar nem passa para pegar. O ônibus da Prefeitura de Inhaúma que tem, demora muito pra chegar em casa que é a última fazenda.”*

Para ela, tem os prós e os contras de morar na cidade agora, ainda fica muito ansiosa para chegar ao final de semana e ir para roça, ela diz que sente que quando estar lá as crianças ficam mais tranquilos.

Ela comenta que ainda passa uns ‘perrengues’, é difícil ficar na casa dos pais, mas tem que priorizar a escola das crianças. *“Tô me superando a cada dia pra ficar na cidade e dar conta dessa prioridade.”* O marido a leva e busca ela na cidade todo final de semana.

Danos Materiais

Ela comenta que o sogro reparou sobre a qualidade do solo na propriedade.

“A qualidade do solo deu uma mudada, alguns alimentos que eles plantavam antes hoje não dá mais, o sogro disse que já tentou mexer a terra, já buscou terra de outro lugar”

Ela também cita a falta de chuva como um fator para a dificuldade da produção de alguns alimentos, e da pastagem, relacionando o que aconteceu com rio com o aquecimento global

e o aumento da estiagem na região. O sogro precisou comprar capim de outros lugares para alimentar os animais.

la pro rio pescar, nadar, fazer piquenique, comer mangava, recebia visita para o povo aproveitar o rio, agora não tem mais. A sogra não faz mais o queijo que vendiam dentro da fazenda e consumiam também.

Entrevistada: Cilene

Perfil da entrevistada: Cilene, 55 anos, mãe de 7 filhos, avó de 10 netos, nasceu e se casou em Pará de Minas. O núcleo familiar é composto por pai, mãe e 11 irmãs, seus pais viveram por muito tempo na área rural cultivando um terreno fruto de herança (o terreno foi dividido 4 hectares para os irmãos mais velho e 3 para os mais novos), se deslocaram para cidade onde seu pai aposentou devido a problemas de saúde e sua mãe passou a trabalhar como lavadeira e fazendo faxina. Cilene também recebeu o terreno como herança da mãe e passou a cultivá-lo há 30 anos com o seu marido, que trabalhava como pedreiro. Com o cultivo de diversos alimentos passou a tirar sua renda e garantir sua subsistência, anteriormente trabalhou em casas de famílias cuidando de crianças. Todo o terreno foi organizado e a casa construída por ela e por seu marido.

Renda

“Começamos a plantar mandioca, a gente plantava pimenta, criava galinha lá. A nossa renda já começou a sair do terreno, a gente vendia no supermercado, o pessoal lá perto da gente comprava mandioca. A gente foi arrumando cliente, nas casas o pessoal pedia “traz tantos quilos pra mim”, na comunidade mesmo. As galinhas a gente limpava lá, tinha dia que a gente abatia 12, 13 galinhas. A gente criava lá no quintal mesmo umas 30 galinhas mas chegava mais a gente limpava, a gente foi arrumando cliente já vendia pra cá, as pessoas dizia traz duas 2, traz 10, a gente comprava e já ia vendendo. A gente vendia pimenta e fazia as conservas, era a nossa renda lá do terreno”.

“Te falar certinho quanto a gente tirava por mês não tem jeito de te falar, mas eu acho que a gente tirava na faixa de uns mil reais por mês.”

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: 7.900 metros. Valor: não sabe

“A gente foi plantando nós tinha pé de laranja, jabuticaba, manga, goiaba. Aquelas mais bonitas tinha um mercadinho que a gente mandava e as outras ficam pra casas mesmo. Igual a horta, a horta muito bonita, tudo molhada com a água do Ribeirão. A horta tinha almeirão, alface, couve, cebolinha, salsinha, tinha uma hortinha boa.”

“A terra vale menos, bem menos. Porque a gente hoje não faz mais nada na terra, pés de laranja que a gente tinha lá, dava laranja mas era coisa tacanha mesmo, os pés secavam, a gente planta e eles não saem. Faz uns três anos que renovamos as plantas, mas não saem. A gente coloca adubo, mas a planta tem dificuldade pra crescer. Os pés que ficaram estão tudo doente. Pé de mexerico secou, pé de limão.”

“Todo mundo diminui a produção, minha prima os pés de laranja dela secou tudo. Hoje ninguém faz mais nada lá, ela criava porcos lá.”

“A gente fica lá plantando, olhando as plantas no quintal, a gente fica assim triste de ver, cadê meu pé de laranja, cadê as plantas. A gente olha para o quintal com tristeza. Igual ao pé de limão que secou lá, ele tava carregado, cada limão bonito ele secou carregado de limão. A gente foi vendo que as folhas foi ficando triste e secou. Isso aconteceu com pé de laranja secou carregado, pé de mexerica. E triste, muito triste, você as plantas morrendo e não ter o que fazer”.

Água

Para a horta:

“A gente usava água do Ribeirão. Nessa época já tinha bomba, já tinha colocado energia e a gente tinha a bomba que puxava água do ribeirão”.

“Na verdade, ficou sem água, não tinha como usar a do Ribeirão a gente não tinha outra água. Hoje a gente fez um poço, lá agora já tem mais morador com o passar do tempo o pessoal foi construindo, a gente uniu e fez um poço”.

Procedência da água do poço:

“Não sei, a gente fez um poço artesiano”.

“Como a gente pegava do Ribeirão e não pode pegar mais, a água do poço é bem melhor”.

“Esse poço hoje é pra sete casas. A questão que a gente que a gente não pode plantar agora, primeiro por conta da contaminação e depois porque a gente não tem água pra molhar, como o poço é pra sete casas, não tem como a gente molhar a planta com a água do poço. A água do poço é só pra consumo”.

SSAN

“A gente planta mas não vê saída, hoje a gente planta pra casa mesmo como pé de mandioca e ainda com medo. Hoje a gente não cria mais galinha e há uma dificuldade as plantas não saem”.

“A carne que a gente tinha lá era o peixe, não pode pescar mais”.

“Fazia doce de laranja da terra, comporta de pimenta, geleia de jabuticaba”.

Saúde

“Como meu esposo adoeceu lá era um lugar de tranquilidade e tinha o que fazer”.

“Prejudicou muito o psicológico. Você tá ali e de repente para tudo prejudica o emocional, prejudica tudo na vida da gente. A nossa vida era aquela mexer na terra se não pode plantar mais, a vida fica muito ruim”.

“Meu esposo esteve duas vezes internado esse ano porque começou a beber muito e ele não bebia. Só quando tinha uma festa e daí ele foi ficando sem o que fazer e começou a beber muito”.

Sobre os jovens:

“Eles bebem muito, desenvolveram um grau de álcool. Evoluiu mesmo no álcool”.

“Tinha domingo que eles passavam o dia todo no Ribeirão levavam as coisas pra lá e como agora não pode fica todo mundo muito tempo dentro de casa aí eles bebem bastante”.

“Na verdade, não é mais trabalho é mais preocupação é o que afeta mais a gente, a preocupação como vai ser tanto agora como pra frente. Tá tudo muito difícil”.

Visão De Futuro

“A nossa esperança lá é que limpem, que tudo seja limpo que a gente possa voltar a usar a água do Ribeirão, que a gente possa voltar a pescar. Os homens lá amam pescar, aí chega lá não pode ir para o Ribeirão, como eu te falei aumentou o consumo de álcool foi por isso”.

“A esperança da gente aqui é que tenha uma solução pra limpeza de e pra gente poder voltar a ver as plantas bonitas, as plantas crescendo, pra gente poder voltar plantar”.

“A esperança da gente é essa de ver a terra se valorizando de novo, não daqui a quantos anos isso vai acontecer, mas eu tenho esperança porque assim como aqui é uma terra de raízes eu tenho esperança, eu espero ver lá do jeito que era antes. A terra foi do meu avô depois dos meus pais tem 136 anos que essa terra é da minha família, eu espero deixar para os meus filhos do jeito que ela era antes para eles terem esse prazer de mexer com a terra. Hoje eu tô levando o meu neto, só tenho um neto homem eu já levo ele já vou mostrando, ele já pega a inchadinha pra ajudar a vovó”.

“A gente quer a restauração da terra e do Ribeirão pra gente voltar a ter a nossa vida que a gente tinha, porque nesse momento a gente tá muito inseguro, a gente não sabe o que a gente faz, essa insegurança. Muito mais cansada, a gente não saber se tem segurança aquela paz na mente”.

Danos Imateriais

“Usava muito o Ribeirão pra pescar, pra nadar. Tomava banho lá no Ribeirão, agora acabou tudo. Lazer era no Ribeirão, se jogava amarrado no cipó. Acabou tudo”.

“Não tem muito entrosamento, cada um chega fica na sua casa”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Sobre a terra:

“A gente nunca pensou em vender não, a nossa raiz né. Nunca parei pra calcular o valor da terra”.

Ausência de informação da Vale:

“Foi uma surpresa nós ficamos sabendo pela televisão mesmo. No dia que aconteceu, claro abalou todo mundo, só que até então a gente não pensou que ia afetar tanto a gente, lá aonde a gente tava. Aí quando a gente foi ouvindo que o Ribeirão tinha descido descido a lama, foi

quando a gente viu que a gente tava prejudicado. A Vale não avisou a gente nada, os vizinhos mesmo começou a falar que eles tinha falado que não podia mais usar o ribeirão, usar a água, foi caindo a ficha que estava tudo contaminado lá”.

“Nunca foram, nunca falaram nada e nunca avisaram nada pra gente”.

Informação:

“A gente tá entendendo porque as meninas tem ido lá e aí tá explicando pra gente como que vai ser esse procedimento, a gente não tem muita sabedoria mas aí o que elas estão explicando pra gente a gente vai tentando entender”.

“Da vale a gente não sabe nada.”

Entrevistada: Dona Graça e Dona Maria José

Perfil das entrevistadas: Maria das Graças Diniz Brochado, 71 anos, trabalhou no banco e Maria José Diniz Brochado, 76 anos e sem filhos.

A terra da família fica localizada no distrito de Muquém, dividida como herança para 3 irmãos. Maria das Graças trabalhou em um banco e com o dinheiro da demissão construiu uma casa no terreno, considerada como a casa da família. As entrevistadas estão localizadas na região 3 que fica mais afastada.

Renda

Gasto com o gado

“Teve mais gasto nós tivemos que trazer o gado, teve que fazer mais alimentação para o gado, não tem mais um pedaço de pasto. A água já não entregam mais, começou com o rompimento e parou esse ano”.

“Era gado de leite, antes tinha o COOPARÁ que era um cooperativa, hoje ela quase não existe”.

Produção Agrícola

“A plantação que era feita lá já não podia ser feita”.

“Plantava milho, plantava capim pra o gado e além disso tinha o gado que bebia a água”.

“Teve que tirar o gado desse pasto hoje a gente tá plantando outro capim”.

“Primeiro a insegurança, medo do terreno, não pode plantar aqui. Planta e vai colher aqui por exemplo horta, plantava muito, mas deixou de plantar a horta, couve, alface, cebolinha, todas as verduras. Tinha galinha, a galinha continuou”.

Água

“A água que vinha lá de minas era captada no Paraopeba”.

“A cor da água ficou diferente”.

“Pessoal de lá gostava de pescar e até mesmo a qualidade da água que a gente usava. Até hoje a gente não sabe, até hoje não deram o resultado da água”.

“O gado não pode mais usar a água, a Vale foi lá e fez uma cerca. E a água potável começou a entregar, eles levam na garrafa”.

“Tem esse Ribeirão que chama Ribeirão do Ouro que falaram que não foram afetado, mas aí quando deu a enchente aí agora ficou com medo porque a água não voltou então ficou essa questão a Vale tinha que olhar esse negócio da água, se chegou em poço”.

“Não pode usar água de cisterna daquele pedaço lá. Porque até 1 km da margem a Vale reconheceu atingido daí. O impacto maior foi na água porque antes do rompimento da Vale Pará de minas passou por período de falta de água na cidade porque a única captação era do Parauapebas, foi por causa da condição climática o povo já estava com medo e agora como é que vai ficar porque a primeira coisa que a Vale fez foi captar do rio Pará”.

SSAN

Consumo da horta

“Diminui, até hoje a gente fica insegura de usar a água se não tem nenhuma análise, não tem nenhum estudo. Acho que o prejuízo maior é a insegurança, é o medo, isso até quando, se precisar vender a terra como é que vai ser, é preocupante né?”.

Visão De Futuro

“Seria a recuperação da água e do solo, eu não sei como vai recuperar o solo. A água eles continuam fazendo tratamento colocando aquelas redes que a rede ia barrar os resíduos dentro do rio e hoje a gente escuta mais isso não”.

“Eu acho que eles tinham que fazer alguma coisa com a terra para o pessoal que perdeu. Eles têm que pensar muito nisso aí de compensar o povo.”

Danos Imateriais

Os banhos de rio

“Existe lá que a gente percebe, principalmente das mães que tem filhos se os meninos estão indo lá para o rio. A dona Ana e a Jaqueline iam muito pescar lá”.

“A primeira reunião que a gente fez, a gente nem imagina que a gente teve esse prejuízo. No meio da reunião um moço disse: ‘vocês falando isso, onde é que eu vou nadar?’ A única coisa que eu tinha quando reunia a gente, era a gente ir pra beirada do rio fazer piquenique lá e nadar, agora não tem isso mais. A gente não sabe até onde a contaminação vai chegar”.

“A gente pesca e joga de novo só pra ir pescar, pra ter o prazer. Tinha um vizinho que trabalhava com o meu irmão que falou que tava com tanta saudade de ir pescar, mesmo não podendo ele foi lá pescar e pescou um peixe desse tamanho. Lá tinha muito peixe, ele olhava para o peixe e o peixe olhava pra ele e ele pensava “eu levo ou não levo”.

Saúde

“Depressão a gente vê lá o povo, antes a gente reunia mais e veio essa pandemia também”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Sobre informação da Vale

“Nada. Eu fiquei sabendo na rua, foi o Fábio eu não sei, encontrei com ele que é casado com a minha sobrinha disse “Pará de Minas tá perdido” e eu perguntei: por que rapaz? “você não está sabendo não”, o que aconteceu? aí ele contou”.

“Já tinha dado na televisão a notícia aí a gente foi acompanhar”.

“No dia que a gente tava lá eles foram recolher terra, mas não falam, não dão retorno”.

“A gente procura acompanhar, inclusive, às vezes eles ligavam pra cá pra perguntar alguma coisa, pra saber alguma coisa de lá, dá água algumas vezes. Outra hora se ligava pra lá eles não davam informações pra gente, a gente até combinou de anotar o nome porque se precisar cobrar foi fulana que falou. Inclusive esse auxílio que recebiam, alguns pararam de receber, ninguém explica, ninguém fala”.

“Estão usando a gente palhaço, pra dizer depois que fez. O pessoal fala que eles tem que ter um pouquinho mais de trabalho pra inventar mentiras pra nós”.

Desvalorização da propriedade

“Isso sim, tem um vizinho que tem uma casa e já tinha colocado anúncio perto do Paraopeba, desistiu de vender a casa”.

Moradores do interior

“Eles tiveram o maior prejuízo até nas estradas de lá, a vale levava a água de caminhão, depois foi instalado um coxo. Tinha ônibus que vinha buscar os moradores aqui pra eles fazerem compras. Tudo isso foi acabando”.

Instalação de internet e os critérios da Vale

“Alguns perguntam porque instalou lá que não precisa, vai criando uma desunião. Fulano precisa tanto e outro nem é atingido nem nada, e a gente não recebe. Vai criando essa rivalidade entre a comunidade e prejuízo pra todo mundo porque antes era todo mundo unido”.

Manter o processo em evidência

“Eu fico pensando na Mariana que não teve esse movimento de ajudar o pessoal de lá. Mariana a gente não escuta mais falar, caladinha lá. Agora nos daqui a gente pelo menos vê que ainda tem gente falando. A vontade da gente as vezes é largar mais é isso que eles querem”.

Entrevistada: Dona Dália e Dona Dirce

Perfil da entrevistada: Dalia Moreira Fernandes. 66 anos. Casa nova, fortuna de Minas. Lavradora. Parda. Viúva. 3 filhas e neta. Está morando na casa do irmão gêmeo, pois o marido faleceu e as filhas mudaram. Casa própria. Frequenta associação e participa da Comissão. Tem aposentadoria e pensão do marido.

“Eu gosto de acompanhar porque a gente a gente acompanhando a gente está vendo o que está acontecendo. [...] Uma pessoa [que não] vai lá ficando "como é que foi? Como é que não foi?" Então eu acho que cada um tem que ter a sua responsabilidade e seu objetivo. Aquele que não acompanha ele não faz parte de nada”.

Dirce Moreira Fernandes. 64 anos. Casa nova, fortuna de Minas. Lavradora. Parda. Casada. Mora apenas com o marido. Antônio, 53 anos, lavrador. Casa própria. Frequenta associação e participa da Comissão. Aposentada.

Renda

Dalia: *“Prejudicou todo o setor, deu muito prejuízo. Depois que aconteceu a gente não voltou a pescar, porque a gente gostava. A gente pescava e acabou isso tudo. A gente ficava alegre, satisfeito, ficava na tranquilidade. Tinha dia que a gente pegava tanto peixe que dava pra vizinhança. Todo mundo ficava alegre, hoje em dia acabou”.* Serviço na fazenda diminuiu.

Trabalhou uma parte da vida na fazenda. Plantava milho, feijão. Vendia-se peixe em Cachoeira. Entregam na porta para a freguesia.

Dirce. Prejudicou: *“Plantava à beira do rio. Meu marido não saía do rio. [Ele] trabalhou 17 anos numa fazenda”.* Peixe que o marido pescava, que não podia mais trabalhar em fazenda pois estava doente, pescava.

Produção Agrícola

Cada uma das irmãs possui 1 hectare de terra.

Dalia: *“A gente vende pra comprar o que não produz”.*

Parou de produzir queijo que fazia em casa.

“Foi ficando mais difícil, a gente é de idade. Era minha vida”.

Ficou difícil vender porque tinha que carregar uma cesta pesada pra entregar, com o rompimento parou totalmente a produção. E porque a produção agrícola já foi ficando mais difícil antes do rompimento.

“Perder [estoque] a gente não perdeu, mas a gente passou muito aperto”.

Diminuiu a quantidade de porco por não ter ração suficiente para tratar. Na pandemia houve paralisada na produção.

“A gente não vai mais pra Paraopeba, não vai pescar, não tem trabalho. Ficou [difícil vender queijo] com essa crise agora, muita gente não tem emprego. Não adianta eu chegar com mercadoria na cidade e ninguém tem dinheiro”.

“Planto quiabo, taioba, jiló, abóbora, couve, cebolinha, salsinha, beterraba, cenoura, rúcula”.

Dirce: *“Fazia queijo demais”.*

“Passei aperto porque colhia milho, fazia fubá, tinha fubá pra tratar de uma vaca, porco. Isso acabou. Agora compra ração, que é caro”.

“[Na pandemia] A gente ficou paralisada, o povo falava que não podia sair, a gente não saía”.

Comunidade produz: Milho, feijão, alho. Para consumo próprio. Vendem mandioca. Semente de milho compravam, de feijão produziam. Ainda tem semente de feijão.

Vale nunca deu ração.

Água

Qual a forma de abastecimento antes e após o rompimento e impactos gerados.

Para produção água do córrego e do poço. Depois do rompimento apenas poço artesiano comunitário, para casa, plantação e criação. Que é suficiente.

Dalia Sempre pegava água do rio antes do rompimento.

As irmãs têm lembranças de levar uma moringa com o pai quando iam plantar na beirada do rio e pegar água de lá para beber.

SSAN

Comiam peixe todos os dias. Agora frango e ovo. Continuam produzindo verdura. Houve período que pararam de produzir alimentos básicos como arroz, esse ano que voltaram. Percebem perda da qualidade na alimentação.

Dalia: “[pra substituir o peixe] a gente de vez em quando compra carne” Gastando mais pra comprar carne “A gente que trabalha, tem que ter carne” “Nesse costume de tudo colhido aqui, a hora que a gente chega lá fora pra comprar a gente fica com dificuldade”.

Dirce: “Dalia comprava [peixe], pedi a ela parar de comprar porque sei lá da onde vem, sei lá se pega esses peixes do rio e tá vendendo?” “Comia mais peixe do que carne” “Esse ano que a gente voltou a plantar” “Inclusive eu nem gosto [de comprar], eu gosto de plantar pra mim comer aquela coisa que eu planto. [...] Compra um tomate vem aquele cheiro de remédio pra não perder. [...] O sabor é outro”.

Visão De Futuro

Dalia fica preocupada com as filhas que moram num apartamento na cidade, era financiado, mas com a morte do marido não foi quitado. Agora paga aluguel para filhas com pensão do marido e o próprio dinheiro. Fez empréstimo e agora está endividada.

Danos Imateriais

Dalia: “Depois que aconteceu a gente não voltou a pescar, porque a gente gostava. A gente pescava e acabou isso tudo. A gente ficava alegre, satisfeito, ficava na tranquilidade. Tinha dia que a gente pegava tanto peixe que dava pra vizinhança. Todo mundo ficava alegre, hoje em dia acabou”.

“Encontrava todo mundo ali [no rio], batia papo”.

Dirce: “Festa da associação acabou por conta da pandemia”.

Sempre houve alcoolismo na comunidade.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Dirce “Festa da associação acabou por conta da pandemia” “Não foi deus que mandou não [o rompimento], aconteceu por descaso deles”.

Trabalho doméstico aumentou. Não recebem ajuda dos homens dentro de casa, mas com o trabalho doméstico de quintal/curral sim.

Entrevistada: Vanira

Perfil da entrevistada: Vanira tem 49 anos, não tem filhos e mora com o marido e mais uma mulher que trabalha no local. Se identifica como mulher atingida. A propriedade em que estão hoje não é da família, apenas trabalham nela, há 8 anos. Ela e a outra mulher que mora na casa são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, ela fica mais encarregada de serviços gerais de limpeza e organização.

Renda

Ela relata que não sente que houve impacto na renda .

Produção agrícola

Tem uma horta para consumo próprio, com cebolinha, salsinha, couve, jiló, repolho e mamão. A família cria galinhas e vacas na fazenda. Tem galinhas na propriedade que também são utilizadas atualmente para substituir o consumo do peixe que diminuiu. Não houve alteração no consumo dos produtos da horta após o rompimento da barragem.

Água

Toda água usada na propriedade vem de um poço artesiano pois a água do rio, após testagem, sinalizou ser imprópria para o consumo.

A Vale chegou a instalar um filtro para tratar a água do rio, o filtro foi instalado, mas não religaram a água. Então tanto para a horta, quanto para a casa e animais é utilizado hoje somente o poço, mas essa água também fica suja alguns dias quando chove.

Quando alguém da Vale ia até a casa da família, só conversavam com o marido. Ela não se sente bem informada e atribuiu isso a sua localização: *“Por aqui não informa muito, porque está em um canto que só tem eu e Erica, ela está no grupo e acompanha, mas aqui não tem uma comunidade”*.

SSAN

“Toda semana, era sagrado, toda semana comia peixe. [...] Agora come peixe uma vez no mês, as vezes passa meses sem comer”.

Além disso, existe a prática de troca de alimentos do quintal com a vizinha. *“Ela levava mais do que trazia”.*

Ela relata que não se sente segura ao comprar peixe, porque as pessoas pescam no Paraopeba e vendem falando que é do São Francisco. *“Depois do rompimento, o ovo pesca no escondido”.*

Danos imateriais

“Tinha a prática do pessoal pescar para o lazer e isso faz falta demais”.

No geral, a entrevistada citou o fim da beira do rio como ponto de lazer como principal dano. *“Ficou mais ruim, porque nos finais de semana a gente fica sem o que fazer, a tarde a gente pescava, agora ficou esse vazio”.* Ela conta que o lazer agora é ficar na internet.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

“A perda que nós temos do rio é as pescarias. [...] A gente vivia com a geladeira cheia de peixe e já não tem mais. Até pegava peixe para dar pra família, acabou. [...] Foi uma perca que gostávamos muito, agora se quiser tem que comprar, e quase não compra porque é caro”.

Sobre a reparação do dano causado pelo rompimento: *“O bom seria se o rio voltasse ao normal”.*

Mesmo a terra na sendo da família, ela percebe que o território foi desvalorizado: *“A terra foi desvalorizada sabe, porque a Vale fechou uma parte das terras”.*

Sobre o impacto na vida das mulheres, ela retomou o ponto da importância que o rio tinha no bem-estar: *“A gente se reunia no rio, [...] ia fazer um churrasquinho, era ótimo”.*

Ela conta que, em relação a saúde, sente dores no corpo, principalmente nas pernas e braços, há um 3 ou 4 anos. Porém essa dor tem piorado. Quanto a saúde psicológica:

“No começo as pessoas ficaram doentes emocionalmente, porque a gente ficou nessa expectativa esperando a lama chegar, foi horrível”.

Entrevistada: Fátima

Perfil da entrevistada: Fátima, 34 anos e engenheira agrônoma. Mora com o pai, (Evandro Vilaça de Vasconcelos, que tem 74 anos e é agricultor e proprietário da terra), mãe (Sueli da

Silva Campos Vasconcelos, com 63 anos) e um irmão (Clébio Faria de Vasconcelos, de 36 anos, engenheiro de produção). Sua fazenda fica no município de Papagaios. Fátima trabalha com o pai na fazenda, mas também presta consultoria privada em propriedades rurais, principalmente florestas de eucalipto e nativa.

Comissão De Atingidos e Território

Sobre o grupo da comissão das atingidas e atingidos, ela sente que está muito parado: *“Na verdade, nunca foi um grupo consolidado, á princípio tinha seis/sete pessoas compondo a comissão”*. Ela explica que a região é composta por aproximadamente trinta propriedades rurais, que ocupam as margens do rio Paraopeba, esses são os maiores produtores do município *“Não tem muita união, é cada um por si [...] E porque as sedes das fazendas são de homens, então não tem muito essa relação”*. A composição da região é de grandes propriedades, todas têm pelo menos 100 hectares.

Perto dela, tem as propriedades de dois primos, que são bem próximos, ela conta que a maioria dos atingidos dessa região tem grau de parentesco.

Água

Ela utilizava a água do rio para irrigação e tem projeto de instalação de pivô central, com outorga de uso da água já solicitado e não sabe quando será liberada. Além disso, o gado também tomava água diretamente do rio, que agora é contaminada.

A água demorou 3 dias para chegar na propriedade. *“Depois do rompimento, quando chove, a água fica muito marrom e fica parecendo que tá grossa.”* E confirma que viveu falta de água: *“Já aconteceu de eu deixar o gado ir beber água no rio porque não tinha outra opção de água”*. Mas conta que água mineral nunca faltou.

Ela tinha duas fontes de abastecimento, o rio e um poço pequeno, mas com o rio transbordando o poço também teve contato com a água do rio, então as duas fontes foram perdidas. A do rio era para os animais e produção e a água do poço era para consumo humano.

O poço artesiano que foi feito pela Vale tem a sua água analisada semanalmente, mas ela não é própria para consumo humano porque para isso precisaria instalar um filtro, que ainda não foi instalado, mas a água desse poço já é ligada à caixa e aos bebedouros.

“A gente tem acesso às análises e a qualidade dela [água do poço artesiano] é boa”.

“No início foi muito difícil com caminhão-pipa e água. Não levava, ficava sem água, o caminhão chegava e atolava, errava o caminho [...] hoje já está bem melhor”.

Produção Agrícola

Área total: 130 hectares, 3 hectares de margem, com valor estimado de 15 a 20.000 reais/ha.

A fazenda produz milho, silagem, leite, gado de corte, galinha, frutas, citrus e, ainda, tem um pouco de hortaliças para autoconsumo. Toda a produção da fazenda vai principalmente para a venda e um pouco e consumo próprio, não tem hábito de trocar ou doar.

Depois do rompimento a produção alterou, antes o milho era irrigado, plantava-se de duas a três vezes por ano, hoje ela planta somente uma vez ao ano, porque depende da chuva.

O leite vai para a cooperativa, enquanto o gado de corte, galinha e citros vão para o comércio local. O gado vai para frigorífico só quando conseguem juntar um volume maior, pelo menos 15 animais.

Ela não sente que a comercialização mudou em relação a nenhum dos produtos.

“A gente produz silagem de milho, e eu cheguei a vender essa silagem de milho pra Samarco quando rompeu em Mariana, do mesmo jeito que eu recebo hoje eu vendia pra eles, então eu vi o que era a confusão lá. Hoje eu vejo que, apesar do transtorno, eu tenho como comercializar, consegui manter minha vida, apesar de tudo, funcionando, teoricamente, normal”.

Renda

Com o rompimento, foi necessário mudar o gado de lugar, com isso teve que contratar mão de obra para tratar dos animais. Parte da área de produção de silagem da fazenda foi alagada, então se enquadra como área contaminada, antes o gado comia sozinho no pasto agora tem que colocar no cocho, então teve que contratar mão de obra. E com isso o custo de produção aumenta e muda muito a logística. Ela também não vende mais silagem.

“A gente teve um problema sério aqui, foi com relação ao pagamento do auxílio [da Vale], cadastraram os funcionários que foram embora das propriedades e continuaram recebendo, não queriam trabalhar”.

Ela ficou quase um ano sem receber o auxílio, quando mudou da Vale pra Fundação Getúlio Vargas ela voltou a receber e também foi pago o valor que estava atrasado, com o irmão e o

vizinho aconteceu a mesma coisa. *“Não tem assistência nenhuma da Vale”*. E o NACAB também não tinha acesso às informações sobre o auxílio.

No início, recebia ração, silagem e água, mas hoje só recebe a silagem e água mineral. Foi furado um poço artesiano, que não atende todas as demandas, então ainda recebem água quando precisa. *“Eu sempre tô correndo atrás, ligo, peço, reclamo que [a água] não está dando, que tem que ter mais, nesse ponto eu fico bem em cima.”* Ela percebe que se não fosse pela cobrança, ela não estaria recebendo tudo que é demandado pela propriedade, e acredita que ser da comissão ajuda nisso. *“O primeiro contato da Vale com o município fui eu.”*

Por estar mais próxima, ela se sente bem informada da situação do rompimento.

“Eu tomei frente e fui atrás, quem não correu atrás meio que tá aí até hoje sem saber o que está acontecendo.” “Quem apareceu muito depois, mesmo se for atingido, acho que eles não dão muita atenção não.”

“Meu pai pescava, eu ia lá ver as pessoas pescando, ficava conversando.” Essa atividade não acontece mais.

O valor da produção agrícola teve diferença: *“Aí a gente tá mais sujeito à pandemia né, com esse negócio da pandemia o valor disparou de tudo”*.

Isso tudo que aconteceu gera insegurança sobre o futuro de sua condição financeira: *“Com certeza, eu não sei o que vai acontecer, se vai piorar.”*

Quanto aos cuidados domésticos, a família paga uma pessoa para isso, se ela não puder ir todo mundo faz um pouquinho. Fátima fica mais no campo, e a mãe dela tem a saúde fragilizada.

SSAN

A maior parte dos alimentos consumidos é comprada, mas a carne e o leite são da propriedade, eles também plantam feijão. Consumia peixes e não consome mais. *“Peixe, agora, só comprado”*

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Perdeu aproximadamente 20ha de milho plantado quando o rio transbordou. Esses 20ha não tem como plantar mais, no total são 60ha perdidos, que se tornaram impróprios para produção, de um total de 130ha de propriedade. *“Por exemplo, fazendo uma conta rápida, se*

eu produzia 100 mil reais no ano, hoje eu produzo 30 mil, acredito que meu rendimento deve ter caído de 60% mais ou menos”.

Das margens da propriedade até praticamente o meio do rio, tem uma pedra na propriedade que é muito grande. *“Pessoal ia muito lá acampar, pescar, e a gente cobrava pra entrar na fazenda, e hoje acabou isso.”*

A melhor terra da propriedade era a parte da baixada onde o rio alagou, era fértil e fresca, com umidade. *“Da pra ver até hoje a terra brilhando por causa do minério”.*

Como o rompimento atingiu a sua vida?

“Primeiro, eu fiz agronomia pra montar um pivô central na fazenda, esse sonho foi bem adiado. Meu medo, receio, susto, foi em cima disso. [...] Eu fiz o curso que eu fiz pra isso [...]. Segundo, o desgaste emocional, do princípio, daquela confusão que a gente não sabia o que ia acontecer, de faltar água e comida pro gado, de ter que ficar ligando e as pessoas, e ficarem me ligando também [...] A questão econômica também, dinheiro que eu deixei de ganhar. O que mais me desgastou foi a questão do pivô, que era um sonho de vida”. Hoje em dia ela conta que se sente bem emocionalmente.

Entrevistada: Rafaela

Perfil da entrevistada: Rafaela tem 24 anos, mora próxima ao Shopping da Minhoca na Região dos Balaies, hoje em dia trabalha de Assistente Comunitária de Saúde (ASC) contratada, antes do rompimento trabalhava com a Marilei, na barraca de itens para pesca. Se considera parda, não tem filhos, mora em uma casa alugada com a mãe (44 anos) e a irmã (13 anos), é a única que trabalha com carteira assinada na casa, hoje a mãe é comerciante no Shopping da Minhoca. Participa do Grupo das mulheres do shopping da minhoca (NACAB).

Renda

Antes do rompimento ela e mãe trabalhavam no Shopping da Minhoca, depois as duas ficaram desempregadas, o que segurou as contas foi Rafaela começar a ir para a cidade fazer unhas, hoje ela é contratada pela prefeitura. Antes Rafaela tirava em média 1600, agora só 1 salário mínimo. Na mesma época descobriram um problema de saúde na irmã, na pele, o tratamento teve que ser adiado pela falta de renda.

“Trabalhava com a Marilene no Shopping da minhoca, o ano acabou em janeiro (após o rompimento), o pessoal não sabia o que ia acontecer, não passava uma viva alma na BR, eu trabalhava fazendo bico, eu não tinha serviço fichado, trabalhava lá direto. A minha mãe

também tem barraca, na época a mãe não tinha, alugou depois e agora adquiriu a dela própria. Não tem nenhum ano que ela tem a dela, começou de aluguel e depois comprou. ”

“No ano da pandemia começou a passar pescador de novo. O povo procurava um refúgio”.

“Acabou com o rompimento, no ano do rompimento não vendemos nada, voltou o movimento por causa da pandemia, porque as pessoas estavam sem trabalhar. Mas até hoje não voltou o que vendia antes. Vendia bem mais antes do que agora, não volta porque o pessoal fica com medo”.

“Foi afetada pelo fato de não ter mais meu trabalho, porque minha família é muito importante para mim, ganhar meu dinheiro e ajudar aqui em casa, eu cuido da minha família desde que meus pais se separam”.

Produção Agrícola

Não produzia

Água

A água sempre foi de cisterna, no Shopping da Minhoca hoje a vale leva água para algumas pessoas e no próprio bairro tem gente que recebe, mas ela e sua família não, por causa da logística. Em relação a pesca Rafaela disse que:

“Faltou muita informação de como vai ficar a água”.

SSAN

A alimentação mudou por causa da renda ter diminuído, a falta de contato com os antigos clientes e a insegurança sobre os peixes do rio. Antes se comprava carne e verdura toda semana, agora só 1x no mês.

“Renda diminuiu, eu e a mãe trabalhavam no shopping da minhoca, o que salvou foi ela trabalhar fazendo unha”.

“Até hoje não como mais o peixe daqui, não dá pra saber se pode comer ou não”

“Antes a gente recebia em média 2kg de peixes por mês de clientes”.

“Hoje não compra mais carne toda semana, não consegue comprar mais verduras toda semana, agora se compra só 1 vez por mês”.

Visão De Futuro

Sente insegurança em relação ao futuro pois seu trabalho é temporário.

“Porque meu trabalho é temporário e não tem certeza de futuro”.

Danos Imateriais

A construção de amizades e a festa de lazer feitas na barraca. “Era uma mistura de deus me livre com quem me dera”

“Antes o movimento das barracas era até de noite, agora de noite está muito perigoso, teve assalto na barraca da Marilei e outras barracas”.

“Nos dias eu fiquei muito triste, por ter que arrumar outra coisa pra fazer, eu não podia ficar parada porque tinha que pagar as contas e foi na mesma época que descobrimos o problema da minha irmã, ela tinha feridas na pele que iam no sangue, ela tem alergia a níquel, teve diagnóstico de sarna e várias outras coisas. Estava fazendo esse tratamento dela na época, fiquei triste e preocupada”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados

Em relação à Vale S.A.:

“A informação veio muito tempo depois, quem trouxe as informações foi o pessoal do NACAB. A vale faz umas reuniões que ninguém entende nada, falam o que querem, mas dizem que só podem responder no final da reunião, as respostas são superficiais, a gente vai perguntar, junta tudo, some e vai todo mundo embora. Só voltam quando é de interesse deles, na última só eles falaram, falaram valores altíssimos, do que vai pra algum lugar e pro outro. Não dão apoio nenhum aqui no shopping da minhoca, nem para saber o que vai acontecer futuramente. Só temos o NACAB”.

“Em relação as informações “Só pelo pessoal do NACAB, que eles digerem o que a vale fala, o pessoal do jurídico lê, relê, a assessoria do NACAB ajuda a gente a digerir, a entender. Nessa última reunião nós passamos pra eles o que estava acontecendo, agora passei participar mais das reuniões, pra gente conseguir resolver a situação. Antes o pessoal não era reconhecido como atingido, foi reconhecido a partir da assessoria da NACAB, foi mais de 2 anos para reconhecer. Aqui tinha gente que vivia só de minhoca, mas muita gente era a renda extra”.

Entrevistada: Valdete

Perfil da entrevistada: Valdete, mora no bairro Caetanópolis, Boa Vista (rural). Profissão comerciante e dona de casa, mora numa barraca onde vende. Se identifica como morena clara. Estado civil solteira, mora junto com marido, únicos residentes da casa. Tem 8 filhos de outro casamento, que não residem com ela. Duas filhas ainda são de menor e mora uma com o pai e outra com sua comadre. Veio de Contagem. Se separou do marido por conflitos de bens, situação financeira ficou difícil, se mudou. Marido atual com o qual mora se chama Elias Rodrigues Duarte, 32 anos, comerciante. Barraca alugada. Não participa de grupos. Possui uma casa em Esmeralda.

Renda

Com o rompimento da barragem caíram as vendas de isca. Contava com essa renda para repor o que estivesse faltando e sobreviver.

Depois de se mudar foi conhecer o Shopping das Minhocas, estudou sobre o meio ambiente. Então a barragem se rompeu. Foi se envolvendo nos protestos e com a causa dos atingidos (Comissão dos Atingidos), marido também fazia parte, mas ele se afastou porque tinha interesses econômicos. Se envolveu com a Comissão por curiosidade própria, porque quando o marido acompanhava ele não a deixava ir, ela tinha que ficar na barraca.

Se sente sobrecarregada com o trabalho doméstico. Levanta 4 horas para abrir barraca. Ela tem que esconder a renda da barraca e suas anotações senão marido pega *"Fala que o dinheiro que entra ali é dele, que ele que controla"*

Com o rompimento teve que arrumar outros empregos (capinar, roçar, tirar esterco), ficou 2 anos sem poder vender na barraca. Tirava 5 mil, num feriado 10, 15 mil. Por mês tirava 25 mil antes do rompimento, tinha condições de contratar pessoas.

Com esses empregos tirava 2 mil por mês, agora que voltou para barraca o valor não mudou muito dos empregos.

"Nós compra a mercadoria da barraca com o bolso, não é com a venda da minhoca mais. Não é com a venda da cerva/acetga (?) mais. Não está mais dando lucro porque antes a gente podia ganhar em cima do material. Agora está difícil".

Paga o valor de R\$350,00 no aluguel.

Depois do rompimento vende muda de plantas ornamentais/frutíferas que estão cultivando em terreno ao lado cedido.

Ficaram 6 meses sem abrir a barraca. Perderam iscas e materiais que morreram por falta de cuidado/vencimento.

Depois do rompimento começou a vender comida na barraca, lanche, cerveja.

Antes do rompimento o preço da barraca/terreno era \$4 mil, \$10 mil num lugar com energia elétrica. Agora é \$50 mil.

Vale ressaltar que percebemos que Valdete não tem conhecimento exato sobre os valores, mas após o rompimento ela e o companheiro passaram reais dificuldades, uma das técnicas de campo do NACAB relatou que a organização doou roupa de cama, roupas e alimentos para a família.

Água

Vale não está fornecendo água potável. Prefeitura está dando caminhão pipa que para ela não serve para beber e mata as minhocas.

"Falam [Vale] que põe toda quarta-feira a água, eles não estão pondo, põe de quinze em quinze dias. A gente liga "ah o caminhão está quebrado, ah o caminhão está com defeito" O que acontece aí o meu marido vai buscar do outro lado que é do poço artesiano, põe um pouco na caixa pra mim beber e cozinhar".

Antes do rompimento também pegavam do poço. Pipa só vinha de vez em quando.

SSAN

Agora não tem carne todos os dias, 1 vez por semana. Não está produzindo para alimentação.

"Minha mão ficou suada, gelada, minha barriga doía, a vergonha era tão grande chegar ali [onde estavam fornecendo cesta básica]. Porque eu nunca pedi nada pra ninguém. E o medo da pessoa me humilhar. [...] Deixei minha identidade que ela pediu, tudo bonitinho. Xerox, tudo, tirou tudo. [...] Aí todo mês eu pego a cesta. [...] É pequenininha, mas ajuda".

Visão De Futuro

Fica insegura quanto ao futuro. Com o rompimento tomava remédio para ansiedade, para dormir, mas agora não mais. Nervosismo piorou depois do rompimento.

Se endividou, fez empréstimos com pessoas. Marido pegou \$3 mil, mas já foi pago.

“A gente não esperava pegar de ninguém emprestado, minha parte sempre guardei então não era de me preocupar”.

Danos Imateriais

Deixou de passear, ia para cachoeiras, sítios... Três filhos que estavam com ela foram embora, então acabaram os passeios.

“Não imaginaria que ficaria no meio das pesquisas. Quando rompeu, no início, achava que era só aquele problema próximo ali, na beira do rio. Quando chegou no mar eu me preocupei. Não imaginaria que iria afetar onde a gente tá. Achava que o pessoal não pescava muito aqui, mais pra fora. Depois foi caindo na realidade”.

“Você acha que aumentou a violência?” “Aumentou a violência entre o casal. O homem é mais bravo. Falo dentro da minha casa, é grito, é estresse. Se eu não estiver equilibrada a casa cai, largo pra lá o que ele tá falando e sento e fico quieta.” Quando marido está muito estressado, pega comprimido e dilui no suco para marido (sem a consciência dele). “Tem mulher que não fala porque está com medo”.

“Tive a oportunidade de eu falar porque estava sozinha. Perto dele (marido) não consigo falar. Ele acha que só ele sabe, acha que eu não sei”.

Entrevistada: Fernanda

Perfil da entrevistada: Fernanda, 41 anos. Mãe solteira, 2 filhos (que eram de menor quando ocorreu o rompimento). *“Financeiramente, quem bancava a casa era eu”.* Trabalhava na barraca no Shopping da Minhoca. Não recebe benefícios. Está afastada de trabalhar pois vai fazer uma cirurgia. Fazendo bico de faxina. Mora na casa da mãe, que não reside com ela. *“Hoje em dia tenho a menina [?] que mora comigo e depende de mim”.*

Se sente informada pelo NACAB; *“Agora não estou tendo muito tempo de ir em outras reuniões [...] Quando teve negócio em BH a gente foi, a gente falou, teve manifestação”.* Faz parte da Comissão.

Renda

Tirava mais que um salário mínimo.

“Não tem como especificar quanto eu tirava exatamente. Tinha vez que eu trabalhava 3x por semana, que era constante, mas tinha vez que eu trabalhava 4x na semana, no feriado que dava um movimento diferente, as vezes semana toda. Nos feriados trabalhava a noite toda, os clientes vinham de madrugada”.

“Mudou muita coisa [depois do rompimento], na questão da vida dos barraqueiros se perderam bastante clientes. A maioria que descia de vários locais, BH, Nova Lima, desanimaram de descer”.

“Depois que eu saí da Marilei eu passei a capinar lote, fazer faxina em 7 Lagoas, ganhando 80 reais na faxina, mas 20 reais ficavam no transporte. [...]. Antes eu trabalhava aqui, perto de casa, podia até almoçar em casa”.

Água

“Qualidade da água, aqui é água de cisterna, lá é água de cloro. Tem dia que a água está com tanto cloro que você cheira a água e não consegue tomar”.

SSAN

Alimentação da família piorou pós rompimento “A gente deixou de comprar muita coisa”

“Às vezes eu plantava, só pra consumo, couve, alface, cebolinha”.

“Hoje tudo que eu preciso é comprado”.

“Por conta dos exames e dos remédios, alimentação foi muito afetada”.

“Na casa da minha mãe tinha muito pé de banana, manga, seriguela, ameixa, laranja, abóbora d'água, mexerica”.

“As coisas eram tudo natural, lá é mais agrotóxico”.

Visão De Futuro

“Não queria ter saído daqui, futuramente eu queria ter alguma coisa aqui. Queria ver o pessoal trabalhando, junto”.

“Com certeza [me sinto insegura sobre o futuro] Não se pode ter certeza de nada”.

“Se o rio pudesse voltar a ser produtivo como era, esse é um desejo sim”.

“Eu sei que é quase impossível voltar a ser como era, mas se pudesse se aproximar. Que venha a acontecer a limpeza do rio, que venha voltar a ter vida nele. Que as pessoas que dependem dele possam usufruir. Que seja feita a consideração da justiça”.

Danos Imateriais

“Pessoalmente pra mim foi um impacto bem negativo. Eu tinha um pouco de ansiedade, como toda mulher que cuida de seus filhos sozinha, eu desenvolvi um quadro de ansiedade muito grande, e pânico. Depois que eu perdi meu emprego desenvolvi ansiedade ao ponto de ficar internada. 3 dias da primeira vez. Tive dor de cabeça mas não parava de chorar. Passei a tomar diversos remédios. Até trouxe minhas receitas” “Na minha saúde afetou bastante, emocionalmente”.

“Eu gosto daqui, mas você tá num lugar com seus filhos e não tem emprego, você vai ter que sair, não tem escapatória.” “Se eu tivesse a opção de ter ficado, eu não teria mudado daqui, me sentia muito bem, acolhida”.

“Sinto falta das pessoas, do pessoal da barraca, todo mundo muito receptivo”.

“Os meninos sentiram [o impacto] por minha causa, passei a me isolar muito. [...] Achava que estava escondendo deles mas não, eles ficavam tristes”.

“Me sinto muito mais cansada, mentalmente, fisicamente. A gente pensa em como era as coisas e como elas se transformaram muito rápido. Pensar o que você tinha, o que você tem”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Relação com a VALE SA:

“Vale nunca conversou em especial comigo, com outras pessoas ela pode ter conversado. Teve uma reunião que foi organizada pela Vale e eu estava presente”.

Quer acesso a informação e transparência. Quer informação com linguagem acessível ao entendimento geral.

Outra pessoa durante a entrevista relata que o critério para recebimento do dinheiro era residir 1km, o que não contemplou os trabalhadores do Shopping da Minhoca. Também relata que a burocracia exigida para comprovar residência era muita, ou talvez estava no nome/com os maridos das mulheres, o que dificultava.

O dia do rompimento:

“De imediato a gente levou um susto, mesmo que a gente soubesse que não afetava a gente diretamente, a gente sabia que tinha vários clientes que tinha os ranchos beirando o rio Paroepaba. Se falava muito que tava poluindo o rio”. “Ela [Marilei] não tendo cliente também não ia precisar de mão de obra. [...] Ficou naquele medo, inicialmente não sabia que ela ia chegar no ponto de precisar dispensar a gente, igual aconteceu mais pra frente”.

Entrevistada: Jaqueline

A entrevista foi realizada pelo telefone e gravada pelo Google Meet. A princípio, a entrevistada teve dificuldade com o sinal telefônico. A entrevista iniciou com a leitura do termo de consentimento e autorização para gravação. Após o consentimento da entrevistada, foi iniciada a entrevista.

Perfil da entrevistada: Jaqueline Júlia dos Santos, 46 anos, autodeclarada negra, trabalha de carteira assinada em um sítio e antes do rompimento fazia marmitex e salgados que vendia para os pescadores com intuito de completar a renda. Mora há 23 anos com a família na comunidade Padre João que pertence ao município de Esmeraldas. Jaqueline é mãe de três filhos: Daniele, 22 anos, trabalha na Fiat; Paula, 26 anos, farmacêutica; Gustavo, 16 anos, estudante. Além dos filhos, mora com o companheiro, que tem 43 anos e trabalha na prefeitura de Esmeraldas, o neto Brian de 4 anos, o neto Antônio de 2 anos e o Paulo Henrique, marido da filha. Jaqueline participa da comissão de atingidos e é a representante das comunidades vizinhas à dela.

Renda

Jaqueline relatou que o rompimento da barragem afetou muito a renda da família porque ela vendia marmitex para os pescadores e com essa renda ela pagava a faculdade da filha. A renda do trabalho no sítio é referente a um salário mínimo e não dava para manter os gastos, portanto ela fazia os marmitex, salgados e revendia queijos para complementar a renda.

“Hoje eu já não tenho a mesma renda que eu tinha antes. Me ajudava a manter a casa, fazer compras, pagar o aluguel para minha filha que estudava fora”.

Ela relatou também que a filha concluiu o curso mas que ainda está devendo a faculdade.

“Antes eu pegava queijo do sítio que trabalho para vender, hoje em dia não consigo ter essa renda mais”.

Jaqueline relatou que as vendas nos finais de semana giravam em torno de 800 reais a 1200 reais. Antes do rompimento tinha uma renda mensal de aproximadamente 4 mil reais e hoje só tem o salário mínimo do emprego e o auxílio da Vale de 550 reais.

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: não soube informar; Valor: não soube informar

Jaqueline possui horta para o consumo próprio e utilizava da produção para fazer os marmitex. Com o rompimento da barragem, diminuiu a produção, principalmente do feijão que cultivavam na beira do rio. Além dos marmitex, ela fazia salgados (coxinha, pastel, pão de queijo). Possuem produção animal de galinhas e porco, continuam com a produção animal, mas atualmente as vendas diminuíram muito. Não perdeu animais de produção.

Água

A água que abastecia a família era oriunda de um poço artesiano. Foi feita coleta e análise dessa água e foi constatada contaminação. A análise foi feita pelo NACAB. Jaqueline relatou que continuam utilizando a água do poço para fazer comida, tomar banho e regar as plantas. A Vale fornece apenas água mineral.

“A aparência da água está meio turva”.

SSAN

Como era a alimentação? E agora? Quais as mudanças?

Jaqueline relatou que consumiam verduras, legumes e frutas cultivados no quintal. Comiam frequentemente peixes que pescavam no rio e hoje substituem o peixe por ovos. O marido produzia o feijão que a família consumia e hoje não produz mais porque é na beira do rio. Antes tinham muitas pessoas na comunidade que produziam milho, feijão e abóbora na beirada do rio e que era possível trocar produtos, hoje não conseguem mais.

“Tem dois anos que a gente não planta feijão mais. a gente colhia muito feijão. Hoje não podemos mais comer do nosso feijão”.

Visão De Futuro

Consegue planejar o futuro? Tem algum sonho?

Ao ser perguntada sobre o futuro, Jaqueline relatou ter muito medo devido à insegurança financeira. Disse que sem a renda que tinha antes fica impossível planejar o futuro.

Danos Materiais

Foi perguntado à entrevistada se houve desvalorização da terra e ela relatou que houve sim desvalorização da terra porque tinha um terreno que estava quase vendido por 80 mil e foi devolvido após o rompimento da barragem. Além disso, Jaqueline contou que perdeu 4 cachorros que iam ao rio com frequência. Ela contou que eles estavam aparentemente bem e que no outro dia amanheceram mortos, sem explicação. Relatou também que os cachorros, vacas e cavalo dos vizinhos que ficavam próximos ao rio e tinham contato com a água também morreram repentinamente.

Saúde

Ao ser perguntada se percebia alterações e danos na saúde, Jaqueline relatou que está tomando remédio antidepressivo. Na família, além dela, o filho está com depressão, síndrome do pânico e desenvolveu TOC. Ela relatou também que desenvolveu problemas respiratórios após o rompimento.

“Desenvolvi problema respiratório, à noite eu sinto muita falta de ar”.

“Meu filho está com depressão, síndrome do pânico, e TOC. Eu também estou tomando medicação antidepressiva. Então mudou muito. Meu filho está tomando dois tipos de remédio controlado também. Tudo isso depois do rompimento”.

Danos Imateriais

Foi perguntado à entrevistada se ela percebia que o trabalho doméstico havia aumentado. Jaqueline respondeu que, o fato do marido estar mais presente em casa, corroborou para que aumentasse as tarefas domésticas e, conseqüentemente, ela se sente mais cansada e sobrecarregada.

“Aumentou muito o trabalho doméstico porque antes os maridos iam pescar depois do trabalho, iam pro rio, ou faziam outros serviços como meu marido que ajudava meu primo a

plantar cana na beira do rio. Hoje ele fica mais em casa e marido em casa aumenta o nosso trabalho”.

Jaqueline relatou, repetidamente, sentir muita tristeza e desesperança.

“Foi afetada em muita coisa, minha renda, meu emocional, fisicamente, foi afetado tudo. Como se tivesse puxado um tapete e jogado a gente num buraco e esquecesse ali num lugar escuro e vazio, esse é o sentimento que a gente tem, de muita tristeza e dor. Dor pelas pessoas que morreram, só de ver o sofrimento dos familiares deixa a gente muito triste. Só tristeza”.

“É uma carga muito grande, muita tristeza. eu não estou muito bem, estou sobrecarregada”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Ao ser perguntada se sentia insegurança financeira com relação ao futuro, Jaqueline respondeu:

“Senão voltar as coisas como eram antes para que a gente possa trabalhar com segurança, os pescadores de volta, as pessoas viveram com menos medo, porque a gente ainda está com medo. isso não é normal, nunca aconteceu. A gente não sabe pra onde ir e nem por onde começar”.

Foi perguntado à entrevistada sobre como tinha sido o dia do rompimento e ela relatou:

“Foi muito desesperador. A gente ligava a televisão e rádio e falavam que a lama estava chegando em Juatuba. Foi um desespero total. Só de pensar dá muita tristeza, muito ruim viu”.
“Ficamos a noite inteira acordada, íamos perto do rio pra ver se lama estava chegando, foi horrível, muito terror”.

Foi perguntado à entrevistada do que ela mais sente falta e ela respondeu:

“Faz muita falta receber visitas, muita falta mesmo. Sinto falta de plantar também, porque nossa é muito bonito ver aquela plantação toda, pegar o próprio alimento que plantou e comer e aquilo ali, falar que foi eu que plantei e colhi. Hoje é muito difícil acontecer”.

Jaqueline relatou também que percebe desunião na comunidade, que segundo ela, é pelo fato de algumas receberem o auxílio financeiro da Vale e outras não.

“Aqui na comunidade teve muito atrito por causa de situações financeiras, antes o pessoal era mais unido, hoje tem muita falsidade”.

Entrevistada: Monaliza

Perfil da entrevistada: Mora na cidade e na roça. Reside na comunidade Pacamal e no Centro de Paraopebas. Tem 58 anos, é produtora rural e comerciante. Atualmente está como vereadora. Branca, casada e tem um filho que é engenheiro elétrico e produtor rural. Participa da comissão de atingidos.

Comunidade: Mora na cidade e na roça. Roça: comunidade Pacamal. Cidade: Centro de Paraopebas; Idade: 58 anos; Profissão: Produtora rural e comerciante. Está atualmente como vereadora; Etnia: Branca; Estado Civil: Casada; Filhos: 01 (29 anos) Engenheiro elétrico e produtor rural; Moradores da casa: 03 (Entrevistada, o filho e o marido. Todos são produtores rurais).

Renda

O rompimento da barragem impactou a renda da família e o trabalho porque eles plantavam entre a meia safra de milho para o cilo outras culturas como a abóbora, agora 80% da terra está interditada. A entrevistada relatou que perdeu grande parte da terra em que trabalhava e que sobrou apenas um pequeno pedaço em que ela cultivava a horta.

Produção Agrícola

O tamanho da propriedade da entrevistada é de 54 hectares sendo que, atualmente, 80% estão interditados. O terreno da propriedade vai até o rio, sendo que a casa está a 600 metros. A entrevistada relatou que antes tinham rendimento de 40 a 50 mil da produção. Vendia para CEASA e às vezes para o comércio local, mas a maioria ia para o CEASA. Ela produzia milho para o silo, abóbora, plantava amendoim, já plantou mandioca, sempre plantou horta. A produção era vendida e tinha o consumo da família. A entrevistada relatou que sempre faziam doações pois tinham muita produção e não davam conta de comercializar e consumir tudo. Diminuiu consideravelmente a produção devido a redução da terra e agora cultiva apenas horta.

Água

A água vem de um poço artesiano que já tinha na propriedade. Ela relatou que já tinha esse poço que foi contaminado e posteriormente foi realizada a limpeza e instalação de um filtro que está sendo monitorado. A captação da água do poço está indo direto para a caixa. Ela relatou que furaram outro poço, instalaram um transformador e estão aguardando a CEMIG

para fazer a conexão do serviço realizado pela VALE e o transformador. Nunca recebeu água da Vale. Não usa a água do rio para nada. O rio está cercado e continuam usando a água do poço.

A entrevistada relatou que, após a enchente de 2020, a medida que a água ia abaixando subia um mau cheiro e que o capim que estava tampado pela água ficou todo queimado.

SSAN

Consumiam muito peixe e o rio era um espaço de lazer.

Ela relatou que pescavam pelo menos uma vez por semana. A alimentação mudou, consomem menos peixe e o que é consumido atualmente não é fresco. Atualmente, a maior parte da alimentação é comprada no supermercado. Relatou que houve alteração na qualidade da alimentação pois produzia sem veneno e agora precisa comprar fora. A entrevistada relatou que a maior parte da alimentação vem de fora, não mudou a quantidade porque tem condições de comprar. Mas diminuiu a qualidade, porque quando ela plantava sabia o que comia.

A entrevistada relatou que estão tendo dificuldades para comprar adubo.

Visão De Futuro

A entrevistada relatou que os planos para o futuro foram afetados com o rompimento da barragem. Segundo ela:

“Minha vida foi afetada em perspectivas, em projetos, em planos, os planos eram esses, você ter um rebanho pra conseguir tirar pelo menos um animal por mês e as outras áreas para outros tipos de animais, outros tipos de plantio. Isso é uma insegurança que eu tenho”.

Danos Materiais

A entrevistada relatou que as terras foram muito desvalorizadas e que ninguém mais quer comprar terrenos na região. Além disso, perderam 80% da propriedade que teve que ser interditada.

“Quem é que quer terra que não pode ser usada? Quem é que quer terra onde a água não pode ser usada?”.

A entrevistada relatou também que com a notícia do rompimento, acabou vendendo o gado que tinha pois teve medo da água subir e levar. A entrevistada relatou que também perdeu um estoque de adubo. Não soube precisar a quantidade

Danos Imateriais

Antes do rompimento, o rio era um espaço de lazer e sociabilidade. Faziam churrasco, encontravam amigos e recebiam visitas de fora. Além disso, a entrevistada relata com muito pesar os impactos que tiveram no cotidiano.

“Eu acho importante frisar que era um lazer diário, que fazia parte da sua vida, tinha aquela qualidade de vida diariamente, tem 50 anos que eu frequento, eu ia com meu pai era puro mato, a gente ficava acampada. Ia com meu pai e ficava no meio dos pescadores, tem várias histórias da infância, você entrava no paiol e conseguia colocar a mão no teto, de tanto milho que tinha. São lembranças que você nunca esquece, ia um monte de gente visitar, os sacos de laranja. São coisas que fazem parte do seu dia a dia, da sua vida. Agora se você precisa de lazer você precisa de pagar, não tem o lazer espontâneo que era. Eu podia levar 20 pessoas comigo sem gastar um tostão, o tira gosto era couve e mostarda refogada no alho. Eu tenho até que ir no rio agora, pra ver como ele está. O projeto de futuro era morar no Pacamal, mas não dá mais. É a mesma coisa que um promotor, ministro, ter um sonho de comprar a melhor cobertura e aí do lado construir uma maior ainda que tira a visão e toca música ruim com uma boate 24h. Eu investi todo capital que eu tinha e sentia uma sensação de perda muito grande. E apesar de todos os pesares eu não abro mão de lá, quem sabe eu vire matusalém e veja o rio bonito de novo. Minha vontade é conseguir tirar uma renda de lá no futuro, por ex nos artesanatos que faço. Cada galho que vejo no chão, cada folha, vejo um artesanato”.

Ao ser perguntada se ela se sentia bem emocionalmente após o rompimento, Monaliza respondeu:

“Não. Me sinto esgotada. Sinto que estou cansada demais”. Também relatou que percebe aumento do trabalho doméstico e da sobrecarga: “Me sinto sobrecarregada, porque coisa de roça é muita coisa, porque tem a área de fora, tem cachorro, todo esse serviço eu faço”.

Ela relatou que está muito agoniada por não ver o processo de reparação avançar e que isso desencadeia nela muita ansiedade e dores no corpo: *“O que me mata mais é isso, eu gosto que as coisas tenham solução. Quando as coisas não se resolvem isso vai me matando. Eu tenho muita ansiedade e muitas dores no corpo, principalmente nas costas”.*

A entrevistada relatou também que tem percebido muito desânimo por parte de outros produtores rurais, que a participação nas reuniões e movimentações tem diminuído muito.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Você acha que tem que ter ações específicas para as mulheres nesse processo de reparação?

“No campo, sempre o “galã” é o homem. Então é o homem que é o bom administrador, mas a mulher está lá, arrematando aquelas coisas todas como faz. Então, eu acho que uma atividade em que a mulher pudesse administrar, valorizando a capacidade dela sabe, eu acho que seria fantástico para quem mora na zona rural porque seriam rendas diferenciadas e não um só. Porque não dá certo a mulher ficar só na retaguarda do homem. Primeiro porque eu acho que é uma exploração, segundo eu acho que não tem valor nenhum e ele trata ela do jeito que quer e terceiro que se o homem perder a renda a mulher tem. As mulheres precisam de autonomia. Eu acho que tem que ter algo bem específico para as mulheres”.

A entrevistada acredita que muitas mulheres ficaram deprimidas, principalmente em relação aos alimentos, o lazer pois não possuem transporte rural, e é muito caro ir até a cidade.

O que você considera que foram os maiores danos?

“A decadência da zona rural, porque a zona rural aqui de Paraopeba é muito grande e desacreditada, já era desacreditada. As políticas públicas aqui nunca foram voltadas para zona rural. Agora com os terrenos cercados e com problema de água piorou demais”.

Você se sentiu bem informada durante esse processo?

“Tem muita coisa aí que foi feita para gente não saber”.

A entrevistada relatou que muitas decisões e informações são feitas por meios virtuais e que isso exclui os moradores das zonas rurais que não possuem acesso à internet.

A entrevistada acredita que os projetos devem ter direcionamentos que considerem as diferenças entre o contexto urbano e o rural. Segundo ela, os projetos direcionados para os produtores rurais devem ser adaptados à dificuldade de acesso tanto à meios digitais, quanto à dificuldade de acesso físico devido o distanciamento da cidade e a falta de transporte para deslocamentos.

“O acordo foi feito a portas fechadas com o dinheiro dos atingidos”.

A entrevistada demonstrou muita insatisfação com o acordo feito pelo Estado de Minas Gerais e a Vale, que beneficiou 84 municípios que, em sua maioria, não foram atingidos pelo rompimento da barragem.

“O Zema pega 1 bilhão e 500 mil e distribui para 84 municípios de MG que não tem nada a ver com o desastre. Eu acredito que nós atingidos estamos em último plano, ninguém dá pra nós a notícia se vai prescrever o prazo para entrar individualmente ou não, a gente não tem essa resposta. Estamos de pé e mãos atadas”.

A entrevistada relatou que está vereadora no município e é a única mulher na câmara municipal. Relatou muitas dificuldades em ser reconhecida enquanto sujeito político como os homens que também são vereadores.

Entrevistada: Luciana

Foi informado à entrevistada que os dados pessoais não serão divulgados. A entrevistada relatou que conheceu o “Biba”, que é o seu ex-companheiro e pai de seu filho. Biba tinha uma barraca no Shopping da Minhoca e a partir disso ela se interessou pela prática de pegar o minhocuçu e conseguiu o terreno para construir a sua barraca. Ela ganhou o terreno do ex-companheiro e com o dinheiro das vendas ela construiu a própria barraca.

Perfil da entrevistada: Luciana, comerciante do Shopping da Minhoca, 2 filhos.

Renda

A entrevistada relatou que antes tinha uma renda em torno de 3 à 4 mil com as vendas do minhocuçu no shopping, segundo ela: “Depois que esse negócio estourou, se você conseguir vender 100 reais por mês é muito.” “Tinha dinheiro pra beber cachaça à vontade”. Ela relatou que como era proprietária não precisava estar todos os dias na barraca e que tinha uma pessoa contratada, recebendo um salário mínimo para trabalhar pra ela. Luciana contou que antes do rompimento morava em uma casa maior e que, após o rompimento, com a diminuição da renda, não conseguiram mais pagar o aluguel e foi “expulsa”. Atualmente ela mora em casa muito menor, que ela relatou não ter espaço para guardar os móveis da família

“Fui expulsa da minha antiga casa porque não estava pagando o aluguel em dia, eu não conseguia pagar 600 reais de aluguel, fora as contas de água e luz”.

Além disso, a entrevistada relatou que atrasou o pagamento de várias contas.

“Eu me senti o lixo, meu nome foi para o SPC e SERASA, costumava comer carne todo final de semana”.

“Minha luz cortada e sem pagar aluguel, o impacto na minha vida, imagina isso”.

“Eu não era rica não, mas não faltava nada para os meus filhos. Depois do rompimento faltou várias vezes”.

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: não consta; Valor: não consta

Não tinha produção agrícola, apenas revendia minhocaçu e outras iscas para pesca.

Água

A entrevistada não relatou impactos no que tange à água.

SSAN

Luciana relatou que tiveram muitos impactos na alimentação em decorrência da diminuição da renda. Antes do rompimento, a família tinha condições de comer mais variedades de alimentos.

“Impactou em tudo, meus meninos tinham mania de comer o que quisesse, tudo que você imaginar que uma criança gosta, do bom e do melhor, lá em casa tinha. Depois do rompimento você ia procurar uma maçã na geladeira e não achava. Passei muita dificuldade e ainda passo”.

Visão De Futuro

Ao ser perguntada sobre os planos do futuro, Luciana respondeu:

“Ultimamente não estou pensando mais no futuro. Depois que eu caí de produção eu não penso em mais nada porque se não vou pirar a cabeça”.

Ela disse que pretende deixar a barraca para os filhos continuarem o negócio, mas que sente muita insegurança com relação à situação financeira.

“Quando esse negócio passar, eu vou deixar para os meus filhos. Mas ninguém sabe como vai ficar isso”.

Danos Imateriais

Luciana relatou que perdeu a autoestima e a autonomia. Com a diminuição da renda, passou a depender do salário mínimo que o marido recebe. Disse que vive constantemente com medo de que falte coisas para os filhos.

“Muita preocupação que a gente tem ali. Meu medo mesmo é de faltar as coisas para meus meninos”.

Sobre a autoestima, Luciana relatou que atualmente não sai de casa porque não pode gastar dinheiro. A entrevistada deixou em evidência que isso a afeta muito a partir das seguintes falas:

“Perdi minha autoestima. Hoje em dia não tenho mais autoestima. Não tenho coragem mais de chamar minha família pra vir na minha casa. A autoestima fica lá embaixo”.

“Hoje em dia eu dependo do meu marido para colocar comida na nossa casa”.

“Pra gente que é mulher é muita humilhação, você trabalhar ali e ter condições e de repente você se vê lá embaixo. É uma humilhação e tanto”.

“Eu não saio mais porque se eu sair e gastar 5 reais na rua eu sei que vai faltar aqui dentro de casa”.

Saúde

Ao ser perguntada como se sentia diante de tantas dificuldades relatadas, a entrevistada deu algumas respostas que evidenciam um processo de adoecimento da saúde psicológica.

“Hoje eu me sinto como doida mesmo, de um tempo pra cá é só no sertralina, só no calmante”.

Ela relatou que percebe um aumento significativo de estresse e preocupações decorrentes da perda da renda.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Foi perguntado à entrevistada como ela soube do rompimento. A entrevistada relatou que estava no hospital no dia do rompimento e que ficou sabendo pela filha que viu pela televisão. *“Nossa senhora, agora sim, agora morreu tudo.”*

Foi perguntado a ela se, quando soube do rompimento imaginou que ia impactar tanto a vida. Ela disse que a princípio não achou que fosse impactar tanto, mas que depois de 1 mês os pescadores sumiram.

Foi perguntado também se alguém da Vale ou da prefeitura procurou ela. Ela disse que não foram procurados para nada, souberam tudo pela televisão.

“A Vale não procurou a gente pra nada. Ninguém nos procurou. Soubemos tudo pela televisão”.

“A vale não deu assistência nenhuma pra nós do shopping da minhoca”.

Entrevistada: Graciela

Perfil da entrevistada: Graciela Auxiliadora Fernandes, 37 anos, de cor parda, moradora da Comunidade Casa Nova no município de Fortuna de Minas-MG. Trabalha como consultora imobiliária. O núcleo familiar é composto por 6 pessoas (Pai, mãe, irmãos). Possuem casa própria e um terreno de aproximadamente 36 hectares. A produção se caracteriza em comercialização de frutas, hortaliças, leite e derivados. A renda da família foi altamente afetada com o rompimento da barragem. Perderam muito estoque de produtos derivados do leite, como o requeijão, queijo e leite. Antes do rompimento a renda girava em torno de R\$ 10.000,00, agora não chega a R\$ 4.000,00. Participa da associação comunitária e da associação de atingidos e atingidas.

Renda

“A renda foi altamente afetada, uma vez que a comunidade é de origem familiar e rural e vivemos do que plantamos, colhemos e comercializamos, não é uma região de indústrias. Meu tio era pescador, e o peixe sempre foi o produto principal tanto de geração de renda, quanto para alimentação/ consumo”.

“Tivemos que reduzir nossa plantação por conta da água”.

“Antes do rompimento comercializávamos junto a associação através do PNAE (entrega para a merenda escolar) e também venda de porta em porta. Agora estamos com medo de plantar,

e também o que plantamos as pessoas tem medo de consumir por medo do produto estar contaminado. E como o gasto na produção é alto, decidimos plantar o mínimo”.

“A pandemia agravou ainda mais a comercialização, as feiras e a venda de porta em porta foi extinta. E ainda tivemos que vender gado, como nossa renda diminuiu e os gastos aumentaram, não conseguimos manter nossa produção”.

“Perdemos muito estoque de produtos derivados do leite, como o requeijão, queijo e leite. E mesmo com essa situação não recebemos nada da Vale”.

Antes do rompimento a renda era R\$ 10.000,00

Agora a renda está em torno de R\$ 4.000,00

Tiveram que fazer um empréstimo de R\$ 4.000,00 para cobrir gastos

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: 36 hectares; Valor: Em torno de 400 mil reais

“É uma terra muito boa para plantio, plana, arborizada com muita água”.

Toda a produção é para consumo e venda. Plantamos milho, frutas, verduras, além da produção de leite e derivados que também é para consumo e venda.

Água

“Não temos muito suporte e clareza em relação a qualidade da água, e com isso tivemos de reduzir toda a nossa produção”.

“A água apresenta cheiro muito forte de ferrugem e aparência esbranquiçada, todas as análises feitas acusaram contaminação”.

Para quem consumiu a água do Rio uma vida inteira, é muito triste ter que comprar água mineral e com tanta água do nosso lado, porém contaminada. Ela relatou que o emocional ficou abalado com essa situação, o tio que era pescador desenvolveu, após o rompimento, um quadro de depressão e alcoolismo. O Rio era uma fonte de renda, lazer e sobrevivência.

SSAN

“Antes tínhamos muita produção de hortaliças, leite, requeijão, frutas. Nossa alimentação era muito rica e saudável! Hoje consumimos o básico, pois além da redução da renda e aumento dos gastos, tivemos que diminuir a produção”.

“Agora vivemos uma bomba relógio, antes consumíamos produtos do quintal e sem agrotóxicos, agora buscamos no mercado, a qualidade não é a mesma, o sabor é diferente e além da durabilidade, as verduras e legumes estragam muito rápido e isso é por conta do alto teor de agrotóxicos”.

Visão De Futuro

“Tudo está estagnado, não conseguimos planejar e nem sonhar, está tudo muito difícil e incerto. Tudo é uma caixinha de surpresa, podemos perder tudo da noite para o dia”.

Danos Imateriais

“A água do Paraopeba era para o consumo dos trabalhadores e pescadores. O rio sempre foi um meio de sobrevivência para nós. O Rio traz a memória da infância e da minha família... Isso tudo nos foi retirado”.

“O rio era nosso espaço de lazer, nossa história. Crescemos nas margens do Rio e construímos nossa vida, além das plantações, pesca e encontros com a família. Tudo isso se foi”.

“Perdemos algumas sementes de milhos, verduras e até algumas hortaliças”.

“As pessoas ficaram mais ansiosas, dependentes de medicamentos, estressadas. A saúde mental ficou muito abalada e os quadros de depressão aumentam cada vez mais”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

“Devido a falta de informação e burocratização para acessar os recursos e os nossos direitos, acabamos desistindo e ficamos de receber”.

“O consumo de álcool e outras drogas aumentou de forma gritante, o público mais afetado são os pescadores, pois ficaram sem o trabalho e consequentemente sem renda”.

Percebe-se também um aumento doméstico e de cuidados, pois tivemos que trabalhar muito mais para gerar renda.

Entrevistada: Tatiane

Perfil da entrevistada: Tatiane da Silva Amaral, 35 anos, de cor parda, moradora da Comunidade Peixe Bravo, no município de Fortuna de Minas-MG. Formanda em Engenharia Ambiental, trabalha como Corretora de imóveis e avicultora. O núcleo familiar é composto por 2 pessoas (esposo, funcionário). Possuem casa própria e um terreno de aproximadamente 28,7 hectares. A produção agrícola era toda destinada ao consumo da família e comercialização. A produção se caracteriza em criação animal de porcos, galinhas e gado. Tiveram que diminuir a criação após o rompimento devido a escassez de água. Participa da associação comunitária e da associação de atingidos e atingidas.

Renda

“Com a contaminação do solo e redução da água disponível para cuidados com as plantações, a pastagem ficou comprometida. Com isso passamos a comprar a alimentação para o gado, e os gastos aumentaram muito. Tivemos que diminuir nossa criação em 10 cabeças. E ainda, tem aparecido doenças no frango que não se sabe se é pela contaminação da água, e aumentou a mortalidade e os tipos de doenças”.

“Temos porcos e gado para o consumo e venda. Antes do rompimento nossa produção e venda era bem maior, mas o preço do insumo subiu muito, com isso fomos obrigados a diminuir a produção animal”.

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: 28,7 hectares; em relação ao valor da terra, desvalorizou, mas não sabe o quanto, e temos ciência que vamos ter dificuldade de vender.

“O que move o território é o agronegócio, plantação de commodity, e o solo foi extremamente prejudicado. Ele recebeu muito metal pesado, e com isso ele não produz do mesmo jeito. Estamos a 600m do rio, a vegetação não é a mesma. Nota-se que a braquiária era boa e agora nem nasce mais”.

Água

“Outro problema foi a água, nunca recebeu uma análise. Com o surgimento de algumas doenças como artrite e artrose, percebemos que a água estava diferente, e com isso fizemos uma análise por nossa conta e vimos que a água está contaminada”.

A água da propriedade é de poço artesiano.

SSAN

“Não pescávamos no rio, mas os funcionários sim e consumíamos junto com eles. Comia peixe quase diariamente do Paraopeba, hoje não podemos nem pensar em consumir e ainda temos medo até de comprar por não saber de onde veio.”

Visão De Futuro

“Sinto muita insegurança em relação ao futuro. Tenho medo de morrer contaminada com a água, porque o dano já pode existir ou surgir daqui a 10, 15 anos. Os filtros de água ficaram prontos em março/21 e até hoje eles não funcionam”.

“Sinto muita insegurança financeira, porque quando começar o período de chuvas é muito provável que dê enchente, com isso mais rejeito vai chegar, e tem outras barragens que correm risco de romper”.

Danos Imateriais

“Eu não vou falar pela minha vida, vou falar da minha comunidade, o dano ambiental é um dano irreparável! A nossa geração e a futura geração, não vai ver essa reabilitação. Tem vizinhos que tem 30hec. de terras interditadas pela Vale, o problema socioeconômico também foi um fator extremamente comprometido, uma vez que muitas famílias dependiam do rio, e tiveram que reduzir ou até extinguir a produção. Sentimos pelo ambiente que perdemos e pelas tantas incertezas que vem surgindo”.

“Não me sinto insegura na comunidade, aumentou muito a violência, roubo de gado. Em alguns casos de assaltos que prenderam pessoas, principalmente diante da pandemia, tem muita gente passando dificuldade, então não me sinto segura”.

“Pra te falar a verdade eu fiquei louca! Meu quadro de depressão piorou muito após o rompimento. Quando via o noticiário já desligava a TV desligou a tv, não aguentava ver os corpos e os familiares sem saber notícias, fiquei um bom tempo sem ver tv. Com a pandemia, a situação se agravou ainda mais”.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

Aumentou os trabalhos domésticos e ela se queixa de estar sobrecarregada com os trabalhos. Disse que não tem empregadas e faz todo trabalho doméstico, o companheiro lava vasilhas, e arruma casa na ausência dela.

Entrevistada: Luciana

Perfil da entrevistada: Luciana Alves da Cunha, 45 anos, de cor parda, moradora da Comunidade Córrego da Areia no município de Fortuna de Minas-MG. Formanda em logística, já trabalhou como analista de crédito, atualmente esta desempregada. O núcleo familiar é composto por 7 pessoas (Pai, 2 irmãos, 1 irmã e 2 sobrinhos). Possuem casa própria e um terreno de aproximadamente 2 hectares. A única renda fixa é a aposentadoria do pai. A produção agrícola era toda destinada ao consumo da família e doação para os vizinhos, eram poucos os produtos que buscavam no supermercado. Após o rompimento, tiveram de diminuir a produção devido à escassez de água, e como consequência afetando a qualidade e diversidade alimentar da família. A mesma participa da associação comunitária e da associação de atingidos e atingidas.

Renda

Diretamente não. Mas, indiretamente sim, porque meu pai e meus irmãos plantavam na beira do rio. Plantavam milho, arroz, feijão. Agora a gente só planta um pedacinho aqui em casa.

“Consumíamos muito peixe, agora é só quando o meu irmão pesca do açude, e mesmo assim temos dúvida se realmente não está contaminado”.

Produção Agrícola

Tamanho do sítio: 2 hectares; Valor: não sabe

“As terras foram desvalorizadas após o rompimento. As pessoas falam: eu comprar um lugar desse? Contaminado?”.

A produção era exclusivamente para consumo e doação. Agora que a gente vende algumas frutas como mexerica.

“Com a diminuição da água, fomos obrigados a diminuir a produção. Como por exemplo o arroz que é uma plantação que necessita de água. Tem coisa que a gente não consegue plantar. Minha irmã gosta de plantar horta, mas não consegue por falta de água”.

A produção destinada a comercialização é vendida em mercadinhos do município de Cachoeira.

“Quando vamos vender os produtos, as pessoas perguntam: ‘vocês moram na beira do rio?’ Desconfiam que o produto está contaminado”.

“Não beneficiando produtos, mas gostaríamos. Seria uma forma de gerar renda para as mulheres, porém temos que ter um capital para investir”.

Não perdeu estoque.

“Não recebi nada, aqui a Vale nem passou”.

“Juntou a pandemia e o rompimento e afetou tudo, dificultando a produção e o comércio”.

Água

Plantavam na beira do Rio Paraopeba.

“Na casa tem uma nascente lá em cima que diminuiu muito a água, e também temos cisterna. Sem opção, continuamos usando a água da cisterna, já fizeram a análise da água, porém até hoje não temos o resultado e estamos em saber se água esta ou não contaminada. E ainda temos o poço artesiano da comunidade, que também já fizeram a análise, e ainda sem resposta. Os animais tomam água do poço artesiano comunitário, o resto é da cisterna”.

Não percebeu alteração na água.

SSAN

“Antes pescávamos na beira do rio e comíamos peixe umas 3x na semana. Agora a gente come o que é pescado no açude. Sempre passa pessoas vendendo, porém não temos segurança de comprar, por não saber se está ou não contaminado. Agora comemos umas 3x por mês”.

“A alimentação da minha família piorou, porque eu preciso de comer muito peixe, a médica disse, mas não tenho condições de comprar”.

“Antes plantávamos praticamente tudo que consumíamos, buscávamos o mínimo no mercado. Hoje tenho que comprar até o milho pra alimentação dos animais, e devido ao pouco recurso, a alimentação dos animais também foi afetada”.

“Ainda plantamos o arroz e feijão em casa, e dependendo da época, ainda plantamos beterraba, cenoura, couve, cebolinha, porém em menor quantidade. Antes do rompimento plantávamos mais, agora plantamos bem menos. E os alimentos que não conseguimos produzir, não estão mais presentes na nossa alimentação, devido à falta de renda”.

Não sumiu alimento de mercado.

Não sabe o quando desvalorizou a terra, mas desvalorizou. *“O que plantava alimentava a família e os animais o ano todo”.*

Visão De Futuro

Sente insegurança em relação ao futuro, porque só o pai é aposentado.

“Todo mundo sonha em ter uma renda aqui. Aqui as mulheres não tem renda, aqui não tem como fazer nada, só se for sair daqui”.

“Sinto muito insegurança em relação ao futuro, estamos lutando pelas melhorias, pela renda para todo mundo aqui em casa, porque só o meu pai é aposentado, e os meus irmãos trabalham em nossa propriedade mesmo. Todo mundo sonha em ter uma renda aqui. Aqui as mulheres não tem renda, aqui não tem como fazer nada, só se for sair daqui”.

Não fizeram empréstimo.

Danos Imateriais

As atividades percebidas por ela que foram interrompidas são a pesca, e outros lazeres no entorno do rio.

“Não deixamos as crianças entrar no rio aqui por perto, porque temos medo de estar contaminado. Todo mundo nadava lá, agora não tem a mesma segurança”.

“Tem visitas que deixaram de vir, porque vinham pra ficar aqui em casa e ir para o rio pescar. Ainda aumentou com a pandemia”.

“Tinha festas da igreja, da comunidade, na associação que diminuiu por causa do rompimento, e com a chegada da pandemia deixou de ter. O pessoal já programava as festas para vir gente de fora, com o rompimento e a pandemia o povo não vem mais de fora”.

Além dos danos em relação ao lazer, houve perda de sementes.

“Perdemos algumas sementes e agora temos que comprar. Compramos porque precisamos, mas não é a mesma coisa”.

Outros danos imateriais percebidos foi o aumento do medo da violência (doméstica e outras), aumento do trabalho doméstico e do uso de álcool e drogas.

“Aqui não teve aumento de violência, a gente fica inseguro um pouco, porque muita coisa que acontece aqui nas cidades, ficamos com medo aqui”.

Não sabe se aumentou violência doméstica.

“Aumentou o alcoolismo dentro da comunidade”.

“Uso de drogas foi mais nos outros lugares, porque aqui é tudo uma família só”.

Trabalho doméstico aumentou: Começaram a ter mais trabalho para alimentar os animais, gado, galinha, porco: *“Dona de casa tem serviço o dia inteiro”.*

Não se sente sobrecarregada, porque *“a minha irmã veio para cá para me ajudar cuidar da minha mãe porque quebrei o braço, ajudou a cuidar do irmão da mãe e depois do irmão do pai, depois a mãe faleceu, depois teve o tumor no estômago, então ainda tem o cateter, então não pode fazer muita coisa”.*

Jaqueline e Rita que fazem o trabalho de dentro de casa no dia a dia, e os homens só fazem na ausência das mulheres.

Ajuda às crianças com tarefas da escola, os sobrinhos. Acompanha nas aulas online e também cuida do pai, que tem 87 anos.

Impactos de uma forma geral e que não esteja dentro das categorias acima, danos e perdas que ainda não foram mencionados:

“Afetou a vida de maneira geral, economicamente, psicologicamente”.

“Acho que falta muita informação em relação ao rompimento e quais os processos estão acontecendo e o que precisamos de fazer para acessar nossos direitos”.

Se sente segura na comunidade.

Aqui da família não fomos muito afetados emocionalmente, a gente tenta lidar com isso, tem mais medo, a família como um todo.

“Às vezes é do dia a dia que precisamos ser informadas, porque falta informação, tem coisas que está debaixo dos panos e não sabemos ainda. As mulheres precisam de um apoio, no caso como eu disse do encontro, foi ótimo, achei que não fosse dar nenhuma mulher, mas deu bastante gente, é importante ter mais esses encontros, para as mulheres ficarem mais a vontade, dá mais oportunidade para as mulheres falarem mais, se soltarem”.

“Muda o futuro das crianças, eu penso em como vai ser o futuro dessas crianças? E essa realidade precisa de melhorar”.

Percepção sobre a diferença entre os homens e as mulheres:

“É como se tivesse afetado só os homens e as mulheres não. As mulheres ficam até de lado, nesse sentido “de lado”: Só os homens participam de reunião e de outros espaços, e as mulheres não. No dia que teve o encontro das mulheres foi bom, foi ótimo. Pq tinha só mulheres, e para elas é bom que saem de casa e para uma reunião só as mulheres, ficamos mais a vontade. E qualquer reunião que você for presenciar, a maioria da presença é de homens. Quando você fala de perguntar, tem umas que não vão saber nem responder, porque são afetadas, mas nem sabem que são afetadas. É onde que eu falo, nas oficinas as mulheres se soltam, porque na reunião elas não se falam”.

Matriz de Danos

Preliminar Região 3

Assessoria
Técnica
Independente
PARAOPEBA

NACAB
NÚCLEO DE ASSESSORIA
ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS

